

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Marcelo Massao Osava

O papel das mulheres nos primeiros séculos do cristianismo
Protagonismo teológico-pastoral a partir da hagiografia patrística

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Teologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia, da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Dr. Pe. André Luiz Rodrigues da Silva

Rio de Janeiro
Agosto de 2024

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Marcelo Massao Osava

O papel das mulheres nos primeiros séculos do cristianismo
Protagonismo teológico-pastoral a partir da hagiografia patrística

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Teologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia, da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

André Luiz Rodrigues da Silva
Orientador(a) e Presidente
PUC-Rio

Maria Clara Lucchetti Bingemer
PUC-Rio

Luís Corrêa Lima
PUC-Rio

Wilma Steagall De Tommaso
PUC/SP

Aline Amaro da Silva

Rio de Janeiro, 21 de agosto de 2024

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Marcelo Massao Osava

Graduou-se em Teologia pelo Centro Universitário Claretiano em 2017. Em 2018 conclui o curso de Pós-Graduação Lato Sensu em História do Cristianismo pela Universidade Católica de Petrópolis. Obteve o título de mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2020. Participou de diversos congressos na área de Teologia e Ciências da Religião. É professor de História do Cristianismo na Faculdade Católica Paulista e no Instituto Estrela da Evangelização.

Ficha Catalográfica

Osava, Marcelo Massao

O papel das mulheres nos primeiros séculos do cristianismo: protagonismo teológico-pastoral a partir da hagiografia patrística / Marcelo Massao Osava; orientador: André Luiz Rodrigues da Silva. – 2024.

267 f.; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2024.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Mulheres. 3. Padres da Igreja. 4. Literatura patrística. 5. Eclesiologia. 6. Liderança feminina. I. Silva, André Luiz Rodrigues da. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Para a maior de todas as mulheres,
a Santíssima Virgem Maria.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao Autor e Consumador de nossa fé.

Ao meu orientador Prof. Dr. Pe. André Luiz Rodrigues da Silva pela disponibilidade, dedicação e inestimável ajuda durante as etapas do desenvolvimento desta tese.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado, assim como à coordenação da Pós-Graduação em Teologia e aos funcionários, sempre atentos e solícitos.

Aos meus familiares, filhos, irmão e esposa pelo apoio. Sobre tudo aos meus pais (*in memoria*) pela educação recebida ao longo da vida.

Aos professores da PUC-Rio, que no decorrer da caminhada foram essenciais para a construção de uma sólida base teológica, refletida na elaboração desta pesquisa.

Aos meus amigos e amigas, José Martins, Mateus de Castro, Luiz Miranda, Maicon Carreiro, Chrystiano Ferraz, Luis Carlos, Bruna Santos, Pe. Eraldo de Souza e Pe. Williansmar, pelas partilhas e sugestões.

Aos professores que fizeram parte da Comissão examinadora.

À Mônica Fogaça pelo tempo dispensado na cuidadosa revisão ortográfica desse trabalho.

A todos os que, garantidamente, contribuíram para a conclusão de mais esta etapa acadêmica.

Resumo

Osava, Marcelo Massao; Silva, André Luiz Rodrigues. **O papel das mulheres nos primeiros séculos do cristianismo: protagonismo teológico-pastoral a partir da hagiografia patrística.** Rio de Janeiro, 2024, 267p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Na literatura patrística, as mulheres foram retratadas de maneiras diversas em relação ao seu papel no cristianismo. Os Padres reconheceram a importância das mulheres na história da salvação e no desenvolvimento da fé cristã. Por exemplo, Justino, Agostinho, Gregório de Nazianzo, João Crisóstomo e Jerônimo são Padres que apresentaram o perfil das mulheres fortes que contribuíram no estabelecimento do cristianismo. Esses escritores patrísticos registraram a presença e a participação das mulheres em eventos cruciais do cristianismo, como testemunhas da Ressurreição e como protagonistas de missões importantes, porém é relevante considerar o contexto cultural da época para uma interpretação adequada, evitando distorções. Além disso, a literatura patrística também destaca a força, autoridade e generosidade das mulheres, que desempenharam papéis significativos no governo, no ensino e na santidade, seja em âmbito caseiro, eclesial ou social. As mulheres foram ativas como esposas, virgens consagradas, viúvas, mártires e monjas, demonstrando, assim, sua relevância em diferentes esferas da vida. Além disso, na história, várias mulheres foram companheiras de missão e mantenedoras de ministérios dos próprios Padres, desempenhando papéis fundamentais na propagação da fé e no serviço à comunidade cristã. Macrina, Nona e Gorgônia, Mônica, Marcela, Paula, Olímpia, Demétria, são alguns exemplos de mulheres fortes, com autoridade e liderança no movimento cristão. O magistério católico recente oferece importantes reflexões sobre a relevância das mulheres e o Papa Francisco promove, sobretudo mediante ações, uma participação mais ativa, reconhecendo o papel das mulheres no contexto atual, em sintonia com os ensinamentos da Sagrada Escritura e da tradição cristã.

Palavras-chave

Mulheres; Padres da Igreja; literatura patrística; eclesiologia; liderança feminina.

Abstract

Osava, Marcelo Massao; Silva, André Luiz Rodrigues (Advisor). **The role of women in the first centuries of Christianity: theological-pastoral protagonism from patristic hagiography.** Rio de Janeiro, 2024, **267p.** Doctoral Thesis – Department of Theology, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro

In patristic literature, women were portrayed in different ways in relation to their role in Christianity. The Fathers recognized the importance of women in the history of salvation and in the development of the Christian faith. For example, Justin, Augustine, Gregory of Nazianzus, John Chrysostom and Jerome are Fathers who presented the profile of strong women who contributed to the establishment of Christianity. These patristic writers recognized the presence and participation of women in crucial events of Christianity, as witnesses of the Resurrection and as protagonists of important missions, however it is important to consider the cultural context of the time for an adequate interpretation, avoiding distortions. Furthermore, patristic literature also highlights the strength, authority and generosity of women, who played significant roles in government, teaching and holiness, whether at home, ecclesiastical or social. Women were active as wives, consecrated virgins, widows, martyrs and nuns, thus demonstrating their relevance in different spheres of life. Furthermore, in history, several women were mission companions and supporters of ministries of the Fathers themselves, playing fundamental roles in propagating the faith and serving the Christian community. Macrina, Nona and Gorgonia, Mônica, Marcela, Paula, Olímpia, Demétria, are some examples of strong women, with authority and leadership in the Christian movement. Recent Catholic teaching offers important reflections on the relevance of women and Pope Francis promotes, above all through actions, more active participation, recognizing the role of women in the current context, in line with the teachings of Holy Scripture and Christian tradition.

Keywords

Women; Church Fathers; patristic literature; ecclesiology; female leadership.

Sumário

| | |
|--|-----|
| 1 Introdução..... | 12 |
| 2 Autoridade dentro de casa | 18 |
| 2.1 A autoridade espiritual da mulher | 18 |
| 2.1.1 A mulher forte na Escritura..... | 18 |
| 2.1.2 Rute, a estrangeira: modelo de fidelidade à Aliança. | 23 |
| 2.1.3 Judite, a viúva, mulher forte e virtuosa: a glória de Jerusalém. | 25 |
| 2.1.4 Ester: a judia órfã que virou rainha e salvou o povo..... | 28 |
| 2.1.5. A mulher forte de Provérbios..... | 30 |
| 2.1.6 As mulheres: primeiras testemunhas da Ressurreição..... | 34 |
| 2.2 Paulo e as mulheres: uma relação ainda mal compreendida..... | 38 |
| 2.3 As mulheres fortes, e escondidas, na literatura apócrifa. | 45 |
| 2.3.1 Maria Madalena, Apóstola dos Apóstolos, e não uma prostituta..... | 45 |
| 2.3.2 Os Atos de Paulo e Tecla. | 49 |
| 2.4 Santificação segundo o estado de vida (virgindade, matrimônio e viuvez).52 | |
| 2.4.1 A santificação pela virgindade. | 54 |
| 2.4.2 A santificação pelo matrimônio. | 56 |
| 2.4.2.1 Castidade no matrimônio | 59 |
| 2.4.3 A santificação pela viuvez. | 60 |
| 2.5 As mães e as irmãs de alguns Padres da Igreja. | 61 |
| 2.5.1 Basílio de Cesareia e Gregório de Nissa: os irmãos de Macrina. | 63 |
| 2.5.2 Gregório de Nazianzeno: o filho de Nona e o irmão de Gorgônia..... | 66 |
| 2.5.3 Agostinho de Hipona: o filho de Mônica. | 69 |
| 2.6 Modelo de mulher forte: Maria, a mãe de Jesus. | 72 |
| 3 A mulher na Igreja | 82 |
| 3.1 As virgens: a parte mais ilustre do rebanho de Cristo..... | 82 |
| 3.1.1 As virgens na literatura patrística..... | 82 |
| 3.1.2 O poder inabalável e escondido nas virgens | 88 |
| 3.2 A ordem das viúvas: a experiência positiva de um grupo particular. | 95 |
| 3.2.1 Receptoras e doadoras de assistência | 95 |
| 3.2.2 Uma presença marcante na hierarquia ministerial | 100 |
| 3.3 As mártires: aquelas que pleitearam a dignidade martirial..... | 106 |
| 3.3.1 A autoridade através do testemunho de vida | 106 |
| 3.3.2 As mártires no Cânon Romano | 115 |
| 3.4 As monjas: Madres da Igreja | 124 |
| 3.4.1. As mães do deserto..... | 124 |

| | | |
|-------|---|-----|
| 3.4.2 | Aquelas que fundaram mosteiros | 131 |
| 3.5 | As mulheres no exercício do múnus sagrado..... | 137 |
| 3.5.1 | O governo na casa e na Igreja | 137 |
| 3.5.2 | O testemunho de vida como forma de santificação..... | 139 |
| 3.5.3 | A educação para a vida temporal e a vida eterna | 144 |
| 4 | A mulher da Igreja na sociedade..... | 150 |
| 4.1 | A fé operando pela caridade | 150 |
| 4.2 | O papel carismático das mulheres..... | 155 |
| 4.2.1 | O primeiro hospital de Roma | 155 |
| 4.2.2 | As diaconisas e a adoção dos filhos dos mártires..... | 160 |
| 4.2.3 | As matronas de Roma..... | 165 |
| 4.2.4 | Egéria, Paula e Helena: peregrinas da fé. | 170 |
| 4.3 | O poder das mulheres enquanto doadoras de bens..... | 180 |
| 4.4 | As mulheres e os Padres da Igreja: companheiras de missão | 184 |
| 4.4.1 | Olímpia e João Crisóstomo | 185 |
| 4.4.2 | Proba, Juliana e Agostinho | 189 |
| 4.4.3 | O círculo do Aventino e Jerônimo | 192 |
| 4.5 | Referências aos Padres da Igreja no magistério recente sobre a mulher ... | 199 |
| 4.6 | Discernimento a partir do estado de vida | 223 |
| 5 | Considerações finais | 228 |
| 6 | Referências bibliográficas | 236 |

Siglas

| | |
|-----|---|
| AL | Exortação apostólica pós-sinodal <i>Amoris Laetitia</i> |
| CEC | <i>Catechismus Catholicae Ecclesiae</i> |
| CIC | <i>Codex Iuris Canonici</i> |
| CL | <i>Christifideles Laici</i> |
| CV | Exortação apostólica pós-sinodal <i>Christus vivit</i> |
| DAP | Documento de Aparecida |
| EG | Exortação apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> |
| GS | Exortação apostólica <i>Gaudete et exultate</i> |
| LG | Constituição Dogmática <i>Lumen gentium</i> |
| LH | Liturgia das Horas |
| MD | Carta Apostólica <i>Mulieris Dignitatem</i> |
| PCB | Pontifícia Comissão Bíblica |
| PE | Constituição apostólica <i>Praedicate Evangelium</i> |
| QA | Exortação apostólica pós-sinodal Querida Amazônia |
| SGS | Secretaria Geral do Sínodo |
| SNL | Secretariado Nacional de Liturgia |
| SSA | Carta apostólica <i>Scripturae sacrae affectus</i> |
| ST | Suma Teológica |
| SV | Carta encíclica <i>Sacra Virginitas</i> |
| VB | Exortação apostólica pós-sinodal <i>Verbum Domini</i> |
| VQ | Constituição apostólica <i>Vultum dei quarere</i> |

1

Introdução

O papel das mulheres nos primeiros séculos do cristianismo: protagonismo teológico-pastoral a partir da hagiografia patrística, demonstra de que forma as mulheres exerceram a sua missão ao longo de toda a história do cristianismo. Para tanto, buscamos, na literatura patrística, uma fonte segura que corrobore com a ideia de que as mulheres sempre estiveram envolvidas em eventos vitais no desenrolar do cristianismo. Os Padres da Igreja são testemunhas da força e da autoridade presentes nas ações realizadas pelas mulheres, muitas delas, inclusive, foram companheiras de missão e até mesmo mantenedoras dos seus ministérios. O tema é atual, em relação à Igreja contemporânea e ao pontificado do Papa Francisco.

Ao percorrermos as páginas da Sagrada Escritura, encontramos evidências a respeito da relevância das mulheres ao longo da história da salvação. Certamente, a partir da própria Escritura, podemos trilhar toda a economia divina apoiados sobre uma teologia da mulher, pois em cada etapa da história sagrada, encontramos relevantes figuras femininas. Não precisamos realizar um exercício muito árduo para exemplificar o que acabamos de afirmar, pois quem, senão as mulheres, foram as primeiras testemunhas do acontecimento fundador do cristianismo, ou seja, a Ressurreição?

Os Padres da Igreja, primeiros comentadores da Sagrada Escritura, utilizaram muitos dos seus escritos para apresentar o perfil relevante das mulheres que fizeram parte da constituição do povo de Deus. Dentre esses Padres, podemos citar, por exemplo, Hipólito de Roma, Justino, Agostinho, Cirilo de Alexandria, João Crisóstomo, Jerônimo, Gregório Magno, dentre outros.

Embora alguns comentários possam transparecer uma minimização do papel desempenhado pelas mulheres, é preciso considerar o contexto cultural no qual estavam envolvidos os Padres, pois, caso contrário, corremos risco de uma interpretação distorcida, com demasiada atenção aos aspectos negativos, deixando escapar o mais importante, ou seja, aquilo que demonstra não apenas a relevância, mas, sobretudo, o poder, a liderança e a autoridade das mulheres, sobretudo a partir da óptica do serviço.

É preciso uma atenção redobrada quanto à exegese bíblica no que diz respeito às mulheres, sobretudo em relação à tendência de interpretarmos algumas perícopes, como, por exemplo, certos escritos paulinos, a partir de uma visão androcêntrica, quando, na verdade, o texto é um retrato do contexto no qual o autor estava inserido, sem perder de vista a noção de que estamos diante de um texto desenvolvido a partir de uma inspiração divina. Mas não restam dúvidas de que alguns trechos do epistolário paulino, sobretudo aqueles que abordam o papel das mulheres em casa e na comunidade, ainda são motivos de acirrados debates. Dentro deste contexto, refletimos sobre a real intenção de Paulo ao se referir às mulheres, ou seja, ele tinha o desejo de segregar a participação feminina na Igreja ou, pelo contrário, os seus escritos são preciosos tratados sobre a dignidade e a relevância das mulheres para as primeiras comunidades cristãs?

Além dos livros canônicos, a literatura apócrifa também é uma fonte de primeira grandeza na pesquisa sobre a participação das mulheres nos primeiros séculos do cristianismo. Obras como os *Atos de Paulo e Tecla*, o *Evangelho de Maria Madalena*, o *Evangelho de Pedro*, o *Evangelho de Felipe*, dentre outros, apresentam dados que podem ser utilizados em paralelo aos escritos canônicos, desde que os devidos cuidados sejam tomados, considerando, por exemplo, a existência dos livros apócrifos aberrantes e os complementares.

É verdade que tanto as Sagradas Escrituras quanto os livros apócrifos apresentam dados relevantes sobre as mulheres. Porém, o mais importante é constataremos que a virtude destas mulheres estava na busca pela santificação mediante o estado de vida em que se encontravam. Neste contexto, encontramos aquelas mulheres que optavam pela consagração total a Deus através da virgindade, as que seguiam o caminho do matrimônio e as viúvas. É relevante destacar que, considerando a época, aquelas que escolhiam a primeira opção, demonstravam autoridade no sentido de serem protagonistas das suas próprias escolhas. A virgem passou a ser considerada um tipo de heroína, pois “a escolha da virgindade cristã dava à mulher uma força que nenhuma outra coisa lhe dava no mundo antigo”¹. Nos escritos dos Padres, constatamos que o essencial era o equilíbrio, ou seja, tanto optando pela virgindade, quanto pelo matrimônio, ou permanecendo viúvas, as mulheres estavam em busca da perfeição.

¹ AQUILINA, M.; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 41.

As mulheres foram protagonistas em outro ponto relevante do cristianismo, a saber: o martírio. Centenas de mulheres foram levadas ao suplício por não deixarem de testemunhar a sua fé perante a real possibilidade da condenação à morte. Através deste gesto de bravura, elas demonstraram uma autoridade pleiteando a dignidade do martírio, de modo que não é possível colocá-las em uma posição inferior em relação a tantos homens que seguiram o mesmo caminho.

Com o fim das perseguições, os mártires dão lugar aos monges. Muito já se pesquisou a respeito dos homens que deixaram tudo para abraçarem a vida monástica, ou seja, os Padres do Deserto. É conhecida, por exemplo, a história de Pacômio, considerado o fundador deste movimento, mas a história da sua irmã não é ainda conhecida o bastante. Não temos dúvidas quanto à relevância destes homens, sobretudo através de seus escritos que são uma fonte inesgotável de direção espiritual e ascética, mas é preciso revisitar a história das muitas mulheres que também optaram por este estilo de vida e fundaram mosteiros, ou seja, as Mães do Deserto.

Os Padres da Igreja não apenas escreveram a respeito da relevância das mulheres, mas muitos deles tiveram a companhia feminina ao longo da caminhada. Neste ponto, destacamos as mães e as irmãs de alguns Padres, tais como Macrina com Basílio de Cesareia e Gregório de Nissa; Nona e Gorgônia com Gregório de Nazianzeno e Mônica com Agostinho. Além de outras parceiras sem algum tipo de parentesco, como Jerônimo e as mulheres do Círculo do Aventino, e Olímpia com João Crisóstomo.

Se, a partir do que pode ser extraído da Sagrada Escritura, as mulheres merecem destaque, como não pensar em Maria, a mãe de Jesus, como um modelo de mulher forte? Na interpretação dos Padres, Maria é o espelho da Igreja. Conforme Ambrósio, Maria é “bem casada, mas virgem, porque ela é a imagem da Igreja, que é impecável, mas também esposa”². A força de Maria reside em sua humildade, já reconhecida pelo anjo Gabriel e colocada em prática ao visitar a sua parenta Isabel, pois, conforme as palavras de Beda, a mãe do Rei eterno vai ao encontro da mãe de um soldado³.

Em outra área de atuação, as mulheres tiveram grande destaque, a saber: a prática da caridade. Esta tese demonstra o protagonismo das mulheres na ação

² PETRI, S.; TAPONECCO, G.; La Bibbia commentata dai Padri, NT 3, p. 40.

³ PETRI, S.; TAPONECCO, G.; La Bibbia commentata dai Padri, NT 3, p. 50.

social da Igreja, sobretudo nos primeiros séculos do cristianismo, e de que forma elas viveram, na prática, o trecho da carta aos Gálatas: “Com efeito, em Jesus Cristo, o que vale é a fé agindo pela caridade” (Gl 5,6). As mulheres demonstraram o seu poder através das doações que fizeram para as comunidades mais necessitadas, assim como a fundação de importantes instituições. No final do século IV, por exemplo, Fabíola foi a responsável por fundar o que seria um modelo para os futuros hospitais.

Fabíola é uma das matronas romanas que, ao lado de Marcela, Paula, Estóquia e outras, conviveram com Jerônimo e buscavam uma vida de oração e penitência. De acordo com Jerônimo, comentando a respeito da força demonstrada por Marcela, as pessoas não devem ser julgadas por seu sexo, mas por seu caráter. É sem medida a autoridade espiritual exercida por estas mulheres que, com os homens, começaram a propor um novo estilo de vida cristão.

A partir do montante que já foi escrito a respeito dos Padres da Igreja, nós não deveríamos nos questionar se estes homens construíram sozinhos o seu arcabouço teológico? Esta tese demonstra a importância das mulheres na vida e na obra dos Padres. Basílio de Cesareia e Gregório de Nissa, por exemplo, são muito conhecidos por seu elevado nível intelectual, porém pouco é lembrado a respeito de sua irmã Macrina, que foi a responsável pela formação da vida intelectual dos irmãos, sobretudo por ser a filha mais velha. Na obra *Vida de Macrina*, Gregório de Nissa exaltou a virtude da irmã e o protagonismo que exerceu como a condutora da família: “Assim, foi todas estas coisas para o jovem – pai, professora, tutora, mãe, doadora de todos os bons conselhos”⁴.

Ao longo da tese, percorremos um passado longínquo, porém foi uma preocupação também atualizar a situação e os principais desafios encontrados para o desenvolvimento da teopraxis feminina, considerando os documentos contemporâneos do magistério católico, sobretudo analisando as recentes contribuições do Papa Francisco em prol de uma maior participação das mulheres na vida eclesial. O Sínodo da Sinodalidade também se apresenta como uma voz que clama por uma maior abertura para a participação das mulheres na Igreja.

A motivação em estudar a relevância das mulheres para o cristianismo surgiu a partir de duas constatações. A primeira está relacionada com a revisão da nossa

⁴ GREGÓRIO de Nissa, *Vida de Macrina* 972C.

dissertação de mestrado, cujo objeto foi o estudo de Hipólito de Roma e a sua relação com as heresias nos primeiros três séculos. A partir da releitura do trabalho, chamou a atenção que, em nenhum momento, foi mencionada a presença feminina no processo de estabelecimento da ortodoxia naquele período.

O segundo fator determinante foi a constatação de uma escassa literatura específica, sobretudo em língua portuguesa, que trate sobre a relevância das mulheres nos primeiros séculos do cristianismo, sobretudo a partir da visão dos Padres da Igreja, e de que maneira contribuíram para o cristianismo ao longo da história. De acordo com Silva, “a dificuldade de se aprofundar o tema sobre a mulher na antiguidade nasce das limitações que envolvem a finalidade das fontes antigas quando abordam este assunto”⁵.

Dessa forma, o objetivo da tese é demonstrar a relevância das mulheres nos primeiros séculos do cristianismo, tomando como base a Sagrada Escritura, os textos apócrifos e, sobretudo, a literatura dos Padres da Igreja, que as colocou em evidência, apontando as diversas atividades que elas exerceram em nome da Igreja, atuando em várias frentes, seja na própria casa, na Igreja e na sociedade.

A tese está estruturada a partir de cinco capítulos distribuídos da seguinte maneira, a saber: a introdução e as considerações finais compõem os capítulos um e cinco respectivamente. O capítulo dois apresenta um panorama das mulheres na Sagrada Escritura, partindo da exegese feita pelos Padres da Igreja, com ênfase naquelas que têm o seu nome nos títulos dos livros canônicos, ou seja, Rute, Judite, Ester e a mulher forte de Provérbios. A partir do Novo Testamento, é descrita a relação de Jesus Cristo com as mulheres, sobretudo a partir do evento da Ressurreição. A presença e a relevância de Maria Madalena na comunidade primitiva dos apóstolos também são objeto de estudo neste capítulo. A tese oferece um significado mais propício das relações de Paulo com as mulheres. Este capítulo também demonstra a santificação das mulheres segundo o seu próprio estado de vida, ou seja, as mulheres que optavam por viver uma vida casta, as virgens, ou pelo matrimônio, assim como aquelas que buscavam a santidade através, quando fosse o caso, da viuvez. Por fim, o capítulo descreve Maria, a mãe de Jesus, como o modelo de mulher forte e com autoridade espiritual, por excelência.

⁵ SILVA, A.L.R., A visão de São Justino sobre a mulher, p. 530.

No capítulo três, realizamos um levantamento das principais personagens femininas, entre os séculos II e IV, a partir de suas variadas faces e atribuições no cristianismo nascente. Nesse capítulo, estão descritas as atuações das virgens, das viúvas, das mártires e das monjas. Também demonstramos como as mulheres exerceram o múnus do governo, do ensino e da santidade.

A relação das mulheres com a sociedade é o enfoque principal do capítulo quatro. De que maneira, através das suas obras, as mulheres também contribuíram no aspecto teológico-pastoral? Nesse capítulo, são analisados o papel carismático exercido pelas mulheres, assim como a generosidade das viúvas, ou seja, o poder das mulheres como doadoras de bens. A relevante contribuição das mulheres na vida e na obra dos Padres da Igreja também é abordada neste capítulo. Por fim, realizamos uma análise a respeito da participação das mulheres na vida eclesial, com os documentos recentes do magistério católico à luz dos Padres da Igreja, sobretudo nas ações do Papa Francisco e no desenvolvimento do Sínodo da Sinodalidade.

A metodologia de análise é qualitativa, tendo como base um método bibliográfico exploratório e também a hermenêutica das fontes, partindo da Sagrada Escritura, dos escritos dos Padres da Igreja e da literatura apócrifa, para assim compreender a participação e a relevância das mulheres nos primeiros séculos do cristianismo.

Para as observações dos textos canônicos, foram utilizados, além de passagens neotestamentárias como os evangelhos e a literatura paulina, principalmente os livros de Rute, Judite, Ester e Provérbios. Os livros apócrifos também fizeram parte do desenvolvimento da tese, sobretudo o evangelho de Maria Madalena e os Atos de Paulo e Tecla. Os escritos dos Padres da Igreja têm um lugar primordial, pois, a partir desses, constatamos como as mulheres foram relevantes nos primeiros séculos do cristianismo, sejam as casadas, as viúvas, as mártires, as virgens e as monjas. Através dos seus próprios textos, constatamos que vários Padres tiveram ao seu lado a companhia de grandes mulheres.

Por último, quanto aos procedimentos, realizamos uma pesquisa bibliográfica, assim como uma pesquisa documental, favorecendo-nos de obras produzidas pelos autores que fazem parte do nosso interesse, sobretudo os Padres da Igreja, e que contribuíram diretamente com o desenvolvimento de nossa tese.

O tema é atual e, de acordo com a estrutura do Programa de Pós-graduação da PUC-Rio, está inserido na área de concentração *Teologia Sistemático-Pastoral*, na linha de pesquisa *Fé e Cultura* e no projeto *Aplicação da metodologia patrística ao pensamento contemporâneo*.

2

Autoridade dentro de casa

2.1

A autoridade espiritual da mulher

2.1.1

A mulher forte na Escritura

A partir da Sagrada Escritura, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, não é uma tarefa difícil elaborar uma lista contendo os nomes de várias mulheres relevantes na história do povo de Deus. Os textos canônicos descrevem mais de cento e cinquenta mulheres, indicando que não foram coadjuvantes em relação ao papel exercido pelos homens⁶, e também é preciso lembrar que “nem tudo o que foi vivido foi escrito”⁷. Embora o texto bíblico arrisque ser analisado a partir de uma perspectiva misógina, a verdade é que ele sempre valorizou o papel exercido pelas mulheres⁸. Sara, por exemplo, na interpretação dos Padres da Igreja, é apresentada como um modelo de virtude. Fílon (séc. I), no contexto alegórico da escola de Alexandria, compara Abraão e Sara com a união da inteligência com a virtude⁹. Dídimo, o Cego (séc. IV), no comentário ao Gênesis, segue a mesma linha de interpretação de Fílon, identificando Sara com a virtude¹⁰. Porém, seguindo outra linha de interpretação, de acordo com Candiottto, os textos bíblicos reproduzem a realidade do período em que surgiram, ou seja, uma sociedade onde as mulheres eram relegadas a uma posição de inferioridade¹¹. De qualquer modo, estão presentes nos livros canônicos um rol de mulheres que, certamente, tiveram uma participação decisiva na história do povo de Deus, sobretudo a partir dos papéis que exerceram nas comunidades¹².

Desde o Antigo Testamento, é possível apoiar-se, solidamente, em uma perfeita teologia da mulher, de modo que, isento de um preconceito sem fundamento, muito difundido ao longo da história, constata-se que a participação

⁶ PRIDDY, E. F., Mulheres na Bíblia, p. 13.

⁷ REIMER, I.R., Grava-e como selo sobre teu coração, p. 38.

⁸ RIBEIRO, L.M.P., O papel das mulheres na bíblia, p. 72.

⁹ SIMONETTI, M., Biblical interpretation in the early church, p. 7.

¹⁰ SHERIDAN, M., La Bibbia commentata dai Padri AT 1/2, p. 49.

¹¹ CANDIOTTO, J.F.S., Teologia da perspectiva de gênero, p. 29.

¹² EMMERSON, G. I., Mulheres no Israel antigo, p. 354.

das mulheres, tanto na estruturação da fé, como no seguimento da vida piedosa, tem um lugar que não pode ser substituído¹³.

Partir da Escritura, para narrar os feitos e a relevância de grandes mulheres, é apenas a ponta de um imenso iceberg que necessita ser devidamente explorado, enquanto a análise da formação do povo de Deus sem o devido aprofundamento sobre a relevância das mulheres neste processo, se torna uma tentativa inacabada de montar um grande quebra-cabeça com a ausência de peças importantes. Sobre uma polêmica a respeito de Deus nunca ser designado na Escritura como mãe, Joseph Ratzinger comentou: “Naturalmente, Deus não é homem nem mulher, mas justamente isso, Deus, o Criador do homem e da mulher”¹⁴. De acordo com Silveira, “as mulheres marcaram a história com obediência, fé, sabedoria, auxílio na edificação da família e nação. Direta ou indiretamente, as mulheres também contribuíram na construção da Teologia Bíblica”¹⁵.

Agostinho (séc. V), comentando o Salmo 125, destacou, por exemplo, a fortaleza de Susana que, diante das falsas acusações (Dn 13, 35), depositou a sua confiança na justiça divina e, mesmo não sendo ouvida pelos juízes, no silêncio do seu coração orava, embora os homens não escutassem o que ela dizia: “Por acaso, uma vez que sua voz não foi emitida pela boca corporal, não mereceu ser escutada? Foi atendida; quando orava, homem algum o sabia”¹⁶. Na exegese de Hipólito de Roma (séc. III), Suzana é figura da Igreja¹⁷. De acordo com Arns e Gorgulho, não restam dúvidas de que Deus escolheu as mulheres para que preparassem cada etapa da história da salvação¹⁸.

A formação do perfil da mulher cristã terá, como paradigma, algumas figuras tipológicas encontradas na Escritura¹⁹, tais como, no Antigo Testamento: a rainha Ester e a sua beleza; Judite e a sua coragem; a mulher forte, citada no livro dos Provérbios; a mãe dos Macabeus e a sua fidelidade. Também aquelas destacadas na genealogia de Jesus escrita por Mateus, ou seja, Tamar, a estrangeira, Raab, a prostituta, Rute, a Moabita e Betsabé, a mulher de Urias. A menção dessas quatro

¹³ RATZINGER, J., A Filha de Sião, p. 10.

¹⁴ RATZINGER, J. Obras Completas VI, p. 242.

¹⁵ SILVEIRA, R.V.D.; FONSECA, L.M.C.; REIS, D.T., A atuação das mulheres na Bíblia, p. 20.

¹⁶ AGOSTINHO de Hipona, Comentários aos Salmos (101-150), p. 648.

¹⁷ HIPÓLITO de Roma, Commentaire sur Daniel, p. 83.

¹⁸ ARNS, P.E.; GORGULHO, G., ANDERSON, A.F., Mulheres da Bíblia, p. 7.

¹⁹ CÂNDIDO, E.R., A mulher no pensamento de Gregório, p. 88.

mulheres, em uma genealogia bíblica, representa um fato raro, quase como uma ruptura, que será constatado, sobretudo, a partir dos evangelhos²⁰.

Cirilo de Alexandria (séc. V), comentando a história de Tamar, destacou que ali está prefigurado o mistério da encarnação do Salvador²¹. João Crisóstomo (séc. V) escreveu que Raab é digna de louvor por ser a imagem da Igreja²². Nas palavras de Jerônimo (séc. V), Rute, por servir de consolação para um povo abandonado, foi recompensada com o fato de fazer parte da descendência de Cristo²³. Ainda conforme Jerônimo, o fato de serem listadas mulheres pecadoras na genealogia indica que Jesus viera para “destruir o pecado de todas elas. Daí que também sejam citadas, em seguida, Rute, a moabita, e Betsabé, a mulher de Urias”²⁴. Ratzinger afirma que a genealogia descrita por Mateus é, essencialmente, uma lista de homens, porém destaca que, a partir das mulheres presentes nela, “o mundo dos gentios entra na genealogia de Jesus – revela-se que sua missão se dirige a judeus e pagãos”²⁵.

A Escritura também revela outras mulheres que podem ser consideradas heroínas e peças fundamentais na constituição do povo de Deus, tais como Míriam, Débora, Hulda²⁶. Jerônimo, na carta a Príncípia, refletiu sobre a história de algumas delas, demonstrando, assim, que ele não desconsiderava a relevância que as mulheres têm na Escritura: “Se Barac quisesse sair na campanha, Debora não teria comemorado a vitória sobre seus inimigos[...]. Jeremias está preso em uma prisão e, como Israel, que estava prestes a perecer, não recebeu um homem para profetizar, ele recebe uma mulher”²⁷. De acordo com Lima, este descompasso, entre a importância das mulheres para o povo de Israel e a falta de um maior reconhecimento, pode ser compreendido a partir da realidade dos judeus, que

²⁰ ALEXANDRE, M., Do anúncio do reino à Igreja, p. 523.

²¹ SHERIDAN, M., La Bibbia commentata dai padri, AT 1/2, 354.

²² SPUNTARELLI, C., La Bibbia commentata dai Padri, AT 3, p. 33.

²³ SPUNTARELLI, C., La Bibbia commentata dai Padri, AT 3, p. 225.

²⁴ JERÔNIMO, Comentário ao Evangelho de Mateus, p. 26.

²⁵ RATZINGER, J., Obras completas – Vol VI, p. 43.

²⁶ Míriam, ou Maria, foi a irmã de Aarão e Moisés que provou, desde jovem, ser uma mulher de coragem ao apresentar-se diante da filha do Faraó (Ex. 2, 7). Além disto foi reconhecida como uma profetisa que exercia liderança sobre as demais mulheres (Ex. 15, 20). Débora foi uma profetisa e juíza muito respeitada em Israel. Ela foi a responsável em organizar um exército para lutar contra Jabim, rei de Canaã (Jz. 4,4-23), em um período em que os homens pareciam ter perdido a coragem. É relevante destacar que Barac, comandante do exército, só consentiu ir para a batalha na companhia de Débora: “Se tu vieres comigo, eu irei, mas se não vieres comigo, não irei. Débora lhe disse: Irei contigo, porém no caminho que seguiremos, a honra da vitória não será tua, porém é nas mãos de uma mulher que Iahweh entregará Sisara” (Jz 4, 8-9). Hulda foi uma profetisa que viveu em uma época de dissolução moral e espiritual. Foi a responsável em exortar o rei Josias para empreender a renovação da Aliança (2 Cr. 34, 22-28). Miriam, Débora e Hulda, foram três mulheres do Antigo Testamento que, certamente, ocuparam cargos de liderança.

²⁷ VALERO, J.B. (Trad.). São Jerônimo. Epistolário I, p. 646.

estavam inseridos dentro da sociedade do Antigo Oriente próximo, onde “os homens eram geralmente encarados como mais importantes do que as mulheres, e a interpretação dada em certos casos pelos homens as leis e conceitos expressos na Bíblia devem ser compreendidos neste contexto”²⁸.

Alguns autores, como, por exemplo, Neuenfeldt, defendem a ideia de que a linguagem bíblica é androcêntrica, e “mesmo se for tomada como plausível a hipótese da autoria de mulheres para alguns textos bíblicos, isso ainda não é garantia de uma linguagem inclusiva”²⁹. O nosso parecer é de que a Bíblia, partindo do pressuposto de ser um livro inspirado por Deus, apresenta uma linguagem que não privilegia nem o masculino, nem o feminino, mas a sua escrita reflete o contexto cultural no qual o hagiógrafo estava inserido. Embora seja necessária uma atualização, não podemos desconsiderar a perenidade dos textos bíblicos e que “foram redigidos em função de circunstâncias passadas e numa linguagem condicionada por diversas épocas”³⁰.

Desde o Antigo Testamento são narradas histórias de grandes mulheres, indicando que elas estão na origem do povo de Deus, de todo modo, um número muito maior de homens, necessariamente, não corresponde à criação de modelos éticos pelos quais tais homens sejam honrados como exemplos, o que não tira a dignidade e a importância de ambos para a história da salvação. Na exegese de Gregório Magno (séc. VI), a partir de uma carta enviada para Teoctista, irmã do imperador, Raquel e Lia mereceram destaque, sendo a primeira exaltada como um modelo da vida contemplativa e a segunda um exemplo da vida ativa³¹.

As comunidades cristãs, sobretudo a partir do ponto de vista da Igreja, valorizaram as metáforas femininas, e, de acordo com Silva, “aqui talvez encontremos um dos maiores efeitos da presença da mulher na antiguidade”³². Nas palavras de Cirilo de Alexandria (séc. V) Raquel simboliza a Igreja no meio das nações³³. Justino (séc. II) declarou que Lia representa os judeus e a sinagoga, e Raquel é a imagem da Igreja e, com isso, simboliza o próprio Cristo, servindo aos dois povos³⁴. De acordo com Silva, “deve-se aceitar que Raquel seja um modelo

²⁸ LIMA, S. C. F., Representações da mulher no cristianismo antigo, p. 42.

²⁹ NEUENFELDT, E.G., Práticas e experiências religiosas de mulheres no Antigo Testamento, p. 83.

³⁰ PCB, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 140.

³¹ BARMBY, J. (Trad.), Gregório para Teoctista.

³² SILVA, A.L.R., A visão de São Justino sobre a mulher, p. 542.

³³ SHERIDAN, M., La Bibbia commentata dai padri, AT 1/2, p. 286.

³⁴ JUSTINO de Roma, Diálogo com Trifão, p. 314.

concreto para a aplicação bivalente do conceito “igreja”, onde se reforça tanto o valor espiritual quanto a individualização desta categoria nas realidades concretas, o que para nós hoje seriam as paróquias”³⁵.

No Novo Testamento, as mulheres também têm o seu lugar de destaque, como, por exemplo, Maria, a mãe de Jesus, Maria Madalena e as outras mulheres que não só acompanhavam Jesus, mas foram as primeiras testemunhas de sua ressurreição. Também aquelas que exerceram funções relevantes no trabalho missionário da Igreja, sobretudo as que ajudaram e acompanharam Paulo, a saber: Lídia, Febe, Priscila, dentre outras. De acordo com Militello, o Novo Testamento destaca a presença feminina a partir de uma pluralidade de relações, incluindo aquelas de natureza ministerial, tais como: as virgens, as viúvas, as profetisas, as mártires e as diaconisas³⁶.

As mulheres exerceram papéis relevantes na história sagrada, podendo ser modelos de autoridade espiritual, seja na própria casa, ou atuando na defesa do povo de Deus. Mulheres que simbolizam a liberdade do povo e que são a personificação da sabedoria. Conforme Arns e Gorgulho, não restam dúvidas de que Deus escolheu as mulheres para que preparassem cada etapa da história da salvação³⁷. A juíza Débora, por exemplo, foi tão importante na luta em favor do povo que é apresentada com o título de mãe em Israel³⁸. Junto à Débora temos a presença de outra mulher, Jael, esposa de Hélber, e, de acordo com Ambrósio (séc. IV), o sucesso dessas duas mulheres sobre Sísara, simboliza a batalha da fé e a vitória da Igreja³⁹.

Nesta seção, apresentaremos quatro mulheres que se destacaram nos escritos veterotestamentários, sendo que três delas têm livros que levam os seus nomes no título, a saber: Rute, Judite e Ester. Mesmo não tendo um livro específico, a mulher de Provérbios, considerada um modelo de sabedoria e fortaleza, também é digna de menção e de uma breve análise. De acordo com Jerônimo, em sua epístola dedicada à Príncípia, as três mulheres foram tão famosas que deram nomes aos livros sagrados⁴⁰.

³⁵ SILVA, A.L.R., A visão de São Justino sobre a mulher, p. 539.

³⁶ MILITELLO, C., Donne e ministeri nella chiesa antica, p. 21.

³⁷ ARNS, P.E.; GORGULHO, G.; ANDERSON, A.F., Mulheres da Bíblia, p. 7.

³⁸ ARNS, P.E.; GORGULHO, G.; ANDERSON, A.F., Mulheres da Bíblia, p. 42.

³⁹ SPUNTARELLI, C., La Bibbia commentata dai Padri, AT 3, p. 150.

⁴⁰ VALERO, J.B. (Trad.). São Jerônimo. Epistolário I, p. 647.

2.1.2

Rute, a estrangeira: modelo de fidelidade à Aliança.

A história de Rute, a moabita, está diretamente relacionada com a vida de Noemi, uma viúva, mãe de dois filhos, e que pertencia ao clã de Belém, Éfrata, do qual nasceu o rei Davi⁴¹. Um dos filhos de Noemi se casou com Orfa, e o outro, com Rute, estabelecendo morada em Moab por dez anos (Rt 1,1-4). Porém, quando os filhos faleceram, Noemi, em meio às perdas sofridas, decidiu retornar para Belém, “motivada, porém, pela notícia da visita favorável do Senhor ao seu povo”⁴². A partir deste acontecimento, começou a despontar a relevância de Rute.

No relato bíblico, Noemi liberou as duas noras para seguirem o caminho que desejassem (Rt 1,12), ficando, assim, desobrigadas de acompanhá-la. Orfa voltou para o seu povo, Rute, porém, decidiu ficar na companhia da sogra. Com a decisão em prosseguir com Noemi, Rute demonstrou ser uma mulher solidária, tornando-se, assim, a companheira fiel para a pobre viúva no caminho de volta à sua terra. É importante sublinhar que Rute não se deixou amedrontar pelo cenário incerto que encontraria, pois, sendo uma estrangeira, vivendo entre um povo que não era o seu⁴³, a vida em Belém seria muito mais difícil do que em Moab⁴⁴. Ambrósio identificou, na pessoa de Rute, uma prefiguração do ingresso dos gentios na Igreja do Senhor e um grande exemplo para todos, pois a viúva moabita, ultrapassou o âmbito da Lei e entrou na comunidade, tornando-se uma israelita⁴⁵. Um dos propósitos do livro de Rute é animar os prosélitos, tentando, assim, “promover o universalismo contra o nacionalismo excludente”⁴⁶. A lealdade à Aliança e a fidelidade para com o próximo, são os temas que permeiam todo o livro e a história de Rute⁴⁷.

Estabelecidas em Belém, Rute, personificando a imagem da mulher forte, lutou pela própria sobrevivência e a dos seus, dirigindo-se até os campos de Booz, parente de Noemi, por parte do seu marido, a fim de recolher as sobras da plantação. É importante destacar que, de acordo com Viegas, no contexto da narrativa, não é apenas em Rute que teremos a imagem e modelo da mulher forte, mas, em Noemi

⁴¹ ARNS, P.E.; GORGULHO, G.; ANDERSON, A.F., Mulheres da Bíblia, p. 47.

⁴² FERNANDES, L.A., Rute, p. 31.

⁴³ VIEGAS, A.P., Uma heroína chamada Rute, p. 14.

⁴⁴ FERNANDES, L.A., Rute, p. 37.

⁴⁵ SPUNTARELLI, C., La Bibbia commentata dai Padri, AT 3, p. 226.

⁴⁶ PUERTO, M.N., O livro de Rute, p. 339.

⁴⁷ LAFFEY, A.L., Rute, p. 1088.

e Orfa, também constataremos essa força⁴⁸. Rute trabalhou, nos campos, sem descanso, o dia inteiro (Rt 2,7). Booz, ao encontrar-se com ela, deixou explícito que, por méritos próprios, a atitude em acompanhar a sogra já era notória entre os habitantes de Belém.

Agindo conforme as orientações de Noemi, baseada na lei do levirato, Rute vai até ao encontro de Booz (Rt 3, 9) e merece ser elogiada, personificando a mulher sensata, que não está procurando um marido jovem ou rico, mas um que lhe seja apropriado⁴⁹. Aceitando unir-se a Booz, ela está assegurando a perpetuidade da família de Noemi, demonstrando uma fidelidade exemplar, pois Rute não só aceitou Yahweh como o seu Deus, mas também entrou no estilo de viver dos judeus⁵⁰. A união de Booz com Rute prefigura, conforme João Crisóstomo, a união de Cristo com a Igreja, pois, essa sendo estrangeira, pode, pela redenção, ser participante de grandes bens⁵¹.

Na Escritura, os moabitas têm a sua origem a partir de uma relação incestuosa entre Ló e as suas duas filhas (Gn 19, 36-37). O livro do Deuteronômio (23, 4) prescreve que os moabitas não poderiam entrar na assembleia de Yahweh até a décima geração. Porém, Rute não se deixou curvar perante os possíveis preconceitos, mas, ao contrário, foi reconhecida como uma mulher virtuosa e de grande valor (Rt 3,11). De acordo com Ferreira, o relato de Rute “é o retrato de quem estava sofrendo todo tipo de marginalização e que, no entanto, pela fé em Yahweh, resistiu porque nunca perdeu a esperança”⁵².

No desfecho da história, após se casar com Booz, Rute recebe uma prece do povo, sendo comparada à Raquel e Lia (Rt 4,11). Com isso, “a história de Rute, evocando as mulheres de Jacó, fez dela uma matriarca para a casa de Israel”⁵³, símbolo daquelas mulheres que deram à luz ao povo de Deus. Um acontecimento tão relevante que, em nenhum outro local de todo o Antigo Testamento, “alguém é abençoado com o desejo de ser como outras mulheres!”⁵⁴.

Quando nasceu o filho de Rute, foram as vizinhas de Noemi que deram o nome à criança (Rt 4, 17). Na árvore genealógica, Rute é a bisavó do rei Davi e,

⁴⁸ VIEGAS, A.P., Uma heroína chamada Rute, p. 159.

⁴⁹ LAFHEY, A.L., Rute, p. 1094.

⁵⁰ HARRINGTON, W.J., Chave para a Bíblia, p. 387.

⁵¹ SPUNTARELLI, C., La Bibbia commentata dai Padri, AT 3, p. 235.

⁵² FERREIRA, J.A., A preferência de Yahweh foi pelos detentores do poder (Esd 9-10) ou pelos humilhados (Rute)?, p. 443-460.

⁵³ FERNANDES, L.A., Rute, p. 74.

⁵⁴ LAFHEY, A.L., Rute, p. 1095.

não por acaso, o seu nome é mencionado pelo evangelista Mateus, ao lado de outras mulheres não judias, na origem humana de Jesus Cristo (Mt 1,5). Assim, a linhagem davídica poderia não ter sido continuada, caso Rute não tivesse tomado a iniciativa em estabelecer uma união com Booz⁵⁵. Rute foi uma mulher com autoridade espiritual, pois, de acordo com Ambrósio, “mereceu ser computada entre os ascendentes do Senhor, por causa do parentesco escolhido pelo espírito, não do corpo”⁵⁶.

O livro de Rute, além de apresentar a vida de três mulheres viúvas, é encerrado com a participação das vizinhas de Noemi. Este protagonismo das mulheres deixa subentendida uma participação feminina na composição do livro⁵⁷, suscitando a ideia de que, entre os escritos canônicos, não apenas tenha sido escrito por mulheres, mas também, para mulheres⁵⁸. Na visão de Puerto, alguns autores defendem a autoria masculina para o livro de Rute, porém “o tema, o predomínio de protagonistas femininos e, sobretudo, o ponto de vista da história, sugerem uma presença feminina na composição do livro”⁵⁹. Noemi e, sobretudo, Rute, pelo fato de ser uma estrangeira, embora vivendo sob a influência da mentalidade da época, “emergem para Israel como modelos de fidelidade à aliança”⁶⁰.

Para os cristãos, o livro de Rute é uma confirmação da conclusão do evangelho de Mateus, quando Jesus deixou a missão para os discípulos levarem o evangelho a todas as nações. Além disso, o livro é uma demonstração da grandeza de uma mulher que desejou, sem nenhum interesse, estar na companhia de outra pessoa⁶¹, pelo mais puro altruísmo. Rute recebeu um relevante elogio da parte de Ambrósio: “Ela é um grande exemplo para nós, pois nela estamos prefigurados todos nós que entramos, recolhidos dentre os gentios, na Igreja do Senhor”⁶².

2.1.3

Judite, a viúva, mulher forte e virtuosa: a glória de Jerusalém.

Quando os habitantes de uma pequena aldeia que dava passagem ao território de Israel, chamada Betúlia, estavam prestes a ser dominados pelos poderes

⁵⁵ BROWN, R.E., O nascimento do Messias, p. 88.

⁵⁶ TOMÁS DE AQUINO, Catena Aurea, p. 59.

⁵⁷ FERREIRA, C.A.P., Livro de Rute, p. 545.

⁵⁸ ARNS, P.E.; GORGULHO, G.; ANDERSON, A.F., Mulheres da Bíblia, p. 48.

⁵⁹ PUERTO, M.N., O livro de Rute, p. 334.

⁶⁰ LAFFEY, A.L., Rute, p. 1095.

⁶¹ FERNANDES, L.A., Rute, p. 79.

⁶² SPUNTARELLI, C., La Bibbia commentata dai Padri, AT 3, p. 226.

imperiais, despontou a figura de uma mulher forte chamada Judite, uma judia, viúva, sábia e temente a Deus, cuja missão era de libertar o povo. Assim, o pano de fundo para o livro de Judite é a iniciativa desta viúva em comandar um plano de ataque contra as investidas de Nabucodonosor e Holofernes. A narrativa do feito heroico de Judite permite demonstrar “várias coisas sobre a posição e o papel das mulheres na época em que o livro foi escrito e lido”⁶³. Judite era “muito bela e de aspecto encantador” (Jd 8, 7), porém, o fato de ela ser uma mulher inteligente, pois fazia muito bem o uso das palavras (Jd 11,21), é o que mereceu a atenção dos homens. De acordo com Matos e com base na narrativa (Jd 8,29-30), após o discurso perante os anciãos, “a beleza de Judite não é ressaltada, mas a sua inteligência, bondade e piedade”⁶⁴.

A personalidade de Judite começou a despontar quando, demonstrando autoridade, interveio na situação adversa e repreendeu os líderes de Betúlia⁶⁵ por colocarem Deus à prova, pois a ação divina era soberana e livre, de modo que era necessário esperar com paciência a sua realização⁶⁶. Então, ela exortou os líderes para que confiassem em Deus, recordando-os também de que tinham a missão de resguardar a segurança do santuário e do templo (Jd 8, 24). Ou seja, uma viúva, conseguiu encorajar e manter acesa a esperança de todo um povo, mostrando-se com uma autoridade, não apenas de comando, mas, sobretudo, espiritual, pois ela mesma prometeu que iria libertar o povo de toda a opressão do inimigo (Jd 8, 32-34).

Consoante a narrativa, o exército de Holofernes contava com, aproximadamente, cento e vinte mil soldados. A derrota de um exército tão numeroso ter sido ocasionada a partir da ação de uma mulher, é um fato que não pode ser desprezado. Conforme o Papa Francisco, “aquela mulher era corajosa, mas tinha fé”⁶⁷. Se, por um lado, Nabucodonosor contava com a força de Holofernes, por outro, o Deus de Israel suscitava a coragem em Judite, seu general⁶⁸. Antes de colocar em prática o plano de infiltrar-se no acampamento inimigo, Judite pede três coisas ao Senhor, demonstrando a sua autoridade espiritual: “que Deus ouça sua

⁶³ FIORENZA, E.S., *As origens cristãs a partir da mulher*, p. 146.

⁶⁴ MATOS, S.M., *Da sedução à morte*, p. 123.

⁶⁵ FIORENZA, E.S., *As origens cristãs a partir da mulher*, p. 146.

⁶⁶ CRAVEN, T., *Judite*, p. 1125.

⁶⁷ FRANCISCO. *Catequese sobre a Velhice* 9. Judite.

⁶⁸ NIHAN, C., *Judite*, p. 752.

oração de viúva (9,4); que Deus tire as forças dos assírios (9,8), e que Deus conceda-lhe a força para derrotar os assírios pela astúcia de seus lábios”⁶⁹.

Com a sua sabedoria e astúcia no uso da beleza, Judite transmite a mensagem de que Deus pode realizar a obra da salvação, não apenas através dos homens, mas também através das mulheres. Assim, “Judite agrega as forças de salvação dos heróis do passado (Simeão, Moisés e Davi) e integra a força feminina das libertadoras do povo de Deus (Débora, Jael e Dina)”⁷⁰. Através da intervenção de uma mulher, foi possível derrotar um exército tão numeroso, demonstrando, assim, que o Deus verdadeiro e onipotente não é Nabucodonosor, mas sim o Deus de Israel⁷¹.

Judite é um exemplo de fé no Deus que vem em socorro dos humildes e oprimidos, que protege os fracos e salva os desesperados⁷². O fato de Judite ser uma viúva exalta ainda mais o seu grande feito, considerando que “a viuvez como estado de dedicação a Deus foi sendo estimada por Israel nas proximidades da era cristã”⁷³. Judite pode ser colocada como um modelo e inspiração para a futura ordem das viúvas, que despontará no alvorecer do cristianismo.

É possível traçar um paralelo entre o feito de Judite e o relato do primeiro livro de Macabeus (1 Mac 7, 39-50), quando Judas Macabeu, agindo como Judite, cortou a cabeça de Nicanor⁷⁴. É relevante também o fato que “considerava-se a maior desonra para um soldado ser morto por uma mulher”⁷⁵. Em seu cântico de vitória (Jd 16,1-17), Judite evocou o mesmo modelo utilizado por Moisés e Miriam (Ex 15,1-18), após a libertação de Israel do poder dos egípcios. Conforme Valerio, “assim aconteceu com Davi lutando com o gigante Golias, assim acontece com essa mulher, Judite, diante de Holofernes, general supremo de Nabucodonosor, rei dos assírios”⁷⁶.

Judite tomou a iniciativa de sacrificar-se em favor do povo e pode ser contada entre aquelas mulheres que, fortificadas por Deus, realizaram feitos viris e, por isso, é bem-aventurada, pelo fato de ter enfrentado o perigo e saído da cidade por amor

⁶⁹ CRAVEN, T., Judite, p. 1125.

⁷⁰ ARNS, P.E.; GORGULHO, G.; ANDERSON, A.F., Mulheres da Bíblia, p. 79.

⁷¹ NIHAN, C., Judite, p. 752.

⁷² McKENZIE, J.L., Judite., p. 473-474.

⁷³ BETTENCOURT, E.; LIMA, M.L.C., Curso Bíblico, p. 291.

⁷⁴ NIHAN, C., Judite, p. 756.

⁷⁵ BALDOCK, J., Mulheres na Bíblia, p. 74.

⁷⁶ VALERIO, A., Il potere delle donne nella Chiesa, p. 18.

à pátria e ao povo que estava cercado⁷⁷. O povo de Deus foi salvo uma vez mais, graças à coragem e à sabedoria de uma mulher⁷⁸. Através de sua força e autoridade, Judite estabeleceu a paz e a ordem e, assim, os israelitas não foram mais incomodados, não apenas enquanto ela viveu, mas também, por muito tempo depois de sua morte (Jd 16, 25). Judite é bendita pelos anciãos como a glória de Jerusalém, o orgulho de Israel e a grande honra da raça dos judeus (Jd 15,8-12).

Ela permaneceu viúva pelo resto da vida e, já com uma idade avançada, como não deixou filhos, ainda repartiu os seus bens entre todos os parentes próximos do seu marido Manassés (Jd 16,24). A idade de Judite contribuiu para que ela fosse inserida no mesmo rol dos heróis da era patriarcal, tais como Sara (Gn 23,1), Isaac (Gn 35, 28) e José (Gn 50,26)⁷⁹. Assim, Judite é um exemplo de mulher forte, com uma fé inabalável, que age com autoridade, e a sua história é um modelo de edificação religiosa, um exemplo a ser seguido⁸⁰ e que ficou “famosa em seu tempo, em toda a terra” (Jd 16,21).

2.1.4

Ester: a judia órfã que virou rainha e salvou o povo.

Dentre as pessoas merecedoras dos maiores cuidados, conforme vários relatos da Escritura, estão os órfãos, as viúvas e os estrangeiros. Descrevemos a história de fidelidade à aliança, na pessoa de Rute, uma estrangeira; narramos a coragem e a fé de Judite, uma viúva. E agora, com a história de Ester, demonstraremos de que maneira uma judia órfã, vivendo exilada na Pérsia, serviu para comprovar que Deus nunca abandona o seu povo, mas sempre o socorre nos momentos adversos⁸¹. Três mulheres, mesmo com histórias diferentes, servem perfeitamente como modelos de fidelidade, de autoridade, de coragem, de força e fé.

Ester, também chamada de Hadassa, era uma judia, órfã de pai e de mãe, criada por seu tio Mardoqueu (Est 2,7) e que habitava no harém do rei persa Assuero. Embora a sua vida fosse cercada por dificuldades, era admirada por todos e muito bela (Est 2, 15), a ponto de ter sido escolhida para substituir a rainha Vasti, quando essa desobedeceu a uma ordem do rei durante um banquete que ela mesma

⁷⁷ CLEMENTE Romano. Padres Apostólicos, p. 62.

⁷⁸ FIORENZA, E.S., As origens cristãs a partir da mulher, p. 149.

⁷⁹ BÍBLIA de Jerusalém, p. 700.

⁸⁰ NIHAN, C., Judite, p. 764.

⁸¹ HARRINGTON, W.J., Chave para a Bíblia, p. 407.

oferecera para as mulheres no palácio real (Est 1, 9-12). Conforme Rabano Mauro (séc. IX), esse banquete simbolizava o povo judeu e a sua observância a lei e ao culto realizado em Jerusalém⁸². Na escolha do rei começou uma virada radical, não apenas para o povo judeu, vivendo em uma terra estrangeira, prestes à aniquilação, mas também na vida de Ester, que, de uma simples órfã pobre, tornou-se uma rainha, e seria a responsável em salvar o seu povo⁸³.

No desenrolar da história, Ester é colocada entre Mardoqueu (o seu tio) e Amã, dois homens muito influentes na corte. Esses não mantinham um bom relacionamento entre si, a ponto de o segundo traçar um plano para acabar com todos os judeus (Est 3,6). O plano, porém, fora descoberto e, como Ester já se encontrava na corte real, a pedido do tio, além de desmascarar os planos de Amã, também intercedeu junto ao rei pela clemência para com o povo judeu (Est 7,3). Com tal atitude, Ester arriscou a própria vida, livrando todo o povo judeu do extermínio, dando origem à festa do purim para celebrar este acontecimento⁸⁴. No livro de Ester, está registrado, pela primeira vez, um plano para o aniquilamento do povo judeu⁸⁵, mas, graças à coragem de uma judia órfã, tal empreitada não se concretizou. Nas palavras de Clemente de Alexandria (séc. III), “Ester se embelezava misticamente para seu rei, mas sua beleza era considerada como resgate de um povo condenado a morrer”⁸⁶.

Ninguém podia se aproximar dos aposentos reais sem ter sido convocado oficialmente, seja homem ou mulher. Ester, mesmo sabendo que tal atitude poderia ser motivo de sua condenação à morte, vai até a presença do rei, demonstrando assim, além de uma coragem incomum, grande autoridade ao dar ordens expressas para o povo se reunir e jejuar pelo bom êxito de sua missão: “Depois irei ter com o rei, apesar da lei e, se for preciso morrer, morrerei” (Est. 4,16). Ao expor-se dessa maneira, conforme Clemente Romano, Ester é modelo de uma mulher perfeita na fé, que se sacrificou no jejum e na humilhação, a fim de salvar as doze tribos de Israel. Então, o Senhor, “vendo a humildade dessa alma, libertou o povo, em favor do qual ela havia enfrentado o perigo”⁸⁷. De acordo com Rabano Mauro, o pedido

⁸² CONTI, M., *La Bibbia commentata dai Padri*, AT 4, p. 459.

⁸³ ARNS, P.E.; GORGULHO, G.; ANDERSON, A.F., *Mulheres da Bíblia*, p. 71.

⁸⁴ PUERTO, M.N., *O livro de Ester*, p. 390.

⁸⁵ ARNS, P.E.; GORGULHO, G.; ANDERSON, A.F., *Mulheres da Bíblia*, p. 74.

⁸⁶ CLEMENTE de Alexandria, *O Pedagogo*, p. 236.

⁸⁷ CLEMENTE Romano, *Padres Apostólicos*, p. 62.

de Ester em favor do povo é uma figura da Igreja, que diariamente pede, ao Senhor Onipotente, pela salvação de todos os seus filhos⁸⁸.

A história de Ester é marcada por uma intertextualidade com alguns personagens bíblicos que, também a partir de situações adversas, salvaram o povo da aniquilação. A primeira relação que podemos estabelecer é com a história de José no Egito (Gn 36-50), na qual “aparece igualmente a ideia de que, apesar das dificuldades inegáveis, um judeu pode prosperar no estrangeiro e ser apoiado pelo soberano local”⁸⁹. Em Moisés, a história de Ester está relacionada com a opressão sofrida pelo povo, a perseguição e a ameaça de aniquilação, tendo como inimigo a figura de um rei pagão⁹⁰. As histórias de Sara, Jael, Débora e Betasabé também estão entrelaçadas com a de Ester, ao narrarem a intervenção de mulheres que, “em momentos decisivos da história de Israel, conseguiram mudar de forma dramática o destino de todo um povo”⁹¹.

Ester, uma mulher forte, que, sendo uma simples órfã exilada, personifica a imagem de uma verdadeira rainha, demonstrando todo o zelo em defender o seu povo. É, também, a prefiguração da Igreja que deve constantemente, de acordo com Rabano Mauro, combater os seus inimigos e se esforçar para subjugar-los completamente⁹². Nas palavras de Atanásio de Alexandria (séc. IV), Ester é uma mulher forte que, através de sua fé, salvou o povo, transformando a destruição em salvação⁹³.

2.1.5.

A mulher forte de Provérbios

No cânon bíblico, Provérbios é o que mais se destaca na valorização da força das mulheres, pois a figura feminina é mencionada em vários trechos do livro. Porém, a parte final da obra (Pr 31) apresenta uma das imagens mais significativas a respeito da força e da autoridade das mulheres na Escritura.

O capítulo trinta e um de Provérbios é composto por dois poemas que abordam a importância da mulher, seja em casa, ou fora dela. No primeiro poema (Pr 31,1-9), tem relevância a figura de uma mãe que orienta o filho sobre, por

⁸⁸ CONTI, M., La Bibbia commentata dai Padri, AT 4, p. 476.

⁸⁹ MACCHI, J.D., Ester, p. 685.

⁹⁰ PUERTO, M.N., O livro de Ester, p. 402.

⁹¹ PUERTO, M.N., O livro de Ester, p. 402.

⁹² CONTI, M., La Bibbia commentata dai Padri, AT 4, p. 480

⁹³ CONTI, M., La Bibbia commentata dai Padri, AT 4, p. 480.

exemplo, a forma de se expor e de se comportar no uso da bebida e aconselha sobre a maneira de colocar em prática a justiça. Mais precisamente, o poema descreve um rei que recebe orientações de sua mãe (Pr 31,1-5).

Na segunda parte (Pr 31, 10-31), outra mulher é mencionada, como um modelo de mulher forte, sábia e habilidosa com os negócios, tanto em casa, quanto em público. Conforme Lopes, “embora unidos pelo enfoque temático da mulher sábia e forte, os dois poemas têm estilos diferentes, pois o segundo foi elaborado como um acróstico”⁹⁴. O hagiógrafo, utilizando tal recurso literário, comum na Escritura, demonstrou que o seu objetivo era oferecer aos leitores uma forma didática de memorização, de modo que as palavras não ficassem apenas na letra-morta, mas fossem observadas e guardadas, tanto no coração, como na vida diária (Pr 31, 10-13)⁹⁵.

A partir da segunda metade do poema (Pr 31,10-31), é possível extrair algumas informações relevantes a respeito da mulher forte, tais como: a esposa é a contraparte do homem no dia a dia; ela é motivo de felicidade para o marido; é competente nos negócios; revestida de força e autonomia; é digna e cercada de beleza; consegue ensinar com sabedoria, e, por isso, merece o louvor do marido e dos filhos⁹⁶. Conforme o grego e a Vulgata, a expressão “mulher de valor” é traduzida como a mulher forte, eficiente e com muitas virtudes. Agostinho de Hipona (séc. V), comentando a perícopes de Provérbios, declarou que a mulher de valor é aquela que guarda os mandamentos do Senhor e está sempre pronta para qualquer tipo de trabalho⁹⁷.

A lã e o linho, adquiridos pela mulher (Pr 31, 13), a fim de que possa trabalhar, representam respectivamente, na visão dos Padres da Igreja, a carne e o espírito. Conforme Cesário de Arles (séc. VI), essa interpretação é devida ao vestuário, pois as roupas íntimas são de linho, enquanto as externas de lã: “Portanto, a lã indica algo carnal, pois é produzido por uma mistura ou uma união, enquanto o linho é produzido da terra sem nenhum prazer carnal, e por esta razão parece ser uma imagem de castidade”⁹⁸. Nas palavras de Agostinho, a mulher de Provérbios

⁹⁴ LOPES, M., A mulher sábia e a sabedoria da mulher, p. 118.

⁹⁵ “Quem encontrará a mulher de valor? Vale muito mais do que as pérolas. Nela confia seu marido, e a ele não faltam riquezas. Traz-lhe a felicidade, não a desgraça, todos os dias de sua vida. Adquire a lã e o linho, e trabalha com mãos hábeis”.

⁹⁶ LOPES, M., A mulher sábia e a sabedoria da mulher, p. 116.

⁹⁷ PILARA, G.; CONTI, M., La Bibbia commentata dai Padri AT 8, p. 253.

⁹⁸ PILARA, G.; CONTI, M., La Bibbia commentata dai Padri AT 8, p. 255.

trabalha tanto no corpo, representado pela lã, quanto no espírito, representado pelo linho, pois, o primeiro se manifesta, enquanto o segundo permanece oculto: “Agora, operar com o corpo sem trabalhar com o espírito, embora possa parecer bom, não é vantajoso. Trabalhar com o espírito sem trabalhar com o corpo é preguiça”⁹⁹. Basílio de Cesareia (séc. IV), exaltando o trabalho da mulher de Provérbios, declarou que ela não era uma preguiçosa: “Como o sustento diário é necessário para todos, também o trabalho na proporção da força de cada um é essencial. Não sem razão, Salomão escreveu em louvor à obra: Ela não comeu o pão da preguiça”¹⁰⁰. Na mulher de Provérbios pode ser uma prefiguração de Marta e de Maria (Lc 10, 38-42), onde a primeira representa a vida ativa e a segunda a vida contemplativa.

A mulher de Provérbios demonstra a sua força, cingindo a cintura com firmeza, redobrando a força de seus braços (Pr 31,17) e, de acordo com Agostinho, é sinal de uma mulher que está sempre pronta a servir¹⁰¹. A mulher forte e louvável, segundo as palavras de Provérbios, é aquela que teme a Yahweh, de modo que o mesmo tema, ou seja, o temor do Senhor, inicia e termina o livro.

Um pouco adiante no livro, são descritos também o uso, por parte da mulher em seu trabalho cotidiano, do linho e da púrpura (Pr 31, 22). Os Padres também interpretaram esses dois elementos em vista da ação e da fé. De acordo com Ambrósio, um é a vestimenta do trabalho, ou seja, a púrpura, e outro o da mente, ou seja, o linho. Assim, a mulher de Provérbios tece tanto o véu da ação, quanto o véu da fé¹⁰².

A principal mensagem do poema é a extraordinária e incessante atividade da mulher. É relevante observar também que o louvor da mulher forte, embora tenha sido construído a partir da visão de um varão, enaltece a capacidade feminina em lidar com os aspectos econômicos e os negócios da família¹⁰³. É a imagem da mulher que trabalha forte, produz a própria fonte da renda familiar e ainda realiza investimentos com o que sobra do pagamento recebido (Pr 31,16), comprando, por exemplo, um terreno. Conforme Orígenes (séc. III), é a imagem da Igreja “que nasceu da costela de Cristo, e foi considerada por seu marido como uma mulher

⁹⁹ PILARA, G.; CONTI, M., *La Bibbia commentata dai Padri* AT 8, p. 253.

¹⁰⁰ PILARA, G.; CONTI, M., *La Bibbia commentata dai Padri*, AT 8, p. 255.

¹⁰¹ PILARA, G.; CONTI, M., *La Bibbia commentata dai Padri*, AT 8, p. 253.

¹⁰² PILARA, G.; CONTI, M., *La Bibbia commentata dai Padri*, AT 8, p. 253.

¹⁰³ FIORENZA, E.S., *As origens cristãs a partir da mulher*, p. 137.

forte de caráter firme, zelando pela fé de seu marido enquanto ela aguarda seu retorno do céu”¹⁰⁴.

A mulher forte de Provérbios é aquela que não dorme cedo, levanta ainda de madrugada e sempre se preocupa com os seus empregados. É a imagem perfeita de como se deve utilizar os meios necessários para o sustento da vida, ou seja, conforme Basílio, é a forma de trabalhar, cotidianamente, na proporção das forças de cada um¹⁰⁵. A respeito desta união no serviço, entre o homem e a mulher, Gregório de Nazianzeno (séc. IV) declarou que a virtude de ambos prevalece sobre a união carnal¹⁰⁶.

Comparando os dois poemas, na primeira parte é apresentada a imagem da mulher, que é, ao mesmo tempo, a mãe e a conselheira de um rei, cujo lugar de atuação é o palácio real. Na outra parte, destaca-se a mulher, esposa e mãe, atuando em casa e também em público. A primeira representa a mulher sábia e com o discernimento necessário para guiar, não apenas a vida do filho, mas, também, de um reino. Na parte final do poema, a mulher em destaque é aquela que luta e, através do seu trabalho, é a companheira ideal de um homem que tem sucesso em seus empreendimentos. Ambas personificam, cada qual com as suas características, a imagem da mulher sábia, forte e com autoridade.

A atuação da mulher forte de Provérbios, não está limitada apenas no âmbito de sua casa, ao agir junto aos pobres (Pr 31,20), fazendo com que o seu marido seja conhecido (Pr 31,23), de modo que, também no espaço público, a mulher tenha o seu reconhecimento e valor. A mulher de Provérbios é aquela que “abre a boca com sabedoria, e sua língua ensina com bondade” (Pr 31, 26)¹⁰⁷. Podemos seguir a interpretação de Agostinho e considerar esta mulher como uma pessoa sempre pronta a indicar o caminho da misericórdia: “Traz, porém, na língua a Lei e a misericórdia. Não temas, se não podes cumprir a Lei. Refugia-se junto à misericórdia”¹⁰⁸. Com isso, de certa forma, é explícita a intenção do texto, ou seja, “mostrar algo que o sistema social, cultural e religioso busca manter na invisibilidade: a importância da mulher sábia e forte na realidade cotidiana da história do povo bíblico”¹⁰⁹.

¹⁰⁴ PILARA, G.; CONTI, M., *La Bibbia commentata dai Padri*, AT 8, p. 253.

¹⁰⁵ PILARA, G.; CONTI, M., *La Bibbia commentata dai Padri*, AT 8, p. 255.

¹⁰⁶ GREGÓRIO de Nazianzeno, *Discurso* 19, 7.

¹⁰⁷ Esta perícopa foi o lema da Campanha da Fraternidade no ano de 2022.

¹⁰⁸ AGOSTINHO de Hipona, *Comentários a São João I*, p. 193.

¹⁰⁹ LOPES, M., *A mulher sábia e a sabedoria da mulher*, p. 128.

Seja partindo da vida de mulheres fortes, que viveram e contribuíram na história do povo de Deus, tais como Rute, Judite e Ester, ou através das lembranças de outras mulheres que marcaram a vida do hagiógrafo, o fato é que, ao final de Provérbios, temos a imagem do poder e da força das mulheres, tanto em casa¹¹⁰, quanto nas relações-públicas. Na verdade, a mulher forte de Provérbios não é tão difícil de ser encontrada, pois, segundo o papa João Paulo II, “em cada época e em cada país, encontramos numerosas mulheres “perfeitas” (Pr 31,10) que – não obstante perseguições, dificuldades e discriminações - participaram da missão da Igreja”¹¹¹.

2.1.6

As mulheres: primeiras testemunhas da Ressurreição.

É uma constatação primordial, na exposição da presença de mulheres fortes na Escritura e, de forma específica, no Novo Testamento, que as primeiras testemunhas do acontecimento que fundamenta o cristianismo, ou seja, a ressurreição de Jesus Cristo, não foram os apóstolos, mas algumas mulheres (Lc 24,10). A perícopes do evangelho narrado por Lucas demonstra não apenas uma tradição de espiritualidade, mas também o papel de liderança que algumas mulheres exerceram no seguimento a Jesus, sobretudo no início da Igreja¹¹².

É relevante destacar que, de acordo com Ambrósio, as mulheres foram embora por último, após a morte de Jesus, mas também foram as que primeiro O encontraram ressuscitado¹¹³. Elas ficaram, até tarde, observando o túmulo e como iriam depositar o corpo de Jesus (Lc 24,55). Beda, o Venerável (séc. VIII), observou que as mulheres, além de chegarem muito cedo no sepulcro, passaram a noite inteira preparando os aromas para ungir o Corpo do Senhor¹¹⁴. Os homens, pelo menos a maioria, já tinham ido embora, mas as mulheres, por conta de sua devoção, permaneceram até o fim. Assim como, após trabalharem a noite toda preparando os aromas e perfumes (Lc 24, 56) para embalsamarem o corpo de Jesus, elas retornaram, sozinhas, ao sepulcro. Um zelo, com um significado extraordinário,

¹¹⁰ LOPES, M., A mulher sábia e a sabedoria da mulher, p. 128.

¹¹¹ MD 27.

¹¹² REIMER, I.R., Maria, Jesus e Paulo com as mulheres, p. 48.

¹¹³ PETRI, S.; TAPONECCO, G., La Bibbia commentata dai Padri NT 3, p. 523.

¹¹⁴ PETRI, S.; TAPONECCO, G., La Bibbia commentata dai Padri NT 3, p. 525.

pois, de acordo com Cirilo de Alexandria (séc. V), as mulheres, sabiamente, foram cuidar do corpo daquele que deu a própria carne para o resgate de todos¹¹⁵.

Em um tempo marcado pelo desprezo da palavra e do testemunho feminino, Jesus causou uma ruptura com a tradição vigente e confiou a notícia da Ressurreição a uma mulher¹¹⁶. Conforme Delumeau, “a atitude de Jesus em relação às mulheres foi a tal ponto inovadora que chocou até seus discípulos... Jesus de bom grado cercasse de mulheres, conversa com elas, considera-as pessoas inteiras”¹¹⁷. Além disso, os evangelhos descrevem que as mulheres foram as que receberam, em primeiro lugar, do próprio Jesus Cristo, o mandato missionário para anunciar a ressurreição (Mt 28,10). Nas palavras de Agostinho, “se a partir de uma mulher, virgem, nasceu o Cristo, cabia também às mulheres a tarefa de anunciar a Ressurreição”¹¹⁸. Os relatos evangélicos não deixam dúvidas de que as mulheres, sobretudo no cristianismo nascente, exerceram um protagonismo no anúncio do Reino de Deus, sendo possível constatar que, na difusão do cristianismo, as mulheres tiveram um papel muito relevante¹¹⁹. Segundo o Papa Bento XVI, Jesus deseja que as mulheres, cuja contribuição e dedicação foram essenciais na propagação da fé nele próprio, “sejam conhecidas e a sua memória seja viva na Igreja. Podemos historicamente distinguir o papel das mulheres no Cristianismo primitivo, durante a vida terrena de Jesus e durante as vicissitudes da primeira geração cristã”¹²⁰.

Em um trecho do evangelho escrito por Marcos, podemos constatar que as mulheres aparecem em primeiro plano no rol dos discípulos de Jesus Cristo (Mc 15, 40-41). Tal informação é importante para demonstrar que as mulheres não eram figuras anônimas no seguimento de Jesus, pois a nomeação de pelo menos três delas (Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago e Salomé) é um sinal de que eram conhecidas e que exerciam alguma liderança nos primórdios do movimento cristão, sobretudo, na Palestina¹²¹. João Crisóstomo exaltou esta participação das mulheres no discipulado de Jesus, sobretudo em relação ao serviço que elas desempenhavam, demonstrando que ele fazia questão de ter ao seu lado a companhia de mulheres: “Não poderia Cristo, que de cinco pães nutriu cinco mil, e de sete pães a quatro mil

¹¹⁵ PETRI, S.; TAPONECCO, G., *La Bibbia commentata dai Padri NT* 3, p. 523.

¹¹⁶ AQUILINA, M; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 33.

¹¹⁷ DELUMEAU, J., *História do medo no Ocidente*, p. 468.

¹¹⁸ PETRI, S.; TAPONECCO, G., *La Bibbia commentata dai Padri NT* 3, p. 527.

¹¹⁹ MOCELLIN, R., *As Mulheres na Antiguidade*, p. 50.

¹²⁰ BENTO XVI, PP. Audiência geral, 14 de fevereiro de 2007.

¹²¹ TEPEDINO, A.M.A.L., *Discipulado de iguais*, p. 124.

homens, alimentar-se a si e aos que estavam consigo? Por que, então, era nutrido por mulheres?”¹²².

No momento de maior sofrimento de Jesus, de acordo com os relatos evangélicos, as mulheres também estavam presentes. Segundo o evangelho de Mateus: “Grande número de mulheres estava ali, observando de longe. Elas haviam acompanhado Jesus desde a Galileia, servindo-o” (Mt 27, 55). Marcos registrou que “estavam ali também algumas mulheres olhando de longe; entre elas, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago Menor e de José, e Salomé. Quando ele estava na Galileia, essas o seguiam e lhe prestavam serviços” (Mc 15, 40-41). Em Lucas temos que “todos os conhecidos de Jesus, à distância, bem como as mulheres que o seguiam desde a Galileia, estavam observando essas coisas” (Lc 23, 49). João é que o mais aproxima as mulheres da cruz de Jesus: “Junto à cruz de Jesus estavam de pé sua mãe e a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas, e Maria Madalena” (Jo 19, 25).

No momento derradeiro da missão de Jesus, as mulheres formaram a maioria de suas testemunhas, de modo que só elas seguem Jesus do princípio até o fim, tornando-as, assim, as suas discípulas mais corajosas¹²³. De acordo com Teofilacto de Ócrida, no momento da crucificação de Jesus a ordem das coisas se inverteu, pois “enquanto os judeus matam e o gentio confessa, os discípulos fogem e as mulheres esperam”¹²⁴. É surpreendente como as mulheres, sobretudo aquelas que viviam na Galileia, foram decisivas na continuação da missão de Jesus, pois as mesmas “não fugiram depois de sua prisão, mas ficaram em Jerusalém para sua execução e seu sepultamento”¹²⁵.

Jesus, na sua relação com as mulheres, não considerou o rigorismo judaico, próprio do seu tempo, mas, muito pelo contrário, tratou-as com uma liberdade única, de modo que não é admissível, em nenhuma hipótese, supor uma discriminação de Jesus com a presença feminina durante o seu ministério público. O papa João Paulo II, na carta apostólica *Mulieris dignitatem*, deixou bem explícito que Jesus, em nada discriminou as mulheres, como era comum no seu tempo, mas, “ao contrário, as suas palavras e as suas obras exprimem sempre o respeito e a honra devidos à mulher”¹²⁶.

¹²² JOÃO Crisóstomo. Comentário às Cartas de São Paulo/3, p. 326.

¹²³ TEPEDINO, A.M.A.L., Discipulado de iguais, p. 127.

¹²⁴ TOMÁS de Aquino. Catena Aurea. Vol 2, p. 287.

¹²⁵ FIORENZA, E., As origens cristãs a partir da mulher, p. 173.

¹²⁶ MD 13.

Em um ambiente social e cultural, marcado pela desvalorização, as mulheres cristãs, com a força irradiada do Cristo Ressuscitado, colocaram-se à disposição do anúncio e da propagação do Reino de Deus. De acordo com Reimer, as mulheres entravam no discipulado de várias formas, de modo que, “nos evangelhos, não há narrativas que as colocam restritas à casa, ao casamento e à procriação e cuidado de filhos e filhas”¹²⁷. Tal interpretação precisa ser revisitada para nos levar às considerações inerentes à missão que a mulher desenvolveu nesta fase.

De acordo com Clemente de Alexandria, os apóstolos se ocuparam com a pregação e “levaram suas esposas como irmãs em Cristo, não como esposas, para serem colegas de ministério e não donas de casa, e através delas o ensinamento do Senhor adentrou os alojamentos femininos sem escândalo”¹²⁸. Embora elas também tenham se destacado atuando dentro de suas próprias casas, sobretudo no trabalho de evangelização, muitas mulheres foram reconhecidas no início do cristianismo em várias frentes de atuação, a saber: as viúvas, as diaconisas, as mártires, as virgens, as monjas, e as teólogas.

As mulheres tiveram influência e participação decisivas na propagação do cristianismo, sobretudo, quando começaram o trabalho missionário na própria casa, convertendo os maridos e os demais familiares. Conforme o papa Bento XVI, “a história do cristianismo teria tido um desenvolvimento muito diferente, se não houvesse a generosa contribuição de muitas mulheres”¹²⁹. Um trecho da primeira carta de Pedro é interessante, pois, ao mesmo tempo, em que destaca a submissão das mulheres aos seus maridos, deixa explícito também que, mesmo sem o direito de falar, as mulheres, pelo modo de vida, eram modelos a serem seguidos pelos maridos (1 Pd. 3,1-2). Mesmo apesar do silêncio, nos primórdios do cristianismo, as mulheres já demonstravam exercerem uma autoridade espiritual com o seu modo de vida, pois, começavam o trabalho missionário na própria casa, ou seja, “nas origens das conversões ao cristianismo, numa família, pode-se, muitas vezes, perceber o papel das mulheres”¹³⁰.

¹²⁷ REIMER, I.R., Maria, Jesus e Paulo com as mulheres, p. 77.

¹²⁸ FERGUSON, J. (Trad.), The Fathers of the Church, p. 289.

¹²⁹ BENTO XVI, PP. Audiência geral, 14 de fevereiro de 2007.

¹³⁰ ALEXANDRE, M., Do anúncio do reino à Igreja, p. 554.

2.2

Paulo e as mulheres: uma relação ainda mal compreendida.

Os escritos paulinos ainda são motivos de acirradas polêmicas exegéticas e teológicas, sobretudo, em relação à verdadeira autoria dos mesmos e nas questões envolvendo as mulheres. Será que Paulo, conforme deixou subentendido em alguns de seus escritos, tinha realmente a intenção de segregar a participação das mulheres, no seguimento do cristianismo? Ou, pelo contrário, foi um grande defensor e incentivador da presença feminina, caminhando ao lado de várias mulheres ao longo de sua atividade missionária? Conforme o Papa Bento XVI, “devemos a São Paulo uma mais ampla documentação sobre a dignidade e sobre o papel eclesial da mulher”¹³¹.

Na primeira carta aos Coríntios, ele deixou algumas recomendações sobre a boa ordem na assembleia, dentre elas, uma norma específica sobre o comportamento das mulheres (1 Cor 14,34-35). Essa passagem, por exemplo, pode deixar transparecer uma misoginia da parte de Paulo, sobretudo em relação às funções que as mulheres poderiam, ou não, exercer no culto. Porém, antes de transmitir de que maneira as mulheres deveriam proceder na assembleia, Paulo também já havia advertido aos que exerciam algum tipo de carisma (1 Cor 14,26-33). De acordo com João Crisóstomo, “se não concede simplesmente licença de falar aos possuidores de carismas, nem no momento que quisessem, apesar de movidos pelo Espírito, muito mais a tagarelice de maneira inconsiderada e vã”¹³². Orígenes, comentando a posição de Paulo nesta perícopes, revisita algumas mulheres, tais como Débora, Maria, a irmã de Arão e Hulda do Antigo Testamento, e as filhas de Felipe do Novo Testamento, que, embora profetizas, não exerciam o seu carisma na assembleia: “Se, portanto, mesmo uma mulher pode ser dada como profetiza com base em um sinal profético, ainda assim não é permitido a ela falar na assembleia”¹³³.

Podemos supor que a principal preocupação de Paulo era orientar a comunidade de Corinto, a fim de que a ordem fosse preservada enquanto a assembleia estivesse reunida. É uma perícopes complexa e controversa, mas é preciso considerar que a Escritura é lida, em cada época, com olhos próprios, de

¹³¹ BENTO XVI, PP. Audiência geral, 14 de fevereiro de 2007.

¹³² JOÃO Crisóstomo, Comentário às Cartas de São Paulo/2, p. 528.

¹³³ BRAY, G., La Bibbia commentata dai Padri, NT 7, p. 201.

modo que menções positivas às mulheres, em outras cartas paulinas, podem não ter sido devidamente observadas¹³⁴.

Ao analisar a personalidade de Paulo é preciso fazer uma leitura abrangente dentro de seu devido contexto, tanto do ponto de vista religioso, quanto cultural, pois só assim será possível constatar que na vida e na obra do Apóstolo dos Gentios, “não há lugar nem para o misogenismo, nem para um feminismo *ante litteram*, muitas vezes atribuídos a Paulo por tendências ideológicas opostas”¹³⁵. O fato é que Paulo, em todas as suas cartas, deixou registrado os nomes de várias mulheres que, certamente, “tiveram grande influência na vida da Igreja”¹³⁶. A carta a Filemon, por exemplo, é também dirigida a Ápia, uma irmã amada por Paulo, e que, nas palavras do papa Bento XVI, “na comunidade de Colossos ela devia ocupar um lugar de relevo; de qualquer forma, é a única mulher mencionada por Paulo entre os destinatários de uma de suas cartas”¹³⁷.

Em uma perícope da carta aos Gálatas, por exemplo, Paulo declarou, explicitamente, que não existe mais distinção entre o homem e a mulher (Gl 3,28), pois, em Jesus está consumada a unidade da fé, de modo que, conforme Jerônimo, uma vez revestidos de Cristo, todos são, independentemente de raça ou condição, atingidos pelo mesmo fogo¹³⁸. De acordo com João Crisóstomo, “todos tendes uma só forma, um só modelo, a saber, o de Cristo”¹³⁹. Ou seja, conhecendo outros escritos paulinos, é possível constatar que, ao contrário do que é difundido, as mulheres tiveram um lugar de destaque na vida e obra de Paulo. A acusação de misoginia é, no mínimo, injusta, pois Paulo oferece um amplo destaque à figura feminina, tanto que, nas suas cartas, ele fez questão de mencionar o nome de várias mulheres, indicando que elas desempenharam papéis relevantes nas comunidades cristãs daquele período¹⁴⁰. Se Paulo fosse mesmo um misógino, certamente ele não teria citado e, muito menos, tido a companhia de tantas mulheres ao seu redor.

No relato de Atos dos Apóstolos, Lídia, vendedora de púrpura da cidade de Tiatira, aparece com destaque, ao ser a primeira europeia convertida por Paulo (At 16,14-15), tornando-se, assim, “uma apóstola de primeira grandeza para a

¹³⁴ BAUMERT, N., Mulher e homem em Paulo, p. 161.

¹³⁵ FABRIS, R., Paulo, p. 81.

¹³⁶ KUYPER, A., Mulheres da Bíblia, p. 213.

¹³⁷ BENTO XVI, PP. Audiência geral, 14 de fevereiro de 2007.

¹³⁸ DELL'OSSO, C., La Bibbia commentata dai Padri, NT 8, p. 73.

¹³⁹ JOÃO Crisóstomo, Comentário às Cartas de São Paulo/1, p. 612.

¹⁴⁰ RAIOLA, D., La donna nel cristianesimo primitivo, p. 17.

evangelização primitiva e para a expansão das comunidades cristãs no mundo dos gentios”¹⁴¹. No relato, Lúdia, já era uma adoradora, pois Deus lhe abrira o coração. De acordo com João Crisóstomo, declarar-se sinceramente era obra de Deus, mas juntar-se ao trabalho dos apóstolos era a contrapartida da mulher. Deste modo, a conversão e o trabalho apostólico de Lúdia foram uma obra, ao mesmo tempo, divina e humana¹⁴². Ainda conforme Crisóstomo, Lúdia era uma mulher amante da sabedoria e que, após batizada, recebeu os Apóstolos em casa com uma oração mais fervorosa do que aquela de Abraão (Gn 18, 2-3), demonstrando, assim, ser verdadeiramente uma mulher de fé¹⁴³. Em Lúdia, temos o exemplo de uma mulher com autoridade dentro da sua própria casa, ao ser ela quem consegue converter os seus familiares e isso, de acordo com Ladislao, “não pode ter sido realizado por uma imposição, mas, pensando melhor, através de uma evangelizadora que começa pela comunidade mais próxima: a família”¹⁴⁴. Provavelmente, de acordo com O’Connor, a casa de Lúdia, em Filipos, “foi onde os cristãos se reuniram pela primeira vez”¹⁴⁵.

Considerando que a púrpura era um corante muito caro e, por isso, fosse utilizado apenas pelos que faziam parte das classes mais abastadas, Lúdia, provavelmente, pertencia a uma alta classe mercantil¹⁴⁶, porém, conforme Crisóstomo ela era uma mulher que trabalhava com a força dos seus braços e que tinha amor pela sabedoria¹⁴⁷. Assim, nos escritos paulinos, é possível identificar que algumas mulheres ricas também faziam parte do movimento cristão, contribuindo não apenas financeiramente, mas atuando como líderes e missionárias, trabalhando pela causa do evangelho¹⁴⁸. A presença de mulheres da alta classe no movimento cristão¹⁴⁹ é um forte indício de que “tais mulheres podiam influenciar seus esposos a proteger a Igreja”¹⁵⁰. Por exemplo, um pouco mais adiante, no século

¹⁴¹ ARNS, P.E.; GORGULHO, G.; ANDERSON, A.F., *Mulheres da Bíblia*, p. 188.

¹⁴² PILARA, G.; MAGGIULLI, I., *La Bibbia commentata dai Padri*, NT 5 p. 289.

¹⁴³ PILARA, G.; MAGGIULLI, I.; *La Bibbia commentata dai Padri*, NT 5 p. 290.

¹⁴⁴ LADISLAO, M.G., *As mulheres na Bíblia*, p. 62.

¹⁴⁵ O’CONNOR, J.M., *Paulo de Tarso*, p. 88.

¹⁴⁶ AQUILINA, M.; BAILEY, C. *Madres da Igreja*, p. 35.

¹⁴⁷ PILARA, G.; MAGGIULLI, I.; *La Bibbia commentata dai Padri*, NT 5 p. 290.

¹⁴⁸ FIORENZA, E.S., *As origens cristãs a partir da mulher*, p. 192.

¹⁴⁹ No século IV, por exemplo, as cristãs da elite romana, foram destacadas por Paládio, na *História Lausiaca* (419-420). Encontravam-se relacionadas as esposas, as filhas ou as viúvas ricas que optavam por uma vida de pobreza, virgindade e castidade, cujos bens eram distribuídos em favor da Igreja (COSTA, S.R., *A ordem das viúvas ontem e hoje*, p. 215-229).

¹⁵⁰ STARK, R., *O crescimento do cristianismo*, p. 114.

III, Marcia, a concubina do imperador Cômodo, conseguiu convencê-lo a decretar liberdade para o futuro papa Calixto, livrando-o das minas da Sardenha.

Outras duas mulheres também mereceram destaque nos escritos paulinos: Evódia e Síntique (Fl 4,3): “Exorto Evódia e exorto Síntique que pensem concordemente no Senhor”. Embora o texto indique uma possível desavença entre essas duas mulheres, não é possível concluir o motivo, mas o elemento principal é que elas lutaram pela causa do Evangelho com Clemente e outros auxiliares. De acordo com O’Connor “o verbo usado por Paulo descreve a atividade das duas mulheres como a de “atletas”. Dá a ideia da energia e do compromisso que investiram na difusão do evangelho”¹⁵¹. João Crisóstomo comenta que, nesta passagem, Paulo não está elogiando as mulheres por causa amizade, mas em virtude das boas obras: “Porque me ajudaram. O que dizes? Mulheres ajudaram na luta? Sim, diz ele. Não foi pequena a parte com que contribuíram”¹⁵².

Crisóstomo oferece ainda outra interpretação relevante para a perícope, demonstrando que as duas mulheres, citadas por Paulo, tinham uma posição de destaque na comunidade de Filipos: “Parece-me que essas mulheres eram chefes daquelas Igrejas, e recomenda-as a um homem igualmente admirável, que ele denomina “companheiro”; costumava recomendar-lhe, enquanto colaborador, soldado, participante e irmão”¹⁵³.

Não restam dúvidas de que Paulo coloca as mulheres no mesmo patamar do que os homens, sobretudo no trabalho de difusão do evangelho, pois todas elas eram seguidoras de Cristo e “a ideia de que elas pudessem ser menos capazes do que os homens, nunca passou por sua cabeça”¹⁵⁴. Crisóstomo complementa afirmando que as mulheres ajudaram Paulo na luta e que não foi pequena a parte com que contribuíram: “Embora fossem muitos os seus colaboradores, igualmente entre muitos também elas colaboraram. Daí os que eram comprovados, tanto homens, como mulheres, usufruíram de muita honra da parte dos demais, e sucedeu muita coisa boa”¹⁵⁵.

Não eram poucas as mulheres que faziam parte da Igreja nos seus primórdios, tanto que, no final da carta de Paulo aos Romanos (Rm 16,1-16), quando faz as suas

¹⁵¹ O’CONNOR, J.M., Paulo de Tarso, p. 89

¹⁵² JOÃO Crisóstomo, Comentário às Cartas de São Paulo/3, p. 496.

¹⁵³ JOÃO Crisóstomo, Comentário às Cartas de São Paulo/3, p. 495.

¹⁵⁴ O’CONNOR, J.M., Paulo de Tarso, p. 89.

¹⁵⁵ JOÃO Crisóstomo, Comentário às Cartas de São Paulo/3, p. 496.

saudações gerais e a apresentação da diaconisa Febe, são mencionadas dez mulheres: Prisca, Maria, Júnia, Trifena, Trifosa, Pérside, a mãe de Rufo, Júlia, a irmã de Nereu e Olimpás. De acordo com Ströher, Júnia foi a única mulher a receber o título de apóstola no Novo Testamento¹⁵⁶. Nas palavras de João Crisóstomo, comentando a respeito de Júnia, “como devia ser grande a sabedoria desta mulher para receber o título de apóstolo”¹⁵⁷. É relevante a portadora da carta ter sido, certamente, uma mulher, ou seja, Febe, diaconisa da igreja de Cencreia (Rm 16, 1). Conforme Arruda, “assim como havia sido patrona da associação à qual pertencera, Febe tornou-se patrona, *prostatis*, da igreja de Cencreia. Ela atuava em favor dos membros da igreja, sobretudo os mais necessitados”¹⁵⁸. De acordo com Pseudo-Constâncio, Paulo mostra “como nenhuma distinção deve ser aceita ou criada entre homem e mulher, quando ele envia cartas aos romanos por meio de uma mulher e na mesma carta envia suas saudações a outra mulher”¹⁵⁹.

Deste modo, o relato serve para, em primeiro lugar, demonstrar a relevância que as mulheres exerceram no ministério de Paulo e, depois, para comprovar que, nas comunidades cristãs, as mulheres eram importantes e valorizadas, ao contrário do que acontecia na sociedade. Conforme João Crisóstomo, as mulheres cristãs, sobretudo aquelas citadas por Paulo, eram mais “impetuosas que leões, assumindo com os apóstolos parte dos trabalhos da pregação; por isso peregrinavam com eles e serviam em todo o restante”¹⁶⁰. Esta perícopa da carta de Paulo aos Romanos merece uma reflexão mais aprofundada, não apenas nos círculos acadêmicos, mas, sobretudo, nas pastorais, pois o mesmo, de acordo com Reimer, não é “ensinado nas catequese nem anunciado publicamente nas igrejas e não serve para referenciar doutrinas e diretrizes acerca de ministérios femininos”¹⁶¹. De acordo com Orígenes, esta perícopa da carta de Paulo possibilita demonstrar que as mulheres estavam inseridas, de alguma forma, nos ministérios da Igreja e muito colaboraram, merecendo, assim, receberem o mesmo louvor devido aos apóstolos¹⁶².

Um fato interessante diz respeito ao tratamento que Paulo concedeu ao casal Priscila, também chamada de Prisca, e Áquila (Rm 16,3). Em duas cartas paulinas

¹⁵⁶ STRÖHER, M.J., *A Igreja na casa dela*, 24.

¹⁵⁷ JOÃO Crisóstomo, *Comentário às Cartas de São Paulo*/1, p. 513.

¹⁵⁸ ARRUDA, L.F., *Mulheres na vida de Paulo*, p. 30.

¹⁵⁹ RIZZI, M; PIZZI, M.B., *La Bibbia commentata dai Padri*, NT 6, p. 541

¹⁶⁰ JOÃO Crisóstomo, *Comentário às Cartas de São Paulo*/1, p. 512.

¹⁶¹ REIMER, I.R., *Maria, Jesus e Paulo com as mulheres*, p. 83.

¹⁶² RIZZI, M; PIZZI, M.B., *La Bibbia commentata dai Padri*, NT 6, p. 541.

(Rm 16,3 e 2Tm 4,19), o nome da esposa é mencionado antes do seu marido, deixando claro que, para Paulo, não existia a questão do homem ser mais importante do que a mulher¹⁶³. O fato de o apóstolo tê-los denominado como colaboradores na missão indica que, conforme João Crisóstomo, eles foram companheiros em grandes trabalhos, assim como participantes nos mesmos perigos que os cristãos enfrentavam naquele período¹⁶⁴. Neste ponto, é possível inferir a questão do martírio, no qual, as mulheres enfrentavam com a mesma coragem dos homens, mas, essa questão será abordada mais adiante. O fato é que, certamente, Prisca tinha uma personalidade forte e exercia uma liderança, com o seu marido, na comunidade, pois, caso contrário, ela não teria sido nomeada tantas vezes no Novo Testamento, tais como em At 18,2-3, Rm 16,3-5, 1 Cor 16,19 e 2 Tm 4,19. Ao comentar as virtudes de Prisca, João Crisóstomo fez uma declaração impactante:

Qual rainha, dize-me, alguma vez brilhou tanto? Qual é proclamada como a esposa do fabricante de tendas? Ela é proferida pelos lábios de todos, não por dez, nem por vinte anos, mas até a vinda de Cristo; e todos a exaltam a respeito daqueles feitos que a ornaram mais do que um diadema real. O que pode ser maior, o que é igual à auxiliar de Paulo, que, enfrentando perigos, salvou o doutor do orbe? Calcula quantas rainhas caem no esquecimento; a esposa do fabricante de tendas em toda parte é celebrada com seu esposo, e em todo orbe sob a luz do sol esta mulher é louvada: persas, citas, trácios e os habitantes dos confins da terra, cantam a sabedoria desta mulher e a proclamam feliz¹⁶⁵.

Prisca, é um dos exemplos de que as mulheres tinham, verdadeiramente, uma autoridade espiritual, reconhecida pelo próprio Paulo. Em relação à Prisca, conforme o Papa Bento XVI, “perpetua-se a memória de uma mulher, que certamente foi uma pessoa ativa e de muito valor na história do cristianismo romano”¹⁶⁶. Ammonio de Alexandria (séc. V) destacou a autoridade de Prisca no ensino da Sagrada Escritura, pois Apolo, embora fosse culto e bem versado, não considerou inútil aprender a plenitude da fé de uma mulher¹⁶⁷. É relevante destacar que no final da primeira carta aos Coríntios (1 Cor 16, 19), quando Paulo saúda Áquila e Prisca, fica demonstrado que os cristãos se reuniam nas casas para as suas reuniões e celebrações. Conforme o Ambrosiaster (séc. IV), podemos falar em duas comunidades, ou seja, uma pública e outra doméstica: “Diz “público” onde todos concordam, “doméstico” onde são reunidos pela amizade. Onde quer que o

¹⁶³ AQUILINA, M; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 36.

¹⁶⁴ JOÃO Crisóstomo. *Comentário às cartas de São Paulo*/1, p. 504.

¹⁶⁵ JOÃO Crisóstomo. *Comentário às cartas de São Paulo*/1, p. 505.

¹⁶⁶ BENTO XVI, PP. Audiência geral, 07 de fevereiro de 2007.

¹⁶⁷ PILARA, G.; MAGGIULLI, I., *La Bibbia commentata dai Padri*, NT 5, p. 325.

presbítero celebre o sacrifício, diz-se “Igreja”¹⁶⁸. E não restam dúvidas de que, sobretudo em âmbito doméstico, as mulheres eram protagonistas e, certamente, as responsáveis pela organização daqueles espaços.

No final da carta aos Romanos, Paulo deixou uma recomendação que atualmente ainda gera controvérsias, no que diz respeito ao ministério diaconal das mulheres (Rm 16,1). A polêmica é em torno da verdadeira função exercida por Febe na comunidade, ou seja, a qual tipo de diaconia Paulo estava se referindo? Independentemente da função exercida por uma diaconisa, naquele período, a recomendação feita por Paulo indica que Febe, certamente, tinha uma autoridade na Igreja de Cencreia e, também, representa “o dado mais significativo da atuação das mulheres em Paulo, pois nela se encontram o papel de benfeitora e de liderança local”¹⁶⁹. João Crisóstomo colocou Febe no mais alto grau de reverência, ao comentar que ela devia ser recebida bem pela comunidade por dois motivos, a saber: “por causa do Senhor e porque é santa”¹⁷⁰.

Orígenes fez uma importante exegese neste sentido, comentando a respeito da diaconia exercida por Febe: “Esta passagem também ensina com autoridade apostólica como as mulheres também são constituídas no ministério da Igreja”¹⁷¹. Nas palavras de Teodoreto de Ciro (séc. V), Febe, por conta de sua atuação, ficou conhecida em toda a terra¹⁷². Nas palavras de Pelágio (séc. V) fica constatado de que maneira o trabalho das mulheres era devidamente reconhecido: “As diaconisas são ministras para outras mulheres: no batismo ou mesmo no ministério da palavra, pois descobrimos que as mulheres ensinaram privadamente, como Priscila, cujo marido se chamava Áquila”¹⁷³.

A diaconia não deve ser vista, sobretudo naquele período, apenas como um serviço prestado no altar e na liturgia, mas tem um significado mais abrangente, indicando que as mulheres, como discípulas cristãs, eram também líderes e, ao mesmo tempo, servidoras, modelos da autêntica ortopraxis¹⁷⁴.

¹⁶⁸ PENNACCHIO, C., *La Bibbia commentata dai Padri*, NT 7, p. 251.

¹⁶⁹ CAVALCANTI, J.B., *Mulheres nos cristianismos paulinos*, p. 26.

¹⁷⁰ JOÃO Crisóstomo. *Comentário às Cartas de São Paulo*/1, p. 502.

¹⁷¹ RIZZI, M.; PIZZI, M.B., *La Bibbia commentata dai Padri*, NT 6, p. 539.

¹⁷² RIZZI, M.; PIZZI, M.B., *La Bibbia commentata dai Padri*, NT 6, p. 540.

¹⁷³ RIZZI, M.; PIZZI, M.B., *La Bibbia commentata dai Padri*, NT 6, p. 539.

¹⁷⁴ FIORENZA, E.S., *As origens cristãs a partir da mulher*, p. 366.

2.3

As mulheres fortes, e escondidas, na literatura apócrifa.

A literatura apócrifa também irá contribuir para moldar a personalidade das cristãs, sobretudo nos primeiros quatro séculos, pois, através desses escritos não canônicos, é possível conhecer, com detalhes, a vida de grandes mulheres fortes, como, por exemplo, Tecla, retratada nos Atos de Paulo e Tecla, e, da mesma forma, conhecer um pouco mais a respeito de Maria Madalena, apóstola e não prostituta, através do Evangelho de Maria Madalena. Porém, ao fazer a leitura de um livro apócrifo, o leitor não pode deixar de considerar que está diante de diversos gêneros literários, assim como acontece com os livros canônicos, pois, dentro do contexto específico dos gêneros, de acordo com Faria, “cada um deles tem o seu modo próprio de ensinar e transmitir uma visão de fé”¹⁷⁵.

É preciso também fazer uma distinção entre um livro apócrifo aberrante e o apócrifo complementar. O primeiro exagera demasiadamente em fatos sobre Jesus e os discípulos, ou caminha em um sentido completamente oposto aos escritos canônicos. O segundo serve tanto para complementar o conteúdo do texto canônico, quanto para ratificar, uma posição do cristianismo¹⁷⁶. Não se deve descuidar do apreço devido para com os livros apócrifos, pois é um erro considerar que todo livro desse gênero é herético, já que, comprovadamente, conforme Drobner, “muitos apócrifos contêm fundamentos seguros da teologia e da piedade eclesial, entre outras, da mariologia”¹⁷⁷.

2.3.1

Maria Madalena, Apóstola dos Apóstolos, e não uma prostituta.

No texto canônico, a pessoa de Maria Madalena está posta em duas situações, a saber: é uma das mulheres que estavam aos pés da cruz (Jo 19, 25) e foi a primeira testemunha da ressurreição de Jesus (Jo 20, 18). Conforme Haskins, esta foi “a maneira pela qual Maria Madalena apareceu pela primeira vez aos primeiros cristãos, como uma das portadoras de mirra, ungidoras de Cristo ou portadoras de unguentos, e testemunha do princípio central da fé”¹⁷⁸. Hipólito de Roma apresenta

¹⁷⁵ FARIA, J.F., Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos, p. 39.

¹⁷⁶ FARIA, J.F., Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos, p. 42.

¹⁷⁷ DROBNER, H.R., Manual de Patrologia, p. 26.

¹⁷⁸ HASKINS, S., Mary Magdalen, p. 60.

uma interessante comparação entre Maria Madalena e Eva: “Assim como a velha Eva havia perdido seu direito à árvore-da-vida no Jardim do Éden, Maria Madalena agora se apega apaixonadamente a Cristo, tendo-o encontrado a árvore-da-vida no jardim da Páscoa, onde a vida ressurge”¹⁷⁹. Na mesma linha de comparação, Hipólito comenta que “a Sinagoga, a Igreja dos Judeus, representada pela primeira Eva, foi superada, e a Igreja de Cristo — simbolizada por Maria Madalena, ou Marta Maria, a Nova Eva e Apóstola dos Apóstolos — foi glorificada”¹⁸⁰.

Porém, a imagem que acabou prevalecendo no meio popular é a de Maria Madalena como a prostituta arrependida. Independentemente da questão exegética, o fato é que Maria Madalena é uma mulher forte, que carrega em sua personalidade os traços característicos dos apóstolos, ou seja, depois de sua conversão (Lc 8,2), acompanhou Jesus até o final e, além de ter sido chamada pelo nome, recebeu a missão de anunciar a ressurreição¹⁸¹. A literatura apócrifa é uma fonte importante, que serve para comprovar que Maria Madalena foi um modelo para os cristãos.

No ano de 1945, na biblioteca de Nag Hammandi¹⁸² no Alto Egito, foi descoberto o evangelho apócrifo de Maria Madalena, escrito, provavelmente, no ano de 150 d.C. O objetivo principal do texto é demonstrar de que maneira Maria Madalena transmitiu aos apóstolos a mensagem recebida diretamente de Jesus. A leitura do apócrifo abre outras perspectivas para despontarem novos traços da personalidade de Maria Madalena.

O evangelho narra que Pedro e André reagiram negativamente ao fato de Maria Madalena ser a transmissora, pois não aceitaram receber a mensagem de uma mulher, sobretudo na condição de mestra e apóstola¹⁸³, uma vez que consideravam estranhas as ideias recebidas¹⁸⁴. Além disso, não estaria, por detrás da recepção negativa dos outros apóstolos, que a liderança exercida por uma mulher tenha sido motivo de ciúmes entre os demais?¹⁸⁵ Maria Madalena não se curvou diante do

¹⁷⁹ HASKINS, S., *Mary Magdalen*, p. 62.

¹⁸⁰ HASKINS, S., *Mary Magdalen*, p. 63.

¹⁸¹ FARIA, J.F., *O outro Pedro e a outra Madalena segundo dos Apócrifos*, p. 123.

¹⁸² Biblioteca descoberta no Alto Egito, “que compreende 53 escritos traduzidos do grego para o copta, gnósticos em grande parte. Essa biblioteca forneceu particularmente 41 textos gnósticos antes desconhecidos, que constituem um testemunho fundamental relativo ao movimento gnóstico e representam vários gêneros literários: a oração, o apocalipse, os diálogos do Ressuscitado com os discípulos, a coletânea de sentenças de Jesus, o tratado teológico” (MORESCHINI, C.; NORELLI, E. *Manual de literatura cristã antiga grega e latina*, p. 97).

¹⁸³ FARIA, J.F., *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos*, p. 80.

¹⁸⁴ PROENÇA, E. (Org.), *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*, p. 533.

¹⁸⁵ FARIA, J.F., *As origens apócrifas do cristianismo*, p. 29.

comportamento de Pedro, respondendo com firmeza ao seu questionamento¹⁸⁶. Após uma intervenção de Levi, ao final do texto¹⁸⁷, os apóstolos saíram e começaram a pregar a mensagem de Jesus, animados pela exortação de Maria Madalena.

Em alguns pontos do evangelho de Maria Madalena, é possível identificar uma teologia não ortodoxa, quando, por exemplo, seguindo uma corrente gnóstica daquele tempo, nega a existência do pecado original. Porém, o fato relevante encontrado no texto consiste em demonstrar a autoridade que Maria Madalena exercia nas comunidades, como uma grande líder, pois, independentemente da mensagem contida no texto, o que importa é a força de sua palavra. Gregório Magno, comentando a perícopes da ressurreição (Jo 20, 11-18), declarou que, do sepulcro, uma mulher proclamou a vida aos homens¹⁸⁸, comprovando, assim, o peso das palavras que saíram dos lábios de Maria Madalena.

Outros textos apócrifos também registraram o papel desempenhado por Maria Madalena na comunidade dos cristãos. O evangelho de Pedro¹⁸⁹, por exemplo, descreve que foi ela quem levou outras mulheres até o túmulo de Jesus¹⁹⁰. No evangelho de Felipe, ela é apresentada como “a portadora da revelação e encarnação da sabedoria, como a mulher que conhece o universo”¹⁹¹. Na *Pistis Sophia*¹⁹², Maria Madalena se destaca como a principal interlocutora, com Maria, a mãe de Jesus, Salomé, Marta e os apóstolos, em uma conversa com Jesus ressuscitado¹⁹³.

O evangelho apócrifo ratifica a liderança e a autoridade de Maria Madalena que, de acordo com Tepedino, exerceu um papel de protagonismo entre os seguidores de Jesus, “pois é a única mulher citada pelos quatro evangelistas em primeiro lugar, acompanha Jesus desde o início de sua missão e é a primeira a

¹⁸⁶ PROENÇA, E. (Org.), Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia, p. 533.

¹⁸⁷ PROENÇA, E. (Org.), Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia, p. 533.

¹⁸⁸ ELOWSKY, J.C., Ancient Christian commentary on Scripture, NT 4b, p. 369.

¹⁸⁹ Assim como outros textos apócrifos, o evangelho de Pedro (séc. II) não está livre de polêmicas, tendo sido acusado de ser obra de uma seita docetista. O bispo Serapião (Rhossus, atual Síria) interviu na situação: “A princípio, o bispo acreditou nesse falatório e rejeitou como falsa essa obra, cujo autor se escondia nada menos sob a autoridade do nome do apóstolo Pedro, mas depois se informou cuidadosamente sobre o assunto, e parece que se convenceu de que não era tanto assim, já que, em sua maior parte, o conteúdo desse suposto Evangelho de Pedro estava em concordância com a tradição cristã” (RIVAS, L.H. (org.) Os Evangelhos Apócrifos, p. 143).

¹⁹⁰ PROENÇA, E. (Org.) Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia, p. 596.

¹⁹¹ TEPEDINO, A.M.A.L., Discipulado de iguais, p. 165.

¹⁹² Obra dividida em quatro partes, contendo diálogos entre Jesus, Maria Madalena e outros discípulos. (MORESCHINI, C.; NORELLI, E.; História da literatura cristã antiga. Grega e latina, p. 250).

¹⁹³ FARIA, J.F., O outro Pedro e a outra Madalena segundo dos Apócrifos, p. 136.

reconhecer a visão do Senhor Ressuscitado”¹⁹⁴ e, por isso, Maria Madalena, na história, recebeu o título de “Apóstola dos Apóstolos”.

Dentre as mulheres mencionadas no Novo Testamento, Maria Madalena é a que mais se destaca, sendo citada doze vezes, até mesmo mais do que Maria, mãe de Jesus¹⁹⁵. Conforme Gregório Magno, devemos considerar o estado de espírito desta mulher, cuja fortaleza estava no seu grande amor¹⁹⁶. De acordo com Arruda, no momento em que Maria Madalena constata o túmulo vazio, “uma alegria indizível apoderou-se dela. A certeza de que Jesus estava vivo era mais do que suficiente para dar um novo sentido à sua vida”¹⁹⁷.

A autoridade concedida a Pedro, no governo da Igreja, foi por ser o primeiro a declarar que Jesus era o Cristo. A autoridade concedida à Maria Madalena, para anunciar aos demais discípulos, foi por ser a primeira que viu e conversou com Jesus ressuscitado. Enquanto Pedro tem a autoridade no pastoreio, Maria Madalena tem a autoridade no anúncio e na missão, ou seja, estamos diante de um discipulado de iguais.

O evangelho de Maria Madalena é um chamado para que os cristãos, de todos os tempos e lugares, também se coloquem em marcha e estejam de prontidão para anunciar a mensagem do Ressuscitado. Maria Madalena é um exemplo do papel apostólico que cada cristão é chamado a exercer, ou seja, “fazer o caminho que ela mesma fez e que levou a aceitar e não reter Jesus nas limitações do conhecimento histórico e a reconhecer que, ressuscitado, ele agora voltou ao Pai”¹⁹⁸. Nas palavras do papa Leão Magno (séc. V), Maria Madalena representa a Igreja. É importante destacar que o apócrifo de Madalena não está em total contradição com os escritos canônicos, mas, “complementa-os com palavras de ternura e vigor, oriundas do Mestre Jesus, muito bem compreendidas por sua amada discípula, e eterna Maria Madalena”¹⁹⁹.

¹⁹⁴ TEPEDINO, A.M.A.L., Discipulado de iguais, p. 151.

¹⁹⁵ FARIA, J.F., O outro Pedro e a outra Madalena segundo dos Apócrifos, p. 133.

¹⁹⁶ ELOWSKY, J.C., Ancient Christian commentary on Scripture, NT 4b, p. 343.

¹⁹⁷ ARRUDA, L.F., Mulheres na vida de Jesus, p. 164.

¹⁹⁸ PERRONI, M., As mulheres da Galileia, p. 34.

¹⁹⁹ FARIA, J.F., As origens apócrifas do cristianismo, p. 72.

2.3.2

Os Atos de Paulo e Tecla.

Nesta seção, apresentaremos uma nobre chamada Tecla, moradora de Icônio, atualmente Konya na Turquia, enquanto um modelo de mulher cristã forte, e de autoridade espiritual, deixando os demais aspectos, tais como, a virgindade, o ascetismo e o martírio, para serem descritos mais adiante. Conforme Hayne, no século V, Tecla poderia ser modelo não apenas de virgindade e martírio, mas também de ortodoxia, de acordo com relato de Evagrius²⁰⁰.

A obra conhecida como *Atos de Paulo e Tecla* faz parte do chamado *Atos de Paulo* e foi escrita por volta do ano 160. Pretende narrar a conversão de Tecla ao cristianismo, e o quanto foi influenciada pela pregação de Paulo, a ponto de optar pela vida casta, mesmo já estando prometida em casamento a Tamires, um político influente da cidade.

Do ponto de vista histórico, ainda persiste a polêmica a respeito da existência de Tecla. Tertuliano (séc. III) foi o primeiro a colocar em dúvida a veracidade do relato: “Saibam que foi um presbítero da Ásia que forjou este escrito, como que cobrindo a sua própria autoridade com a de Paulo”²⁰¹. Mas, independentemente das polêmicas, o fato é que Tecla se tornou um exemplo de mártir, asceta e virgem²⁰².

Ambrósio fez uma relevante comparação entre a virgem Maria e Tecla, declarando que a primeira foi um modelo de como viver, e a segunda um modelo de como se doar em sacrifício, sobretudo devido às suas escolhas em vida²⁰³. Jerônimo, em sua carta para Julia Eustóquio declarou que uma das recompensas, em levar uma vida digna, é a de ser recebida nos céus por Tecla, Maria e Jesus²⁰⁴. Agostinho, comentando sobre os diversos estados de vida, propõe Tecla como um modelo de mulher forte a ser seguida pelas demais: “Como saberá, pergunto-me, se enquanto ela mesma ainda está longe de ser tornar uma Tecla?”²⁰⁵.

A sua história ficou tão conhecida que várias “igrejas têm sido dedicadas a ela desde tempos muitos primitivos”²⁰⁶ e, de acordo com Quasten, o culto a santa Tecla é muito popular desde a antiguidade, tanto no Ocidente quanto no Oriente, e

²⁰⁰ HAYNE, L., *Thecla and the Church Fathers*, p. 214.

²⁰¹ TERTULIANO, *O Batismo* 14,4, p. 215.

²⁰² HUGHES, A.B.; COHICK, L.H., *Christian Women in the Patristic World*, p. 10.

²⁰³ AMBRÓSIO de Milão. *Concerning Virgins* III, 19, p. 824.

²⁰⁴ VALERO, J.B. (Trad.). São Jerônimo. *Epistolário* II, p. 259.

²⁰⁵ AGOSTINHO de Hipona, *A santa virgindade*, p. 158.

²⁰⁶ AQUILINA, M; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 43.

o seu nome é citado no Ritual Romano²⁰⁷. A basílica de Santa Tecla, por exemplo, foi a catedral de Milão até o ano de 1461. Conforme Cavalcanti, o culto à Tecla foi relevante e muito difundido, pois, “no Fayûm, bem como nas cidades ao longo do Nilo, papiros do século VI registram igrejas e santuários dedicados a Tecla e inscrições tumulares dão evidências de mulheres egípcias nomeadas em homenagem à apóstola”²⁰⁸. No cemitério de El Bagawat, no Egito, conhecido como um dos mais antigos cemitérios cristãos, na capela do Êxodo, encontra-se uma pintura com a cena milagrosa da chuva, relatada nos *Atos de Paulo e Tecla*, que teria livrado Tecla da morte na fogueira.

Tecla é um modelo de mulher forte e com autoridade espiritual, ao desafiar não apenas a sua família, mas toda a sociedade, tendo em vista a realização de um projeto de vida autônomo, plenamente voltado para a vivência da mensagem evangélica pregada por Paulo. De acordo com Aquilina e Bailey, Tecla seguiu o seu próprio caminho, não se importando, em nenhum momento, com o costume típico da autoridade masculina, chegando ao ponto de cortar o cabelo e vestir roupas masculinas²⁰⁹.

Sem dúvida, a história de Tecla foi um modelo para as mulheres cristãs daquele período e serviu para que toda uma geração tomasse consciência sobre a autonomia que tinham, tanto no agir, quanto no direito de pensar livremente. Conforme Cavalcanti, “além do fato de a heroína ser mulher, o papel de mulheres no APT é sublinhado por numerosas referências a apoiantes femininas de Tecla durante a sua prisão e a seus ensaios na arena”²¹⁰. Gregório de Nissa (séc. IV), na obra *Vida de Macrina*, explicou o motivo de a sua irmã ter recebido o apelido de Tecla: “E alguém com forma e brilho mais esplêndido que um ser humano apareceu e dirigiu-se à criança que ela estava carregando pelo nome de Thecla, que Thecla, eu quero dizer, que é tão famosa entre as virgens”²¹¹.

A pregação de Paulo foi o que despertou, em Tecla, o desejo de tomar o seu próprio rumo na vida. De acordo com o relato, ela chegou a ficar três dias e três noites, na janela de sua casa, ouvindo as palavras de Paulo, que pregava na casa de Onesíforo²¹². É importante destacar que, no primeiro momento, Tecla mal podia ver

²⁰⁷ QUASTEN, J., *Patrologia I*, p. 137.

²⁰⁸ CAVALCANTI, J.B., *Mulheres nos cristianismos paulinos*, p. 81.

²⁰⁹ AQUILINA, M.; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 43.

²¹⁰ CAVALCANTI, J.B., *Mulheres nos cristianismos paulinos*, p. 76.

²¹¹ COSTA, R.; ZIERER, A., *Vida de Macrina*, p. 345-359.

²¹² SOARES, C.C., *Atos de Paulo e Tecla*, p. 51.

a pessoa de Paulo, ou seja, literalmente, no seu caso, a fé chegou através da pregação (Rm 10,17). Um dado relevante, apresentado na obra, é sobre a descrição física de Paulo, que, certamente, foi a base para a iconografia posterior: “Então, ela viu Paulo se aproximando: um homem de estatura baixa, careca, de pernas arqueadas, saudável, de sobrancelhas unidas, um pouco narigudo”²¹³.

O trecho da obra que ilustra a autoridade espiritual e a força de Tecla, é a descrição do seu autobatismo, no momento em que foi jogada às feras: “Chegou o tempo oportuno para eu me lavar! Então, ela jogou-se ali, dizendo: Em nome de Jesus Cristo, eu me batizo no meu último dia”²¹⁴. Somente uma mulher, com a autoridade espiritual e a força de Tecla, poderia ter realizado tal ato.

Tertuliano, na obra *De baptismo*, escrita provavelmente no ano 198, teceu um comentário criticando a pretensão de algumas mulheres em agirem da mesma forma do que Tecla: “Mas o atrevimento da mulher que já usurpou o direito de ensinar irá até ao ponto de se atribuir o de batizar? Não, a não ser que surjam algumas novas bestas semelhantes à primeira”²¹⁵. Tertuliano foi o primeiro autor a fazer referência ao *Atos de Paulo e Tecla*²¹⁶, confirmando assim que se trata realmente de um documento antiquíssimo. Tal relato de Tertuliano serve também para demonstrar que era notória a atitude de Tecla e que, certamente, teve bastante repercussão e relevância no período.

De acordo com o relato, Paulo não quis realizar o batismo de Tecla quando ela o solicitou²¹⁷, porém, tempos depois, aceitou o autobatismo daquela mulher, pois o considerou como um sinal de sua fidelidade²¹⁸ e, mais ainda, incentivou-a para que exercesse o ofício de ensinar: “Tecla, levantando-se, disse a Paulo: “Vou para Icônio”. Paulo disse: “Vá e ensine a Palavra de Deus””²¹⁹. Essas duas atitudes de Paulo demonstram que Tecla era realmente detentora de uma autoridade espiritual e que representava uma liderança apostólica, no mesmo nível de importância exercida pelos homens. Tecla, longe de ser uma rebelde agressiva, é uma mulher honorável, forte e destemida, a ponto de, no momento em que era levada para o martírio, fazer o governador chorar e admirar-se da força que havia

²¹³ SOARES, C.C., *Atos de Paulo e Tecla*, p. 49.

²¹⁴ SOARES, C.C., *Atos de Paulo e Tecla*, p. 69.

²¹⁵ TERTULIANO, *O Batismo* 17,4, p. 215.

²¹⁶ CAVALCANTI, J.B., *Mulheres nos cristianismos paulinos*, p. 72.

²¹⁷ SOARES, C.C., *Atos de Paulo e Tecla*, p. 63.

²¹⁸ HUGHES, A.B.; COHICK, L.H., *Christian Women in the Patristic World*, p. 18.

²¹⁹ SOARES, C.C., *Atos de Paulo e Tecla*, p. 73.

nela²²⁰. Ambrósio ilustra bem de que forma a personalidade de Tecla era tão marcante para as comunidades cristãs, sobretudo do século IV: “Alguém dirá: “Por que você apresentou o exemplo de Maria, como se alguém pudesse ser encontrado para imitar a mãe do Senhor? E por que a de Tecla, a quem o Apóstolo dos Gentios treinou? Dê-nos um professor do nosso tipo, se você deseja discípulos”²²¹.

2.4

Santificação segundo o estado de vida (virgindade, matrimônio e viuvez).

Ao analisar a vida das mulheres nos primórdios do cristianismo, sobretudo entre os séculos I e IV, é preciso considerar as características socioculturais do período. Geralmente, as mulheres tinham a obrigação de se unirem em matrimônio com um varão já escolhido pela família. De acordo com Alexandre, “por volta dos doze anos, ou mesmo mais cedo, as raparigas passavam do poder paterno para o poder marital”²²². Em relação aos romanos²²³, por exemplo, o casamento era regulamentado pelo Estado e “cabia ao pater familias negociar e consumir o matrimônio dos filhos e filhas”²²⁴. Na concepção do mundo antigo, a função social da mulher estava restrita, basicamente, a ser uma reprodutora, embora na sociedade romana, como exceção, era possível encontrar lares “onde existia efetivamente, entre os esposos, uma igualdade baseada no amor mútuo”²²⁵. Com o cristianismo, a vida das mulheres passou por uma transformação quando começaram a ser dignamente consideradas, recebendo um “status mais elevado do que em qualquer outra parte do mundo clássico”²²⁶.

Gradualmente, as mulheres daquela sociedade, reconhecidamente patriarcal, foram se estabelecendo. O cristianismo tem um grande peso nesta mudança de mentalidade, mas não podemos deixar de mencionar sobre a personalidade daquelas mulheres. O matrimônio, arranjado ou não, não era mais a única opção das cristãs, ou seja, a mulher, ou grande parte, passou a exercer o seu direito de escolher o

²²⁰ DEVAL, R.G., Atos de Paulo e Tecla, p. 40.

²²¹ AMBRÓSIO de Milão. Concerning Virgins III, 19, 824.

²²² ALEXANDRE, M., Do anúncio do Reino à Igreja, p. 520.

²²³ Ao analisar o contexto em que o cristianismo emergiu, é relevante considerar a diversidade cultural, de modo que o status concedido às mulheres podia variar de uma determinada região para outra. O Direito Romano, por exemplo, definia o papel da mulher nos territórios subordinados ao império, porém, em outros povos, considerados bárbaros pelos romanos, as mulheres eram tratadas com mais dignidade e respeito (COSTA, S.R. A ordem das viúvas ontem e hoje, p. 215-229).

²²⁴ MOCELLIN, R., As mulheres na Antiguidade, p. 39.

²²⁵ ROPS, D., A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires, p. 559.

²²⁶ STARK, R., O crescimento do cristianismo, p. 111.

estado de vida que gostaria de levar. Obviamente que tal mudança de paradigma não aconteceu sem maiores controvérsias e confrontos, sendo, inclusive, o motivo de muitas cristãs terem sido levadas ao martírio.

Assim, sobretudo a partir da opção em viver uma vida consagrada a Deus, a mulher passou a ser protagonista de sua própria história. O relato da vida de Tecla, por exemplo, é relevante para demonstrar que as mulheres, gradualmente, foram conquistando a liberdade de escolher o tipo de vida que mais lhes atraísse, ou seja, a consagração total a Deus, através da virgindade, ou unir-se em matrimônio por uma livre decisão. De acordo com Cândido, às mulheres eram apresentadas duas possibilidades: “o matrimônio e a consagração virginal. Essa, porém, com dupla possibilidade de realização: no seio da família e em comunidade”²²⁷. Garantidamente, o fato é que as mulheres não apenas se santificaram, mas foram as responsáveis pela conversão das próprias famílias, segundo a escolha que faziam em relação ao estado de vida. De acordo com Silva:

A história das virtudes e as etapas de amadurecimento da concepção do ideal de perfeição ajudam a contextualizar essa problemática já no início do segundo século da era cristã, quando a literatura patrística desenvolvia e sedimentava uma série de metáforas bíblicas que ilustravam simultaneamente axiomas eclesiológicos a partir das metáforas do matrimônio, da viuvez e da virgindade, num esquema riquíssimo de significados morais²²⁸.

Assim, independentemente da escolha do estado de vida, o principal é estar alicerçado na humildade de Cristo, pois a força, tanto para a mulher casada, quanto para a virgem, assim como para a viúva, vem do Altíssimo. Conforme Silva, comentando a segunda apologia de Justino (12,4), além da salvação universal, antropologicamente, constatamos que “homens, mulheres, crianças, livres, escravos, judeus, pagãos e cristãos têm a mesma dignidade; diante de cada um foi oferecida a mesma possibilidade de conhecer a verdade e, por isso mesmo, de se chegar à perfeição”²²⁹.

A partir da ressurreição de Jesus, de acordo com Fabris, “o que conta é a relação vital com ele, o Senhor ressuscitado. Todos os cristãos, solteiros ou casados, devem ter o desejo de conseguir essa dedicação”²³⁰. Silva destaca que o principal, no processo de santificação, é a confiança na graça de Deus, pois “a perfeição cristã

²²⁷ CÂNDIDO, E.R., A mulher no pensamento de Gregório Nazianzeno, p. 209.

²²⁸ SILVA, A.L.R., Matrimônio, viuvez e virgindade, p. 98.

²²⁹ SILVA, A.L.R., Tis de su essi, p. 38.

²³⁰ FABRIS, R., A mulher na Igreja Primitiva, p. 131.

prevê um amadurecimento de vida que requer resignação, humildade e propósitos de crescimento que impulsionam homens e mulheres a superar seus próprios limites”²³¹. A *Lumen Gentium* coloca em relevo que “por livre desígnio de sabedoria e bondade, o Pai eterno criou o mundo a chamou mulheres e homens a participarem da vida divina”²³². De acordo com Agostinho, desde que a mulher confie a sua vida ao Senhor, seja como virgem ou casada, não importa se a semente irá produzir cem, sessenta ou trinta frutos (Mt 13, 23), pois “quem ousará dizer como, nas recompensas eternas, tornar-se-ão iguais ou diferentes uns dos outros?”²³³.

O estado em que cada pessoa se encontra, ou seja, vivendo a virgindade, o matrimônio ou a viuvez, não são critérios para indicar a perfeição, pois, conforme Silva, “o homem perfeito é o melhor mortal, ou seja, aquele que recebe a imortalidade. O homem imperfeito não quis viver a justiça e abandonou a imortalidade”²³⁴. O principal, sobretudo analisando os escritos dos Padres, é encontrar um equilíbrio entre os estados de vida, pois, tanto a virgem, quanto a mulher casada e a viúva, podem atingir a perfeição da virtude²³⁵.

2.4.1

A santificação pela virgindade.

Na carta aos Gálatas, Paulo declarou que “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3, 28). A partir deste conceito, as mulheres podiam reivindicar uma liberdade nunca prevista do ponto de vista social, fundamentadas na mensagem de Jesus Cristo, que nunca fez distinção entre o homem e a mulher. Assim, com o advento do cristianismo, a “moça que não se casasse deixa de ser considerada como tendo abandonado a sua função social, pois a feminilidade já não é sinônimo de sexualidade”²³⁶.

Atualmente, pelo menos do ponto de vista legal, as mulheres estão em igualdade com os homens. Com isso, é difícil perceber como a atitude de várias cristãs, nos primeiros séculos, sobretudo as que optavam pelo caminho de uma vida

²³¹ SILVA, A.L.R., Virtude, perfeição e santidade à luz do pensamento de Justino mártir, p. 748.

²³² LG 2.

²³³ AGOSTINHO de Hipona. A Santa Virgindade, p. 160.

²³⁴ SILVA, A.L.R., Tis de su essi, p. 38.

²³⁵ CÂNDIDO, E.R., A mulher no pensamento de Gregório Nazianzeno, p. 211.

²³⁶ ROPS, D., A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires, p. 559.

casta, eram consideradas revolucionárias. As mulheres que mantinham a decisão de permanecerem virgens passavam a pertencer somente a Cristo e, com isso, ganhavam uma “força que nenhuma outra coisa lhe dava no mundo antigo, ou seja, o direito de ser definida como pessoa, não como propriedade de um homem”²³⁷.

Pode parecer paradoxal, mas o aspecto esponsal será um dos mais destacados nos textos sobre a mulher que se consagra totalmente a Deus, pois tal mulher “desposa o próprio Cristo em núpcias espirituais, estabelecendo com Ele um inquebrantável laço conjugal que, se vivido no amor e na fidelidade, há de ser belo e fecundo”²³⁸. A epístola aos Efésios (Ef 5,25) fundamenta a relação entre a virgindade e a união espiritual da mulher com Cristo, pois Cristo se uniu com a Igreja de forma virginal²³⁹. Conforme Silva, “a virgindade acolhida em sua dinâmica eclesial permanece um sinal útil para o matrimônio, quando não se opõe a isso e vice-versa”²⁴⁰.

Mas é preciso considerar que o estado de virgindade não foi uma invenção do cristianismo. Em Roma, por exemplo, um dos cultos mais relevantes era o dedicado à deusa Vesta, considerada a protetora dos lares e do fogo sagrado, sendo o “mais antigo da religião romana e o que mais resistiu à influência cristã”²⁴¹. As sacerdotisas, por exemplo, eram responsáveis em manter aceso o fogo sagrado e, por boa parte da vida, aproximadamente até os trinta anos, eram obrigadas a viverem castamente. Porém, tal condição era uma exigência apenas de ordem física. Por outro lado, as cristãs que optavam pela virgindade, o faziam sem obrigação, mas por amor a Deus²⁴². Deste modo, podemos inquirir quem demonstrava mais determinação? As sacerdotisas da deusa Vesta, que eram obrigadas a guardarem a virgindade, ou as cristãs, que, aos poucos, foram adquirindo a liberdade para escolher? De acordo com Ambrósio, as virgens cristãs estavam retidas ao Cristo, não por “laços de injustiça nem com nós de corda, mas com os laços da caridade, com as rédeas do espírito e pelo afeto da alma”²⁴³. Neste aspecto, Agostinho utilizou a virgem Maria para demonstrar a liberdade das mulheres que optavam, por amor, pela virgindade: “Cristo, nascendo de uma virgem que, antes mesmo de saber de

²³⁷ AQUILINA, M; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 33.

²³⁸ CÂNDIDO, E.R., *A mulher no pensamento de Gregório Nazianzeno*, p. 96.

²³⁹ LA POTTERIE, I., *Virginité*, p. 1366-1370.

²⁴⁰ SILVA, A.L.R., *Matrimônio, viuvez e virgindade*, p. 104.

²⁴¹ ALMEIDA, R.S., *Vozes femininas no início do cristianismo*, p. 137.

²⁴² ODOBINA, L.; TIBILETTI, C., *Vergine-Verginità-Velatio*, p. 5561-5568.

²⁴³ LH vol I, p. 1070.

quem seria mãe, já tinha resolvido permanecer virgem, esse Cristo preferiu aprovar a santa virgindade a impô-la”²⁴⁴.

2.4.2

A santificação pelo matrimônio.

Até mesmo na vida dos casais era uma possibilidade, sob a concordância de ambos, sobretudo por iniciativa da mulher, a prática da continência sexual. De acordo com Agostinho, era um fato louvável uma mulher casada fazer voto de castidade por amor a Cristo, mesmo enquanto o marido estivesse vivo, desde que com o devido consentimento dele²⁴⁵. Assim, muitas mulheres também optaram em viver a castidade, mesmo dentro do matrimônio, seguindo o seu caminho de santificação. Porém, outras se santificaram, da mesma forma, ao lado dos maridos, independentemente da continência sexual. Embora alguns autores defendam a ideia de que, normalmente, os Padres colocavam o casamento debaixo da virgindade²⁴⁶, tais como Jerônimo²⁴⁷ e Tertuliano, outros Padres, como, por exemplo, Gregório de Nazianzo, declaravam que também era possível manter a pureza depois do casamento, pois a virgindade não é mais honrosa do que o matrimônio²⁴⁸.

Muitas das que ficavam viúvas decidiam não mais buscar a união com outro homem, mas permaneciam neste estado até o fim da vida. Tudo isto demonstra que as mulheres, independentemente de atuarem em alguma agregação eclesial, buscavam a santificação da vida no estado em que se encontravam, ou seja, vivendo de maneira casta, no matrimônio ou não. De acordo com Ladislao, mesmo que estejamos diante de um relevante aspecto da participação das mulheres, “o debate sobre o papel da mulher hoje, dentro da vida da Igreja, não pode se reduzir apenas ao problema do acesso aos ministérios ordenados”²⁴⁹.

As mulheres despontaram com uma grande autoridade espiritual, pois, uma vez convertidas ao cristianismo, procuraram converter também os seus esposos, uma prática muito comum por volta do século IV²⁵⁰. Paulo, na primeira carta aos Coríntios, afirmou que o “marido não cristão é santificado pela esposa” (1 Cor

²⁴⁴ AGOSTINHO de Hipona. A santa virgindade, p. 104.

²⁴⁵ AGOSTINHO de Hipona. Dos bens da viuvez, p. 243.

²⁴⁶ SALISBURY, J., Pais da Igreja, virgens independentes, p. 50.

²⁴⁷ “Tivésseis vos tornado noiva, não mais que uma província saberia de vós, ao passo que, como virgem cristã sois conhecida em todo o mundo” (SALISBURY, J., Pais da Igreja, virgens independentes, p. 51).

²⁴⁸ GREGÓRIO de Nazianzo, Sermão 40, 18, p. 573.

²⁴⁹ LADISLAO, M. G., As mulheres na Bíblia, p. 103.

²⁵⁰ STARK, R., O crescimento do cristianismo, p. 130.

7,14). Comentando tal perícopo, João Crisóstomo declarou que “a pureza da mulher vence a impureza do marido”²⁵¹. A partir da conversão do esposo, o casal caminhará lado a lado, sempre na busca por uma vida cada vez mais virtuosa²⁵². Neste aspecto é relevante destacar a importância da mulher não apenas na evangelização, mas na santificação de toda a família.

Dentro da vida matrimonial, foi graças a uma fé comunicativa, que as mulheres demonstraram a sua autoridade, pois não apenas influenciaram a conversão dos parentes mais próximos, mas também foram protagonistas na missão de transmissão da fé²⁵³. Na segunda carta a Timóteo, Paulo fez menção a duas mulheres essenciais no trabalho de evangelização dentro da própria casa: “Recordo-me também da fé sincera que há em ti, fé que habitou, primeiro em tua avó Loide e em tua mãe Eunice” (2Tm 1,5). Nas palavras de Teodoreto de Ciro “ao recordar os seus antepassados com palavras de louvor, o divino Apóstolo fortalece a fé do seu discípulo. Na verdade, nada foi tão importante quanto o exemplo dos familiares”²⁵⁴. Conforme Militello, não é o caso de colocarmos Loide e Eunice entre os mestres, *didaskalos*, com a mesma função desempenhada por “Lídia (At 16, 14-15.40) e mais ainda por Priscila no seu ato de instruir Apolo (At 18,26)?”²⁵⁵

A mulher cristã será o apoio do homem na vida conjugal, sem nunca, no entanto, deixar que o amor a Deus seja ultrapassado pelo amor ao marido²⁵⁶. A união do homem e da mulher, no matrimônio, representa, para Agostinho, a primeira sociedade estabelecida por Deus, ao estarem ligados, “não apenas pela semelhança da natureza, mas também pelos laços do parentesco”²⁵⁷. Ainda nas palavras de Agostinho, “é maior o bem da obediência que o bem da continência. Em parte alguma das Escrituras o matrimônio é condenado, enquanto a desobediência é sempre reprovada”²⁵⁸. A reprovação ao matrimônio será difundida, sobretudo, no contexto das heresias surgidas nos primeiros séculos do cristianismo como, por exemplo, o encratismo. Conforme Eusébio, esses “pregavam a abstenção do matrimônio, rejeitando a primitiva instituição divina e acusando tacitamente

²⁵¹ JOÃO Crisóstomo. Comentário às Cartas de São Paulo/2, p. 255.

²⁵² CÂNDIDO, E.R., A mulher no pensamento de Gregório Nazianzeno, p. 212.

²⁵³ ALEXANDRE, M., Do anúncio do reino à Igreja, p. 553.

²⁵⁴ GORDAY, P., La Bibbia commentata dai Padri, NT 9, p. 316.

²⁵⁵ MILITELLO, C., O movimento de Jesus e os carismas das mulheres, p.41-53.

²⁵⁶ CÂNDIDO, E.R., A mulher no pensamento de Gregório Nazianzeno, p. 100.

²⁵⁷ AGOSTINHO de Hipona. Dons bens do matrimônio, p. 30.

²⁵⁸ AGOSTINHO de Hipona. Dons bens do matrimônio, p. 63.

aquele que fez o homem e a mulher ordenados à finalidade da procriação”²⁵⁹. No âmbito matrimonial, a mulher forte é aquela que se sobressai por sua vida de entrega a Deus, na qual o brilho será irradiado na vida dos demais familiares.

De acordo com Silva, é preciso enxergar o matrimônio, sobretudo, a partir da dimensão para a qual ele nasceu, ou seja, a eclesial, pois desprezar tal dimensão faz com que os modelos de interpretação do matrimônio fiquem desgastados e enfraquecidos, “ao passo que, dentro da mesma perspectiva, amadurecem e se fortalecem. O mesmo se dirá sobre todas as outras vocações”²⁶⁰. De acordo com Jerônimo, “os casados também têm o seu lugar bem marcado na Igreja; as bodas são dignas de todo o respeito e o leito nupcial é absolutamente digno e puro”²⁶¹.

A obra de Tertuliano, *À Minha Esposa*, escrita por volta do ano 205, descreve os problemas que poderiam ocorrer, quando uma cristã decidia unir-se em matrimônio com um pagão: “Mas como poderá ela servir dois senhores, o Senhor e o seu marido... pagão? Se ela se orienta pela vontade de um pagão, mostrará valores pagãos...”²⁶². Porém, é um texto relevante para demonstrar de que maneira as mulheres cristãs buscavam uma vida santa, sobretudo, na prática da caridade. Tertuliano indagava se um homem pagão entenderia as atitudes de uma esposa cristã: “Quem deixará sua esposa percorrer os abrigos mais distantes e mais pobres da cidade para visitar os nossos irmãos?”²⁶³. Além deste aspecto, a obra de Tertuliano é relevante para demonstrar que as mulheres participavam ativamente das celebrações litúrgicas: “Quem, finalmente, suportará, tranquilo, que (a sua esposa) saia de noite para ir às solenidades da Páscoa?”²⁶⁴. Em outra passagem, Tertuliano igualará o valor do homem e da mulher no matrimônio cristão: “Ambos são iguais na Igreja de Deus, iguais no banquete de Deus, iguais nas provações, nas perseguições, nas consolações”²⁶⁵. Nas palavras de Agostinho “tanto as mulheres fiéis casadas como as virgens consagradas são espiritualmente mães de Cristo pela santidade de seus costumes, por cumprirem a vontade do Pai”²⁶⁶.

²⁵⁹ EUSÉBIO de Cesareia. História Eclesiástica IV, 29, 2.

²⁶⁰ SILVA, A.L.R., Matrimônio, viuvez e virgindade, p. 100.

²⁶¹ JERÔNIMO. Cartas espirituais. Carta 22 a Eustáquia, p. 22.

²⁶² TERTULIANO. À minha esposa, II, 3,4, p. 228.

²⁶³ TERTULIANO. À minha esposa, II, 4,2, p. 228.

²⁶⁴ TERTULIANO. À minha esposa, II, 4,2, p. 229.

²⁶⁵ TERTULIANO. À minha esposa, II, 8,8, p. 230.

²⁶⁶ AGOSTINHO de Hipona, A santa virgindade, p. 106.

2.4.2.1

Castidade no matrimônio

É relevante destacar que, além da vida consagrada, algumas mulheres também tomavam a decisão de viver a castidade dentro do matrimônio, neste caso, no sentido de praticar a continência sexual. Conforme Ambrósio, a disciplina da Igreja previa três formas para viver a castidade ou a continência, a saber: “a primeira, entre os esposos; a segunda, da viuvez; a terceira, da virgindade”²⁶⁷, porém, uma forma não deveria ser considerada superior às outras. Em relação aos diversos modos de viver a continência sexual, é importante recordar as palavras de Jesus a respeito do estado de vida dos seus seguidores: “Há eunucos que nasceram assim do ventre materno. E há eunucos que foram feitos eunucos pelos homens. E há eunucos que se fizeram eunucos por causa do Reino de Deus” (Mt 19,12). De acordo com Jerônimo, na questão da castidade, cada um, homem e mulher, sabe exatamente aquilo que deve fazer: “Cada um considere as próprias forças e veja se tem condições de cumprir os preceitos virginais e da pudicícia”²⁶⁸.

As cristãs que tomavam a decisão de manter a continência sexual ao lado dos maridos personificavam as mulheres fortes, e com autoridade, dentro da própria casa²⁶⁹. Para essas mulheres, de acordo com Salisbury, a preservação de um estado de vida casto, era o motivo para reconhecer o poder que elas detinham, tanto sobre os seus próprios corpos, quanto sobre suas vidas²⁷⁰. De acordo com Agostinho, era um fato louvável uma mulher casada fazer voto de castidade por amor a Cristo, mesmo enquanto o marido estivesse vivo, desde que com o devido consentimento dele²⁷¹. Porém, acima deste aspecto, encontrava-se outro ainda mais precioso, e mais significativo do ponto de vista da autoridade espiritual exercida pelas mulheres, ou seja, a escolha por uma vida casta tinha como fundamento o amor ao Reino dos Céus.

Agostinho criticava os que optavam por uma vida casta dentro do matrimônio, ou por egoísmo, ou por orgulho da própria integridade corporal²⁷². Neste contexto, ele se vê diante de uma situação complexa ocorrida na casa de uma mulher casada

²⁶⁷ CEC 2349.

²⁶⁸ JERÔNIMO. Comentário ao Evangelho de Mateus, p. 239.

²⁶⁹ É preciso destacar que em algumas situações a decisão da mulher em viver uma vida casta no matrimônio, não era bem aceito pela parte do marido, o que ocasionava sérios problemas, como o adultério. Foi para tratar especificamente sobre isto, que Agostinho dedicou uma carta à Ecdicia.

²⁷⁰ SALISBURY, J.E., Pais da Igreja, virgens independentes, p. 16.

²⁷¹ AGOSTINHO de Hipona. Dos bens da viuvez, p. 243.

²⁷² AGOSTINHO de Hipona. A virgindade consagrada, p. 22.

de nome Ecdícia que, após o nascimento do primeiro filho, tomou a decisão de viver, mesmo casada, como se fosse uma viúva. Agostinho a “adverte a revestir de humildade do seu coração, a pedir perdão e a buscar a reconciliação com seu marido, agindo não apenas como cristã, mas também segundo o direito”²⁷³.

A castidade, por si só, não era, conforme Agostinho, motivo para louvor, mas, sim, “o fato de estarem consagradas a Deus, com piedosa continência”²⁷⁴. Então, a autoridade de tais mulheres estava na convicção de que o essencial era fazer a vontade de Deus, ou seja, se santificarem, independentemente das condições ou do estado de vida em que se encontrassem. De acordo com Fabris, “o princípio básico é o da fidelidade a Deus, de se realizar em qualquer condição de vida”²⁷⁵. E se elas entendessem que esta santificação devia passar pela continência na vida sexual, mesmo no matrimônio, certamente iriam trilhar por este caminho.

2.4.3

A santificação pela viuvez.

A primeira carta de Paulo a Timóteo²⁷⁶ (1 Tm 5,1-16) é o texto mais longo do Novo Testamento dedicado às viúvas. Mas o simples estado da viuvez, ocasionado pela morte do marido, não é o que nos interessa, pois, uma vez sozinha, a mulher poderia voltar a contrair novas núpcias. No entanto, conforme Silva, “a pergunta sobre as segundas núpcias de um viúvo ocorria frequentemente nos Padres da Igreja, que representavam opiniões bem diferentes”²⁷⁷. O principal é manter a atenção em algumas mulheres que, após a morte do marido, tomaram a livre decisão de se santificarem vivendo a castidade e, também, ajudando outras mulheres, seja através de bens materiais ou ensinando como levar uma vida de oração e entrega a Deus²⁷⁸.

Se por um lado as viúvas mereciam a assistência material, por outro elas também desempenharam funções de liderança e de autoridade, tanto na própria casa quanto na comunidade. Por mais que, diante das dificuldades da vida, fossem pressionadas a se unirem novamente com um homem, na igreja primitiva, havia

²⁷³ SILVA, A.L.R., Matrimônio, viuvez e virgindade, p. 107.

²⁷⁴ AGOSTINHO de Hipona. A virgindade consagrada, p. 30.

²⁷⁵ FABRIS, R., A mulher na Igreja primitiva, p. 129.

²⁷⁶ A base da reflexão teológica sobre a viuvez e a virgindade consagrada estão nas cartas de Paulo. Por exemplo, a Primeira Carta a Timóteo, com apenas seis capítulos, quatorze versículos são dedicados às viúvas (TAMEZ, E., O ministério para as viúvas e das viúvas em 1 Timóteo 3,3-16, p. 209).

²⁷⁷ SILVA, A.L.R., Matrimônio, viuvez e virgindade, p. 104.

²⁷⁸ COSTA, S.R., A ordem das viúvas ontem e hoje, p. 216.

uma liberdade de escolha entre a viuvez e um novo casamento²⁷⁹ (1 Cor. 7, 39-70). As viúvas eram chamadas a viver sua vocação à santidade, tanto no seio da família, quanto na sociedade, independentemente se faziam parte, ou não, de alguma instituição eclesial.

As viúvas, pela livre opção de seguir uma vida casta, embora tivessem o direito a um novo matrimônio, demonstravam terem realmente uma autoridade espiritual, sobretudo quando buscavam alcançar o ideal de uma vida ascética. Essas viúvas, geralmente com idade mais avançada, serviam como exemplo, tanto para as outras viúvas, quanto para as jovens cristãs ainda solteiras, sobretudo no aspecto da vida casta, criando assim, entre elas, um laço afetivo muito forte²⁸⁰.

Para as viúvas, assim como para as mulheres solteiras, manter a castidade era, acima de tudo, um dom de Deus, de modo que não era possível manter-se em tal estado de vida somente por vontade própria. Na exortação à viúva Juliana, Agostinho destacou a primazia da graça de Deus²⁸¹ na decisão em manter-se casta: “Difundi ele a caridade divina em teu coração, a ponto de fazer-te renunciar ao que te era permitido, tendo em vista amor bem melhor”²⁸². De acordo com Silva, tanto o viúvo quanto a viúva, “descobrem um lugar bem determinado para viver a sua nova condição na Igreja. Não se perdem em vista das inadequadas posturas que os obrigam a se afastar de uma ou outra possibilidade”²⁸³. Conservar a castidade era se colocar inteiramente aberta à graça divina, demonstrando assim a autonomia da mulher, sobretudo da viúva, em seguir a vida adiante, com o mesmo espírito que inspirou todas as santas e grandes mulheres fortes da história sagrada.

2.5

As mães e as irmãs de alguns Padres da Igreja.

Nas obras dos Padres da Igreja, a posição ocupada pelas mulheres oscila, de forma alegórica, entre dois polos a saber: de um lado uma imagem positiva, onde a

²⁷⁹ MARITANO, M., *Vedove*, p. 5553-5554.

²⁸⁰ REBAQUE, F.R., *Exempla bíblicos dirigidos a las mujeres en el epistolário de San Jerónimo*, p. 423-445.

²⁸¹ Na segunda parte da carta opúsculo a Juliana, Agostinho alertava sobre o perigo da doutrina de Pelágio que já estava bastante difundida nas comunidades: “Tive que me estender sobre essa advertência, por ser necessário prevenir e fugir de certos pequenos tratados, que começaram a se alastrar aos ouvidos e ao espírito de muitos. Seus autores – é preciso dizê-lo com lágrimas – são inimigos da graça de Cristo. Pretendem nos persuadir de que mesmo a oração feita ao Senhor para não cairmos em tentação, nos é dispensável. Querem exaltar a liberdade humana a tal ponto que nos julguemos capazes de cumprir – sem o auxílio da graça – os preceitos divinos” (AGOSTINHO de Hipona. *Dos bens da viuvez*, p. 254).

²⁸² AGOSTINHO de Hipona. *Dos bens da viuvez*, p. 252.

²⁸³ SILVA, A.L.R., *Matrimônio, viuvez e virgindade*, p. 106.

mulher representa, por exemplo, a Igreja; de outro, uma exposição não muito condescendente, relacionada, sobretudo, ao pecado dos primeiros pais e com a mulher ocupando uma posição de subordinação ao homem²⁸⁴. Essa segunda imagem sofreu uma grande influência do contexto e da mentalidade da época em que viveram muitos dos Padres, ou seja, o pensamento de que a mulher era mais fraca do que os homens. Mas outros Padres, porém, com base na premissa de que, perante Deus, homens e mulheres têm a mesma dignidade, “defendem uma posição mais independente da mulher e propugnam uma maior presença delas no mundo político e econômico”²⁸⁵. O que nos interessa é aprofundar a primeira imagem, sobretudo a partir da obra dos Padres.

Uma grande “galeria de personagens femininas da Igreja antiga, colocadas ao lado de seus egrégios maridos, bem como filhos e irmãos”²⁸⁶ mereceram destaque, sobretudo no século IV, considerado o Século de Ouro da patrística. Conforme Cândido, diante da Antiguidade Cristã, o mais correto não é questionar qual “autor discorreu sobre a mulher e sim qual deles não, embora se deva considerar que cada qual traz as suas características e propriedades, estilo e temática, personalidade e interesse”²⁸⁷. De acordo com Silva, “nada deve ter trazido maior benefício para a interpretação do papel da mulher na comunidade cristã do que a alusão bíblica da Igreja como mulher e esposa”²⁸⁸. O pastor de Hermas, na terceira visão, relaciona a Anciã com a Igreja: “A torre que viste em construção, sou eu mesma, a Igreja”²⁸⁹. Sobre a visão de Hermas, Piacente afirma que as sete mulheres que sustentam a torre “representam o caminho que todo cristão precisa percorrer na sua vida cristã: fé, continência, simplicidade, ciência, inocência, santidade e caridade”²⁹⁰. Sobre a perícopes do evangelho narrado por Mateus (Mt 15, 21-28), Jerônimo declara que, “na pessoa da mulher cananea, deixa-se ver a fé, a paciência e a humildade admiráveis da Igreja”²⁹¹. Agostinho também interpretou a mulher cananea como um símbolo da Igreja dos gentios: “Vê, irmãos, como acima de tudo a humildade

²⁸⁴ MARA, M.G., *Donna*, p. 1503-1504.

²⁸⁵ FIGUEIREDO, F.A., *O alvorecer da Igreja na África*, p. 192.

²⁸⁶ CÂNDIDO, E.R., *A mulher no pensamento de Gregório*, p. 116.

²⁸⁷ CÂNDIDO, E.R., *A mulher na Antiguidade Cristã*, p. 13.

²⁸⁸ SILVA, A.L.R., *A visão de São Justino sobre a mulher*, p. 529.

²⁸⁹ HERMAS. *O Pastor*, visões 11, 3.

²⁹⁰ PIACENTE, L.H., *A comparação da eclesiologia de Irineu de Lião com a Lumen Gentium*, p. 43.

²⁹¹ JERÔNIMO. *Comentário ao Evangelho de Mateus*, p. 193.

foi exaltada para com esta mulher que era cananeia, que veio do paganismo e era uma prefiguração, ou seja, um símbolo da Igreja”²⁹².

A mulher ocupa um lugar de destaque na obra de Justino, ao contrário do que “os pesquisadores geralmente conseguem indicar quando tratam do mesmo assunto a partir dos demais autores da antiguidade”²⁹³. No diálogo com o judeu Trifão, na discussão a respeito do valor da circuncisão²⁹⁴, Justino declara: “No que diz respeito a todo o tipo de justiça e virtude, Deus quis que as mulheres tivessem a mesma capacidade que os homens para adquiri-las”²⁹⁵. De acordo com Silva, na dinâmica “espiritual da perfeição cristã segundo Justino, constituindo um conjunto de valores centrados em algo que nos faz pensar que estamos perante um modelo patrístico incomum, já que a maioria dos Padres da Igreja não transmitiu esta igualdade entre um e outro”²⁹⁶. Na segunda apologia, Justino descreve a situação de uma mulher que, convertendo-se aos ensinamentos de Cristo, viveu um drama doméstico, ao decidir não mais compactuar com o modo de vida pagão do marido, demonstrando grande autoridade espiritual, pois considerava “uma coisa ímpia continuar partilhando o leito com um homem que só procurava meios de prazer a todo custo, contra a lei da natureza e contra o que é justo, e decidiu divorciar-se”²⁹⁷.

Alguns Padres tiveram, no seu círculo familiar, a presença de grandes mulheres, como, por exemplo: Basílio e Gregório de Nissa com Macrina; Gregório de Nazianzeno com Nona e Gorgônia; Agostinho com Mônica. Além de outros que conviveram ao lado de mulheres que exerceram grande influência e inspiração para vários dos seus escritos, tais como João Crisóstomo com Olímpia; Jerônimo com as mulheres do círculo do Aventino; Agostinho com Proba e Juliana. Por questões metodológicas, apresentaremos nesta seção, apenas a influência das mulheres no âmbito familiar de alguns Padres da Igreja.

2.5.1

Basílio de Cesareia e Gregório de Nissa: os irmãos de Macrina.

²⁹² SIMONETTI, M., *La Bibbia commentata dai Padri*, NT 1/2, p. 48.

²⁹³ SILVA, A.L.R., *A visão de São Justino sobre a mulher*, p. 537.

²⁹⁴ Neste ponto da discussão, Justino questiona de que maneira a circuncisão é realmente motivo de justificação, tendo em vista que, naturalmente, as mulheres não têm condições de ser circuncidadas.

²⁹⁵ JUSTINO de Roma. *Diálogo com Trifão*, 23,5, p.145.

²⁹⁶ SILVA, A.L.R., *Il significato della monogamia e della poligamia nel dialogo con Trifone*, p. 273.

²⁹⁷ JUSTINO de Roma. *II Apologia*, 2,1, p. 92.

Os padres capadócius tiveram uma relevante participação no estabelecimento da doutrina cristã, sobretudo no século IV, quando a discussão sobre a divindade Jesus Cristo e do Espírito Santo levou à realização de dois concílios, a saber: Niceia no ano de 325 e Constantinopla em 381. Dentre esses padres capadócius, dois irmãos ganharam notoriedade pela defesa da fé ortodoxa: Gregório de Nissa e Basílio de Cesareia. Porém, pouco é escrito ou conhecido a respeito de Macrina²⁹⁸, a irmã mais velha. De acordo com González, é preciso que se faça justiça aos méritos de Macrina, pois, normalmente, histórias como a dela e de outras mulheres caem no esquecimento histórico²⁹⁹.

A partir da história de Macrina é possível destacarmos a presença e a influência de outras mulheres da sua família como, por exemplo, a sua avó paterna e a sua mãe, respectivamente, Macrina, conhecida como a Anciã, e Emélia. A avó foi discípula de Gregório, o Taumaturgo³⁰⁰, podendo ser considerada o modelo para uma mulher cristã, pois, ao mesmo tempo, em que desempenhava as funções de mãe e de esposa, também não se descuidava em transmitir os valores da fé aos seus filhos e netos³⁰¹. Com a mãe, o relacionamento de Macrina era muito intenso, a ponto de Emélia declarar que os demais filhos, por algum tempo, foram carregados no ventre, mas a primogênita³⁰² guardava em suas entranhas³⁰³. Assim, se Macrina influenciou, sobretudo intelectualmente, a vida dos irmãos famosos, certamente é porque, em primeiro lugar, ela fora influenciada tanto pela avó quanto pela mãe. É uma família de homens santos? Sem dúvidas que sim. Mas, antes de tudo, é uma família de mulheres santas e de personalidades fortes.

A vida de Macrina pode ser conhecida a partir de vários prismas, tais como uma virgem, uma dona de casa, uma asceta e uma benfeitora. Porém, o nosso interesse está fixado na relação de Macrina com os seus irmãos, a partir do âmbito caseiro, e de que maneira ela influenciou, tanto na manutenção material, quanto na formação intelectual da família. Os outros aspectos serão abordados em capítulos posteriores.

²⁹⁸ Filha mais velha de Basílio e Emélia, nascida em 327. Herdou o nome da avó paterna. Na obra “Vida de Macrina”, é relatado por seu irmão Gregório de Nissa que, antes do parto sua mãe, recebera, em sonho, a visita de um anjo que chamou a criança, ainda no ventre, de Tecla.

²⁹⁹ GONZÁLEZ, J.L., A era dos gigantes, p.125.

³⁰⁰ Nascido em 213, em Neocesareia, junto ao Mar Negro, no Ponto.

³⁰¹ COSTA, S.R., Uma mãe espiritual do Século IV, p. 506.

³⁰² Macrina era a irmã mais velha de um total de dez filhos.

³⁰³ ALMEIDA, R.S., Vozes femininas no início do cristianismo, p. 245.

Macrina estava comprometida em casamento com um distinto rapaz, porém, inesperadamente, o jovem faleceu, deixando Macrina, ainda com seus doze anos, livre para escolher o estado de vida que gostaria de seguir. Ela então optou pela vida casta, não buscando unir-se em matrimônio, quando passou a utilizar, como sinal de seu novo compromisso de vida, um anel pendurado no pescoço³⁰⁴. Macrina, então, decidiu permanecer ao lado da mãe auxiliando-a nas tarefas do dia a dia, “vivendo em sua própria casa, num caminho de constante amadurecimento na perfeição da vida cristã”³⁰⁵. Macrina foi essencial em casa, ao ajudar muito a mãe, sobretudo no cuidado com os irmãos mais novos. A mãe já era viúva desde o nascimento de Pedro, o filho caçula e, com isso, Macrina, conforme Almeida, “foi responsável por consolar toda a família e aliviar a labuta materna, auxiliando nos cuidados com a família”³⁰⁶.

Na família dos capadócius, a influência de Macrina foi tão marcante que Gregório de Nissa escreveu uma obra dedicada inteiramente à irmã, conhecida como *A Vida de Macrina*³⁰⁷. A partir da obra, temos algumas das primeiras informações a respeito de como era a organização da vida religiosa feminina, e também é uma das primeiras que se dedica a relatar a vida de uma personagem feminina na Igreja³⁰⁸. Conforme Drobner, ao escrever a *Vida de Macrina*, Gregório “edifica um monumento imperecível a sua irmã mais velha, conotando, em sentido hagiográfico, o gênero tradicional da biografia”³⁰⁹.

Gregório descreve que Macrina tinha uma personalidade forte e era “decidida a trilhar os caminhos da perfeição e a arrebanhar o maior número de pessoas a essa vida, especialmente os membros de sua família”³¹⁰. Na obra, Macrina é elogiada, não apenas por cuidar de sua família, mas também por ser detentora de uma grande sabedoria³¹¹. Comentando sobre a importância de Macrina na vida de Pedro, o irmão mais novo, Gregório ressalta: “Ela era tudo para a criança: pai, professor, pedagogo, mãe, conselheira de todas as coisas boas”³¹². Macrina teve

³⁰⁴ COSTA, R.; ZIERER, A., *Vida de Macrina*, p. 345-359

³⁰⁵ COSTA, S.R., *Uma mãe espiritual do Século IV*, p. 511.

³⁰⁶ ALMEIDA, R.S., *Vozes femininas no início do cristianismo*, p. 245.

³⁰⁷ Escrita entre os anos 380 e 383 em forma de epístola, foi uma obra escrita a pedido de Olímpio, um monge que foi companheiro de Gregório de Nissa no Concílio de Constantinopla (381).

³⁰⁸ COSTA, S.R., *Uma mãe espiritual do Século IV*, p. 508.

³⁰⁹ DROBNER, H.R., *Gregório de Nissa*, p. 885-892.

³¹⁰ COSTA, S.R., *Uma mãe espiritual do Século IV*, p. 509.

³¹¹ COSTA, R.; ZIERER, A., *Vida de Macrina*, p. 345-359.

³¹² MARAVAL, P., *Vie de Saint Macrine*, p. 183.

uma importância de primeira grandeza na formação intelectual e doutrinária, não apenas de Pedro, mas também na vida de Gregório e Basílio³¹³.

Macrina também exercia, com a mãe, uma autoridade sobre todos os irmãos, cuidando sempre para que eles não se desviassem do caminho reto. Um exemplo de como Macrina era uma voz de autoridade na família é o relato sobre o retorno ao lar do seu irmão Basílio. Esse, após um longo período de estudos³¹⁴, apresentou-se cheio de orgulho e de vaidade, sendo então advertido pela irmã, que o fez renunciar àqueles sentimentos vãos e desordenados, colocando-o novamente no caminho da virtude³¹⁵. Com isso, Macrina foi aquela que ajudou não apenas na criação material dos irmãos, mas também foi a mãe espiritual e um modelo de perfeição cristã³¹⁶.

Gregório, por volta do ano 380, após a morte de Basílio, fez uma visita à irmã Macrina, dando origem a outra obra que ficou conhecida como *A alma e a ressurreição*. Nesta época, Macrina já gozava de uma grande reputação e reconhecimento, não apenas no ambiente familiar, mas também por todos os que testemunharam as suas virtudes. Ao longo de toda a obra, Macrina não é chamada pelo nome próprio, mas, por virgem ou mestra, como, por exemplo, no início do texto: “apresentou-se um motivo comum de luto para todas as igrejas e eu, enquanto estava ainda com vida a minha irmã e mestra...”³¹⁷. A obra é fruto de uma visita que Gregório fez à Macrina, quando buscava consolo pela morte do irmão Basílio. É importante ressaltar que, na ocasião do encontro, Macrina estava com a sua saúde bastante debilitada, tanto que falecera no dia seguinte, mas teve forças para atender aos apelos do irmão e oferecer-lhe o conforto de que tanto precisava. Então, diante da tristeza em que se encontrava, Gregório recebeu de Macrina os ensinamentos do próprio Apóstolo, “segundo a qual não é necessário afligir-se no que tange aos mortos, uma vez que isto é um sentimento que experimentam somente aqueles que não possuem nenhuma esperança”³¹⁸.

2.5.2

Gregório de Nazianzeno: o filho de Nona e o irmão de Gorgônia.

³¹³ BAILEY, C.; AQUILINA, M., *Madres da Igreja*, p. 80.

³¹⁴ Após um período de estudos em Atenas.

³¹⁵ MARAVAL, P., *Vie de Saint Macrine*, p. 163.

³¹⁶ DROBNER, H.R., *Gregório de Nissa*, p. 885-892.

³¹⁷ GREGÓRIO de Nissa. *A criação do homem*, p. 169.

³¹⁸ GREGÓRIO de Nissa. *A criação do homem*, p. 170.

Com Basílio e Gregório de Nissa, Gregório de Nazianzeno é colocado no rol dos principais Padres do Oriente³¹⁹. Além de representarem uma magnífica escola teológica, eles tinham algo ainda de maior valor em comum, pois faziam parte de “uma distinta linhagem feminina”³²⁰. A mãe e a irmã de Gregório de Nazianzeno, respectivamente Nona e Gorgônia, são duas personagens de grande influência na vida deste Padre da Igreja. A partir de escritos fúnebres e de epigramas, constatamos que tanto a sua mãe quanto a sua irmã deixaram marcas profundas na vida e na obra do autor³²¹.

Para Gregório o matrimônio dos pais serviu como um modelo para os casais cristãos, porém a mãe recebeu a maioria dos méritos no êxito do convívio familiar. De acordo com Cândido, é a partir da mãe de Gregório que será “recordada a legítima estirpe cristã manifestada numa devoção que se irradiava nos filhos”³²². Nas palavras do próprio Gregório, a sua mãe não devia ser colocada em uma posição de inferioridade em relação ao seu pai, muito pelo contrário, pois era “nascida de pais santos, ainda mais santa do que eles, era mulher apenas por seu sexo, afinal sempre fora moralmente superior aos homens”³²³. Esta afirmação precisa ser analisada levando em consideração o contexto da época, quando o simples fato de ser mulher, sobretudo no âmbito social, era suficiente para ser colocada em uma posição de inferioridade em relação ao homem. A admiração por sua mãe era em um grau muito elevado, a ponto de Gregório compará-la com a mulher virtuosa do livro de Provérbios e ainda a apresentar como a antítese de Eva³²⁴.

O pai de Gregório foi bispo de Nazianzo por quarenta e cinco anos, falecendo centenário no ano de 374³²⁵. Nona certamente teve uma grande parcela de contribuição para a vida cristã do marido³²⁶, sendo, por isso, considerada por Gregório, ainda na linha da admiração pelas virtudes cristãs da mãe, uma mulher superior a Sara³²⁷. De acordo com Cândido, Nona é “uma verdadeira aliada para

³¹⁹ Junte-se a eles João Crisóstomo.

³²⁰ CÂNDIDO, E.R., A mulher no pensamento de Gregório, p. 115.

³²¹ CÂNDIDO, E.R., A mulher no pensamento de Gregório, p. 104.

³²² CÂNDIDO, E.R., A mulher no pensamento de Gregório, p. 104.

³²³ GREGÓRIO de Nazianzeno. Autobiografia, p. 17.

³²⁴ CÂNDIDO, E.R., A mulher no pensamento de Gregório, p. 105.

³²⁵ DROBNER, H.R., Gregório Nazianzeno, p. 879-885.

³²⁶ “Entre os vários méritos que lhes são reconhecidos está o de ter obrado pela conversão do marido e, por isso mesmo, o filho não hesita em apresentá-la como mestra e educadora do pai” (CÂNDIDO, E.R., A mulher no pensamento de Gregório, p. 107).

³²⁷ CÂNDIDO, E.R., A mulher no pensamento de Gregório, p. 107.

seu marido e, mais do que isso, guia e mestra na verdadeira fé, artífice de sua conversão, procurando no matrimônio mais do que a união de corpos, também a união de espíritos”³²⁸. No discurso que Gregório proferiu por ocasião do funeral do seu pai, ele demonstrou, perfeitamente, a relevância de Nona para a vida do marido: “Mas aquela que foi dada por Deus a meu pai tornou-se não apenas sua assistente, mas também sua líder, atraindo-o por meio de sua influência em ações e palavras para a mais alta excelência”³²⁹.

Não é de pouca relevância que a mãe de Gregório tenha exercido uma influência considerável na vida daquela comunidade cristã, pois, afinal de contas, o bispo era o seu esposo e “o próprio aprendizado do episcopado do marido é apontado como mérito dela, assim como a sua co-participação no exercício deste ministério”³³⁰. No meio do povo, ela era reconhecida como uma mulher forte e virtuosa, comparável aquela do livro de Provérbios, e muito preocupada com as pessoas mais necessitadas, pois “a indigência do próximo a encontrava sempre solícita e generosa, mormente pelos órfãos e viúvas”³³¹.

Uma outra mulher também marcou a vida e a obra do capadócio: Gorgônia, a sua irmã. Da mesma forma do que a mãe representou para o pai, a irmã também é apontada por Gregório como a responsável pela conversão e a educação³³² do marido Alípio. Se a mãe foi comparada com a mulher de Provérbios, a irmã superou essa mulher, a ponto de ser equiparada à Virgem Maria³³³. A única fonte de informação a respeito de Gorgônia é uma oração fúnebre composta por seu irmão para a sua tumba, onde pode ser constatada a piedade desta mulher.

Gorgônia levava uma vida dedicada à oração e ao estudo da Escritura. De acordo com as palavras de Gregório, a irmã, mesmo acometida por uma doença, demonstrou uma fé comparável com aquelas duas mulheres, cujos atos foram lembrados nos evangelhos, a saber: a mulher curada com o fluxo de sangue e a que banhara os pés de Jesus com as suas próprias lágrimas. Assim, Gregório destacou o conhecimento que a sua irmã detinha a respeito da Escritura, pois, ao prostrar-se diante do altar, ela invocava “com toda a espécie de súplicas aquele que aí é

³²⁸ CÂNDIDO, E.R., A mulher no pensamento de Gregório, p. 105.

³²⁹ GREGÓRIO de Nazianzo. Oration XVIII, 8, p. 527.

³³⁰ CÂNDIDO, E.R., A mulher no pensamento de Gregório, p. 200.

³³¹ CÂNDIDO, E.R., A mulher no pensamento de Gregório, p. 106.

³³² Especificamente sobre o papel das mulheres na educação, tanto familiar quanto social, será abordado em um capítulo posterior.

³³³ CÂNDIDO, E.R., A mulher no pensamento de Gregório, p. 195.

honrado, como que recordando-Lhe todos os milagres que tinha feito noutros tempos (pois conhecia muito bem o Antigo e o Novo Testamento)”³³⁴. De acordo com Cândido, a presença de Gorgônia, no seio da comunidade, é mais notada por conta de sua “envergadura intelectual, enquanto versada na Sagrada Escritura, objeto de sua constante leitura e meditação”³³⁵.

Gorgônia pode ser colocada como exemplo de mulher cristã, com autoridade, dedicada não apenas aos cuidados do marido, dos filhos e da casa, mas também tinha muito esmero com a sua vida piedosa. No elogio fúnebre composto por seu irmão, Gorgônia é referida como a responsável pela conversão do esposo: “Ela já não desejava senão uma única coisa: que o seu esposo acedesse também à perfeição”³³⁶. De acordo com Swan, Gorgônia levava uma vida devotada em orações e também no estudo da Escritura e, uma vez que os filhos foram criados³³⁷, foi ordenada diaconisa, abrindo a sua casa para o atendimento dos pobres³³⁸. Gregório exaltou as virtudes da sua irmã, dentre outros pontos, também nas ações que ela realizara em benefício dos mais necessitados: “A porta dela foi aberta a todos os que chegam; o estranho não se hospedou na rua. Ela era olhos para o cego, pés para o coxo, uma mãe para o órfão”³³⁹.

Seja com os exemplos de sua mãe Nona, ou de sua irmã Gorgônia, a partir da casa de Gregório de Nazianzo, constatamos que as mulheres exerciam, realmente, um protagonismo na vida familiar, de modo que não é um exagero afirmar que elas são, especificamente no período em questão, ou seja, no século IV, o esteio das famílias. Assim, em Gregório de Nazianzo, temos a imagem de um perfeito consórcio conjugal, onde o “marido torna-se um companheiro de busca da virtude cristã em detrimento da dominação do homem sobre a mulher; assim, não existe dono, mas parceiro”³⁴⁰.

2.5.3 Agostinho de Hipona: o filho de Mônica.

³³⁴ GREGÓRIO de Nazianzo. Sermão 8, 18, p. 569.

³³⁵ CÂNDIDO, E.R., A mulher no pensamento de Gregório, p. 111.

³³⁶ ALEXANDRE, M., Do anúncio do reino à Igreja, p. 555.

³³⁷ De acordo com Saxer e Heid, dois dos seus filhos foram ordenados bispos (SAXER, V.; HEID, S.; Gorgonia, p. 2380-2381)

³³⁸ SWAN, L. The forgotten desert mothers, p. 112.

³³⁹ GREGÓRIO de Nazianzo. Oration VIII, 12, p. 498.

³⁴⁰ CÂNDIDO, E.R., A mulher no pensamento de Gregório, p. 112.

Não restam dúvidas de que Agostinho de Hipona é um dos principais pensadores do cristianismo e, certamente, uma das personalidades mais conhecida de todos os tempos, sobretudo devido aos seus escritos que chegaram até nós. Porém, ao analisar a obra desse grande Padre da Igreja³⁴¹, não é justo deixar de revisitar a imagem daquela que foi a principal responsável pela conversão³⁴² de Agostinho ao catolicismo, ou seja, Mônica, a sua mãe³⁴³.

Mônica foi um grande exemplo de mulher, que na própria casa, através de um matrimônio difícil, nunca deixou de lado a vida piedosa e a busca incessante pela santificação naquele estado de vida em que se encontrava. Agostinho, na obra *Confissões*, comentou, muito antes que a Igreja o fizesse oficialmente, sobre o chamado universal à santidade, apontando Mônica como um modelo³⁴⁴. No relato, Agostinho descreveu que Mônica precisou suportar as infidelidades conjugais, sem, no entanto, demonstrar ressentimento contra o marido, mas esperava que, pela misericórdia de Deus, um dia ele se tornasse casto³⁴⁵. Como Mônica poderia temer um simples homem, se nem mesmo a morte lhe causava medo? Agostinho relatou que as pessoas que conviveram com a sua mãe ficavam impressionadas e “maravilhados diante da coragem dessa mulher”³⁴⁶. Não eram raros os casos em que as mulheres traziam sinais de violência corporal e que, nas conversas entre as amigas, expunham o comportamento agressivo dos maridos³⁴⁷. A fortaleza de Mônica estava escondida no seu silêncio.

Atualmente, são cada vez mais comuns os casos de mulheres agredidas pelos próprios maridos, mas que ficam em silêncio com medo de sofrerem violências ainda maiores. Certamente não era o caso de Mônica, pois, conforme Agostinho: “Conhecendo o tipo de marido colérico que minha mãe suportava, muito se admiravam por nunca se ouvir dizer ou se revelar, por algum indício, que Patrício tivesse batido na mulher, nem que algum dia tivessem brigado em casa”³⁴⁸.

Mônica, apesar de uma vida matrimonial conturbada, demonstrou a sua autoridade espiritual e deixou um esplêndido exemplo, ao compreender que “o

³⁴¹ Agostinho, junto com Ambrósio de Milão, Jerônimo de Estridão e Gregório Magno, são considerados os quatro grandes Padres do Ocidente.

³⁴² Na obra *Confissões*, Agostinho registra todos os seus desvios, os seus erros e pecados cometidos até a sua conversão.

³⁴³ Mônica nasceu na cidade de Tagaste, no ano 332.

³⁴⁴ ROCHA, H.M., Mônica uma mulher forte, p. 27.

³⁴⁵ AGOSTINHO de Hipona. *Confissões*, p. 252.

³⁴⁶ AGOSTINHO de Hipona. *Confissões*, p. 259.

³⁴⁷ AGOSTINHO de Hipona. *Confissões*, p. 252.

³⁴⁸ AGOSTINHO de Hipona. *Confissões*, p. 253.

amor, a fidelidade, a vida cristã e a santidade como meta são eternos”³⁴⁹, e que, seguir a Jesus Cristo exige, intrinsecamente, a busca da própria santificação. Com isso, ao final da vida do marido, Mônica não precisou se lamentar por tudo o que passara, ao ver Patrício sendo conquistado por Deus³⁵⁰.

Agostinho, em várias passagens das *Confissões*, deixou registrado o quanto de lágrimas sua mãe havia derramado por causa dele: “No entanto, aquela viúva casta, piedosa e sóbria, tal como gostas que sejam, sustentada sempre pela esperança, mas sem poupar lágrimas, não cessava de chorar por mim diante de ti”³⁵¹. Mônica gerou Agostinho duas vezes, pois, nas palavras do próprio filho, ela lhe deu, segundo a carne, a vida temporal, e o fez renascer para a vida eterna, através do coração³⁵².

De modo específico, na vida cotidiana em casa, Mônica foi um exemplo de mulher cristã, mãe e esposa, um modelo de mulher forte, com autoridade³⁵³ e que, acima de tudo, sempre estava disposta ao atendimento de todos. No livro IX das *Confissões*, Agostinho exalta as virtudes de Mônica:

Minha mãe era a serva de todos os teus servos. Todos que a conheciam louvavam, honravam e amavam profundamente a ti, por nela sentirem a tua presença, comprovada pelos frutos de uma vida santa. Tinha sido esposa de um só marido, tinha cumprido seu dever para com os pais, tinha governado a casa com dedicação e dado o testemunho das boas obras³⁵⁴.

Conhecer a história de Mônica, sobretudo através dos escritos de Agostinho, é descobrir a vida de uma mulher impressionante, um modelo que o filho “declarou que gostaria de ser: contida, digna, alheia aos mexericos e uma pacificadora entre os seus”³⁵⁵. Mas, é preciso estender um pouco o olhar e captar, no horizonte da vida de Mônica, outro aspecto muito relevante e que, certamente, também influenciou na vida e na obra do filho. Ela não era apenas uma esposa devota e uma mãe zelosa com os afazeres de casa, mas “tomava parte nas conversas de Santo Agostinho sobre assuntos filosóficos e eruditos. Nos diálogos, muitas vezes, ele lhe dava a última palavra em uma discussão”³⁵⁶.

³⁴⁹ ROCHA, H.M., Mônica uma mulher forte, p. 30.

³⁵⁰ AGOSTINHO de Hipona. *Confissões*, p. 254.

³⁵¹ AGOSTINHO de Hipona. *Confissões*, p. 84.

³⁵² AGOSTINHO de Hipona. *Confissões*, p. 249.

³⁵³ Em uma determinada época da vida de Agostinho, ainda afastado da fé católica, Mônica o proibiu até mesmo de entrar em casa, pois ela precisava mostrar ao filho que tudo o que fazemos nesta vida têm as devidas consequências. (LOPES, G., *Pilares da Igreja*, p. 119)

³⁵⁴ AGOSTINHO de Hipona. *Confissões*, p. 254.

³⁵⁵ ALMEIDA, R.S., *Vozes femininas no início do cristianismo*, p. 256.

³⁵⁶ BAILEY, C.; AQUILINA, M., *Madres da Igreja*, p. 108.

A influência de Mônica, por sua autoridade, dentro de sua própria casa, e de que maneira influenciou a vida do grande Agostinho de Hipona, é de uma magnitude imensurável, pois, de acordo com Trapè, a principal preocupação de Mônica “foi a de educar na fé cristã os filhos”³⁵⁷. Ela pode ser apontada como modelo a partir de várias perspectivas, tais como, “modelo de cristã, de mulher inteligente e obstinada, forte na fé e assídua na oração, jovem, casada e mãe cristã exemplar”³⁵⁸.

Nas Escrituras encontramos vários modelos de mulheres fortes e, com toda a certeza Mônica pode ser comparada com qualquer uma delas. É interessante notar que no relato de Agostinho, ao comentar a respeito de sua mãe, não encontramos narrações que envolvam, por exemplo, milagres ou fatos extraordinários. De acordo com Rocha, “Agostinho faz questão de enfatizar como Mônica soube passar por cima de todas as dificuldades e chegar a um perfeito ideal de vida cristã, dentro da vida conjugal”³⁵⁹. Ou seja, Mônica é uma figura que representa milhares de mulheres que também levam uma vida simples, porém com muita coragem e personalidade enfrentam os desafios do dia a dia.

Mônica é um modelo para aqueles que sempre estão à espera de um acontecimento, alicerçada em uma fé profunda, paciente e certa de que as orações são ouvidas. Conhecendo a história de Mônica, constataremos o que significa, independentemente da época vivida, ser uma mulher forte³⁶⁰. Mônica, assim como a virgem Maria, nos mostra que devemos guardar todas as coisas no lugar mais seguro e secreto de todos, ou seja, no próprio coração.

2.6

Modelo de mulher forte: Maria, a mãe de Jesus.

Na história do povo de Deus, podemos apontar várias mulheres foram verdadeiras heroínas. A própria Escritura é uma fonte abundante, de onde podemos extrair dados relevantes sobre a participação de personagens femininos, em vários momentos cruciais na história, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Personagens como, por exemplo, Rute, Raab, Judite, Ester, Maria Madalena, Priscila, dentre outras, permitem demonstrar que as mulheres não exerceram, em

³⁵⁷ TRAPÈ, A., Agostinho, p. 37.

³⁵⁸ TRAPÈ, A. Mônica, p. 3338-3339.

³⁵⁹ ROCHA, H.M., Mônica uma mulher forte, p. 30.

³⁶⁰ ROCHA, H.M., Mônica uma mulher forte, p. 9.

hipótese alguma, uma atividade de menor grandeza no serviço ao Reino de Deus, quando comparadas aos homens. Conforme Aquilina e Bailey, “a narrativa evangélica está cheia de mulheres notáveis. É difícil lembrar-se de outro escrito antigo que tenha tantas personagens femininas fortes”³⁶¹.

Mas uma mulher, em específico, tem um protagonismo ímpar em toda a história, não porque ela tenha realizado feitos extraordinários, que tenha comandado um exército poderoso ou ficado à frente de um povo, sentada em um trono real. Esta mulher foi Maria, aquela que o Filho de Deus chamava de mãe. Conforme Hildebrand, o papel da mulher é destacado gloriosamente no Novo Testamento, pois “na Anunciação, o anjo Gabriel dirige-se a uma jovem virgem comprometida com José. A ela é oferecido o tremendo privilégio de conceber do Espírito Santo e tornar-se mãe do Salvador”³⁶². Os padres do Concílio Vaticano II, através da constituição dogmática *Lumen Gentium*, declararam que “Maria está no coração da história da salvação”³⁶³. O Catecismo da Igreja Católica declara que “as mulheres santas como Sara, Rebeca, Raquel, Míriam, Débora, Ana, Judite e Ester mantiveram viva a esperança da salvação de Israel. Entre todas elas, a figura mais luminosa é Maria”³⁶⁴. De acordo com Bingemer, “as mulheres de Israel, das quais Maria é legítima herdeira, são, pois, instrumentos do sim de Deus que anuncia a promessa e a chegada dos novos tempos”³⁶⁵. Hipólito de Roma colocou Maria no núcleo da encarnação, a partir de uma formulação de fé aplicada aos que recebiam o batismo: “Crês em Jesus Cristo, Filho de Deus, que nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria...?”³⁶⁶

A partir do evento da encarnação, Maria contribuiu, com o seu sim, para um novo começo da humanidade³⁶⁷. Conforme as palavras de Irineu de Lião (séc. III), Maria “pela sua obediência se tornou para si e para todo o gênero humano causa de salvação”³⁶⁸. Deus poderia ter escolhido uma dama refinada ou uma rainha, mas escolheu Maria, uma pobre mulher, moradora de Nazaré, uma cidade da Galileia sem relevância aparente, para ser a mãe do seu Filho³⁶⁹. De acordo com Agostinho

³⁶¹ AQUILINA, M.; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 26.

³⁶² HILDEBRAND, A. *O privilégio de ser mulher*, p. 28.

³⁶³ LG 65.

³⁶⁴ CEC 64.

³⁶⁵ BINGEMER, M.C., *O segredo feminino do mistério*, p. 92.

³⁶⁶ HIPÓLITO de Roma. *Tradição Apostólica*, p. 63.

³⁶⁷ BOFF, L., *Como tudo começou com Maria de Nazaré*, p. 153.

³⁶⁸ IRINEU de Lião. *Contra as Heresias*, p. 352.

³⁶⁹ AQUILINA, M.; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 27.

era conveniente que o Verbo assumisse a nossa natureza, a fim de redimi-la e “para que nenhum sexo julgasse ser preterido pelo Criador, humanizou-se em forma de varão, nascendo de uma mulher”³⁷⁰.

No intuito de recuperarmos o devido valor da mulher na vida da Igreja, assim como de preservar a sua identidade e missão, não podemos deixar de colocar em relevo a figura de Maria, a discípula por excelência entre os discípulos, e uma mulher que demonstrou, sobretudo através do canto do Magnificat (Lc 1,46-55), que era “capaz de se comprometer com sua realidade e, diante dela, ter voz profética”³⁷¹. O canto de Maria também é oportuno para demonstrar a sua grandeza e de onde provém, pois, de acordo com Orígenes, “Deus voltou os olhos para a humildade da bem-aventurada Maria, por isso o Todo-Poderoso, cujo nome é santo, realizou grande coisas para ela”³⁷². Maria é a mulher humilde e justa que reconhece que vem do Senhor tudo o que ela carrega consigo, porque “de fato, é normal que Deus volte seus olhos para as virtudes”³⁷³. Maria é a mulher cujo espírito ficou cheio de alegria, ao saber que através dela, nasceria o Salvador do mundo. De acordo com Atanásio de Alexandria, Maria é uma mulher alegre e “é assim que a vida veio para todos, e todos vieram à vida pela misericórdia de Deus, seu Filho amado. É por isso que seu espírito está cheio de alegria em Deus, seu Salvador!”³⁷⁴.

Maria foi a mãe de Jesus, mas, ao mesmo tempo, também foi a discípula mais perfeita, pois sabia conservar tudo de importante em um lugar que nunca poderia se perder, ou seja, no próprio coração, conforme dois relatos narrados no Evangelho escrito por Lucas. O primeiro, logo após o nascimento de Jesus: “Maria, contudo, conservava cuidadosamente todos esses acontecimentos e os meditava em seu coração” (Lc. 2,19). O outro, depois que ela e José encontraram Jesus ensinando no Templo em Jerusalém: “Sua mãe, porém, conservava a lembrança de todos esses fatos em seu coração” (Lc 2, 51). O que Maria conservava em seu coração era o que sustentava a sua missão de ser uma autêntica serva do Senhor. A fortaleza de Maria estava no seu coração de discípula, ou seja, um coração que sabe ouvir e reter, para depois se colocar a serviço do próximo. Nas palavras de Agostinho: “Maria cumpriu, e cumpriu perfeitamente, a vontade do Pai, e, por isso, Maria é maior por

³⁷⁰ AGOSTINHO de Hipona. A Verdadeira religião, p. 53.

³⁷¹ DAP, 451.

³⁷² ORÍGENES. Homilias sobre o Evangelho de Lucas, p. 75.

³⁷³ ORÍGENES. Homilias sobre o Evangelho de Lucas, p. 74.

³⁷⁴ GAMBERO, L., Mary and the Fathers of the Church, p. 105.

ter sido discípula de Cristo do que por ter sido mãe de Cristo”³⁷⁵. De acordo com Beda, Maria, casta na palavra e no corpo, “conservou no coração as verdades da fé”³⁷⁶.

Pouco tempo após ter recebido o anúncio do Anjo Gabriel, Maria, de acordo com as palavras de Lucas: “pôs-se a caminho para a região montanhosa, dirigindo-se apressadamente a uma cidade de Judá. Entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel” (Lc 1, 39-40). Maria, grávida, caminhou cerca de três ou quatro dias até chegar à casa da sua parenta. De acordo com Orígenes, “ela devia, igualmente, porque era atenta e diligente, apressar-se solicitamente e, cheia do Espírito Santo, ser conduzida às alturas, protegida pelo poder de Deus, pelo qual já havia sido recoberta”³⁷⁷. O encontro de Maria com Isabel é relevante para demonstrar a humildade das duas. De acordo com Beda, Isabel recebeu, além do dom da profecia, o “grande dom da humildade que tinha, e assim, cheia do espírito profético, soube que vinha a ela a Mãe do Salvador do mundo. No entanto, como estava acompanhada do espírito de humildade, não se achou digna de que tão grande hóspede entrasse em sua casa”³⁷⁸. No Magnificat, conforme Beda, fica demonstrado que é “pela profecia de duas mulheres que se anuncia ao mundo a salvação”³⁷⁹.

A palavra empenhada em Lucas, “Eu sou a serva do Senhor” (Lc 1,38), Maria a cumpre na prática, pois é a virgem serviçal, cuja fortaleza não está no poder ou na riqueza, mas na disposição em colocar-se ao serviço do próximo. Aquela que se colocou inteiramente à disposição do Senhor, fez-se a serva de todos, demonstrando que não pode haver uma separação entre o serviço prestado a Deus e o compromisso com aqueles e aquelas que necessitam de ajuda. Em Maria de Nazaré, constatamos que o amor a Deus só é vivido plenamente quando é revestido de amor ao próximo. Maria é a mãe de todos os que se doam desinteressadamente em prol dos outros, de modo que “o mistério da Anunciação tem seu prolongamento e complemento naquele da Visitação”³⁸⁰. De acordo com Ambrósio, Maria foi visitar Isabel movida pelo desejo de prestar um serviço, pois como estava plena de Deus, “para onde havia de se dirigir senão para as alturas? A graça do Espírito Santo ignora a

³⁷⁵ AGOSTINHO de Hipona, Sermão 25, 7, p. 997.

³⁷⁶ PETRI, S.; TAPONECCO, G., *La Bibbia commentata dai Padri*, NT 3, p. 97.

³⁷⁷ ORÍGENES. Homilias sobre o Evangelho de Lucas, p. 66.

³⁷⁸ BONDAN, F.J., *Lecionário Patrístico Dominical*, p. 538.

³⁷⁹ LH, *Ofício das Leituras do dia 22 de dezembro*.

³⁸⁰ STRADA, A.L., *Maria: um exemplo de Mulher*, p. 47.

lentidão”³⁸¹. Ainda conforme Ambrósio, a partir do relato da visitação, podemos testemunhar “que quem é superior vai visitar o inferior para oferecer-lhe ajuda: Maria vai à Isabel”³⁸².

O apóstolo Paulo, na carta aos Gálatas, mesmo sem mencionar o nome da mulher, deixou registrado um dos mais importantes dados bíblicos a respeito de Maria: “Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei, para resgatar os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial” (Gl 4,4). Nos escritos paulinos, pouco se encontra a respeito da vida de Jesus, pois a ênfase está no Mistério Pascal³⁸³. Mas, ao evocar uma vez o nascimento do Filho de Deus, na carta aos Gálatas, Paulo pôs em destaque a figura de uma mulher. De acordo com Leão Magno, o Verbo de Deus “tendo nascido na carne, é uma prova clara da natureza humana; o nascimento de uma virgem é a prova do poder divino”³⁸⁴. Deste modo, este texto paulino coloca Cristo em solidariedade com os homens, através da encarnação, por intermédio do corpo de uma mulher. E ainda mais, pois, de acordo com Boff, “todo o capítulo 4 desta carta procura nos fazer entender que a nossa filiação divina passa por uma mulher que se chama Maria de Nazaré”³⁸⁵. Agostinho declarou que aquele que é Deus e Senhor de todas as coisas, veio ao mundo por meio de uma mulher, sendo ele mesmo Senhor e filho de Maria³⁸⁶.

Maria é uma mulher que tem um projeto de vida próprio, sendo que nenhuma circunstância pode interferir em sua realização, ou seja, ela tem o firme propósito de entregar a sua vida a Deus, desde a mais terna idade. Nas palavras de Máximo, o Confessor (séc. VII): “Ela desconhecia completamente não só as coisas do casamento, mas também as do desejo sensual, pois foi educada, desde o começo, em completa santidade e pureza de alma e corpo”³⁸⁷.

Nas palavras de Irineu de Lião, assim como Adão foi recapitulado por Cristo, Eva foi em Maria, “a fim de que uma virgem, tornada advogada de uma virgem, dissolvesse e destruísse com a sua obediência de virgem a desobediência de uma virgem”³⁸⁸. Conforme Padovese, “justamente por causa de sua obediência, Maria é

³⁸¹ AMBRÓSIO de Milão. Exposição sobre o Evangelho de Lucas, II, 19, p. 602.

³⁸² REIS, S.D.C. (Trad.), A vida de Jesus em ícones, p. 34.

³⁸³ COTHENET, E., Maria, p. 1087-1099.

³⁸⁴ DELL’OSSO C., La Bibbia commentata dai Padri, NT 8, p. 77.

³⁸⁵ BOFF, L., Como tudo começou com Maria de Nazaré, p. 28.

³⁸⁶ AGOSTINHO de Hipona. Comentários a São João I, p. 225.

³⁸⁷ MÁXIMO, O Confessor. A Vida da Virgem, p. 82.

³⁸⁸ IRINEU de Lião. Demonstração da Pregação Apostólica, p. 95.

a junção entre Cristo e a Igreja, tornando-se figura e modelo tanto para a comunidade dos crentes como para cada um em particular”³⁸⁹. Em Maria, temos o modelo completo de mãe, de mulher e de esposa. Enquanto mãe, ela gera o Verbo de Deus, tornando-se aquela que trouxe a libertação para os povos de todos os tempos e lugares.

Maria é também a mulher que profetiza: “Sim! Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada, pois o Todo-Poderoso fez grandes coisas em meu favor” (Lc 1,48). Maria anuncia a nova sorte dos pobres e dos oprimidos: “Depois poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou. Cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias” (Lc 1,52-53). Maria foi tão abundantemente fortalecida pela graça de Deus que ela inverteu a lógica dos acontecimentos. De acordo com Efrém Diácono (séc. IV): “Dado que o seio de Maria inverteu os papéis: Aquele que criou todas as coisas, entrou em sua posse, mas pobre. O Altíssimo veio a Maria, mas entrou humilde. O esplendor veio a Maria, mas revestido de pobres vestes”³⁹⁰.

Em Maria, a mulher forte, a vida dos mais fracos ganhou um novo sentido. Através da entrega de Maria foi possível o estabelecimento da comunicação do “Pai com o povo escolhido por meio do mistério da Encarnação”³⁹¹. Este povo, depois de Israel, é a Igreja, a comunidade daqueles foram alcançados pela encarnação do Verbo. De acordo com a teologia de Irineu, ao vir ao mundo através do seio de Maria, Jesus Cristo recapitulou todas as coisas³⁹², e, exatamente a partir desse fato é que foi possível nascer o novo povo de Deus, tendo em Maria o “modelo da discípula atenta à Palavra do Senhor, obediente ao seu chamado, sempre pronta a dizer seu “sim” de vida; não para si, mas para a humanidade da qual ela se torna Mãe”³⁹³. Maria é a mãe da humanidade, a esposa do Espírito Santo, que se uniu ao Altíssimo sem reservas para ratificar a fidelidade divina: “Socorreu Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia, conforme prometera a nossos pais, em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre” (Lc 1,54).

A partir da encarnação do Verbo no seio de Maria, fica evidenciado que tanto o homem quanto a mulher tomam parte na obra da redenção humana, com o mesmo

³⁸⁹ PADOVESE, L., Introdução à Teologia Patrística, p.111.

³⁹⁰ EFRÉM, Diácono. Hino da Natividade 11, p. 447.

³⁹¹ BOFF, L., Mariologia, p.68.

³⁹² IRENEU de Lião. Contra as Heresias, p. 349.

³⁹³ PIACENTE, L. H., A comparação da eclesiologia de Irineu com a Lumen Gentium, p. 140.

grau de relevância e de dignidade. Em Jesus Cristo e em Maria, o masculino e o feminino são honrados, pois na fé não existe nenhuma distinção³⁹⁴. Através de uma mulher, o Verbo encontrou o modelo perfeito de aceitação plena ao projeto salvífico de Deus. Maria é o espelho da mulher forte, de fé, que é feliz porque acredita nas promessas do Senhor (Lc 1, 45). Nas palavras de Efrém:

Aquele que Se senta sobre os Querubins é sustentado agora nos braços de uma mulher. Aquele que não cabe em todo o universo, só Maria O abraça. Aquele que é temido pelos Tronos e Dominações, é protegido por uma donzela. Aquele cuja morada permanece pelos séculos dos séculos senta-Se nos joelhos da virgem. Aquele que tem a terra como escabelo dos seus pés, agora pisa a terra com os pés de uma criança³⁹⁵.

Não é compatível com a pessoa de Maria de Nazaré a ideia de uma mulher passiva, que levava uma vida apática, desconectada da realidade. Ela, talvez, não fosse uma mulher de muitas palavras, pelo menos assim ficou registrado nos evangelhos, mas o seu silêncio não era por desinteresse do que acontecia ao seu redor. De acordo com Ronsi, Maria “rompeu com o paradigma de uma experiência religiosa passiva que ao longo de décadas era vivida, para inserir-se na nova proposta libertadora de vida, em seu Filho Jesus”³⁹⁶. Na verdade, o seu calar era simplesmente a resposta que ela dava diante de algumas situações, mas isto não tem relação com o seu modo de vida.

Nas Bodas de Caná, por exemplo, em vez de ficar ofendida com a resposta do próprio filho: “Que queres de mim, mulher?” ela só disse aos serventes para fazer o que ele, seu Filho, dissesse (Jo 2,4-5), pois tinha a certeza de que os noivos não seriam envergonhados com a falta do vinho. Mesmo Jesus falando de uma maneira, aparentemente, áspera com a mãe, de acordo com João Crisóstomo, ele fez exatamente o que fora pedido, sobretudo como uma forma de honrá-la³⁹⁷. O silêncio de Maria é sinônimo de confiança em Deus, e não “significa que para ela tudo seja fácil, que não precise superar lutas, fadigas e trevas. Ela estava isenta do pecado, não da luta nem da fadiga do crer”³⁹⁸.

Maria é a mulher forte que, com o discípulo amado e as outras mulheres, estava aos pés da Cruz presenciando a morte do próprio Filho (Jo 19, 25-27). Neste

³⁹⁴ AGOSTINHO de Hipona, *A Virgem Maria*, p. 77.

³⁹⁵ EFRÉM Diácono. *Sermão sobre Maria*, 4, p. 446.

³⁹⁶ RONSI, F.Q., *A mulher na Igreja e na sociedade*, p. 61.

³⁹⁷ POLETTI, S., *La Bibbia commentata dai Padri*, NT 4/1, p. 153.

³⁹⁸ CANTALAMESSA, R., *Maria um espelho para a Igreja*, p. 79.

momento de maior dor que uma mãe possa ter, ao invés de alento, Maria recebeu uma nova missão, ou seja, ser a mãe dos filhos da comunidade cristã. A partir desta cena do evangelho narrado por João, Maria será considerada, respectivamente, de acordo com a teologia e a devoção popular, como a corredentora, ao auxiliar na salvação da humanidade, e a Mãe das Dores³⁹⁹. Independentemente de como é interpretada a imagem de Maria aos pés da Cruz, o fato é que ela se tornou um exemplo de resignação e de fortaleza diante dos desafios da vida. Maria, além de ser a primeira discípula do seu próprio Filho, “foi peregrina na fé e, como mulher livre e forte, emergiu e emerge como mãe, amiga e companheira”⁴⁰⁰. De acordo com Ambrósio: “Imitai esta mulher, santas mães, que na morte do seu único e tão amado filho deu tamanho exemplo de virtude maternal”⁴⁰¹.

Maria, desde os primórdios, tem um lugar de destaque na comunidade cristã. Enquanto Jesus é identificado, por João Batista, como o Cordeiro de Deus (Jo 1, 29), Maria recebeu um título quase idêntico, como, por exemplo, a partir das palavras de Melitão de Sardes (séc. II): “Foi Ele o cordeiro que não abriu a boca, o cordeiro imolado, nascido de Maria, cordeira sem mancha”⁴⁰².

No culto, a figura de Maria também está presente na celebração da eucaristia e do batismo. Na *Tradição Apostólica*, no momento de dar graças a Deus pelo Filho, Jesus Cristo, Hipólito de Roma complementa: “que é o teu Verbo inseparável, por meio do qual fizestes todas as coisas e que, porque foi do teu agrado, enviaste do Céu ao seio de uma Virgem”⁴⁰³. Na mesma obra, no momento da profissão de fé proferida no batismo, em uma das perguntas aos neófitos também é mencionado o nome de Maria: “Crês em Jesus Cristo, Filho de Deus, que nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria...?”⁴⁰⁴. Como não reconhecer a dignidade e a importância da mulher na história da salvação? De acordo com Borobio: “A profissão de fé baptismal comporta, pois, a menção de Maria por ter ela interferido diretamente na encarnação do Filho de Deus”⁴⁰⁵. Maria, ao ser lembrada na celebração dos mistérios de Jesus, indica que a Mãe e o Filho são inseparáveis, e que no cristianismo, onde está o Homem está a Mulher.

³⁹⁹ MURAD, A., Maria toda de Deus e tão humana, p. 100.

⁴⁰⁰ RONSI, F.Q., A mulher na Igreja e na sociedade, p. 59.

⁴⁰¹ TOMÁS DE AQUINO. Catena Aurea, p. 530.

⁴⁰² CANTALAMESSA, R., I più antichi testi pasquali della Chiesa, p. 41.

⁴⁰³ HIPÓLITO de Roma. Tradição Apostólica, p. 49.

⁴⁰⁴ HIPÓLITO de Roma. Tradição Apostólica, p. 63.

⁴⁰⁵ LLABRÉS, P., O culto a Santa Maria, Mãe de Deus, p. 199-221.

Neste capítulo foram apresentadas algumas mulheres fortes presentes na Escritura, e de que maneira elas se tornaram decisivas para a caminhada do povo de Deus. Em primeiro lugar, a demonstração de algumas mulheres fortes presentes no Antigo Testamento, como a estrangeira Rute e a sua fidelidade à Aliança; a viúva Judite que chegou a ser chamada de a glória de Jerusalém; Ester, a órfã que se tornou uma rainha para salvar o povo; a mulher do livro de Provérbios, modelo de esposa ideal e de fortaleza.

Na sequência, foram apresentadas algumas mulheres do Novo Testamento, começando com um destaque para aquelas que foram as primeiras testemunhas do evento que fundamenta o cristianismo, ou seja, a ressurreição de Jesus Cristo. As mulheres seguidoras do Messias o acompanharam até o seu momento derradeiro, aos pés da Cruz, mostrando assim que foram muito mais fortes e corajosas do que os próprios discípulos homens.

Um ponto sempre controverso, sobretudo nas páginas do Novo Testamento, é sobre a relação de Paulo com as mulheres. Ao longo do texto, demonstramos que nem sempre podemos entender tal relação a partir de uma posição de discriminação de Paulo para com as mulheres. Em suas cartas, ele menciona o nome de várias mulheres, demonstrando que elas não ocuparam um lugar de pouca importância em seu ministério, de modo que acusar Paulo de misoginia é não considerar todo o contexto das narrativas encontradas na literatura paulina.

Em relação à literatura apócrifa, é sempre útil para demonstrar a vida de várias mulheres fortes e de que modo contribuíram para o crescimento do cristianismo nos primeiros séculos. Neste ponto, demonstramos que Maria Madalena não deve ser relacionada com uma prostituta, mas sim como aquela que foi a Apóstola dos Apóstolos, a primeira a ter contato com Jesus ressuscitado e dele mesmo ter recebido a missão para ser a anunciadora da ressurreição. Dos apócrifos também vem a história de Paulo com a nobre Tecla, que desafiou a família e a sociedade para viver a sua própria vida, e que passou pelo martírio por não renunciar a suas convicções.

Em relação ao estado de vida, graças ao cristianismo, as mulheres tinham a condição de se santificarem da forma em que escolhessem viver, ou seja, mantendo a virgindade, através do matrimônio ou permanecendo na viuvez. Independentemente do estado de vida, a mulher tinha a força para viver em busca da sua própria santificação, inclusive algumas optavam em viver a castidade no

próprio matrimônio. Neste ponto, várias foram as mulheres que fizeram parte das famílias de alguns Padres da Igreja e que souberam viver santamente no estado em que se encontravam. Na família de Basílio de Cesareia e Gregório de Nissa, destaca-se a irmã Macrina; na vida de Gregório de Nazianzeno, tanto a sua mãe Nona quanto a sua irmã Gorgônia foram de grande relevância; Mônica foi a grande intercessora e uma das responsáveis pela conversão de Agostinho, um dos maiores nomes do cristianismo de todos os tempos.

Por fim, apresentamos a figura daquela que é modelo por excelência de todas as mulheres fortes: Maria, a Mãe de Jesus. Ela foi a maior e a mais perfeita discípula do próprio Filho, que colocou a sua vida no serviço a Deus e ao próximo. Maria é a mulher da plenitude, ou seja, é plena da graça de Deus, e através dela, a plenitude do tempo se cumpriu para o nascimento do Salvador. Maria é a Virgem fiel, que soube guardar tudo no seu coração e nunca perdeu a esperança de que Deus cumpriria a sua promessa e, por isso mesmo, calava-se diante de algumas situações. O silêncio de Maria não é o fruto de uma passividade ou do medo, mas é um calar fecundo, que gera esperança e a torna realmente uma mulher forte, pois sabe o que fazer com a própria vida, ou seja, tem consciência de que o único caminho a seguir é composto por duas vias: uma voltada para Deus e a outra para o próximo.

3

A mulher na Igreja

3.1

As virgens: a parte mais ilustre do rebanho de Cristo

3.1.1

As virgens na literatura patrística

Antes mesmo dos Padres da Igreja desenvolverem uma teologia própria a respeito da virgindade, a castidade em vista do Reino de Deus já era uma condição de vida idealizada por Jesus, como pode ser verificado em um trecho do evangelho segundo Mateus: “Há eunucos que se fizeram eunucos por causa do Reino dos Céus” (Mt 19, 12). O papa Pio XII iniciou a carta encíclica *Sacra Virginitas*, declarando que “a sagrada virgindade e a perfeita castidade consagrada ao serviço de Deus contam-se, sem dúvida, entre os mais preciosos tesouros deixados como herança à Igreja pelo seu Fundador”⁴⁰⁶. Tal herança foi administrada pelos cristãos dos primeiros séculos, sobretudo pelas mulheres.

Alguns autores como, por exemplo, Silva, acreditam que, “na maioria dos casos a permanência no estado virginal era muito mais uma decisão tomada pela família do que uma opção particular”⁴⁰⁷. Embora tal afirmação tenha fundamento, preferimos dar crédito ao fato de que a decisão pela virgindade estivesse baseada no ideal pessoal pelo Reino de Deus, independentemente da vontade de terceiros. Conforme Fabris, o critério derradeiro pela escolha do matrimônio ou da virgindade, tanto para o homem quanto para a mulher, “não é sugerido pelas preocupações da ascese ou por tabus sexuais, mas por uma visão indubitavelmente cristã: a relação com o Senhor, que iniciou uma nova época na história humana”⁴⁰⁸.

O que fazia diferença na escolha do estado de vida era exatamente esta experiência pessoal, pois, de acordo com Baumert, “onde uma pessoa experimenta essa relação com o Senhor de tal forma que, tendo em vista suas habilidades sexuais, encontra sua realização no Senhor, não necessitando de outras formas de expressão por meio da relação com um parceiro(a), aí está dado o carisma do celibato”⁴⁰⁹. De acordo com Odrobina, falar sobre a virgindade “sugere uma situação de integridade

⁴⁰⁶ SV, 1.

⁴⁰⁷ SILVA, G.V., A redefinição do papel feminino na Igreja primitiva, p. 312.

⁴⁰⁸ FABRIS, R., A mulher na Igreja Primitiva, p. 133.

⁴⁰⁹ BAUMERT, N., Mulher e homem em Paulo, p. 364.

física, geralmente aplicada ao sexo feminino. No caso dos homens, muitas vezes, falamos de ascetas”⁴¹⁰.

Em uma escala de valores, conforme os Padres, as mártires estão em primeiro lugar, seguidas, imediatamente, pelas virgens, pois, a partir do momento em que o martírio diminuiu, sobretudo com a liberdade de culto concedida aos cristãos por Constantino, no século IV, a cristã virgem tornou-se o tipo que mais representa a santidade⁴¹¹. Orígenes foge um pouco a esta regra, pois, com ele, de acordo com Oliveira, “a doutrina da virgindade elabora-se de maneira mais ampla, e independente do martírio”⁴¹².

Constatamos, a partir da literatura patrística, que “a alta estima pela virgindade cristã conheceu um lugar sugestivo na literatura teológica dos primeiros tempos do cristianismo”⁴¹³. Assim, as virgens foram, gradualmente, constituindo uma porção relevante no cristianismo dos primeiros séculos. Conforme Grossi, a literatura sobre a virgindade, oriunda dos Padres, contribuiu para a valorização da mulher na esfera pública, fato que era “negado na época tanto pela cultura judaica para a esfera religiosa quanto pela cultura helenístico-romana para a esfera civil”⁴¹⁴.

A jovem cristã que, livremente, não se casava, mas seguia o caminho da virgindade consagrada, passou a ser muito valorizada na sociedade, pois representava um sinal de liberdade e não somente a desvinculação da mulher dos seus laços familiares: “primeiro, no lar da tutela do pai e depois na do marido, colocando-a no mesmo nível do homem”⁴¹⁵. De acordo com Jerônimo, na sua carta a Demetria, “em todos os lares ardia o entusiasmo pela profissão virginal; não obstante a diferença na condição social, idêntico era o prêmio da castidade”⁴¹⁶. Anteriormente, Jerônimo já havia escrito uma carta exaltando a virtude da virgindade, endereçada a Eustóquia. Este estilo de vida acabou influenciando muitas famílias nobres de Roma, dando origem ao Círculo do Aventino, formado, basicamente, por mulheres cristãs ligadas a Jerônimo⁴¹⁷.

A partir dos Padres da Igreja, extraímos informações relevantes a respeito da honra devida aos que desejavam levar uma vida casta, sobretudo no caso das

⁴¹⁰ ODRUBINA, L., TIBILLETI, C., Vergine, p. 5561-5568.

⁴¹¹ RAIOLA, D., La donna nel cristianesimo primitivo, p. 30.

⁴¹² OLIVEIRA, N.A. (Org.), A virgindade consagrada, p. 132.

⁴¹³ OLIVEIRA, N.A. (Org.), A virgindade consagrada, p. 131.

⁴¹⁴ GROSSI, V., A proposito della letteratura patrística sulla verginità, p. 1.

⁴¹⁵ GROSSI, V., A proposito della letteratura patrística sulla verginità, p. 22.

⁴¹⁶ JERÔNIMO. Carta a Demétria, p. 16.

⁴¹⁷ GROSSI, V., A proposito della letteratura patrística sulla verginità, p. 20.

mulheres. Conforme Alexandre, “Jerônimo aconselha longamente, em verdadeiros tratados da virgindade, as esposas de Cristo”⁴¹⁸. Ambrósio, por exemplo, considerado o “cantor” da virgindade⁴¹⁹, escreveu pelo menos quatro obras a respeito deste tema, demonstrando, assim, o quão relevante era para as comunidades cristãs⁴²⁰. Mas não podemos desconsiderar que muitos Padres acabaram sendo mal interpretados em seus escritos e não foram devidamente consideradas as suas opiniões, chegando ao ponto de muitos deles terem recebido o rótulo de misóginos⁴²¹.

Justino de Roma, em sua primeira Apologia, declarou existirem pessoas na comunidade que, seguindo a Cristo desde a mais tenra idade, permaneciam incorruptos até os sessenta e setenta anos⁴²², colocando, assim, a castidade em um patamar elevado, demonstrando que tal aspiração de vida era tão almejado, por alguns cristãos, que até podia gerar interpretações equivocadas como, por exemplo, no caso de uma pessoa ter apresentado “um memorial ao prefeito Félix em Alexandria, pedindo-lhe que autorizasse seu médico para cortar-lhe os testículos”⁴²³. Na mesma linha do pensamento de Justino, Tertuliano deixou registrado que alguns viviam em continência virginal, puros como crianças, mesmo já tendo uma idade avançada⁴²⁴. Atenágoras de Atenas (séc. II) declarou ser fácil encontrar, entre eles, “homens e mulheres que chegaram celibatários à velhice, com a esperança de um relacionamento mais íntimo com Deus”⁴²⁵. Ainda sobre a preservação da castidade durante toda a vida, Eusébio de Cesareia (séc. IV) comentou sobre as duas filhas do apóstolo Filipe, que envelheceram na virgindade⁴²⁶.

De acordo com Atanásio, a virgindade é o “paraíso e a casa do Todo-Poderoso”⁴²⁷, pois a mulher que optava pelo caminho da virgindade tornava-se a morada de Deus. Na *Constituição dos Apóstolos* (séc. IV), temos que as “virgens sejam santas de corpo e de alma, assim como é o Templo de Deus, como a casa de

⁴¹⁸ ALEXANDRE, M., Do anúncio do Reino à Igreja, p. 513.

⁴¹⁹ OLIVEIRA, N.A. (Org.), A virgindade consagrada, p. 132

⁴²⁰ Em ordem cronológica: As virgens, As viúvas, A educação da Virgem e a Virgindade Perpétua de Santa Maria e A virgindade.

⁴²¹ SALISBURY, J.E., Pais da Igreja, virgens independentes, p. 46.

⁴²² JUSTINO de Roma. Apologia I, p. 31.

⁴²³ JUSTINO de Roma. Apologia I, p. 45.

⁴²⁴ TERTULIANO. Apologético, p. 63.

⁴²⁵ ATENÁGORAS de Atenas. Petição em favor dos cristãos, p. 161.

⁴²⁶ EUSÉBIO de Cesareia. História Eclesiástica V, 24,2, p. 269.

⁴²⁷ ATANÁSIO de Alexandria, Hino à Virgindade, p. 438.

Cristo, como a habitação do Espírito Santo”⁴²⁸. Nas palavras de Ambrósio, as virgens deveriam guardar bem a casa, ou seja, o próprio corpo, e mantê-la limpa em todos os seus recantos⁴²⁹, pois, de acordo com Cipriano, o que seremos um dia, elas já começaram a ser, pois “já possuíis neste mundo a glória da ressurreição”⁴³⁰.

Nas palavras de Agostinho, “guardar a integridade virginal e abster-se de todo comércio carnal por piedosa continência é obra angélica”⁴³¹. Cipriano também exortou as virgens para que permanecessem naquele estado, pois se perseverassem castas e virgens, seriam iguais a anjos de Deus⁴³². Ambrósio declarou que a virgindade é um dom do céu, pois “aqueles que não se casam nem são dados em casamento são como os anjos no céu. Não nos surpreendamos, pois, se forem comparados aos anjos que estão unidos ao Senhor dos anjos?”⁴³³. Gregório de Nissa descreveu a virgindade como uma forma de recuperar o antigo estado paradisíaco da alma e a indicou como uma “porta de entrada necessária para uma vida mais santa”⁴³⁴. Metódio de Olimpo (séc. IV) demonstrou que “a pureza virginal é o meio por excelência de reencontrar a imortalidade perdida e de aspirar a Jerusalém celeste”⁴³⁵. Através deste autor temos, de modo sistemático, um dos primeiros tratados⁴³⁶ a respeito da virgindade, escrito em forma de diálogo com a interlocução de dez virgens, dentre elas a nobre Tecla, que recita um hino acompanhada com o coro das outras virgens:

Tecla: Do alto, ó virgens, veio o som de um barulho que desperta os mortos, convidando-nos a todos a encontrar o Noivo em vestes brancas e com tochas para o leste. Levante-se, antes que o Rei entre pelos portões.

Virgens: Eu me mantenho puro para Ti, ó Noivo, e segurando uma tocha acesa, vou ao teu encontro⁴³⁷.

As virgens cristãs passaram a ter uma identificação muito próxima com duas imagens, a saber: com a Igreja e, a partir do aspecto sponsal, com Jesus Cristo. De acordo com Grossi, “a referência da virgem foi e continua sendo a Igreja”⁴³⁸. Também é este o pensamento de Ambrósio: “És agora uma das virgens e, por isso,

⁴²⁸ CONSTITUIÇÕES DOS SANTOS APÓSTOLOS. IV, Das virgens XIV, p. 964.

⁴²⁹ LH, Vol I, p. 1070.

⁴³⁰ CIPRIANO de Cartago. A conduta das virgens 22, p. 66.

⁴³¹ AGOSTINHO de Hipona. A santa virgindade, p. 112.

⁴³² CIPRIANO de Cartago. A conduta das virgens 22 p. 66.

⁴³³ AMBRÓSIO de Milão. Concerning Virgins I, III, 11, p. 798.

⁴³⁴ GREGÓRIO de Nissa. On Virginity, p. 632.

⁴³⁵ OLIVEIRA, N.A. (Org.), A virgindade consagrada, p. 132

⁴³⁶ Trata-se da obra O Banquete das Dez Virgens.

⁴³⁷ METHODIUS, The Banquet of the Ten Virgins, Discourse XI, II, 800.

⁴³⁸ GROSSI, V., A proposito della letteratura patristica sulla verginità, p. 2.

és uma imagem fiel da Igreja – recolhe-te no teu aposento e durante a noite pensa sempre em Cristo e espera a todo o momento a sua chegada”⁴³⁹. Nas palavras de Agostinho, “esta estirpe de virgens não é fruto de nenhuma fecundidade corporal: não é fruto da carne nem do sangue. Se perguntarem quem é sua mãe, ei-la: é a Igreja”⁴⁴⁰. A virgem é, de acordo com Grossi, um “tipo de Igreja e tem sua própria dimensão eclesial, não só porque está a serviço da Igreja, mas porque a realiza em si, na sua natureza de reunir-convocar para louvar o seu Deus”⁴⁴¹. Em outro texto, Ambrósio diz expressamente: “Considerai ainda outro valor da virgindade, Cristo é o Esposo da Virgem... É virgem, portanto, Aquela que foi esposa, é virgem Aquela que nos trouxe no seio, que nos gerou e nos alimentou com o seu leite, que é irrigada com a fonte da Trindade”⁴⁴². Tertuliano, de acordo com Coelho, “foi o precursor da doutrina de que as virgens eram simbolicamente as esposas de Cristo”⁴⁴³. Em um trecho da sua obra, conhecida como *De virginibus velandis*, ele declarou que as virgens eram casadas com Cristo: “a Ele você entregou sua carne; a Ele você desposou sua maturidade. Caminhe de acordo com a vontade de seu cônjuge”⁴⁴⁴. Jerônimo, escrevendo para Eustochium, comentou que era “obrigado a chamar a noiva do meu Senhor de senhora”⁴⁴⁵.

É relevante destacar que os Padres não tinham a pretensão de valorizar a virgindade em detrimento do matrimônio. Conforme Grossi, “na relação com o casamento, além do fato bíblico de que a virgem pensa nas coisas de Deus e os casados nas da vida transitória, casamento e virgindade não se opõem em nível ontológico, mas apenas em nível de condição de vida diferente”⁴⁴⁶. Clemente de Alexandria julgava que a castidade era um dom de Deus, e eram bem-aventurados os que a recebiam, mas também era admirável a beleza do matrimônio⁴⁴⁷.

Agostinho deixou um recado muito pertinente para as virgens, pois mantinha uma preocupação de que elas não perdessem a humildade por conta do seu estado de vida: “Pois, se a continência e a virgindade precedem por direito divino ao

⁴³⁹ AMBRÓSIO de Milão. A Virgindade, 12, 68, p. 633.

⁴⁴⁰ AGOSTINHO de Hipona. A santa virgindade, p. 111.

⁴⁴¹ GROSSI, V., A proposito della letteratura patristica sulla verginità, p. 13

⁴⁴² AMBRÓSIO de Milão. As Virgens 5, 22, p. 629.

⁴⁴³ COELHO, F.S., As matronas da antiguidade cristã, p. 150.

⁴⁴⁴ TERTULIANO. On the Veiling of Virgins, II, XVI, p. 77.

⁴⁴⁵ WHITE, C., Lives of Roman Christian Women, p. 112.

⁴⁴⁶ GROSSI, V., A proposito della letteratura patristica sulla verginità, p. 5.

⁴⁴⁷ CLEMENTE de Alexandria, Stromata II, 1, p. 192.

matrimônio, as virgens não devem se julgar superiores em mérito às pessoas que, pela propagação dos filhos de Israel, serviam a Cristo que havia de vir um dia”⁴⁴⁸.

Podemos tomar Maria, a mãe de Jesus, como modelo de mulher que já tinha no seu coração o firme propósito de preservar a sua virgindade como sinal de uma consagração total a Deus. Em Maria, temos um exemplo perfeito de virgindade vivida pelo Reino de Deus, pois ela, “a virgem por excelência, no seu coração maturou o desejo de viver nesse estado, para alcançar uma intimidade cada vez mais profunda com Deus”⁴⁴⁹. De acordo com Agostinho, ela não teria perguntado ao anjo como se daria aquele nascimento, tendo em vista que ela não conhecia homem nenhum, “se não houvesse consagrado anteriormente sua virgindade a Deus”⁴⁵⁰. Em Maria, temos uma forma perfeita de fecundidade espiritual, que brota a partir da escolha em permanecer sempre virgem por causa do Reino dos Céus. É relevante notar que, em Maria, a virgindade e a maternidade estão unidas e não se excluem, mas ajuda a perceber, sobretudo as mulheres, que “estas duas dimensões e estes dois caminhos da vocação da mulher, como pessoa, se desdobram e se completam reciprocamente”⁴⁵¹.

Maria é modelo para as virgens, pois ela era “virgem, não só de corpo, mas também de espírito, de candura incapaz de menor disfarce”⁴⁵². Nela temos uma perfeita aproximação com a Igreja, pois Maria não é somente, como diz Basílio de Cesareia, a *theophoros sarx* (portadora de Deus), mas também é a provedora de Deus para a humanidade, conforme podemos constatar através da inscrição tumular de Abércio, composta no século III: “A fé me guiava por toda a parte e me fornecia como alimento um peixe de fonte, grandíssimo, puro, que casta virgem pescou e distribuía aos amigos para alimentar-se para sempre”⁴⁵³. De acordo com Orígenes, Jesus, em termos de castidade, foi o primeiro entre os homens e Maria, a primícia entre as mulheres⁴⁵⁴. Em outra passagem, o alexandrino proclamou que ela é o modelo de virgem peregrina da fé, pois, na visitação à Isabel, foi “conduzida às alturas, protegida pelo poder de Deus, pelo qual já havia sido recoberta”⁴⁵⁵.

⁴⁴⁸ AGOSTINHO de Hipona. A santa virgindade, p. 99.

⁴⁴⁹ JOÃO PAULO II. O papel da mulher à luz de Maria.

⁴⁵⁰ AGOSTINHO de Hipona. A santa virgindade, p.103.

⁴⁵¹ MD, 18.

⁴⁵² AGOSTINHO de Hipona. A doutrina cristã, p. 259.

⁴⁵³ MORESCHINI, C.; NORELLI, E., História da literatura cristã antiga grega e latina I, p. 307.

⁴⁵⁴ ORÍGENES. Commentary on Matthew, X, 17, p. 810.

⁴⁵⁵ ORÍGENES. Homilia sobre o Evangelho de Lucas, p. 67.

Na virgindade de Maria, temos o exemplo a ser seguido por todas as mulheres que desejam consagrar, integralmente, a vida ao Senhor. De acordo com Ambrósio, as virgens devem imitar a vida de Maria, pois ela era “poupadora de palavras, estudiosa na leitura, descansava a sua esperança não em riquezas incertas, mas na oração dos pobres e era empenhada em trabalho”⁴⁵⁶. Maria é a imagem perfeita da virgem que não é uma mulher alienada, pois, de acordo com João Crisóstomo, ela é um “exemplo de mulher que cresce no conhecimento do mistério de Cristo e supera as fraquezas humanas”⁴⁵⁷. A virgindade, em Maria, tem o devido valor, não pelo fato de abster-se materialmente de uma relação com um homem, mas, sobretudo, porque se trata, em primeira instância, de uma consagração a Deus, pois, conforme as palavras de Agostinho, “de nada houvera aproveitado o liame materno de Maria, se ela não tivesse sido mais feliz por ter trazido Cristo em seu coração do que em sua carne”⁴⁵⁸.

Cirilo de Jerusalém, em uma de suas catequeses, comparando Eva com Maria, comentou que “Maria pagou a dívida de gratidão: ela não deu à luz por meio de um homem, mas por si mesma, virginalmente, por obra do Espírito Santo e do poder de Deus”⁴⁵⁹. De acordo com Gambero, a intenção de Cirilo, provavelmente, era “dizer que a Santíssima Virgem restaurou a dignidade da mulher, restabelecendo sua posição de igualdade em relação ao homem e enobrecendo seu papel de mãe”⁴⁶⁰. Se Cristo é o modelo para os homens que desejam guardar a sua virgindade, Maria é o modelo para todas as mulheres com o mesmo desejo, de modo que, a partir de seu exemplo de vida, temos o arquétipo da vida feminina consagrada na Igreja. Agostinho declarou que o nascimento de Cristo, a partir de uma mulher, honrou os dois sexos e que aquelas que se consagravam a Deus deviam exultar, pois a Virgem as havia dado o Noivo para que elas pudessem se casar sem nenhum tipo de corrupção⁴⁶¹.

3.1.2

O poder inabalável e escondido nas virgens

⁴⁵⁶ AMBRÓSIO de Milão. *Concerning Virgins* II, II, 7, p. 821.

⁴⁵⁷ MARITANO, M., *Maria nos Padres da Igreja*, p. 1185-1196.

⁴⁵⁸ AGOSTINHO de Hipona. *A Santa virgindade*, p. 102.

⁴⁵⁹ GAMBERO, L., *Mary and the Fathers of the Church*, p. 139.

⁴⁶⁰ GAMBERO, L., *Mary and the Fathers of the Church*, p. 139.

⁴⁶¹ AGOSTINHO de Hipona, *Sermões*, p. 1027.

Dentro da categoria na qual estavam inseridas as virgens cristãs, não foram poucos os casos daquelas que acabaram passando pelo martírio, como, por exemplo, Inês de Roma. A virgem, que já detinha uma espécie de atestado de fortaleza, por conta de sua decisão em manter a castidade, passou também a carregar um dos títulos que mais representam a ligação íntima dos discípulos com o Mestre (Lc 9, 23-26), ou seja, a coroa do martírio. No caso de Inês, por exemplo, Ambrósio comparou a virgindade como um novo gênero de martírio, pois Inês “dá uma lição de fortaleza, apesar da sua tão tenra idade. Nenhuma noiva se adiantaria para o leito nupcial com aquela alegria com que a virgem avançou para o lugar do suplício”⁴⁶².

Muitas mulheres foram martirizadas exatamente por não abdicarem da condição de permanecerem virgens, demonstrando um alto grau de autoridade, não apenas sobre os seus próprios corpos, mas, sobretudo, a partir do ponto de vista espiritual. As virgens passaram a carregar uma autoridade reconhecida por todos os que entendiam a profundidade daquele estado de vida. De acordo com Brown, “a virgem era o único ser humano de quem se podia dizer convincentemente que havia permanecido tal como originalmente criado”⁴⁶³.

A virgindade, comparada com o martírio, é considerada uma antecipação da ressurreição e dá “às almas força espiritual capaz de as levar até ao martírio”⁴⁶⁴. Nas palavras de Atanásio, “quem quiser pode acercar-se para contemplar os sinais das virtudes nas virgens de Cristo e nos jovens que se conservam puros e castos. Verá o coro imenso dos mártires, a fé na imortalidade”⁴⁶⁵. Se, de acordo com a literatura dos Padres, o martírio era considerado “o meio mais seguro para a união com Cristo”⁴⁶⁶, podemos entender de que forma a virgem cristã também estava em íntima união com o Senhor, pois, neste estado de vida, ela estava unida a Cristo através de um matrimônio espiritual. Trataremos especificamente sobre as mártires em outra seção deste capítulo.

Os Padres registraram a exaltação sobre as virgens, ao considerarem que elas são um “sinal evidente da excelência e da superioridade do cristianismo sobre o paganismo (Tertuliano, Cipriano, Clemente); por isso, são o orgulho da Igreja”⁴⁶⁷. De acordo com Salisbury, “a posição de virgens sobrepunha-se a todas as outras

⁴⁶² AMBRÓSIO de Milão, *As Virgens*, I, 8, p. 629.

⁴⁶³ BROWN, P., *Corpo e Sociedade*, p. 226.

⁴⁶⁴ SV 27.

⁴⁶⁵ ATANÁSIO de Alexandria, *A encarnação do Verbo*, p. 190.

⁴⁶⁶ PADOVESE, L., *Introdução à Teologia Patrística*, p. 144.

⁴⁶⁷ MONDONI, D., *O cristianismo na antiguidade*, p. 98.

nas hierarquias terrenas”⁴⁶⁸. Na história da virgindade cristã, a época dos Padres é muito relevante, pois é quando o “ideal da virgindade conhece extraordinário florescimento e é objeto de notável aprofundamento doutrinal”⁴⁶⁹.

Ao escolher este estado de vida, as cristãs tinham a convicção de que não estavam adentrando em um mar de fácil navegação, muito pelo contrário, pois sabiam que não viveriam isoladas da sociedade, sem contato com a realidade cotidiana, até mesmo porque, as virgens só passariam a viver em comunidades próprias a partir do século IV. De acordo com Maraval, “subsistiram por muito tempo virgens independentes, que continuavam a residir com a família ou que, inclusive, compartilhavam seu modo de vida com um homem que fizera a mesma opção”⁴⁷⁰.

As virgens detinham em si um poder que lhes permitia, por exemplo, serem comparadas com o bom samaritano da parábola (Lc 10, 25-37). De acordo com Agostinho, aconteciam casos de crianças que eram abandonadas pelos próprios pais, mas eram acolhidas nas ruas pelas virgens e depois apresentadas, por elas mesmas, para serem batizadas⁴⁷¹. Neste contexto também podemos supor que as virgens dispensavam o mesmo tratamento para com os filhos dos mártires que ficavam órfãos, sobretudo durante os períodos de perseguição sofridos pelos cristãos nos primeiros quatro séculos.

Assim, não é correto imaginarmos que as cristãs optavam pelo estado de vida virginal com o intuito de se livrarem de certas obrigações. De acordo com Salisbury, a “sexualidade masculina e o poder estavam fortemente vinculados, enquanto a sexualidade feminina era associada à passividade”⁴⁷². Mas, com o advento das virgens cristãs, e considerando a atuação das mesmas, é muito difícil relacionarmos a vida de tais mulheres com um estado de passividade, pois o fato de elas escolherem este estilo de vida já demonstra o quanto de atividade estava por detrás de cada uma daquelas mulheres. Acreditamos que, neste caso, a opção pela virgindade e a passividade, definitivamente, não combinava.

É relevante revisitar, mesmo que muitas ainda se encontrem no campo especulativo sobre a veracidade ou não dos fatos narrados, a história de mulheres

⁴⁶⁸ SALISBURY, J., Pais da Igreja, virgens independentes, p. 102.

⁴⁶⁹ BARBIERI, R.; CALABUIG, I.M., Virgindade consagrada na Igreja, p. 1235-1249.

⁴⁷⁰ MARAVAL, P., Em busca da perfeição, p. 99.

⁴⁷¹ AGOSTINHO de Hipona, Letters, To Boniface 6, p.897

⁴⁷² SALISBURY, J., Pais da Igreja, virgens independentes, p. 17.

que ganharam notoriedade por conta da opção pelo caminho da virgindade. Conforme Salisbury, “o ideal alternativo sobreviveu nas lendas que contavam as vidas das mulheres ascetas, de estudo mais difícil que a tradição patrística”⁴⁷³. Dentre essas histórias, é interessante a narração da vida de Constantina, a filha do imperador Constantino. A fim de começarmos a demonstrar de que maneira essa história teve a sua importância, é relevante apresentar a relação entre Constantina e a mártir Inês de Roma, pois, muito provavelmente, a basílica dedicada à santa tenha sido construída a partir de uma iniciativa da filha do imperador.

De acordo com os relatos, quando ainda era jovem, Constantina, acometida pela lepra, visitou o santuário de Santa Inês, em Roma e, na ocasião, teria recebido, através de uma visão, a confirmação da própria santa de que ela ficaria curada da doença, e assim aconteceu. Com isso, Constantina decidiu “dedicar sua virgindade a Cristo, imitando a virgem Mártir Agnes. Fez, então, o pai construir uma igreja em homenagem à santa mártir que lhe salvou o corpo e a alma”⁴⁷⁴.

De acordo com o relato, o imperador Constantino tinha o interesse em realizar o casamento de sua filha com o general romano Galicano, porém a moça já “havia jurado sua virgindade a Cristo e com vigor expressou seu posicionamento ao pai”⁴⁷⁵. Esse ponto do relato já serve para demonstrar de que maneira as virgens tinham mesmo um poder escondido e, ao mesmo tempo, inabalável, pois, nas palavras de Constantina, “as virgens têm uma qualidade de alma tal que a elas é permitido até mesmo resistir a uma ordem imperial”⁴⁷⁶.

Deixando a narrativa sobre a vida de Constantina para ser aprofundada em outras pesquisas, não menos importantes são as impressões deixadas, por ela própria, a respeito de Inês de Roma, pois, de acordo com Trout, “seus versos agora sobrevivem apenas em manuscritos selecionados do *Peristephanon* de Prudentius, anexado ao poema do próprio poeta do século IV sobre a virgem mártir Agnes”⁴⁷⁷. Em um desses versos, temos uma evidência de que, realmente, Constantina, independentemente do que é narrado a respeito de sua vida, ou seja, a filha de Constantino legendária ou histórica, tinha o firme propósito de levar uma vida casta e de que maneira honrava uma outra mulher, virgem e mártir:

⁴⁷³ SALISBURY, J., Pais da Igreja, virgens independentes, p. 94.

⁴⁷⁴ SALISBURY, J., Pais da Igreja, virgens independentes, p. 99.

⁴⁷⁵ SALISBURY, J., Pais da Igreja, virgens independentes, p. 99.

⁴⁷⁶ SALISBURY, J., Pais da Igreja, virgens independentes, p. 102.

⁴⁷⁷ TROUT, D.E., Vergil and Ovid at the Tomb of Agnes, p. 264.

Eu, Constantina, venerando a Deus e consagrada a Cristo, tendo devotamente provido todas as despesas, com considerável inspiração divina e Cristo auxiliando, consagro o templo da vitoriosa virgem Agnes, que supera a obra de templos e todos os (edifícios) terrestres... Portanto, mártir e devota de Cristo, você possuirá este valioso presente de nossos recursos através dos longos tempos, ó donzela feliz, de notável nome Inês⁴⁷⁸.

A mulher decidida em preservar a sua virgindade por causa do Reino de Deus passou a ser considerada um tipo de heroína, pois “a escolha da virgindade cristã dava à mulher uma força que nenhuma outra coisa lhe dava no mundo antigo”⁴⁷⁹. Ao contrário de um sinal de fragilidade que pudesse estar relacionado com a condição da mulher na sociedade daquele período, a virgem cristã passou a ocupar um lugar de honra e de distinção, tanto na Igreja quanto fora dela. Mesmo que se tratasse de uma decisão pessoal, ou seja, preservar ou não aquele estado de vida, os benefícios que as virgens obtinham, espiritualmente, para as suas próprias vidas, acabavam servindo também toda a Igreja⁴⁸⁰. A *Lumen gentium* destaca que a “Igreja sempre teve em grande conta esta prática da continência perfeita por causa do reino dos céus, considerando-a sinal e estímulo do amor, fonte espiritual particularmente fecunda para o mundo”⁴⁸¹. De acordo com Cipriano, as virgens estavam em um alto grau de dignidade, de modo que “são elas a flor da semente da Igreja, beleza e honra da graça espiritual, índole feliz, obra íntegra e incorrupta, digna de louvor e estima, imagem de Deus correspondendo à santidade do Senhor, a porção mais ilustre do rebanho de Cristo”⁴⁸².

As virgens constituíam, assim como as viúvas, uma categoria, ou uma ordem, reconhecida pela Igreja que, inicialmente, viviam no mundo e depois passaram a habitar nos monastérios⁴⁸³. De acordo com Coelho, “nas primeiras comunidades cristãs na Antiguidade, as mulheres virgens eram uma categoria definida – primeiro elas habitavam a realidade mundana, secular e, em épocas ulteriores, o monastério foi o lugar ideal que as acolhia”⁴⁸⁴. As cristãs que optavam em ingressar na ordem das virgens, ao deixarem a casa paterna, passavam normalmente a morar em uma determinada comunidade, em alguns casos até repartindo o mesmo espaço com os

⁴⁷⁸ TROUT, D.E., Vergil and Ovid at the Tomb of Agnes, p. 265.

⁴⁷⁹ AQUILINA, M.; BAILEY, C., Madres da Igreja, p. 41.

⁴⁸⁰ GROSSI, V.; DI BERARDINO, A., La Chiesa antica, p. 113.

⁴⁸¹ LG 42.

⁴⁸² CIPRIANO de Cartago. A conduta das virgens, 3, p. 49.

⁴⁸³ ODOBINA, L.; TIBILETTI, C., Vergine-Verginità-Velatio, p. 5561-5568.

⁴⁸⁴ COELHO, F.S., As matronas da antiguidade cristã, p. 148.

homens que também buscavam uma vida casta, unindo-se assim em uma espécie de matrimônio espiritual⁴⁸⁵. Uma busca incessante por Deus sempre esteve “na origem do estado religioso: a vida consagrada nasceu espontaneamente do desejo de uma identificação pessoal de vida com Jesus Cristo”⁴⁸⁶. Assim, a mulher não terá a sua condição “definida pela sua relação com o homem, pai ou marido, porque ela pode reivindicar um estatuto e uma dignidade pessoal, como o homem, graças à relação com o Senhor”. Mas é sempre importante destacar que, conforme Baumert, “mesmo antes de existir na Igreja a instituição das viúvas e das virgens, simultaneamente a apóstolos e pregadores itinerantes celibatários, pessoas foram chamadas para uma vida celibatária dentro de seu contexto normal”⁴⁸⁷.

As virgens não eram instituídas através de um rito determinado, bastando apenas uma decisão pessoal. Na *Tradição Apostólica*, Hipólito de Roma descreveu o procedimento para as cristãs ingressarem na ordem das virgens: “Não será imposta a mão sobre a virgem: basta a sua decisão para fazer dela uma virgem”⁴⁸⁸. As *Constituições Apostólicas* também descrevem a respeito do rito de instituição das virgens: “A virgem não é ordenada, porque não temos ordem do Senhor; a sua recompensa deriva da decisão pessoal, tomada não por oposição ao matrimônio, mas para se consagrar à piedade”⁴⁸⁹.

Sobre o papel que as virgens podiam ocupar nas celebrações da Igreja, é relevante mencionarmos o cânon 100 da *Statuta Ecclesiae Antiqua*, composto, provavelmente, por volta do ano 475:

As viúvas ou virgens consagradas que forem escolhidas para o ministério do batismo das mulheres, devem ser instruídas no ofício, para que possam ensinar, com palavras claras e prudentes, as mulheres ignorantes e rústicas que se preparam para ser batizadas, de modo que elas saibam responder às perguntas daquele que as batizará e depois vivam de acordo com o batismo recebido⁴⁹⁰.

Com este documento, podemos comprovar que as virgens consagradas, juntamente com as viúvas, exerciam funções relevantes nas comunidades e que, ao contrário do que é por vezes creditado como uma norma, as mulheres, neste caso específico, as virgens, também podiam ensinar e tinham autoridade na Igreja. Certamente as virgens ocupavam um lugar de destaque nas celebrações cristãs, pois,

⁴⁸⁵ RAIOLA, D., *La donna nel cristianesimo primitivo*, p. 31.

⁴⁸⁶ MONDONI, D., *O cristianismo na antiguidade*, p. 98.

⁴⁸⁷ BAUMERT, N., *Mulher e homem em Paulo*, p. 361.

⁴⁸⁸ HIPÓLITO de Roma. *Tradição Apostólica*, p. 55.

⁴⁸⁹ CONSTITUIÇÕES APOSTÓLICAS, *As outras ordenações*, 24, p. 502.

⁴⁹⁰ STATUTA Ecclesiae Antiqua, Cân. 100, p. 1244.

conforme Grossi, elas podiam não pertencer à hierarquia ministerial, mas pertenciam à “hierarquia espiritual da Igreja, uma espécie de aristocracia espiritual”⁴⁹¹. Bento de Núrcia é um dos santos mais venerados na Igreja Ocidental, porém, a sua irmã Escolástica, virgem consagrada a Deus, responsável pela fundação do primeiro mosteiro feminino no ocidente⁴⁹², foi considerada por Gregório Magno como mais poderosa do que o próprio irmão: “Não nos admiremos que a santa monja tenha tido mais poder do que ele; se, na verdade, como diz São João, Deus é amor (1 Jo 4,8), como justíssima razão, teve mais poder aquela que mais amou”⁴⁹³.

Atanásio recomendava que as virgens não se afastassem da palavra de Deus e que elas deveriam ter por “ocupação contínua a meditação das Sagradas Escrituras”⁴⁹⁴. Jerônimo, em uma carta dirigida a Leta, a respeito da educação da jovem Paula, descreveu de que maneira deveria ser a rotina de uma virgem: “A jovem deve cantar os hinos da manhã, e de Tércia, Sexta e Noa, como um soldado de Cristo nas filas de combate... Depois da oração dedique-se à leitura, e depois da leitura à oração”⁴⁹⁵. Agostinho relata sobre a existência de uma comunidade de viúvas e virgens, “que viviam do produto das suas malhas e tecidos de lã, à frente das quais estavam as mais respeitáveis e experientes, não só na formação e ordenamento dos costumes, mas também na instrução e cultura intelectual”⁴⁹⁶. Com isso, comprovamos que as virgens tinham o conhecimento necessário para exercerem o ministério do ensino nas comunidades, pois, dedicavam-se não apenas à oração, mas, em boa parte do dia, estavam envolvidas também com o estudo das Sagradas Escrituras.

O grau de autoridade espiritual escondido nas virgens tem relevância, sobretudo se considerarmos que eram mulheres vivendo na força do Espírito Santo, e que essa força “ao mesmo tempo se transforma em fonte de poder moral e espiritual, que para a sociedade humana, bem como para a Igreja, é valiosa porque provém de famílias sadias e crentes”⁴⁹⁷. Esta observação é importante para demonstrar que as jovens cristãs que optavam pela virgindade não realizavam tal

⁴⁹¹GROSSI, V.; DI BERARDINO, A., *La Chiesa antica*, p. 113.

⁴⁹² LOPES, G., *Pilares da Igreja*, p. 121.

⁴⁹³ LH v. III, p. 1258.

⁴⁹⁴ ATANÁSIO de Alexandria, *A Virgindade*, p. 437.

⁴⁹⁵ JERÔNIMO. Carta 107, p. 782.

⁴⁹⁶ AGOSTINHO de Hipona, *Os costumes da Igreja Católica*, p. 812.

⁴⁹⁷ BAUMERT, N., *Mulher e homem em Paulo*, p. 362.

escolha por motivos fúteis ou tentando fugir de alguma situação, mas tinham como aspiração uma vida dedicada, por completo, à causa do Reino de Deus. É relevante destacar que, nos primórdios do cristianismo, as mulheres que consagravam a sua virgindade a Deus, eram mais numerosas do que os homens. De acordo com Rops, “desde os primeiros tempos, como, por exemplo em Antioquia na época de Santo Inácio, as virgens formam um grupo à parte, muito venerado na Igreja”⁴⁹⁸. A integridade e a santidade são as imagens que melhor representam a virgindade das mulheres cristãs⁴⁹⁹.

3.2

A ordem das viúvas: a experiência positiva de um grupo particular.

3.2.1

Receptoras e doadoras de assistência

Desde os primórdios do cristianismo, as viúvas recebiam uma assistência diferenciada. A legislação de Israel, por exemplo, previa, na parte moral e religiosa, uma proteção especial para as viúvas (Ex 22, 21-23). Elas foram, indiretamente, as responsáveis, por exemplo, pela instituição dos sete diáconos da Igreja em Jerusalém, exatamente porque as viúvas dos gregos não estavam sendo atendidas da mesma forma que as viúvas dos hebreus (At 6,1-6). Cipriano, escrevendo para os presbíteros e diáconos de Cartago, recomendava: “Peço-vos que tenhais extrema solicitude pelas viúvas, os enfermos e todos os necessitados”⁵⁰⁰. Mas não apenas por parte da comunidade as viúvas eram motivo de atenção. Os evangelhos relatam episódios envolvendo Jesus e algumas viúvas, tais como: a oferta da viúva pobre (Mc 12, 42); uma crítica aos doutores da lei, por maltratarem as viúvas (Lc 20, 47); a ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17). Quando Jesus foi apresentado no Templo, Lucas destacou a presença de uma viúva e profetiza chamada Ana (Lc 2, 37).

Um dos textos mais marcantes em relação às viúvas é, certamente, um trecho da segunda carta de Policarpo aos Filipenses⁵⁰¹: “Que as viúvas sejam sábias na fé do Senhor e intercedam sem cessar por todos[...]. Saibam que elas são o altar de

⁴⁹⁸ ROPS, D., A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires, p. 223.

⁴⁹⁹ CIPRIANO de Cartago, O Estado de Virgindade, p. 294.

⁵⁰⁰ CIPRIANO de Cartago, Carta 7, p. 311.

⁵⁰¹ A carta aos Filipenses é do ano 130. Policarpo, bispo de Esmirna, viveu entre 70-156 e foi a última testemunha da época dos Apóstolos, tendo sido discípulo do Apóstolo João.

Deus”⁵⁰². De acordo com Moore, o fundamento para tal relação consiste no fato de que os fiéis depositavam os dons sobre o altar e que, posteriormente, eram distribuídos às viúvas como destinatárias da caridade⁵⁰³. Assim, socorrer as necessidades das viúvas era como ofertar um sacrifício ao próprio Deus.

Em relação à oferta da viúva, Jerônimo declarou que “as ofertas, de fato, não são avaliadas com base no seu peso, mas com base na boa vontade de quem os faz”⁵⁰⁴. Conforme João Crisóstomo, não importava a quantidade de dinheiro, mas a riqueza da alma⁵⁰⁵. De acordo com Leão Magno, a oferta da viúva superou os demais dons oferecidos pelos ricos⁵⁰⁶. Em relação à viúva de Naim, nas palavras de Ambrósio, aquela viúva era uma mulher piedosa e uma excelente mãe⁵⁰⁷. Agostinho, conforme Costa, “afirma que a Igreja é viúva, pois o Cristo esposo está ausente”⁵⁰⁸.

No que diz respeito a Ana, viúva e profetiza, Orígenes fez um belo elogio: “Essa santa mulher mereceu receber o espírito de profecia, porque, por uma longa castidade e jejuns prologados, havia ascendido a esse cume”⁵⁰⁹. Ambrósio afirmou que “Ana nos é apresentada como uma mulher tão venerável pelos emolumentos de sua viuvez e por sua conduta, a ponto de ser considerada digna de anunciar a vinda do Redentor de tudo”⁵¹⁰. Conforme Moore, o fato de Ana ser viúva e, provavelmente, sem filhos, é o que possibilitou estar no Templo constantemente, podendo ser comparada com Judite, tanto por sua oração quanto por sua idade avançada⁵¹¹. Ana, no contexto da época, assim como as outras viúvas, certamente teve dificuldades, pois, normalmente, era o homem quem mantinha financeiramente a família. De acordo com João Crisóstomo, as viúvas são “dignas de muita honra, por se conservarem sozinhas sem esposo que as proteja, o que muitos consideram opróbrio e infelicidade”⁵¹². Porém, Ana descobriu, na consagração de sua viuvez, uma nova vocação no serviço a Deus, ou como poderíamos dizer atualmente, uma

⁵⁰² POLICARPO de Esmirna. Segunda carta aos Filipenses 4, 3, p. 141.

⁵⁰³ MOORE, L.M., *Widow as the altar of God*, p. 212.

⁵⁰⁴ HALL, C.A., Oden, C., *La Bibbia commentata dai Padri*, NT 2, p. 255.

⁵⁰⁵ HALL, C.A., Oden, C., *La Bibbia commentata dai Padri*, NT 2, p. 255.

⁵⁰⁶ PETRI, S., TAPONECCO, G., *La Bibbia commentata dai Padri*, NT 3, p. 448.

⁵⁰⁷ PETRI, S., TAPONECCO, G., *La Bibbia commentata dai Padri*, NT 3, p. 178.

⁵⁰⁸ COSTA, S.R., *A ordem das viúvas ontem e hoje II*, p. 140.

⁵⁰⁹ ORÍGENES. *Homilias sobre o Evangelho de Lucas*, p. 133.

⁵¹⁰ PETRI, S., TAPONECCO, G., *La Bibbia commentata dai Padri*, NT 3, p. 90.

⁵¹¹ MOORE, L.M., *Widow as the altar of God*, p. 116.

⁵¹² JOÃO Crisóstomo. *Comentário as cartas de São Paulo /3*, p. 112.

nova forma de atuação na Igreja. Ana é o exemplo da mulher forte que, mesmo na dolorosa experiência da viuvez, encontrou a sua forma específica de santificação.

Mas as viúvas não permaneceram apenas em um estado de passividade naqueles tempos, ou seja, não ficaram simplesmente recebendo algum tipo de ajuda por parte da comunidade. Com o tempo, sobretudo após começarem a se organizar em uma ordem específica, elas passaram a desempenhar algumas funções, atuando, por exemplo, na assistência caridosa e ajudando outras viúvas com o seu testemunho de vida, demonstrando a importância da oração e do jejum. Hipólito de Roma, descrevendo o rito de instituição das viúvas, deixou explícito que elas não tinham uma função litúrgica determinada, mas somente eram destinadas para a oração: “A ordenação existe para o clero, por causa da liturgia, mas a viúva só é instituída para a oração: esta é de todos”⁵¹³. Por um lado, arrisca-se interpretar a determinação de Hipólito como um desprezo pelo serviço das viúvas na Igreja, mas, por outro ponto de vista, de acordo com Costa, “o fato de constar, numa obra sobre a organização ministerial na Igreja de Roma, a inscrição das viúvas demonstra a importância que este grupo de mulheres tinha para a comunidade”⁵¹⁴

Um grupo de viúvas dedicava-se na visitação aos enfermos e, através de uma vida dedicada à oração e demais formas de piedade, acabaram adquirindo uma autoridade e um poder de intercessão, conforme descrição de Moore: “Essas petições eram regularmente vinculadas a um jejum propiciatório e acompanhadas por uma imposição da mão”⁵¹⁵. As viúvas, sobretudo aquelas que recebiam algum tipo de ajuda da Igreja⁵¹⁶, eram chamadas a serem “de tal modo assíduas no serviço de Deus, ajudando a Igreja com os seus méritos e as suas orações”⁵¹⁷. De acordo com Policarpo, as viúvas deviam ser sábias na fé do Senhor e tinham como tarefa interceder sem cessar por todos⁵¹⁸.

Mas o cultivo de uma vida de oração era apenas uma parte dos afazeres das viúvas, pois seguiam um forte apelo em relação aos cuidados que deviam ser dispensados aos outros, “ocupando-se de vários afazeres importantes, como o ensino, o cuidado dos pobres, o aconselhamento das jovens, as visitas aos doentes.

⁵¹³ HIPÓLITO de Roma. Tradição Apostólica, p. 55.

⁵¹⁴ COSTA, S.R., A ordem das viúvas ontem e hoje, p. 133.

⁵¹⁵ MOORE, L.M., Widow as the altar of God, p. 206.

⁵¹⁶ As viúvas que realmente mereciam uma assistência especial, por parte da Igreja, eram aquelas que não tinham como manter o próprio sustento.

⁵¹⁷ STATUTA Ecclesiae Antiqua, Cân. 102, p. 1244.

⁵¹⁸ POLICARPO de Esmirna. Segunda carta aos Filipenses 4, 3, p. 141.

As que detentoras de posses auxiliavam a comunidade com seus bens”⁵¹⁹. Agostinho destacou a virtude encontrada em sua mãe, uma viúva, enquanto servidora da Igreja e do próximo: “Tu ó Deus de misericórdia, não podias desprezar o coração contrito e humilhado de uma viúva pura e modesta, fiel nas esmolas e devota servidora de teus santos, que não deixava passar um dia sem apresentar ao altar a sua oferta”⁵²⁰.

Uma viúva romana chamada Proba, muito rica, foi a responsável em fundar, em sua própria casa, uma comunidade para acolher viúvas e virgens cristãs⁵²¹. Podemos dizer que essa viúva é um exemplo para aqueles que desejam intensificar a sua vida de oração, ao solicitar a Agostinho que lhe ensinasse algo mais profundo sobre como rezar melhor, impulsionada pela passagem da carta de Paulo aos Romanos (Rm 8,26). No início da carta, a viúva recebe um elogio de Agostinho: “Não posso exprimir, por meio de palavras, a alegria que me causou o teu pedido. Nele reconheci quanto te preocupas com tão importante assunto”⁵²². Ao final da carta, é demonstrado de que maneira Proba vivia cercada de outras viúvas e como era a responsável por elas:

Não somente tu, mas tua piedosíssima nora (Juliana) deveis dar o exemplo, assim como as outras santas viúvas e virgens que se acham sob a vossa proteção. Tanto melhor dirigireis vossa casa, quanto mais insistirdes na oração, sem vos deixar absorver pelos negócios das coisas presentes, a não ser pelos que são exigidos por motivos de piedade⁵²³.

Outras viúvas se destacaram na educação dos filhos, como, por exemplo, Mônica com Agostinho e Antusa com João Crisóstomo. A mãe do “Boca de Ouro” ficara viúva ainda muito jovem, aos vinte anos, mas ofereceu ao seu filho uma educação completa⁵²⁴. Assim, podemos afirmar que as viúvas “desempenhavam um papel ativo na cristianização da sociedade”⁵²⁵ e que, ao mesmo tempo em que recebiam um auxílio da comunidade, também eram protagonistas na missão evangélica. Hermas, na segunda visão, comenta sobre as duas cópias de um livro que deveria ser entregue a Clemente e a Grapta⁵²⁶. De acordo com Daniellou, ela

⁵¹⁹ COSTA, S.R., A ordem das viúvas ontem e hoje, p. 133.

⁵²⁰ AGOSTINHO de Hipona. Confissões V, 17, p. 132.

⁵²¹ BAILEY, C.; AQUILINA, M., Madres da Igreja, p. 129.

⁵²² AGOSTINHO de Hipona. Dos bens da viuvez, p. 185.

⁵²³ AGOSTINHO de Hipona. Dos bens da viuvez, p. 212.

⁵²⁴ MALINGREY, A.M.; ZINCONE, S., Giovanni Crisostomo, p. 2216-2224.

⁵²⁵ MARITANO, M. Vedove, p. 5553-5554.

⁵²⁶ HERMAS, O Pastor, visões 2,3.

“provavelmente pertence à ordem das viúvas. Isso confirma que sua principal tarefa era ensinar as mulheres”⁵²⁷.

Marcela, uma matrona de Roma, amiga e merecedora de várias cartas de Jerônimo, é exemplo de uma grande mulher que soube viver bem a sua viuvez. Na verdade, muito do que se conhece a respeito de Marcela é por conta dos escritos de Jerônimo. Quando teve a oportunidade de se casar outra vez, Marcela recusou educadamente a proposta do cônsul Cereale, embora a sua mãe tenha insistido bastante pela nova união da filha⁵²⁸. Neste ponto, Marcela demonstrou a sua autoridade e a sua disposição em manter-se casta, mesmo tendo ficado viúva com apenas dezessete anos. Conforme Almeida, “Marcela foi uma das primeiras mulheres da aristocracia romana a optar por esse modo de vida”⁵²⁹. Além de auxiliar outras mulheres no sustento material, Marcela também se destacou por transformar a sua casa “em uma espécie de academia, onde mulheres podiam estudar a Escritura e teologia”⁵³⁰. Voltaremos a falar mais sobre os feitos de Marcela e a sua relação de amizade com Jerônimo em capítulos posteriores.

As viúvas, independentemente da posição que ocupavam na Igreja, sobretudo em relação a ministérios instituídos, tinham uma atuação relevante na comunidade. Não podemos crer que elas eram apenas objetos de assistência, mas é certo que exerciam também serviços em benefício daqueles que precisavam de ajuda. Não restam dúvidas de que as viúvas estão no rol das mulheres fortes de todos os tempos, pois, de acordo com João Crisóstomo, “não apenas a morte do marido faz a viúva, mas a paciência unida à continência e à solidão. O Apóstolo ordena honrar estas viúvas, e é justo”⁵³¹. Em termos jurídicos, podemos compreender de que forma a Igreja está “fundada sobre Pedro e os Onze, mas na forma concreta da vida eclesiástica são sempre as mulheres que abrem as portas ao Senhor, acompanham-no até o pé da cruz e, assim, o podem encontrar também como Ressuscitado”⁵³². Dentre estas mulheres fortes, alicerçadas sobre uma fé madura e firmes na esperança, certamente, estão as figuras de muitas viúvas ao longo de toda a história.

⁵²⁷ DANIELOU, J., O ministério da mulher na Igreja antiga, p. 209-227.

⁵²⁸ BIANCO, M.G., Marcella, p. 3007-3008.

⁵²⁹ ALMEIDA, R.S., Vozes femininas no início do cristianismo, p. 213.

⁵³⁰ BAILEY, C.; AQUILINA, M., Madres da Igreja, p. 90.

⁵³¹ JOÃO Crisóstomo. Comentário as cartas de São Paulo /3, p. 112.

⁵³² RATZINGER, J., Obras completas VI/1, p. 603.

3.2.2

Uma presença marcante na hierarquia ministerial

Na Igreja, em vias de institucionalização, as mulheres não ocupavam ministérios determinados, mas alguns grupos começaram a se formar, como, por exemplo, o das viúvas que, com a expansão das comunidades cristãs, começaram a ser organizadas em uma ordem específica (1Tm 5, 1-16), exercendo um papel ainda mais ativo na comunidade. É relevante destacar um trecho dos Atos dos Apóstolos envolvendo a ressurreição de Tabita (At 9,36): “Assim que chegou, levaram-no à sala de cima, onde o cercaram todas as viúvas, chorando e mostrando as túnicas e os mantos, quantas coisas Dorcas lhes havia feito quanto estava com elas”. Certamente não é possível, a partir deste relato, afirmarmos que estas viúvas já formavam uma ordem eclesial específica, como irá acontecer posteriormente, mas é bastante provável que já era costume elas se reunirem para algumas ações em comum. De acordo com Militello, “as virgens e as viúvas formarão uma classe de pessoas, embora com tarefas diferentes, antes de tudo de qualquer maneira de oração”⁵³³.

Com o avançar do tempo, nos primeiros séculos do cristianismo, há indícios sobre um grupo de mulheres que, após terem ficado viúvas, “colocavam-se a serviço da Igreja e eram reconhecidas oficialmente como um grupo a serviço da comunidade de fé. Através de uma consagração, estas viúvas constituíram uma verdadeira ordem na Igreja”⁵³⁴. Várias são as obras escritas nos primeiros séculos do cristianismo que atestam o papel das viúvas na Igreja. Estamos diante, certamente, de um grupo de mulheres diferenciadas, pois não estão relacionadas entre si apenas pelo fato de os esposos terem falecidos, mas estão inscritas em uma ordem específica na Igreja, de modo que, nem todas as viúvas estarão, necessariamente, presentes. De acordo com González, “o título de viúva chegou a se referir, não tanto ao estado civil da mulher em questão, como a sua função dentro da comunidade cristã”⁵³⁵. Na primeira carta de Paulo a Timóteo temos, de forma muito precisa, a descrição desta ordem: “Uma mulher só será inscrita no grupo das viúvas com menos de sessenta anos” (1 Tm 5, 9). De acordo com Daniellou, esta recomendação do Apóstolo “mostra que não se tratam de todas as viúvas, mas de

⁵³³ MILITELLO, C., *Donne e ministeri nella chiesa antica*, p. 21.

⁵³⁴ COSTA, S.R., *A ordem das viúvas ontem e hoje*, p. 216.

⁵³⁵ GONZÁLEZ, J., *A era dos mártires*, p. 165.

algumas delas, que constituem uma categoria da comunidade. Estamos perante o primeiro indício de uma ordem de viúvas, paralela às outras ordens”⁵³⁶.

Na obra *Constituições Apostólicas*, composta no século IV, na Síria, podemos constatar que as viúvas tinham um lugar específico nas celebrações: “As virgens, as viúvas e as mulheres de idade estarão de pé ou sentar-se-ão diante de todas as outras”⁵³⁷. De acordo com Lodi, nas *Constituições Apostólicas* também encontraremos uma ordem para acesso à comunhão eucarística: “Bispo, presbíteros, diáconos, subdiáconos, leitores, cantores, ascetas; e, entre as mulheres, as diaconisas, as virgens e as viúvas”⁵³⁸.

Duas exigências principais eram requeridas para uma viúva ingressar nesta ordem, a saber: ter no mínimo sessenta anos e casada uma só vez. Tertuliano confirma essas exigências, ao declarar que “apenas permitem que se recebam na ordem das viúvas as mulheres casadas uma só vez...”⁵³⁹. De acordo com Raiola, Tertuliano é o primeiro⁵⁴⁰ dos autores a introduzir o termo ordem em relação a um agrupamento específico de viúvas na comunidade cristã. Este agrupamento exercia, certamente, “algumas funções específicas, na linha da caridade, da oração, do apostolado e do testemunho de vida”⁵⁴¹.

Na *Tradição Apostólica* é descrito o rito para a instituição das viúvas: “Uma viúva não é ordenada ao ser instituída: é eleita pela simples inscrição do nome”⁵⁴². Não é descrito precisamente no texto de que maneira era realizada esta inscrição, mas “certamente era uma forma de marcar a pertença, de modo oficial, ao número de servidores da Igreja, uma vez que, após a menção às viúvas, seguem uma série de serviços, também não ordenados, presentes na Igreja”⁵⁴³.

Neste ponto são relevantes as palavras de Paulo, em sua primeira carta aos Coríntios, quando descreve a respeito da diversidade e unidade dos carismas: “Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos” (1 Cor 12, 4-7). As viúvas tinham o seu modo específico de ação naquele estado de

⁵³⁶ DANIELOU, J., O ministério da mulher na Igreja antiga, p. 209-227.

⁵³⁷ CONSTITUIÇÕES APOSTÓLICAS, Igreja, assembleia e celebrações, 11, p. 474.

⁵³⁸ LODI, E., Ministério/Ministérios, p. 736-749.

⁵³⁹ TERTULIANO, À minha esposa, I, 7,4, 227.

⁵⁴⁰ RAIOLA, D., La donna nel cristianesimo primitivo, p. 31.

⁵⁴¹ COSTA, S.R., A ordem das viúvas ontem e hoje, p. 227.

⁵⁴² HIPÓLITO de Roma. Tradição Apostólica, p. 54.

⁵⁴³ COSTA, S.R., A ordem das viúvas ontem e hoje, p. 132.

vida na qual se encontravam. E o mesmo era o que acontecia com aqueles que também prestavam algum tipo de serviço na Igreja, como, por exemplo, os leitores, as virgens, os subdiáconos, etc. De acordo com Cortesi, “nos textos patrísticos anteriores a Nicéia, a identidade do cristão e dos crentes é mais sublinhada a partir do batismo e do sacerdócio comum de todos os fiéis”⁵⁴⁴. Isso, no entanto, em nada diminui a importância de cada um dos ministérios para a vida da Igreja.

Não é o nosso objetivo entrar na discussão específica sobre o sacramento da Ordem, porém é válida uma observação neste contexto: “muito do eclesiocentrismo que conhecemos depende da concepção que construímos sobre o sacerdócio ministerial”⁵⁴⁵. É preciso reconhecermos que cada serviço prestado na Igreja por um dos seus membros, visando a edificação de todo o corpo, é imprescindível e deve ser reconhecido. E assim atuavam as viúvas elencadas no rol daqueles que se dedicavam ao serviço do Reino de Deus.

Hipólito ainda descreve a respeito da ceia das viúvas, demonstrando que elas estavam realmente unidas através de uma ordem específica: “As viúvas que se convidarem para a ceia deverão ser de idade madura; sejam também dispensadas antes do cair da tarde”⁵⁴⁶. A partir do texto, também pode ser comprovado que era necessário um tempo de preparação para as mulheres que desejassem entrar para a ordem das viúvas: “Se o marido morreu há muito tempo, seja instituída; se o marido, porém, não morreu há muito tempo, não se confie nela; e se é velha, seja experimentada por certo tempo”⁵⁴⁷. Com isso fica claro que existia realmente uma organização composta pelas viúvas, ou seja, os dirigentes das comunidades cristãs reconheciam a importância daquelas mulheres, confirmando, de acordo com Costa, que o texto de Hipólito “supõe uma organização, alguém que se ocupe de acompanhar a viúva e de atestar se ela tem condições de fazer parte do grupo”.

O fato é que, gradualmente, foi acontecendo uma mudança de chave, ou seja, nas comunidades cristãs, as viúvas, “de sujeitos passivos de atenções, passaram a ser sujeitos ativos de apostolado e serviços de caridade”⁵⁴⁸. O número de viúvas em Roma, por exemplo, entre os séculos II e III, era aproximadamente, de acordo com Eusébio de Cesareia, de mil e quinhentas⁵⁴⁹. Mesmo que tal estatística não possa

⁵⁴⁴ CORTESI, A., *Ministérios na Igreja Primitiva*.

⁵⁴⁵ SILVA, A.L.R.; PIACENTE, L.H.; OSAVA, M.M., *A unidade entre Cristo e a Igreja*, p. 470.

⁵⁴⁶ HIPÓLITO de Roma. *Tradição Apostólica*, p. 73.

⁵⁴⁷ HIPÓLITO de Roma. *Tradição Apostólica*, p. 55.

⁵⁴⁸ FERNANDÉZ, D., *Ministérios da mulher na Igreja*, p. 77.

⁵⁴⁹ EUSÉBIO de Cesareia. *História Eclesiástica*, p. 336.

ser comprovada, e até mesmo seja considerada um tanto quanto exagerada, o fato é que não eram poucas as viúvas que se encontravam em Roma naquele período.

Algumas viúvas atuavam no interior da Igreja auxiliando nas celebrações litúrgicas, como, por exemplo, no batismo. Conforme as *Constituições Apostólicas*, podia ser que, em alguns lugares, as mulheres não apenas auxiliavam, mas exerciam a função de ministras do batismo: “Quanto ao fato de as mulheres batizarem, informamos-vos que é grande o perigo em que se metem aquelas que ousam agir desse modo. Por isso não aconselhamos...”⁵⁵⁰. De acordo com Legrand, esta advertência não estava relacionada com nenhum mandamento do Senhor, mas “elas se referiam à ordem da natureza e às conveniências”⁵⁵¹. Neste caso, o *Statuta Ecclesiae Antiqua* deixa explícito que, realmente, algumas virgens consagradas e viúvas eram escolhidas para o ministério do batismo das mulheres⁵⁵². Tertuliano se demonstrava inconformado com algumas situações envolvendo as mulheres, dentre elas certamente algumas viúvas, que exerciam a função de ensinar e de batizar⁵⁵³. Aqui neste ponto estamos diante de uma situação complexa, pois é bem provável que, naquele período específico, ou seja, entre os séculos II e III, existisse uma falta de indicação mais precisa da diferença entre as viúvas e as diaconisas. Nas palavras de Grossi, “a diaconisa e a viúva desempenham as mesmas funções assistenciais, mas a primeira, no entanto, também desempenha tarefas litúrgicas relativas aos catecúmenos e ao batismo das mulheres”⁵⁵⁴.

É relevante destacar que ser uma viúva, naqueles tempos, não era apenas uma referência social, um título dado para aquelas mulheres cujos maridos haviam falecido, mas, “mais do que isso, passa a designar mulheres que ocupam um lugar de destaque na comunidade de fé, uma verdadeira “vocação” na Igreja, ao lado de outros leigos com algumas funções específicas”⁵⁵⁵. É certo que as viúvas, sobretudo a partir do século II, já estavam com um lugar marcado na vida da Igreja, pois, conforme Grossi, o “termo viúva indica, portanto, tanto uma condição social quanto uma posição eclesial, com direitos e deveres”⁵⁵⁶.

⁵⁵⁰ CONSTITUIÇÕES APOSTÓLICAS, Livro III, 9, p. 476.

⁵⁵¹ LEGRAND, H., Mulher, p. 1204-1207.

⁵⁵² STATUTA Ecclesiae Antiqua, Cân. 100, p. 1244.

⁵⁵³ TERTULIANO. Traité de la prescription contre les hérétiques, 41, 5, p. 147.

⁵⁵⁴ GROSSI, V.; DI BERARDINO, A., La chiesa antica, p. 105.

⁵⁵⁵ COSTA, S.R., A ordem das viúvas ontem e hoje, p. 224.

⁵⁵⁶ GROSSI, V.; DI BERARDINO, A., La chiesa antica, p. 105.

No *Testamento do Senhor*, um documento sírio do século V, é constatado que as viúvas estão presentes nos ritos celebrados na liturgia da Igreja: “Envia o espírito de virtude sobre esta tua serva e fortalece-a com a tua verdade para que, cumprindo o teu preceito e trabalhando no teu santuário seja para Ti um vaso de honra”⁵⁵⁷. Assim, podemos constatar que não eram simples mulheres cujos maridos faleceram, mas um grupo que tinha prioridade sobre outras mulheres e até mesmo em relação aos homens que não pertencessem ao clero⁵⁵⁸. O texto também deixa uma indicação clara de que as viúvas exerciam algum tipo de atividade ordinária no Templo, sendo comprovadamente demonstrado que não eram um simples agrupamento de mulheres, mas estamos, realmente, diante de uma ordem instituída e bastante ativa na vida da Igreja daquele período.

Isidoro de Sevilha (séc. VII), no *De ecclesiasticis officiis*, apresenta um manual de liturgia onde, no livro II, estão relacionadas as diversas ordens de fiéis, dentre elas, a ordem das viúvas. É relevante um trecho que aparece logo no início de seu comentário a respeito das viúvas, demonstrando que elas eram detentoras de uma força admirável: “Feliz, portanto, é a virgem porque é intocada, mais forte é a viúva porque é experiente”⁵⁵⁹. Essa virtude, certamente, contribuía com as comunidades cristãs que tinham, em seu convívio, a ordem das viúvas. João Crisóstomo, em uma de suas cartas para Olímpia, também faz uma comparação entre as virgens e as viúvas, exaltando as últimas e colocando-as em um grupo específico:

Não me interrompais se vos coloquei no coro das virgens sagradas, a vós que viveis na viuvez. Muitas vezes ouviste-me expor, tanto em particular como em público, a definição de virgindade, e que não se poderia impedir-vos de ser alistada naquele coro; bem mais, que as superais em muito, tendo em outros pontos demonstrado tão grande sabedoria⁵⁶⁰.

A discussão a respeito do verdadeiro papel das viúvas nas comunidades cristãs, sobretudo àquelas inseridas em uma ordem específica, ainda é motivo de controvérsias, principalmente no que tange à participação na liturgia, ou seja, se exerciam, ou não, funções determinadas nas celebrações. Acreditamos que o resultado desta discussão, independentemente do que se possa concluir em algum momento, não mude o relevante papel que estas mulheres exerceram naquele

⁵⁵⁷ TESTAMENTO do Senhor, Liturgia de louvor, 41, p. 1278.

⁵⁵⁸ DEGÓRSKI, B., *Le vedove nell'antichità cristiana e il loro ministero nella Chiesa*, p. 309.

⁵⁵⁹ ISIDORO de Sevilha. *De ecclesiasticis officiis* II, XVIII.

⁵⁶⁰ JOÃO Crisóstomo. *Cartas a Olímpia*, p. 222.

período. Nas palavras de Degórski, o serviço pastoral das viúvas estava limitado ao acompanhamento de outras mulheres, sobretudo no que diz “respeito à catequese daquelas que se preparam para o sacramento do batismo, ao ensino e à conscientização das pessoas sem instrução, ao cuidado das virgens que decidiram levar esse tipo de vida pelo Reino de Deus”⁵⁶¹.

É preciso analisarmos a questão sobre a participação das viúvas nas celebrações litúrgicas, a partir de uma visão mais ampla, ou seja, na importância pastoral que estas mulheres tinham para as comunidades, independentemente da função que exerciam nas celebrações. Deste modo concluiremos o quão protagonistas elas foram, pois, até hoje, a catequese é um dos pilares do trabalho de evangelização da Igreja e, normalmente, é uma tarefa desempenhada por um número muito maior de mulheres do que de homens. Conforme Costa, aquelas inscritas na ordem das viúvas, “diferentemente das que eram objeto de cuidado dos irmãos, desempenhavam um papel ativo, dando sua contribuição para o crescimento da comunidade”⁵⁶². O trabalho pastoral, no qual estas viúvas estavam envolvidas, não pode ser diminuído pelo fato de não ser caracterizado por um serviço necessariamente litúrgico, mas a sua relevância era refletida na vida diária das comunidades, sobretudo no ingresso e no acompanhamento dos novos membros da Igreja. Mesmo que, por muitas vezes, o trabalho destas mulheres não tenha recebido o devido reconhecimento, são salutares as palavras de Agostinho, ao afirmar que, quando o amor é o motivo, nenhum trabalho é penoso e que “o importante é saber o que se há de amar! Porque, quando se ama, não há fadiga; e se houver fadiga, ama-se a fadiga”⁵⁶³.

A atuação das mulheres inseridas na ordem das viúvas pode ser vista a partir de várias regiões e culturas, seja no oriente ou no ocidente. Com poucas variações no modo de agir, o fato é que as viúvas exerciam as funções de preparar outras mulheres adultas para o batismo, assim como preparar o trabalho da catequese, organizar a ordem durante as celebrações litúrgicas e, às vezes, levar a Eucaristia para os que não podiam estar na Igreja⁵⁶⁴.

Embora não esteja em nosso escopo da pesquisa, é relevante destacar que, nos últimos anos, ocorre uma volta de atenção para a ordem das viúvas na Igreja,

⁵⁶¹ DEGÓRSKI, B., *Le vedove nell antichita cristiana e il loro ministero nella Chiesa*, p. 310.

⁵⁶² COSTA, S.R., *A ordem das viúvas ontem e hoje*, p. 227.

⁵⁶³ AGOSTINHO de Hipona. *Dos bens da viuvez*, p. 263.

⁵⁶⁴ DEGÓRSKI, B., *Le vedove nell antichita cristiana e il loro ministero nella Chiesa*, p. 317.

demonstrando quanto este agrupamento é importante para a vida das comunidades. Se em algum momento da história, por motivos que não podem ser aprofundados em nosso contexto, a ordem das viúvas caiu no esquecimento ou perdeu a sua razão de existir, acreditamos que nunca seja tarde para um novo florescimento, pois têm muito a contribuir com o trabalho de evangelização. De acordo com Costa, a ordem das viúvas ainda é relevante e “representa uma boa oportunidade de oferecer um campo de atuação organizado, com assistência espiritual, mas também aproveitando da riqueza da vida acumulada por tantas mulheres, que tanto têm a oferecer”⁵⁶⁵.

3.3

As mártires: aquelas que pleitearam a dignidade martirial

3.3.1

A autoridade através do testemunho de vida

Em outra frente de atuação, as mulheres também foram protagonistas, ao lado dos homens, a ponto de não ser possível indicar quem ofereceu uma quantidade maior de exemplos para a Igreja, quando nos deparamos com a questão do martírio, sobretudo até o século IV, em um período em que as perseguições⁵⁶⁶ contra os cristãos ainda fervilhavam. A palavra grega *martyria* ou *martyrion*, significa testemunho e “designa mais precisamente o fato de morrer para dar testemunho de Cristo”⁵⁶⁷. Neste contexto, não é devido colocar as mulheres em um patamar diferente do que os homens. De certo modo, podemos afirmar que o martírio serviu para demonstrar a relevância e o protagonismo das mulheres no cristianismo dos primeiros séculos. De acordo com Raiola, “analisando qualquer período em que ocorreu a perseguição, é fácil perceber que, ao lado dos mártires masculinos, há sempre mártires femininas”⁵⁶⁸.

A fim de conhecermos plenamente o legado deixado pelas mulheres nos primeiros séculos do cristianismo, é essencial entrarmos no assunto do martírio, pelo qual passaram muitos cristãos. De acordo com Hipólito de Roma, a força dos mártires era tão grande que até mesmo alguns algozes, depois de testemunharem como aqueles cristãos enfrentavam a morte, convertiam-se ao cristianismo e eles mesmos também passavam pelo suplício: “Todos, ao verem essas maravilhas, se

⁵⁶⁵ COSTA, S.R., A ordem das viúvas ontem e hoje II, p. 144.

⁵⁶⁶ É relevante destacar que neste período histórico o cristianismo era considerado uma religião ilícita.

⁵⁶⁷ LOUTH, A., Martírio, p. 1099-1102.

⁵⁶⁸ RAIOLA, D., La donna nel cristianesimo primitivo, p. 27.

enchem de espanto e celebram a grandeza de Deus por causa dele. E um grande número, atraído pelos mártires à fé, torna-se também mártir de Deus”⁵⁶⁹.

Através do martírio, é possível identificarmos uma paridade entre o homem e a mulher, ou seja, o gládio não fazia distinção entre os sexos. De acordo com Leão Magno: “Em defesa da fé, através de todo o mundo, homens e mulheres, meninos de tenra idade e moças na flor da juventude combateram até ao derramamento de sangue”⁵⁷⁰. De acordo com Aquilina e Bailey, nos primeiros séculos, para ser um cristão era necessário ter muita coragem e “um dos lugares mais inesperados onde encontramos registros de grandes mulheres cristãs é na vida dos mártires”⁵⁷¹. Apurando cuidadosamente os fatos ocorridos durante as perseguições aos cristãos, é possível obter informações que levem a comprovação de “que as mulheres detinham posições de poder e status nas Igrejas cristãs”⁵⁷².

No momento do martírio, as mulheres demonstravam uma força extraordinária, não apenas no aspecto físico, considerando os tormentos pelos quais elas eram submetidas, mas “sobretudo a nível pessoal: quando a mulher era submetida ao processo ela expressava livremente, sem qualquer constrangimento, o seu ideal de vida, ela defendia aquilo em que acreditava diante de homens que as consideravam um ser inferior”⁵⁷³. A presença de homens e de mulheres na lista dos mártires, de acordo com Cândido, “leva a deduzir um protagonismo e até vanguarda femininos dessa nova novel religião”⁵⁷⁴. Ainda de acordo com o autor, no período pós *Pax Constantini*, é bastante vasta a literatura martirial dos primeiros cristãos, compondo “um precioso dossiê onde abundam figuras femininas, objeto de leitura, reflexão e pregação”⁵⁷⁵.

A partir de diferentes gêneros literários, as histórias dos mártires foram consignadas por escrito, recebendo as designações de atos, paixões e legendas. Cada um dos gêneros apresenta uma característica e, por conta deste detalhe, é importante que, ao nos depararmos com este tipo de literatura, tenhamos a noção do que eles querem realmente transmitir ao leitor. Os atos relatam os procedimentos adotados pelas autoridades jurídicas competentes na condenação dos mártires. De

⁵⁶⁹ HIPÓLITO de Roma. Comentário a Daniel, II, XXXVIII, p. 130.

⁵⁷⁰ LH. v II, p. 850.

⁵⁷¹ AQUILINA, M.; BAILEY, C., Madres da Igreja, p. 39.

⁵⁷² STARK, R., O crescimento do cristianismo, p. 125.

⁵⁷³ RAIOLA, D., La donna nel cristianesimo primitivo, p. 28.

⁵⁷⁴ CÂNDIDO, E.R., A mulher no pensamento de Gregório Nazianzeno, p. 81.

⁵⁷⁵ CÂNDIDO, E.R., A mulher no pensamento de Gregório Nazianzeno, p. 81.

acordo com Moreschini e Norelli, “as atas não são necessariamente apenas os documentos processuais (que por outro lado também podem ser utilizados em tais composições), mas o termo se refere em geral ao comportamento heroico dos mártires”⁵⁷⁶. Os últimos dias de vida dos mártires ficaram registrados nas paixões. Por fim, a partir de aspectos considerados exagerados a respeito do que aconteceu com os condenados à morte, temos as legendas⁵⁷⁷. É importante destacar que as atas eram produzidas a partir do que foi registrado pelos escrivães do tribunal, enquanto as paixões eram obras de autores cristãos⁵⁷⁸. De qualquer modo, independentemente do gênero literário, “os cristãos contavam histórias de grandes heróis que morreram em combate. Mas seus heróis mais populares eram mulheres!”⁵⁷⁹.

Para verificarmos de que modo as atas dos mártires exerceram um grande fascínio para os cristãos dos primeiros séculos, é importante destacar que “as atas dos mártires de Scilli constituem o documento latino mais antigo que se conversou na Igreja primitiva”⁵⁸⁰. Provavelmente Scilli era uma cidade situada ao norte da África. Neste relato encontraremos a descrição do martírio de cinco mulheres que, com outros sete homens, foram degoladas por não abdicarem da fé em Jesus Cristo perante o tribunal:

O procônsul Saturnino ordenou ao arauto que proclame:

— Esperato, Nartzalo, Citino, Veturio, Félix, Aquilino, Letancio, Jenaro, Generosa, Vestía, Donata, Segunda, são condenados à última tortura.

Todos a uma só voz disseram:

- Graças a Deus!

E imediatamente foram decapitados pelo nome de Cristo⁵⁸¹.

Uma multidão de mulheres foi levada ao suplício pelo fato de testemunharem a fé, mesmo perante a possibilidade real da condenação à morte. Clemente Romano, na carta aos Coríntios, recorda o nome de duas mulheres, Danaides e Dirces, que foram perseguidas por causa da inveja e “sofreram terríveis e monstruosos ultrajes, mas atingiram a meta na corrida da fé e receberam nobre recompensa”⁵⁸². Frente ao martírio, nem o sexo ou a condição social eram motivos para que os cristãos não passassem pela tormenta das perseguições. De acordo com Siqueira, a

⁵⁷⁶ MORESCHINI, C.; NORELLI, E., Manual de literatura cristã antiga grega e latina, p. 119.

⁵⁷⁷ SAXER, V., Culto dos mártires, dos santos e das relíquias, p. 896-899.

⁵⁷⁸ DROBNER, H., Manual de Patrologia, p. 102.

⁵⁷⁹ AQUILINA, M.; BAILEY, C., Madres da Igreja, p. 39.

⁵⁸⁰ DROBNER, H., Manual de Patrologia, p. 106.

⁵⁸¹ BUENO, D.R., Actas de los Mártires, p. 355.

⁵⁸² CLEMENTE Romano. Carta aos Coríntios, p. 27.

documentação que chegou até aos nossos dias é relevante para determinar a “participação de diferentes categorias sociais e de gênero, ou seja, ricos, pobres, escravos, escravas, homens e mulheres atuando como protagonistas, reafirmando, diante da população e das autoridades, sua crença distinta daquela da maioria da população”⁵⁸³. Um caso que prova essa tese de isonomia frente ao martírio é o narrado por Eusébio de Cesareia a respeito de uma matrona romana: “No décimo quinto ano de Domiciano, Flávia Domitila, filha de uma irmã de Flávio Clemente, um dos cônsules de Roma nesta ocasião, foi também ela, com muitos outros, banida para a ilha Pôncia em punição de seu testemunho prestado a Cristo”⁵⁸⁴. Além deste relato, a partir dos escritos de Eusébio, encontraremos a presença de outras mulheres que deram à vida por Jesus Cristo, demonstrando que, além de serem protagonistas também neste contexto, eram detentoras de uma autoridade espiritual e que não temiam a morte.

No seu quinto livro da *História Eclesiástica*, Eusébio faz uma descrição da coragem de uma mulher chamada Blandina que, com outros homens e mulheres, também padeceu sob a perseguição. Através desta mulher, “Cristo demonstrou que aquilo que parece aos homens simples, vulgar, inteiramente desprezível, junto de Deus é digno de grande glória, por causa do amor a ele”⁵⁸⁵. Conforme Aquilina e Bailey, “os cristãos que sobreviveram à perseguição viam-na como exemplo do dito de Cristo segundo o qual os últimos seriam os primeiros em seu Reino”⁵⁸⁶. De acordo com o relato de Eusébio, Blandina, embora muito frágil de corpo

mostrou-se repleta de tal força que cansou e desanimou os que alternavam para torturá-la, de manhã à tarde. Confessaram-se vencidos e nada mais podiam infligir-lhe. Espantavam-se de que ainda respirasse, tendo o corpo todo dilacerado e em feridas. Atestavam que uma só espécie desses suplícios bastaria para que expirasse, sem tantas e tamanhas torturas. A bem aventurada, contudo, qual nobre atleta, revigorava-se por meio da confissão. Constituíam-se lhe reconforto, repouso, insensibilidade nos sofrimentos a declaração: ‘Sou cristã. Nada de mal praticamos’.⁵⁸⁷

Dentre os mártires relatados na história de Eusébio, Blandina foi uma das últimas a morrer, entretanto, não sem antes ter passado por terríveis suplícios. Um

⁵⁸³ SIQUEIRA, S.M.A., Memória das mulheres mártires, p. 61.

⁵⁸⁴ EUSÉBIO de Cesareia. *História Eclesiástica*, III, 18, p. 137.

⁵⁸⁵ EUSÉBIO de Cesareia. *História Eclesiástica*, V, 17, p. 224.

⁵⁸⁶ AQUILINA, M.; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 61.

⁵⁸⁷ EUSÉBIO de Cesareia. *História Eclesiástica*, V, 18, p. 224.

deles, por exemplo, deu-lhe a oportunidade de ser comparado com a paixão do próprio Cristo⁵⁸⁸, quando

suspensa a um poste, estava exposta a ser devorada pelas feras, lançadas contra ela. Ao vê-la suspensa numa espécie de cruz, rezando em alta voz, os lutadores aumentavam sua coragem. Neste combate, contemplavam com os olhos corporais, em sua irmã, aquele que fora por eles crucificado. Era um modo de persuadir aos fiéis que têm parte eternamente com o Deus vivo os que sofrem pela glorificação de Cristo⁵⁸⁹.

A demonstração da força e da autoridade de Blandina frente ao martírio foi imensa, sendo também comparada com a mãe dos Macabeus (2 Mc 7, 21-41). Finalmente, após várias tentativas que os carrascos fizeram sem sucesso, ela entregou o seu espírito, descansando de todos os tormentos, mas com a missão de ser uma testemunha fiel do Cristo cumprida. Conforme o relato de Eusébio, “ela também foi sacrificada e os próprios pagãos declararam que jamais entre eles havia uma mulher sofrido tamanhas e tão numerosas torturas”⁵⁹⁰. Os relatos dos suplícios são úteis para demonstrar que o corpo do mártir estava revestido por um poder e, no caso de Blandina, de acordo com Meeks, ela “enfrentou torturas horróveis como uma nobre atleta”⁵⁹¹.

Dentro do mesmo contexto envolvendo o martírio de Blandina, temos uma mulher chamada Biblida que, por um período, blasfemara contra a fé cristã, porém, estando à beira da morte, “sacudiu o torpor e por assim dizer, acordou de um profundo sono... em seguida declarou-se cristã e foi agregada à fileira dos mártires”⁵⁹². Esta mulher poderia continuar mantendo a sua postura contrária aos cristãos, pois, se assim o fizesse, certamente estaria livre da condenação, porém, num gesto de coragem e grandeza, deixou-se conduzir pela via dolorosa do martírio.

Nos relatos de Eusébio, têm relevância outras mulheres que também demonstraram uma autoridade espiritual ao não fugirem do martírio. Uma fiel, chamada Quinta, aparece no rol dos mártires de Alexandria, sob o governo do imperador Décio. Ela, por negar prestar culto aos deuses pagãos, passou por um terrível suplício, sendo arrastada por toda a cidade com os pés atados, surrada e apedrejada⁵⁹³. Neste mesmo contexto, desponta a figura de uma fiel virgem, já

⁵⁸⁸ SAXER, V., Blandina, p. 794-795.

⁵⁸⁹ EUSÉBIO de Cesareia. História Eclesiástica, V, 41, p. 229.

⁵⁹⁰ EUSÉBIO de Cesareia. História Eclesiástica, V, 56, p. 233.

⁵⁹¹ MEEKS, A.W., As origens da moralidade cristã, p. 145.

⁵⁹² EUSÉBIO de Cesareia. História Eclesiástica, V, 18, p. 226.

⁵⁹³ EUSÉBIO de Cesareia. História Eclesiástica, VI, 41, p. 327.

idosa, chamada Apolônia, cujo relato impressiona pelo nível de crueldade dos perseguidores, mas também pela autoridade e força demonstrada por esta mulher, aparentemente de aspecto bastante frágil:

Depois de lhe tirarem todos os dentes batendo no maxilar, levantaram uma fogueira diante da cidade e ameaçaram queimá-la viva, se não repetisse as ímpias fórmulas. Ela, porém, recusou brevemente; depois, recuando um pouco, lançou-se com vivacidade no fogo e foi consumida⁵⁹⁴.

No relato da perseguição, Eusébio destaca as testemunhas, tanto homens quanto mulheres, que mantiveram a fé firme sem esmorecer, consideradas sólidas colunas, dentre elas, pelo menos, mais “quatro mulheres e a santa virgem Amonarião, que o juiz torturou por muito tempo com muita insistência, porque ela declarara previamente que nada haveria de proferir do que ele lhe mandasse, manteve a promessa e foi conduzida à morte”⁵⁹⁵. Na sequência deste relato, é relevante notar a autoridade daquelas mulheres: “Quanto às outras, a veneranda anciã Mercúria, e Dionísia, mãe de muitos filhos, mas que os não havia preferido ao Senhor, o juiz teve vergonha de as torturar ainda sem resultado e ser vencido por mulheres”⁵⁹⁶. Muito importante, para demonstrar a grandeza daquelas mulheres, é o fato de Dionísia ter seguido à risca um dos ensinamentos evangélicos: “Quem ama filho ou filha mais do que a mim não é digno de mim” (Mt 10, 37). Ao final, todas morreram pela espada, “mas sem passar pela provação das torturas, porque Amonarião, que havia combatido em primeiro lugar, as suportara por todas elas”⁵⁹⁷.

Na obra de Eusébio, podemos extrair outros relatos a respeito da coragem das mulheres frente ao martírio. Sobre os mártires de Antioquia, por exemplo, tem destaque uma “mulher, santa e admirável pela força da alma...”⁵⁹⁸ que preferiu, com as filhas, jogar-se ao rio a ceder aos soldados. Na mesma Antioquia, duas jovens virgens, “por ordem dos escravos dos demônios foram precipitadas no mar, como se a terra não fosse digna de retê-las”⁵⁹⁹. As mulheres eram submetidas aos mais terríveis suplícios e “não eram menos valentes que os homens pela doutrina do Verbo divino: umas, submetidas aos mesmos combates que os homens, alcançaram prêmios de iguais virtudes”⁶⁰⁰. De acordo com Eusébio, uma cristã romana, por

⁵⁹⁴ EUSÉBIO de Cesareia. História Eclesiástica, VI, 41, p. 328.

⁵⁹⁵ EUSÉBIO de Cesareia. História Eclesiástica, VI, 41, p. 330.

⁵⁹⁶ EUSÉBIO de Cesareia. História Eclesiástica, VI, 41, p. 330.

⁵⁹⁷ EUSÉBIO de Cesareia. História Eclesiástica, VI, 41, p. 331.

⁵⁹⁸ EUSÉBIO de Cesareia. História Eclesiástica, VIII, 12, p. 417.

⁵⁹⁹ EUSÉBIO de Cesareia. História Eclesiástica, VIII, 12, p. 417.

⁶⁰⁰ EUSÉBIO de Cesareia. História Eclesiástica, VIII, 14, p. 426.

conta da força de sua personalidade, “triunfou da alma pervertida e licenciosa de Maximino por uma corajosa firmeza”⁶⁰¹.

A partir das *Atas dos Mártires* encontramos preciosíssimos testemunhos de mulheres cristãs que, repletas de autoridade, foram levadas ao martírio por não apostatarem da fé. Dentre elas temos uma viúva, mãe de sete filhos, chamada Sinforosa, que passou pelo suplício no período do imperador Adriano (séc. II). A história desta valente viúva lembra também, pelo menos no aspecto em relação ao número de seus filhos, a mãe dos Macabeus. Diante da ordem imperial para que ela sacrificasse aos deuses, Sinforosa foi firme e corajosa, confrontando aquele que tinha a autoridade para condená-la à morte: “Ou você sacrifica, junto com seus filhos, aos deuses onipotentes, ou eu farei você sacrificar a si mesmo e a seus filhos.” A bem-aventurada Sinforosa respondeu: “— E de onde tirei tanto bem, que mereço ser imolada com meus filhos como vítima de Deus?”⁶⁰². Ao manter a sua fidelidade até o final, Sinforosa sofreu o martírio, jogada em um rio com uma enorme pedra presa ao pescoço⁶⁰³.

Nos mesmos moldes da história de Sinforosa, encontramos, nas *Atas*, o martírio de uma ilustre cristã romana chamada Felicidade⁶⁰⁴. Ela, além de também ser uma viúva, era mãe de sete filhos. Por causa dela, e este foi o principal motivo do seu martírio, “os louvores do nome cristão foram muito adiante”⁶⁰⁵. Diante da ameaça feita, até de forma branda e suave, por Publio, prefeito da cidade de Roma, Felicidade respondeu com uma autoridade invejável, sem receio do que iria lhe acontecer posteriormente:

Nem sua suavidade será suficiente para me resolver nem seus terrores para me quebrar, porque tenho comigo o Espírito Santo, que não permite que eu seja derrotado por Diabo. Por isso, tenho certeza de que, se eu viver, vou derrotá-lo e, se você tirar minha vida, vou derrotá-lo ainda melhor morto⁶⁰⁶.

Antes da aplicação da pena capital, todos os sete filhos passaram pelo interrogatório frente aos juízes, pois os algozes tinham esperança de que eles pudessem ainda sacrificar aos deuses. Tentativa vã, pois todos eles se mantiveram fiéis à fé que, certamente, receberam por intermédio de Felicidade. Ao final, um a

⁶⁰¹ EUSÉBIO de Cesareia. História Eclesiástica, VIII, 14, p. 427.

⁶⁰² BUENO, D.R., Actas de los Mártires, p. 260.

⁶⁰³ BUENO, D.R., Actas de los Mártires, p. 261.

⁶⁰⁴ Não se trata da mártir africana, celebrada junto com uma outra mulher chamada Perpétua.

⁶⁰⁵ BUENO, D.R., Actas de los Mártires, p. 293.

⁶⁰⁶ BUENO, D.R., Actas de los Mártires, p. 294.

um foram martirizados, cada qual de um jeito, e a mãe acabou decapitada: “E assim, mortos por várias torturas, todos eles vieram a ser vencedores e mártires de Cristo, e, vencedores com sua mãe, voaram para receber o prêmio nos céus”⁶⁰⁷.

Nas palavras de Gregório Magno, em uma homilia que proferiu por ocasião do natalício de Felicidade, esta mulher, por conta da sua coragem e força, ultrapassou até mesmo o título de mártir: “Devo então chamar de mártir esta mulher? É mais que um mártir! Portanto, não chamarei esta mulher de mártir, mas mais que mártir”⁶⁰⁸. Quantos homens, mártires, receberam um louvor semelhante? Um elogio deste porte, certamente, não fora atribuído por acaso, mas pelo fato de Felicidade ter demonstrado tamanha autoridade, naquele cenário de perseguição vivido por aqueles cristãos.

De acordo com Cipriano de Cartago, as mulheres participavam da mesma felicidade dos homens diante do martírio: “Ao mostrarem-se mais fortes do que o seu sexo, não só estão perto de receber elas próprias a coroa, mas também dão às outras mulheres exemplos de constância”⁶⁰⁹. Nas epístolas de Cipriano encontraremos a menção de várias cristãs que passaram pelo martírio, algumas delas morrendo de fome na prisão: “Por isso, irmão caríssimo, saúda Numéria e Cândida...bem como Fortunata, Crédula, Hereda, Júlia... são os que, querendo-o Deus, morreram de fome na prisão”⁶¹⁰. Ainda são lembradas outras confessoras por Cipriano: “Coleta, Emérita, Maria, Sabina, Espesina e as irmãs Januária, Dativa e Donata”⁶¹¹.

Frente ao martírio, as mulheres demonstraram toda a sua força e, nas palavras de Minúcio Felix (séc. III), agiram com uma resistência dada por Deus, pois, “riam das cruzes, dos tormentos, das feras, de todos os mais terrificantes suplícios”⁶¹². Uma afirmação deste porte não deve deixar dúvidas a respeito da autoridade que estas mulheres exerceram nos primeiros séculos do cristianismo. Conhecer a vida dos cristãos que passaram pelo martírio é ter a certeza de que muitas personagens femininas estão presentes nesta história, pois, conforme Mocellin, “diante do martírio, não há narrativa na qual não esteja assinalada a presença de mulheres”⁶¹³.

⁶⁰⁷ BUENO, D.R., *Actas de los Mártires*, p. 298.

⁶⁰⁸ BUENO, D.R., *Actas de los Mártires*, p. 300.

⁶⁰⁹ CIPRIANO de Cartago, Carta 6, 3, p. 311.

⁶¹⁰ CIPRIANO de Cartago. *Obras Completas II*, p. 106.

⁶¹¹ CIPRIANO de Cartago. *Obras Completas II*, p. 107.

⁶¹² MINÚCIO FÉLIX, *Octávio*, 37, p. 164.

⁶¹³ MOCELLIN, R., *As mulheres na antiguidade*, p. 51.

Durante o século II, dentre as várias perseguições que ocorreram, é relevante a história dos mártires de Pérgamo, que passaram pelo suplício no tempo de Marco Aurélio. Neste contexto, encontraremos a narrativa do martírio de Carpo, bispo de Tiatira, Pápilo, diácono e da sua irmã chamada Agatônica. Interessa-nos, especificamente, o martírio desta mulher, comentado também por Eusébio de Cesareia: “Existem ainda as atas de outros mártires que sofreram em Pérgamo, cidade da Ásia, Carpo, Papilo, uma mulher, Agatonice, que terminaram gloriosamente a vida após inúmeras e notáveis confissões”⁶¹⁴. O que chama a atenção no relato é como Agatônica foi levada ao martírio, ao parecer que ela não recebeu uma acusação direta, mas se entregou de maneira espontânea⁶¹⁵, com o firme propósito de trilhar os mesmos caminhos dos seus companheiros:

Uma certa Agatônica, ali presente, que também viu a glória do Senhor que Carpo disse ter visto, percebendo que isso era um apelo ao céu, levantou a voz, dizendo: – Este banquete está preparado para mim. Eu tenho, então, que participar e comer este glorioso banquete. E, despindo-se do seu manto, foi ela mesma pregada, radiante, na árvore. Já levantada no poste e apanhada no fogo, ela gritou três vezes: - Senhor, Senhor, Senhor, ajuda-me, pois em ti tenho buscado meu refúgio. E assim entregou o espírito e consumou o martírio com os santos⁶¹⁶.

Diante do exposto, são evidentes a coragem e a autoridade demonstradas por aquela mulher, que não se importava com mais nada neste mundo, nem mesmo com os próprios filhos, pois esses, de acordo com Agatônica, não ficariam desamparados após a sua morte, porque tinham a Deus como provedor⁶¹⁷. Esta mulher foi corajosa ao extremo no testemunho de Jesus Cristo, mesmo que isso custasse a sua vida. Elas, muito provavelmente, conheciam alguns textos bíblicos que tratavam sobre aquela forma de entregar a própria vida, sendo também uma forma de imitar a morte de Jesus Cristo: “Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto” (Jo 12, 24). Para a nossa tese, é relevante que as mulheres, frente aos vários relatos que ficaram registrados a respeito do martírio, sempre são retratadas como “corajosas, destemidas, fortes e inabaláveis graças à fé. Uma figura exemplar e um modelo a ser seguido”⁶¹⁸. É um fato inegável a força e a autoridade adquiridas pelas mulheres ao passarem pelo martírio, pois, de acordo

⁶¹⁴ EUSÉBIO de Cesareia. História Eclesiástica, IV, 15, p. 198.

⁶¹⁵ Este é o relato na versão grega, porém, na versão latina ela passa pelo julgamento normal como os demais mártires.

⁶¹⁶ BUENO, D.R., Actas de los Mártires, p. 382.

⁶¹⁷ BUENO, D.R., Actas de los Mártires, p. 382.

⁶¹⁸ SIQUEIRA, S.M.A., Memória das mulheres mártires, p. 65.

com Raiola, “a mártir adquiriu, pelo seu comportamento exemplar, uma respeitabilidade e um papel nunca vistos na sociedade antiga”⁶¹⁹.

3.3.2

As mártires no Cânon Romano

Além dos registros literários, a memória dos mártires também foi preservada graças ao desenvolvimento do culto que ocorreu após a paz constantiniana. Os vários relatos dos mártires “tinham um papel litúrgico, não apenas nas festas anuais dos mártires, mas também na celebração do ano litúrgico, que se tornou uma espécie de revisão destes últimos”⁶²⁰. A recordação dos mártires data dos tempos da Igreja apostólica, sobretudo a partir do martírio de Estevão (At 8,2), estendendo-se até que a celebração fosse oficializada através dos cânones litúrgicos. De acordo com Aldazábal, “há documentos do século II que atestam já o culto aos mártires, sobretudo no lugar da sua morte, mas também em outras regiões, se eram muito conhecidos”⁶²¹.

As relíquias também foram importantes neste processo de estabelecimento do culto aos mártires, pois, lentamente, foram colocadas sob os altares nas Igrejas. No relato do martírio de Policarpo, é registrada a importância destas relíquias: “Desse modo, pudemos mais tarde recolher seus ossos, mais preciosos do que pedras preciosas e mais valiosos do que o ouro, para colocá-los em lugar conveniente”⁶²². Agostinho relata sobre a presença e a importância das relíquias dos mártires para as comunidades cristãs: “Lucilo, bispo de Sinite, vila próxima de Hipona, levava em procissão as relíquias do mesmo mártir, acompanhado do povo em massa”⁶²³. De acordo com Grossi, a partir da tumba dos mártires, onde repousavam os restos mortais de homens e de mulheres, nasceram lugares públicos, Igrejas, que serviam para reuniões dos cristãos⁶²⁴.

Assim, os cristãos foram se habituando a celebrar, junto ao túmulo dos mártires, não o aniversário natalício daqueles que ali estavam sepultados, mas o *dies natalis*, ou seja, o aniversário de morte de cada um deles e, com isso, começaram a ser compostos os primeiros calendários litúrgicos: “Este traz os nomes

⁶¹⁹ RAIOLA, D., La donna nel cristianesimo primitivo, p. 28.

⁶²⁰ LOUTH, A., Martírio, p. 1099-1102.

⁶²¹ ALDAZÁBAL, J., Vocabulário básico de liturgia, p. 346.

⁶²² MARTÍRIO de São Policarpo, 18, p. 154.

⁶²³ AGOSTINHO de Hipona. A Cidade de Deus II, 22, VIII, 11-12, p. 646.

⁶²⁴ GROSSI, V., Linee di ecclesiologia patrística, p. 139.

dos mártires e dos santos, o seu *dies natalis* e o lugar da *depositio* no qual era celebrada a Eucaristia”⁶²⁵. Em Inácio de Antioquia, já estava delineada a ideia de celebrar os mártires no dia da morte: “Procuro aquele que por nós ressuscitou. Meu parto se aproxima. Perdoai-me, irmãos. Não me impeçais de viver, não queirais que eu morra”⁶²⁶.

Neste ponto, ou seja, na celebração da memória dos mártires, tanto homens quanto mulheres ocupam um lugar de destaque. Na liturgia da Igreja, a partir do Cânon Romano, por exemplo, encontramos a menção de vários mártires, homens e mulheres, através dos quais, por esta oração litúrgica, os cristãos pedem a intercessão. Ambrósio comenta a respeito deste pedido: “Precisamos suplicar aos mártires, que podem pedir pelos nossos pecados, pois se é verdade que também os cometeram, já os lavaram com o próprio sangue. Com efeito, eles são mártires de Deus, nossos intercessores”⁶²⁷.

Além de sete homens, são mencionadas sete mulheres mártires, a saber: Felicidade e Perpétua, Águeda e Luzia, Inês, Cecília e Anastácia. Conforme Jungmann, uma ordem deve ser observada neste rol de mulheres presentes no Cânon Romano:

Entre as mulheres podemos observar somente uma certa ordem segundo critérios geográficos. Para o primeiro par devem ter sido decisivos os nomes das duas africanas, depois seguem as duas testemunhas de sangue da Sicília, Ágata e Luzia, depois as duas romanas Agnes e Cecília, e finalmente Anastácia, do Oriente⁶²⁸.

A atual tradução do Missal Romano utilizada no Brasil apresenta, da seguinte forma, a menção das sete mulheres:

E a todos nós pecadores, que confiamos na vossa imensa misericórdia, concedei, não por nossos méritos, mas por vossa bondade, o convívio dos Apóstolos e Mártires: João Batista e Estêvão, Matias e Barnabé, Inácio, Alexandre, Marcelino e Pedro; Felicidade e Perpétua, Águeda e Luzia, Inês, Cecília, Anastácia e todos os vossos santos⁶²⁹.

A partir do relato da paixão de Perpétua e Felicidade, “encontramos o mais comovente documento de um martírio, que se tornou exemplar para os séculos vindouros”⁶³⁰. É relevante que a “narrativa está registrada num diário, redigido na

⁶²⁵ AUGÉ, M., Ano Litúrgico, p. 311.

⁶²⁶ INÁCIO de Antioquia. Carta aos Romanos, p. 106.

⁶²⁷ AMBRÓSIO de Milão, As viúvas, 9,55, p. 631.

⁶²⁸ JUNGSMANN, J.A., Missarum sollemnia, p. 710.

⁶²⁹ MISSAL Romano. Edição típica para o Brasil, p. 475.

⁶³⁰ DROBNER, H., Manual de Patrologia, p. 112.

prisão por Perpétua, que, antes de ser levada para o anfiteatro, entregou-o a um membro da comunidade cujo nome não se conhece”⁶³¹. Conforme Agostinho, “o que há de mais glorioso do que estas mulheres, a quem os homens admiram mais facilmente do que imitam?”⁶³² O suplício destas duas mulheres, provavelmente, ocorreu no ano de 203, por volta do dia sete de março, na arena de Cartago. Víbia Perpétua era uma convertida ao cristianismo, de origem nobre, porém “seu pai provavelmente era pagão, pois tentou dissuadi-la de se recusar a fazer o sacrifício exigido pelo imperador Romano”⁶³³. De acordo com Almeida, no início do Cristianismo, “muitas cristãs primitivas entregaram seus corpos ao martírio e consideravam, a exemplo de Perpétua, que ser cristã era sua própria essência”. No relato, o pai tentou, por várias vezes, sem sucesso, dissuadir a filha para que abdicasse da condição de cristã. Entre esses diálogos, temos:

Como meu pai queria ardentemente me fazer apostatar com suas palavras e, levado por seu amor, ele não vai desistir de seus esforços para me derrubar.

- Pai, vê no chão aquele vaso ou jarro, ou qualquer outro nome que deseje chamar?

Ele respondeu: “Eu vejo”.

Então eu lhe disse:

- Pode-se dar-lhe outro nome que não aquele que tem?

- Não – ele me respondeu.

- Bem, também não posso me chamar de outro nome senão o que sou: cristã⁶³⁴.

A narração da paixão ganha contornos ainda mais comoventes pelo fato de Perpétua ter levado para a prisão o seu próprio bebê, permanecendo com ela até o momento do seu desmame. De acordo com a *Passio Perpetuae et Felicitatis*, foram presos vários catecúmenos, dentre eles “Vibia Perpétua, de origem nobre, instruída nas artes liberais, legalmente casada, tendo pai e mãe e dois irmãos, um deles catecúmeno como ela, e um garotinho amamentando. Ela tinha vinte e dois anos”⁶³⁵. Assim, é possível constatar a fortaleza e a autoridade encontradas nesta mulher. São preciosas as palavras de Tertuliano a respeito de Perpétua: “Porque é que Perpétua, mártir corajosa, na visão do Paraíso, no dia do seu martírio, só ali viu mártires?”⁶³⁶. Tal visão é narrada pela própria mártir:

No dia anterior ao nosso combate, vi em uma visão o seguinte: o diácono Pomponio veio até a porta da prisão e bateu com força. Saí e abri. Ele veio vestido com uma túnica branca, calçava chinelos e me disse:

⁶³¹ SIQUEIRA, S.M.A., Memória das mulheres mártires, p. 65.

⁶³² BUENO, D.R., Actas de los Mártires, p. 452.

⁶³³ WHITE, C., Lives of Roman Christian Women, p. 3.

⁶³⁴ BUENO, D.R., Actas de los Mártires, p. 421.

⁶³⁵ BUENO, D.R., Actas de los Mártires, p. 421.

⁶³⁶ TERTULIANO, A alma, 55,4, p. 238.

— Perpétua, estamos esperando por você; vem⁶³⁷.

Felicidade, a auxiliar de Perpétua, também é motivo de louvor, ao conceber um filho enquanto estava, junto com a sua senhora, na prisão. Conforme Agostinho: “Por ordem da divina providência, elas não devem ter sido apenas mártires, mas companheiras muito próximas, como realmente foram, para selar o único dia de sua glória e propagar a solenidade comum”⁶³⁸. No seu oitavo mês de gravidez, estava triste, porém a causa não era tanto o destino da criança que estava prestes a nascer, mas, sobretudo, temia que a “sua tortura fosse adiada por causa de sua gravidez (já que a lei proíbe a execução de mulheres (mulheres grávidas)”⁶³⁹. Uma mulher encarcerada, grávida e cuja preocupação não era a de escapar daquele local, mas entristecida por correr o risco de não ser martirizada, não pode ser desprovida de uma autoridade e coragem que merecem ser lembrados por todas as gerações. De acordo com Agostinho, quanto a Felicidade, “nas dores do parto, ela testemunhou com uma voz feminina sua feminilidade. Não era estranho à tristeza de Eva; mas teve parte na graça de Maria”⁶⁴⁰. A narração também impressiona na forma como ela foi encaminhada para a arena: “Assim, nus e envoltos em redes, foram levados ao espetáculo. O povo sentiu horror ao contemplar aquela jovem delicada, e a outra, que concebera recentemente, com os seios destilando leite”⁶⁴¹.

O relato do exato momento da morte de Víbia Perpétua impressiona e demonstra, ainda mais, como aquela mulher agiu com autoridade e estava determinada a completar a sua *via crucis*. Não restam dúvidas de que Perpétua morreu consciente do que estava acontecendo e não se arrependeria em nenhum instante, pois ela própria ajudou o algoz na missão de executá-la: “Então ela mesma levou à própria garganta a mão direita errante do gladiador novato. Talvez esta mulher, de quem o espírito do mal se temia, não tivesse podido ser morta de outra maneira do que querendo-o ela própria”⁶⁴². De acordo com Siqueira, Perpétua era “uma mulher forte e livre o suficiente para conduzir tanto a sua vida quanto sua morte”⁶⁴³.

⁶³⁷ BUENO, D.R., *Actas de los Mártires*, p. 428.

⁶³⁸ BUENO, D.R., *Actas de los Mártires*, p. 458.

⁶³⁹ BUENO, D.R., *Actas de los Mártires*, p. 433.

⁶⁴⁰ BUENO, D.R., *Actas de los Mártires*, p. 457.

⁶⁴¹ BUENO, D.R., *Actas de los Mártires*, p. 437.

⁶⁴² ATAS DOS MÁRTIRES. *Mártires de Cartago*, 21, p. 347.

⁶⁴³ SIQUEIRA, A.M.S., *Memória das mulheres mártires*, p. 70.

Na sequência das sete mulheres presentes no Cânon Romano, temos a menção de Águeda ou, também como é conhecida, Ágata. Nascida por volta do ano 230, oriunda de uma família nobre da Catânia, na Sicília, era uma jovem muito bela e que, desde a mais tenra idade, consagrou a sua vida ao Senhor, com a intenção de não seguir o caminho do matrimônio. Nem por isso deixou de chamar a atenção dos homens, de modo que o próprio governador da Sicília tentou, de todas as formas, tê-la por esposa, sem sucesso. Com isso, ele começou a traçar o seu plano de vingança ao denunciar a jovem por ser uma cristã. É relevante notar que a questão do martírio, pelo qual passaram centenas de mulheres cristãs, tinha uma relação muito próxima com a escolha pela virgindade. Muitas mulheres, assim como Águeda, demonstraram a sua força e autoridade desafiando a morte por estarem convictas de suas decisões.

Águeda foi martirizada, provavelmente, durante a perseguição de Décio (séc. III), e, infelizmente, não são abundantes as fontes que tratam sobre o seu processo e morte. Porém, desde muito cedo o seu culto foi instituído na Igreja, demonstrando a relevância desta mulher, virgem e mártir, para a história do cristianismo desde tempo muito antigos. Conforme as palavras de Metódio da Sicília, um bispo do século IX, no dia cinco de fevereiro, todos se reuniam para celebrar a memória de Águeda: “Bem conheceis, meus ouvintes, o combate glorioso desta mártir, uma das mais antigas e ao mesmo tempo tão recente que parece estar agora mesmo lutando e vencendo”⁶⁴⁴.

Após ser entregue aos carrascos, no momento do interrogatório, Águeda demonstrou a sua força e autoridade ao declarar: “Minha vontade é mais sólida que pedra, pois está fundamentada em Cristo. As palavras de vocês são como o vento... Por mais fortes que eles sejam, as fundações de minha casa permanecem sólidas, nada poderá abalá-las”⁶⁴⁵. Era com palavras deste porte que Águeda respondia aos seus acusadores, pois, por mais frágil, fisicamente, que ela fosse, no seu interior demonstrava uma fé e autoridade invejável aos mais respeitados heróis da fé. No sermão de Metódio, ele confirma a perenidade dos feitos de Águeda: “Deste modo, a mística veste de seu testemunho fala por si mesma a todas as gerações futuras,

⁶⁴⁴ LH. Vol. II. Santa Águeda, virgem e mártir, p. 1429.

⁶⁴⁵ VARAZZE, J. DE., *Legenda Aurea*, p. 247.

porque traz em si a marca indelével do sangue de Cristo e o tesouro inesgotável da sua eloquência virginal”⁶⁴⁶.

Da mesma forma que Perpétua e Felicidade eram próximas e, por isso, são citadas em dupla na oração do Cânon Romano, o mesmo acontece com Águeda e Luzia, porém, neste caso, não estamos frente a uma relação entre senhora e auxiliar, mas diante de outra ligação ainda mais forte. Luzia nasceu no final do século III, na cidade de Siracusa, na Sicília, em uma família abastada e, da mesma forma do que Águeda, desde muito jovem, também fez um voto de que levaria uma vida consagrada a Deus. Após a morte do pai, a mãe Eutíquia, acometida por uma grave doença, lhe manifestou o desejo que ela casasse com um jovem de família nobre, porém pagão. Tal situação fez com que Luzia fosse com a mãe em peregrinação até ao túmulo de Águeda, no dia cinco de fevereiro de 301, com duas intenções: uma resposta para o pedido de casamento e a cura da enfermidade da mãe. Caso a segunda prece fosse atendida, a resposta da primeira seria um não ao matrimônio. A mãe de Luzia ficou curada e, com isso, a filha seguiu em frente, decididamente, com os planos de manter a castidade por toda a vida. Ao retornar para casa, Luzia e a mãe começaram a distribuir todos os bens que possuíam para os pobres. Com isso, um jovem pretendente ao matrimônio com Luzia resolveu denunciá-la para as autoridades, ao ter a certeza de que ela era realmente uma cristã. Uma história muito próxima à das outras mulheres martirizadas e, por isso, citadas no Cânon Romano. A prisão e o martírio de Luzia ocorreram na época do imperador Diocleciano e o seu culto logo foi propagado por toda a Igreja.

No seguimento das cristãs mártires, mencionadas no Cânon Romano, chegamos à pessoa de Inês, jovem romana do século III. A história desta mulher tem várias características encontradas também na vida de outras mártires, a saber: era muito jovem, bela, de família nobre e, desde cedo, decidiu levar uma vida consagrada a Deus. Inês tinha somente doze ou treze anos quando recebeu a proposta de casamento de um ilustre membro da sociedade romana. Após várias tentativas, sem sucesso, o homem resolveu denunciá-la para as autoridades e, naquele período, época do imperador Diocleciano, o simples fato de ser uma cristã era passível de ser condenada.

⁶⁴⁶ LH. Vol. II. Santa Águeda, virgem e mártir, p. 1430.

Agostinho comenta que o nome de Inês estava relacionado, diretamente, com aquilo que ela era de fato, ou seja, “Agnese, em latim, significa cordeiro; em grego, casta. Era assim que se chamava: corretamente recebeu a coroa”⁶⁴⁷. Ambrósio, ao escrever sobre as virgens, dedicou boa parte da obra para destacar o martírio de Inês que, de acordo com Aquilina e Bailey, é “de todos os mártires cristãos primitivos, ao que tudo indica, a mais bem documentada... Não há nenhuma heroína cristã mais bem atestada na história”⁶⁴⁸. Nas palavras do bispo de Milão, “conta-se que teria sofrido o martírio com doze anos. Quanto mais detestável se mostra a crueldade que nem a infantil idade poupou, tanto maior é a força da fé que até naquela idade encontrou testemunho”⁶⁴⁹.

Inês é como tantas outras mártires que, mesmo ainda muito jovens, demonstravam toda a sua força e autoridade, sobretudo defendendo a castidade, mesmo com a iminência do martírio. De acordo com Consolino, “a virtude mais praticada pelos protagonistas das paixões romanas é a castidade: sua importância é sublinhada em determinação em enfrentar o martírio”⁶⁵⁰. Agostinho comenta sobre esta força de Inês, inclusive superando até mesmo a do apóstolo Pedro, antes da morte de Jesus: “Pedro ainda não era Pedro, ainda não era o que eram algumas mulheres, o que eram as meninas, o que era Crispina, o que era Inês”⁶⁵¹. Prudêncio, na obra *Peristephanon* (*Hino 14*), exaltou as virtudes cristãs e a coragem de Inês: “No velho lar de Rômulo, está o túmulo de Inês. O túmulo de uma garota valente, mártir famosa”⁶⁵².

Nas palavras de Ambrósio, referindo-se ao tamanho de Inês, como podia, “em um corpo tão pequeno haver mais espaço para os sofrimentos? Mas aquela que quase não tinha tamanho para ser ferida pela espada, teve forças para vencer a espada”⁶⁵³. Segundo o papa Dâmaso, “apesar da sua fraqueza, ela triunfou do seu grande terror: nua, envolveu os seus membros na cabeleira solta com medo que um rosto mortal visse este templo do Senhor”⁶⁵⁴.

Inês, certamente, pode ser colocada no rol daqueles personagens de aparência frágil, escolhidos por Deus para uma grande missão, conforme as palavras do

⁶⁴⁷ AGOSTINHO de Hipona. Discurso 273, 6

⁶⁴⁸ AQUILINA, M., CHRISTOPHER, B., Madres da Igreja, p. 66.

⁶⁴⁹ AMBRÓSIO de Milão. As virgens, I, 2,7, p. 628.

⁶⁵⁰ CONSOLINO, E.F., Modelli di santita femminile nelle piu antiche Passioni romane, p. 83-113.

⁶⁵¹ AGOSTINHO de Hipona. Discurso 286, 2,2

⁶⁵² AQUILINA, M., CHRISTOPHER, B., Madres da Igreja, p. 76.

⁶⁵³ AMBRÓSIO de Milão. As virgens, I, 2,7, p. 628.

⁶⁵⁴ DÂMASO. Inscrições cristãs 39, 533.

apóstolo Paulo: “E o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte” (1 Cor 1, 27). De acordo com Ambrósio, Inês deu uma lição de fortaleza, embora fosse ainda tão jovem⁶⁵⁵. Da mesma forma que outras mártires que, prestes ao suplício, receberam propostas para mudarem de ideia, Inês esteve firme e, demonstrando uma autoridade digna de louvor, exclamou: “É uma ofensa ao Esposo fazer-se esperar; aquele que primeiro me escolheu para Si, esse é que me receberá. Porque demoras, verdugo? Pereça este corpo, que pode ser amado por quem eu não quero”⁶⁵⁶. Assim, Inês foi martirizada frente a um público admirado por tão grande coragem de uma mulher ainda tão jovem e aparentemente frágil, mas que foi, ao mesmo tempo, “vítima de dois martírios, o da pureza e o da fé. Permaneceu virgem e foi mártir”⁶⁵⁷.

Após Inês, o Cânon Romano cita outra jovem romana do século III chamada Cecília, cujo nome dos pais é desconhecido e a sua história é conhecida graças a *Passio Sanctae Caeciliae*, um texto menos histórico e mais literário, porém é um indicativo da autoridade, da força e da coragem de mais uma mulher entregue ao martírio. Embora Cecília tenha manifestado a sua opção em não buscar uma vida matrimonial, pois tinha o desejo de preservar a sua virgindade pelo Reino de Deus, por circunstâncias da vida, acabou ficando noiva de um certo Valeriano. Porém, após realizado o matrimônio, por desejo de Cecília, o casal passou a viver como irmãos, demonstrando, assim, a autoridade daquela jovem, pois o marido ainda era um pagão, no entanto, foi convencido por ela a buscar o batismo, tornando-se um cristão. Exatamente por isso foram levados ao martírio, juntamente com o irmão de Valeriano, em uma época que não se sabe bem ao certo quem era o imperador⁶⁵⁸. Por conta do seu martírio, Cecília é “exaltada como exemplo perfeito de mulher cristã, que abraçou a virgindade e sofreu o martírio por amor de Cristo”⁶⁵⁹. A narração da sua paixão demonstra quão forte e corajosa foi aquela mulher:

Ao aparecer o novo carrasco, Cecília sorriu de alegria e, depois de ajoelhar-se, espontaneamente apresentou o pescoço. Diante de tanta coragem, o carrasco sentiu-se tão abalado que ficou sem coragem de destruir aquela vida tão nova, mas, para não parecer fraco, conteve-se e por três vezes deixou cair o pesado ferro no pescoço na virgem⁶⁶⁰.

⁶⁵⁵ AMBRÓSIO de Milão, I, 2, 8, p. 629.

⁶⁵⁶ AMBRÓSIO de Milão, I, 2, 9, p. 629.

⁶⁵⁷ AMBRÓSIO de Milão, I, 2, 9, p. 629.

⁶⁵⁸ HEID, S., Cecília, p. 971-972.

⁶⁵⁹ LH. Vol. IV. Santa Cecília, virgem e mártir, p. 1469.

⁶⁶⁰ VANZO, S. M., Santa Cecília, p. 42.

Assim, chegamos à última mártir cristã citada no Cânon Romano: Anastácia. Nasceu em Roma, no século III, de pais pagãos, porém convertida ao cristianismo, com a mãe, provavelmente, por influências do seu tio Crisógono. Ela tinha o desejo de preservar a virgindade, mas, após a morte da sua mãe, o pai fez com ela se casasse com Públio, um nobre pagão de hábitos que desagradavam imensamente a jovem Anastácia. Como já tinha, desde cedo, adquirido a prática cristã da caridade, ela visitava as prisões romanas para auxiliar os que lá se encontravam. De acordo com Consolino, “apesar de estar entre as matronas mais proeminentes de Roma, Anastasia usa roupas humildes para visitar os mártires”⁶⁶¹. Seu marido, ao descobrir as ações da esposa, usou de violência para tentar fazê-la desistir de tais atos cristãos. O marido foi para a Pérsia e deixou ordens para os empregados não deixarem Anastácia sair de casa e receber o mínimo de alimento possível. Com o tempo, o marido faleceu e Anastácia começou a distribuir todos os bens aos pobres. Não é difícil imaginar a força e autoridade daquela mulher que, mesmo diante de tantas barreiras, nunca abdicou de testemunhar a sua fé.

Anastácia era uma cristã que tinha um grande ideal missionário e, “assim como Paula seguiu Jerônimo até a Terra Santa, Anastácia seguirá Crisógono em sua jornada até ao martírio”⁶⁶². Tal dedicação e companheirismo são indícios da força e da coragem próprias daquelas mulheres que deram as vidas pelo testemunho de Jesus Cristo. Após a morte do seu mentor, ela vai até Sirmio visitar aquela comunidade e oferecer auxílio no que estivessem precisando. Naquela localidade, ela foi entregue para o martírio, atada a um poste e queimada viva.

Se é possível provar, historicamente, a existência de Anastácia é uma questão ainda aberta, pois, de acordo com Milazzo, “ela é a protagonista de uma das mais longas e fictícias ‘Paixões Romanas’, um conjunto de paixões épicas composto por volta do século V”⁶⁶³. Acreditamos que a insuficiência de provas históricas que comprovem a existência de Anastácia, não tira o seu mérito, pois, conforme Consolino, “o hagiógrafo de Anastasia parece, portanto, adorná-la com todas as boas intenções e qualidades já admiradas nos ‘verdadeiros’ mártires”⁶⁶⁴.

Assim, a partir das sete mulheres mártires mencionadas no Cânon Romano, temos a seguinte distribuição geográfica: Felicidade e Perpétua, da África; Ágata e

⁶⁶¹ CONSOLINO, E.F., *Modelli di santita femminile nelle piu antiche Passioni romane*, p. 83-113.

⁶⁶² CONSOLINO, E.F., *Modelli di santita femminile nelle piu antiche Passioni romane*, p. 83-113.

⁶⁶³ MILAZZO, V., *Anastasia*, p. 269-270.

⁶⁶⁴ CONSOLINO, E.F., *Modelli di santita femminile nelle piu antiche Passioni romane*, p. 83-113.

Luzia, da Sicília; Inês e Cecília, de Roma; Anastasia, nascida em Roma, mas passou pelo martírio na região da atual Croácia. Se considerarmos a diferença entre os homens, apóstolos e mártires, presentes no Cânon Romano, trinta e oito no total, e as sete mulheres citadas, podemos pensar em uma discriminação por parte dos compositores desta oração, porém, de outro ponto de vista, e é o que interessa para a nossa tese, a menção destas mulheres, de acordo com Ratzinger, “nesta oração pelo sacerdote, precisamente nesta, encontram-se sete mulheres que circundam o sacerdote. Elas mostram-se precisamente como as mulheres crentes que nos ajudam no nosso caminho”⁶⁶⁵. Ao invés de uma interpretação que seja motivo para divisões, é mais proveitosa uma que sirva para mostrar que tanto os mártires homens quanto as mártires mulheres estão presentes na memória viva da Igreja, sobretudo aquela que é transmitida e celebrada através da liturgia.

3.4

As monjas: Madres da Igreja

3.4.1.

As mães do deserto

As mulheres também estão incluídas, ativamente, em um modo de espiritualidade muito peculiar nos primórdios do cristianismo, a saber, a vida no deserto, sobretudo com o fim das perseguições aos cristãos, a partir do século IV. Nas palavras de Rops, “temos de ver neste fenômeno, possivelmente, uma espécie de sucedâneo do sacrifício pelo martírio a que muitos cristãos se sentiam inclinados no mais íntimo do seu coração”⁶⁶⁶. Se no âmbito masculino são conhecidos os Pais do Deserto, é necessário também resgatarmos os feitos das mulheres que abraçaram este mesmo modo de vida, ou seja, as Mães do Deserto. Não restam dúvidas de que estamos diante de uma área de atuação bastante frequentada também pelas mulheres, que não apenas acompanharam os homens até o deserto, mas ajudaram a fundar e a sustentar várias comunidades. As mulheres, do ponto de vista da ascese, sobretudo ao buscarem uma vivência da espiritualidade em pleno deserto, demonstraram, mais uma vez, que nada podia classificá-las como menos aptas ao serviço evangélico do que os homens. De acordo com Silva, na Igreja, as mulheres constituíam uma força que não poderia ser ignorada, pois “sua devoção à causa

⁶⁶⁵ ASSUNÇÃO, R.A., O Sacrifício da Palavra, p. 265.

⁶⁶⁶ ROPS, D., A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires, p. 509.

cristã, seu ardor missionário e sua disposição à prática do ascetismo, especialmente no que dizia respeito à virgindade e à continência, eram contribuições importantes para a afirmação dos valores cristãos”⁶⁶⁷.

Atanásio de Alexandria é um dos primeiros a utilizar, na literatura, o termo *monakhos*, ou monge, em sua obra *Vida de Antão*⁶⁶⁸. Segundo ele, “não havia ainda no Egito mosteiros tão numerosos, e o monge não sabia absolutamente nada do grande deserto”⁶⁶⁹. Mas o que levou, tantos homens e mulheres para o deserto? Qual era a principal motivação destes monges? Era apenas uma fuga do mundo devido a um impedimento no casamento ou por considerarem a vida que levavam pecaminosa?⁶⁷⁰ Em nosso entendimento, essas não eram as motivações capitais, pois o principal chamado estava contido na própria Palavra de Deus que, certamente, aqueles homens e mulheres conheciam muito bem, como podemos atestar com a história de Antão: “Ocupado o coração com esses pensamentos, entrou na igreja. Ocorreu que se leu o evangelho, e ouviu o Senhor dizendo ao rico: “Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres; vem e segue-me, terás um tesouro nos céus”⁶⁷¹. É também do entendimento de Paintner que “o deserto é um lugar de encontro profundo, não um lugar de fuga superficial”⁶⁷². Conforme Rops, “o que vai incitar homens e mulheres a afastar-se do mundo é a palavra de Cristo, quando convida os fiéis a deixar tudo a fim de segui-lo e a mortificar a carne para alcançarem a vida eterna. As circunstâncias podem favorecer a realização deste desejo”⁶⁷³. Podemos constatar que aqueles homens e mulheres que partiam para o deserto tinham o anseio por Deus como principal motivação, pois, conforme Grün, “é por causa de Deus que abandonam o mundo, é por causa de Deus que empreendem a luta”⁶⁷⁴.

O fato é que não se sabe tanto a respeito das Mães do Deserto, das suas obras e dos seus escritos, quanto é possível saber em relação aos Padres, e, por isso mesmo, precisamos revisitar a vida destas mulheres a fim de demonstrar o quanto foram importantes para o desenvolvimento do monaquismo cristão. Se temos um ponto, na linha do tempo do cristianismo, onde a discriminação devido ao sexo foi

⁶⁶⁷ SILVA, G.V., *Ascetismo, gênero e poder no baixo Império Romano*, p. 82-97.

⁶⁶⁸ LACOSTE, J-YVES., *Monaquismo*, p. 1176-1183.

⁶⁶⁹ ATANÁSIO de Alexandria. *Vida de Antão*, 3, p. 296.

⁶⁷⁰ ZIERER, A.; COSTA, R., *Vida de Macrina*, p. 345-359.

⁶⁷¹ ATANÁSIO de Alexandria. *Vida de Antão*, 2, p. 296.

⁶⁷² PAINTNER, C.V., *Desert Fathers and Mothers*, p. X.

⁶⁷³ ROPS, D., *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, p. 506.

⁶⁷⁴ GRÜN, A., *O Céu começa em você*, p. 126.

desafiada, é exatamente no desenvolvimento do monaquismo, pois “o próprio deserto e sua virtude foi capaz de vencer o mundo e sua ignorância”⁶⁷⁵. A história é testemunha da relevância das mulheres para este marco na vida da Igreja. Conforme Zierer e Costa, “após a morte dessas mulheres sua santidade foi muitas vezes reconhecida e testemunhada em *vitae* escrita por homens”⁶⁷⁶. Por exemplo, no século V, uma importante obra hagiográfica foi escrita sobre Amma Syncletica, pelo pseudo Atanásio de Alexandria.

Na verdade, foi grande o número de mulheres que dedicaram boa parte de suas vidas ao ascetismo no deserto, porém, conforme Swan, “as ammas do deserto registradas na história representam apenas uma pequena fração do número de mulheres que viveram como ascetas”⁶⁷⁷. Amma Syncletica, por exemplo, “é uma das mulheres mais conhecidas e foi levada muito a sério pela tradição masculina. No século IV, Gregório de Nissa escreveu sobre a vida de sua irmã, Macrina, e nele se refere a Amma Syncletica como ‘a professora’”⁶⁷⁸. Sobre a relevância de Macrina para o desenvolvimento do monaquismo cristão, podemos traçar o seguinte paralelo: seu irmão, Basílio de Cesareia, teve nela a sua fonte de inspiração para seguir a vida eremítica, assim como para escrever a forma de conduta dos monges e fundar comunidades; por sua vez, ele foi o modelo seguido por Bento de Núrsia para escrever a regra para a sua ordem. Assim, “podemos ter uma ideia da influência de Macrina na construção do monaquismo cristão”⁶⁷⁹. De Macrina até Basílio, de Basílio até Bento.

Quando utilizamos o termo “abba” estamos nos referirmos a um homem que exercia a liderança nas comunidades no deserto e, por outro lado, quanto às mulheres, o termo conhecido é “amma”. De acordo com Swan, “amma ou abba era alguém experiente na vida ascética, conhecido por ter atingido um nível de maturidade e sabedoria e tinha experiência em ensinar pelo exemplo, exortação, história e instrução”⁶⁸⁰. Assim, é possível concordar com a ideia de que, também nesta área, tanto os homens, quanto as mulheres, exerceram o mesmo nível de autoridade e de protagonismo. Se, longe do deserto, ainda pudesse subsistir uma discriminação em relação ao papel das mulheres no cristianismo emergente, de

⁶⁷⁵ CHRYSSAVGIS, J., In the Heart of the Desert, p. 89.

⁶⁷⁶ ZIERER, A.; COSTA, R., Vida de Macrina, p. 345-359.

⁶⁷⁷ SWAN, L., The Forgotten Desert Mothers, p. 18.

⁶⁷⁸ PAINTNER, C.V., Desert Fathers and Mothers, p. XXI.

⁶⁷⁹ ZIERER, A.; COSTA, R., Vida de Macrina, p. 345-359.

⁶⁸⁰ SWAN, L., The Forgotten Desert Mothers, p. 11.

acordo com Paintner, “no deserto, porém, as mulheres foram capazes de rejeitar esses constrangimentos e restrições. No deserto, as *ammas* puderam viver com o mesmo foco único dos *abbas*, crescendo na intimidade com a presença divina”⁶⁸¹. Muitos dos ensinamentos destes homens e mulheres, aproximadamente quarenta e sete, foram consignados em uma obra conhecida como os *Ditos dos Padres do Deserto* (*Apophthegmata Patrum*). Apesar do título, a obra inclui os ditos, tanto dos padres, quanto das madres do deserto.

Paládio, na obra *História Lausiaca* (séc. V), deixou registrada a presença ativa daquelas mulheres que foram verdadeiras guias espirituais do deserto: “Deixei escritas em um livro as lutas de homens e mulheres eminentes dotados de espírito mais viril do que a natureza poderia lhes dar”⁶⁸². Segundo o autor, ele também devia mencionar nos seus escritos, “algumas mulheres viris a quem Deus concedeu as mesmas graças para a luta como aos homens. Dessa forma, ninguém poderá alegar que é fraco demais para a prática perfeita da virtude”⁶⁸³. Conforme Swan, Paládio “estimou que as mulheres superavam os homens em dois para um, mas são as histórias dos homens que são preservadas e contadas”⁶⁸⁴. Tal constatação justifica ainda mais a relevância de nossa tese para o resgate da relevância destas mulheres, não apenas para o monaquismo, mas em relação ao desenvolvimento do cristianismo. De acordo com Grün, “às vezes, até, as mulheres tornam-se muito conhecidas por terem a mesma força e sabedoria que os homens e em nada se diferenciam deles”⁶⁸⁵.

É sem medida a autoridade espiritual exercida por estas mulheres que, com os homens, começaram a propor um novo estilo de vida para os cristãos. Por exemplo, temos Marcela e Paula, provenientes de famílias tradicionais de Roma, mas que, deixando de lado a vida mundana, de acordo com Coelho, “abraçaram os valores ascéticos, a vida modesta, os estudos bíblicos e colocaram os seus bens materiais a serviço das comunidades cristãs”⁶⁸⁶.

Uma das madres mais relevantes para o movimento das mulheres em direção ao deserto é, sem dúvida, Amma Syncletica, nascida em Alexandria, por volta do ano 380, de uma família nobre e, por isso, herdeira de uma esmerada educação. Ela

⁶⁸¹ PAINTNER, C.V., *Desert Fathers and Mothers*, p. XX.

⁶⁸² PALADIO de Galacia, *História Lausiaca*, p. 22.

⁶⁸³ PALADIO de Galacia, *História Lausiaca*, p. 153.

⁶⁸⁴ SWAN, L., *The Forgotten Desert Mothers*, p. 3.

⁶⁸⁵ GRÜN, A., *A orientação espiritual dos Padres do Deserto*, p. 87.

⁶⁸⁶ COELHO, F.S., *As matronas da antiguidade cristã*, p. 84.

tem em comum, com tantas outras mulheres que foram relevantes para o desenvolvimento do cristianismo, que, após a perda dos pais, vendeu todos os bens que possuía, distribuiu aos pobres e, assim, passou a levar uma vida consagrada inteiramente a Deus. Do ponto de vista físico, Syncletica “era extremamente bonita para atrair para si desde a primeira juventude muitos pretendentes”⁶⁸⁷. O pseudo Atanásio de Alexandria, no século quinto, escreveu sobre a magnitude da vida de Syncletica, demonstrando a autoridade e a força desta mulher:

Mas se alguém fosse tentar dizer algo sobre ela, essa pessoa - seja sábia ou conhecedor – estaria muito, até infinitamente, distante do objeto da pesquisa. Pois assim como aqueles que querem olhar atentamente para o sol incapacita seus olhos, aqueles que tentam examinar sua vida ficam tontos pela magnitude de sua perfeição⁶⁸⁸.

Syncletica é uma mulher que nos ensina a crescer no autoconhecimento e a dominar as próprias paixões, sempre com o olhar e a direção voltados para Deus⁶⁸⁹. Em um dos seus escritos ela compara as virtudes que são necessárias aos atletas, com aqueles que pretendem seguir a espiritualidade do deserto: “Aqueles que são grandes atletas devem lutar contra inimigos mais fortes”⁶⁹⁰. Em outro dito, Syncletica aponta o caminho para a convivência em paz com os demais irmãos e irmãs “É preciso que governemos a nossa alma com discernimento e, ao viver em comunidade, não procurar o que é nosso, nem seguir a nossa opinião, mas obedecer ao nosso pai segundo a fê”⁶⁹¹. Ela também ensina a respeito da importância da humildade para uma vida em Deus: “Assim como é impossível construir um navio sem pregos, do mesmo modo também um monge sem humildade não pode ser bem-aventurado”⁶⁹². Conforme o Pseudo-Atanásio, era possível identificar em Syncletica uma “verdadeira discípula da bem-aventurada Tecla seguindo os mesmos ensinamentos”⁶⁹³. Ela não esconde, aos que estão ao seu redor, a batalha que era travada na vida no deserto, ao declarar, por exemplo, que “no princípio, temos muitas batalhas e muito sofrimento para os que avançam para Deus e depois uma alegria inefável”⁶⁹⁴. A palavra desta mulher, certamente, serviu de inspiração e de incentivo para que muitas outras mulheres fossem para o deserto.

⁶⁸⁷ CASTELLI, A.E., *The Life and Activity of the Holy and Blessed Teacher Syncletica*, p. 268.

⁶⁸⁸ CASTELLI, A.E., *The Life and Activity of the Holy and Blessed Teacher Syncletica*, p. 267.

⁶⁸⁹ SWAN, L., *The Forgotten Desert Mothers*, p. 42.

⁶⁹⁰ SWAN, L., *The Forgotten Desert Mothers*, p. 54.

⁶⁹¹ FERREIRA, M.E.; MESTERS, C.; COMBLIN, J. (Dir.). *Palavras dos Antigos*, p. 166.

⁶⁹² GRÜN, A., *O Céu começa em você*, p. 31.

⁶⁹³ CASTELLI, A.E., *The Life and Activity of the Holy and Blessed Teacher Syncletica*, p. 268.

⁶⁹⁴ SWAN, L., *The Forgotten Desert Mothers*, p. 43.

Amma Sara foi outra mulher muito bem-educada e nascida em uma família rica, falecendo por volta dos seus oitenta anos e que ficou conhecida “por seu foco na pureza de coração e por trabalhar para conter pensamentos que pudessem distraí-la de Deus”⁶⁹⁵. Ela viveu por mais de sessenta anos às margens de um rio, mas nunca ergueu os olhos para olhá-lo. Uma das características mais marcantes da vida de Sara foi a sua força diante das tentações, conforme pode ser constatado em um dos registros de sua história: “Então o espírito de fornicção apareceu-lhe corporalmente e lhe disse: Tu, Sara, venceste-me. E ela disse: Não fui eu que te venci, mas meu mestre, Cristo”⁶⁹⁶. Em outra ocasião, dois anacoretas anciãos foram até Sara com o intuito de humilhá-la, dizendo: “Vele para não elevar o seu pensamento dizendo: eis anacoretas que vêm a mim que sou uma mulher. E madre Sara disse-lhes: Pela natureza eu sou mulher, mas não pelo pensamento”⁶⁹⁷. Conforme Almeida, “ela sabia que o fato de ser mulher não devia servir de pretexto para combater negligentemente na milícia espiritual”⁶⁹⁸.

Amma Sara é o modelo das cristãs que têm plena noção da missão a ser cumprida, independentemente dos obstáculos ao longo do caminho, pois, de acordo com Swan, “ela estava ciente da profundidade de sua espiritualidade e não precisava da aprovação de ninguém por quem ela era ou pela jornada interior que empreendeu”⁶⁹⁹. Nas palavras da própria Sara, ela reconheceu que só dependia de Deus para seguir o seu caminho: “Se eu rezasse a Deus para que todas as pessoas aprovassem minha conduta, eu me encontraria como penitente na porta de cada um, mas devo rezar para que meu coração seja puro para com todos”⁷⁰⁰.

Além de ter sido uma guia espiritual de primeira grandeza para a comunidade, ela mostrou-se também plenamente aberta à causa daqueles que necessitavam de ajuda material, conforme o seu próprio conselho a respeito da concessão de esmolas: “É bom dar esmola mesmo por causa dos homens. Com efeito, mesmo que seja para agradar aos homens, acaba-se, no entanto, por procurar agradar a Deus”⁷⁰¹.

⁶⁹⁵ PAINTNER, C.V., *Desert Fathers and Mothers*, p. XXV.

⁶⁹⁶ FERREIRA, M.E.; MESTERS, C.; COMBLIN, J. (Dir.). *Palavras dos Antigos*, p. 160.

⁶⁹⁷ FERREIRA, M.E.; MESTERS, C.; COMBLIN, J. (Dir.). *Palavras dos Antigos*, p. 161.

⁶⁹⁸ ALMEIDA, R.S., *Vozes femininas no início do Cristianismo*, p. 202.

⁶⁹⁹ SWAN, L., *The Forgotten Desert Mothers*, p. 39.

⁷⁰⁰ SWAN, L., *The Forgotten Desert Mothers*, p. 39.

⁷⁰¹ FERREIRA, M.E.; MESTERS, C.; COMBLIN, J. (Dir.). *Palavras do Antigos*, p. 161.

No rol destas mulheres, essenciais para o desenvolvimento da espiritualidade do deserto, encontramos, por volta do século quarto, Amma Theodora, porém, infelizmente, pouco ficou registrado a seu respeito. De acordo com Paintner, ela seria o que, “nos dias atuais, chamaríamos de diretor espiritual. Ela foi uma das primeiras anciãs do deserto a descrever a acídia, que se refere à falta de iniciativa na prática espiritual”⁷⁰². Através das palavras de Theodora, é possível identificarmos uma mulher forte que, mesmo reconhecendo as dificuldades daquele tempo, exortava os seus companheiros para que se mantivessem firmes na luta do dia a dia:

Esforcemo-nos para entrar pela porta estreita. Assim como as árvores, se não resistirem às tempestades de inverno, não podem dar frutos, assim é conosco; esta é uma tempestade e é somente através de muitas provações e tentações que podemos obter uma herança no reino dos céus⁷⁰³.

As memórias de muitas outras Madres do Deserto ainda precisam ser resgatadas, pois, com os homens, elas contribuíram para o crescimento espiritual daqueles que se dirigiam até ao deserto em busca de orientação e direção. É conhecida, por exemplo, a história de Pacômio (séc. III), considerado o fundador deste movimento. Mas a história da sua irmã talvez não seja assim tão conhecida. Sem dúvida de que os escritos destes homens são uma fonte inesgotável de direção espiritual e ascética, mas é preciso revisitar as muitas mulheres que também optaram por este estilo de vida e fundaram mosteiros. Fílon de Alexandria, comentando a respeito da vida contemplativa, destacou que as “mulheres também participam desta festa e, na sua maior parte, apesar de idosas, são virgens em relação à pureza, não por obrigação em guardar a castidade, mas por sua livre vontade”⁷⁰⁴.

Não restam dúvidas de que estas mulheres formaram um agrupamento, um corpo sólido naquelas regiões inóspitas e que tinham como missão ser o guia de muitas almas. É um grande lapso deixar de constatar, nos primórdios do monaquismo, que as mulheres tiveram participação efetiva na orientação espiritual de muitas pessoas, pois, de acordo com Grün, “não se faz distinção nem na capacidade nem nos conteúdos transmitidos por homens e mulheres. Às vezes, as

⁷⁰² PAINTNER, C.V., *Desert Fathers and Mothers*, p. XXV.

⁷⁰³ PAINTNER, C.V., *Desert Fathers and Mothers*, p. 19.

⁷⁰⁴ FÍLON de Alexandria, *A vida contemplativa*, 65, 86.

mesmas respostas são dadas pela boca de homens e mulheres”⁷⁰⁵. Conforme Tartaglia, “por muito tempo, figuras como essas Ammas permaneceram insuficientemente conhecidas e apreciadas tanto pela pesquisa acadêmica quanto pela teológica. Hoje, o valor do papel da mulher na história da Igreja deve ser redescoberto”⁷⁰⁶.

3.4.2

Aquelas que fundaram mosteiros

Não temos dúvidas de que o protagonismo das mulheres, nos primeiros séculos do cristianismo, também pode ser constatado na realização de uma abordagem histórica a respeito da vida monástica. Muitas das mulheres que optaram por esse estilo de vida acabaram fundando seus próprios mosteiros. É importante destacar que nestes verdadeiros oásis cristãos, não se vivia apenas da oração e da contemplação, mas também eram ambientes de muito estudo e ensino. Swan afirma que as “ammas do deserto dedicavam tempo todos os dias aos estudos e à oração”⁷⁰⁷.

A participação feminina na expansão da vida monástica é algo extraordinário, conforme podemos constatar com o exemplo de algumas mulheres, a saber: Melânia fundou um mosteiro das virgens, depois um mosteiro de homens no Monte das Oliveiras⁷⁰⁸; Gerôncio (séc. V), escrevendo a *Vida de Santa Melânia*, descreveu que “veio-lhe depois o desejo de construir um mosteiro para homens santos, para que celebrassem a honra de participar continuamente nos santos mistérios”⁷⁰⁹. Macrina, a Jovem, foi a inspiradora para a fundação de uma das primeiras comunidades monásticas, localizada em Annisa, perto do Mar Negro⁷¹⁰, onde foi, gradualmente, inserindo dentro de sua própria casa, ao lado da mãe, um estilo de vida aos moldes da vida cenobítica. Gregório de Nissa, narrando a vida de sua irmã, deixou registrado que “Macrina continuou dirigindo a mãe a adotar o seu próprio ideal de humildade. Induziu-a a viver em pé de igualdade com o séquito de

⁷⁰⁵ GRÜN, A., A orientação espiritual dos Padres do Deserto, p. 87. No caso da obra de Grün, podemos supor que o título poderia ser um pouco mais completo, ou seja, “A orientação espiritual dos Padres e das Madres do Deserto”.

⁷⁰⁶ TARTAGLIA, M. L., The Mothers of Egyptian monasticism.

⁷⁰⁷ SWAN, L., The Forgotten Desert Mothers, p. 12.

⁷⁰⁸ ALEXANDRE, M., Do Anúncio do Reino à Igreja, p. 513

⁷⁰⁹ GERÔNICO, Vida de santa Melânia, a Jovem, 48, p. 1162.

⁷¹⁰ SWAN, L., The Forgotten Desert Mothers, p. 128.

servas, também partilhava com elas a mesma comida, o mesmo tipo de cama...”⁷¹¹. Marcela, viúva, foi uma das primeiras cristãs a estabelecer uma comunidade monástica em Roma, no seu palácio no Monte Aventino. Jerônimo destacou que Marcela “soube da vida do bem-aventurado Antônio, que ainda vivia nos mosteiros de Tebaida, fundados por Pacômio, e da disciplina estabelecida para virgens e viúvas”⁷¹². A respeito de Pacômio, é essencial citarmos também a sua irmã Maria, a responsável pela fundação da primeira comunidade monástica feminina.

São dignas de destaque outras mulheres que, abraçando a vida ascética, também foram as responsáveis pela fundação de mosteiros. Ajudada por Rufino, a patriciã Melânia, a Velha, tendo distribuído entre os pobres a sua imensa fortuna, foi para a Terra Santa a fim de ali viver e morrer em Deus⁷¹³. Em Jerusalém, fundou uma congregação que posteriormente foi desenvolvida pela sua neta Melânia, a Jovem. De acordo com Paládio, a anciã Melânia permaneceu vinte e sete anos naquele mosteiro, no qual viviam cinquenta virgens e, com Rufino, conferiram hospitalidade a bispos, monges e virgens que por ali passavam⁷¹⁴. Ainda de acordo com Paládio, eles também contribuíram “para a edificação religiosa de todos os peregrinos e fizeram com que quatrocentas pessoas solitárias que viviam presas à cisma de Paulino voltassem à unidade da fé”⁷¹⁵. Neste mosteiro, por volta do ano 385, ficaram hospedados Jerônimo e Paula, “que tomaram seu monastério como modelo quando construíram os deles próprios”⁷¹⁶. Melânia participou na fundação de um mosteiro para homens, onde foi instituída uma escola para dar suporte ao trabalho de cópias de manuscritos e, conforme Almeida, “graças a esse trabalho, os monásticos desfrutaram de um ambiente erudito”⁷¹⁷.

Paulino de Nola, em uma correspondência ao amigo Sulpício Severo, exaltou as virtudes de Melânia, demonstrando assim o quão grande era, não apenas a fama, mas, sobretudo, a personalidade daquela mulher, não ficando em nada atrás dos homens. Nesta correspondência, Melânia é comparada com Martinho, bispo de Tours (séc. IV) e fundador do primeiro mosteiro da Gália. De acordo com Clark, Paulino de Nola descreveu a pessoa de Melânia da seguinte maneira: “Que mulher

⁷¹¹ GREGÓRIO de Nissa, *Vie de Sainte Macrine*, p. 177.

⁷¹² AQUILINA, M.; CHRISTOPHER, B., *Madres da Igreja*, p. 100.

⁷¹³ ROPS, D., *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, p. 508.

⁷¹⁴ PALÁDIO. *História Lausíaca*, 46, 5-6.

⁷¹⁵ PALÁDIO. *História Lausíaca*, 46, 5-6.

⁷¹⁶ ALMEIDA, R.S., *Vozes femininas no início do cristianismo*, p. 272.

⁷¹⁷ ALMEIDA, R.S., *Vozes femininas no início do cristianismo*, p. 272.

ela é, se é permitido chamar de mulher uma cristã tão viril! Eu honro esta mulher, membro do sexo frágil, com as virtudes de Martinho, pois ela é um soldado de Cristo: uma mulher nobre”⁷¹⁸.

A pessoa responsável em dar continuidade ao trabalho iniciado por Melânia, a Velha, foi a sua neta, Melânia, a Jovem. Gerôncio escreveu sobre a vida desta jovem romana que, após ter ficado viúva e com os dois filhos falecidos, tomou a decisão de vender todos os seus bens e seguir para a África e a Palestina. Nesta obra, podemos constatar, mais uma vez, que a presença e autoridade das mulheres na vida ascética e monástica foram tão relevantes quanto a dos homens, pois, se assim não o fosse, certamente, Gerôncio não dispenderia suas forças para deixar registradas a vida e a obra de Melânia, a Jovem.

Em um trecho da obra é descrito o momento em que Melânia resolve fundar o seu próprio mosteiro: “Ela passou aquele ano em grande sofrimento, disciplina ascética e jejum e, no final, mandou construir um mosteiro para si mesma e decidiu salvar outras almas junto com ela”⁷¹⁹. Na continuação do relato, Gerôncio destaca o crescimento daquele mosteiro em relação ao número de mulheres que lá estavam, assim como o esmero de Melânia para fazer com que tudo funcionasse a contento e nada faltasse:

Então surgiu um mosteiro de noventa virgens, mais ou menos, a quem ela treinava como um grupo desde o início para não se associar com um homem. Ela construiu para elas uma cisterna dentro do mosteiro e supriu todas as suas necessidades corporais, dizendo-lhes: “Eu mesma cuidarei de tudo para vocês, como um servo faria, e não deixarei que lhes falte quaisquer necessidades. Apenas seja advertido sobre a associação com homens. Ela arrebatou mulheres de lugares de má reputação e por suas admoestações as trouxe como um sacrifício a Deus, pois ela estava ciente do que estava escrito: “Se você tirar os honrados do inútil, você será como minha boca.” Ela constantemente se dirigia a eles sobre assuntos sobre a sua salvação”⁷²⁰.

Como se estes empreendimentos já não fossem de grande feito, a Jovem tomou a decisão de construir também um mosteiro para homens, para que pudessem orar ininterruptamente naqueles santos lugares. Conforme a descrição de Gerôncio, depois de tudo, “despertada pelo divino zelo, ela desejou construir um mosteiro para homens santos para poderem realizar sua salmodia noturna e diária sem interrupção no local da Ascensão de Senhor”⁷²¹. A jovem Melânia faleceu no ano

⁷¹⁸ CLARK, E., *Women in the early church*, p. 217.

⁷¹⁹ CLARK, E., *The life of Melania the Younger*, p. 54.

⁷²⁰ CLARK, E., *The life of Melania the Younger*, p. 55.

⁷²¹ CLARK, E., *The life of Melania the Younger*, p. 61.

de 439 e, de acordo com White, “os mosteiros no Monte das Oliveiras fundados por ela existiram até a invasão Persa no século sexto”⁷²².

Em Roma, Paula, uma nobre viúva, amiga de Jerônimo, fundou em sua própria casa um mosteiro “onde todos levavam uma vida de oração e de estudo da Bíblia, e praticavam obras de caridade”⁷²³. No ano de 385, Jerônimo e Paula, após terem visitados os lugares santos em Jerusalém, permaneceram em Belém e empreenderam a fundação de um mosteiro masculino e outro feminino, utilizando os recursos financeiros de Paula. De acordo com Martins, a participação de Paula na fundação de mosteiros na Terra Santa, junto com Jerônimo, foi relevante para que ele conseguisse “traduzir a Vulgata, além de escrever, comentar inúmeras obras e ainda receber peregrinos”⁷²⁴.

Marcela, outra nobre romana, nascida no ano 325, teve o primeiro contato com os ideais da vida ascética, ao encontrar com alguns monges egípcios que visitavam a sua cidade, por volta do ano 340. A partir deste encontro, “ela decidiu fundar a sua própria comunidade no seu palácio no Aventino, uma área rica de Roma”⁷²⁵. Em pouco tempo, outras mulheres foram juntando-se com Marcela e o seu mosteiro passou a receber muitos visitantes. Neste ponto podemos fazer duas considerações, a saber: em primeiro lugar, é muito relevante a autonomia e a autoridade de uma mulher tal como Marcela, pois era uma nobre, mas abriu o seu palácio para receber muitas outras pessoas que ela nem sequer conhecia; depois, pelo fato de que, conforme Swan, os visitantes chegavam ao mosteiro de Marcela, com o desejo de aprofundar seu conhecimento das escrituras e aprender sobre o caminho ascético⁷²⁶, demonstrando assim o nível intelectual desta mulher. Além disso, a comunidade monástica fundada por Marcela tornou-se um marco tão importante que outras mulheres acabaram seguindo o mesmo caminho, fundando outras comunidades, tais como Léia e Marcelina, irmã de Ambrósio.

Marcelina, nascida por volta do ano 330, também marcou presença nos primórdios das comunidades monásticas. Pelas mãos do papa Libério, na Epifania do ano de 353, fez os seus votos religiosos e a ela “o bispo de Milão dedicou o *De virginibus*, considerado o primeiro tratado orgânico de espiritualidade e teologia

⁷²² WHITE, C., *Lives of Roman Christian Women*, p. 180.

⁷²³ MARTINS, M.C.S., *A Peregrinação de Jerônimo e Paula*, p. 198-230.

⁷²⁴ MARTINS, M.C.S., *A Peregrinação de Jerônimo e Paula*, p. 198-230.

⁷²⁵ SWAN, L., *The Forgotten Desert Mothers*, p. 135.

⁷²⁶ SWAN, L., *The Forgotten Desert Mothers*, p. 135.

sobre o tema da virgindade cristã⁷²⁷. Além das obrigações com a sua mãe e os seus dois irmãos, Marcelina entendia que os seus votos religiosos implicavam uma entrega ainda maior a Deus, sobretudo no serviço aos irmãos e irmãs, ou seja, ela tinha consciência de que o seu serviço deveria ultrapassar o âmbito familiar. Com isso, começaram a receber em casa outras virgens que desejavam segui-la em sua piedosa profissão, tais como Cândida, que se tornou sua companheira durante toda a sequência da vida⁷²⁸. Mais uma vez constatamos a autoridade de uma mulher à frente de uma comunidade de virgens.

Da vida de Léia, uma jovem viúva romana que viveu por volta do ano 370, pouco se conhece. Mas é possível resgatarmos, pelo menos em parte, a sua contribuição para estabelecer uma comunidade monástica em Roma. Após a viuvez, Léia tomou a decisão de não contrair novas núpcias e entregar a vida por completo ao serviço de Deus, quando passou a seguir Jerônimo, e outras mulheres virtuosas, tais como Marcela, Paula e Proba. O único documento que descreve um pouco a respeito de Léia é uma carta escrita pelo próprio Jerônimo⁷²⁹, endereçada a Marcela, quando soube da morte da amiga. São palavras que demonstram, não apenas, o reconhecimento da vida exemplar daquela mulher, mas também destacam a sua participação na vida em comunidade. De acordo com Jerônimo, “quem seria capaz de exaltar adequadamente a vida de Léia? Ela havia se convertido tão plenamente a Deus que se tornou chefe de um mosteiro e mãe de virgens”⁷³⁰. O estilo de vida desta mulher foi tão apreciado por Jerônimo que, na mesma carta, ele a descreve com uma serva da humanidade⁷³¹, pelo modo de como ela convivia com as demais companheiras de mosteiro.

Outra mulher romana, chamada Asela, contribuiu da mesma forma para o desenvolvimento do monaquismo, sendo motivo de uma das cartas de Jerônimo. Da mesma forma é possível captar, a partir das palavras de Jerônimo, a força e a virtude desta outra mulher, pois assim ele começa o seu escrito:

Assim, em minha presente carta, pretendo dar-lhe um breve esboço da vida de nossa querida Asella. Por favor, não leia para ela; pois ela certamente ficará descontente com os elogios dos quais ela mesma é o objeto. Mostre-o antes às moças que você conhece, para que elas se guiem pelo exemplo dela e tomem o comportamento dela como o padrão de uma vida perfeita⁷³².

⁷²⁷ MARA, M.G., Marcellina, p. 3008-3009.

⁷²⁸ BIRAGHI, L., Vita Santa Marcellina, p. 19.

⁷²⁹ GIOVANNINI, L., SCARBOSSA, M., Um santo para cada dia, p. 91.

⁷³⁰ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario I, p. 263.

⁷³¹ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario I, p. 263.

⁷³² VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario I, p. 265.

Desde muito cedo Asela, aos dez anos, havia tomado a decisão de levar uma vida dedicada a Deus. Quando chegou aos cinquenta anos, tomou a decisão de ingressar na vida monástica e ali passar o resto da vida. Conforme as palavras de Jerônimo, apesar de uma vida inteira de mortificações, “com um corpo saudável e uma alma ainda mais sólida, ela buscou todo o seu prazer na solidão e encontrou para si um eremitério monástico no centro da movimentada Roma”⁷³³. Paládio também escreveu sobre a contribuição de Asela para a vida monástica: “Também vi em Roma a bela Asella, uma virgem que envelhecera num mosteiro. Ela era uma mulher de uma mansidão que, para todos, prova, que mantinha e supria as necessidades dos conventos”⁷³⁴.

Não restam dúvidas de que as mulheres muito contribuíram para o desenvolvimento da vida monástica, tanto no Oriente quanto no Ocidente. E também são dignas de elevação e merecedoras de recordação perene aquelas que estiveram ao lado de Jerônimo. Neste contexto, é importante destacar a Carta Apostólica do Papa Francisco, *Scripturae Sacrae affectus* escrita no ano de 2020, em comemoração ao décimo sexto centenário da morte de Jerônimo. Em um trecho da carta é comentado a respeito dos mosteiros fundados na Terra Santa: “Precisamente em Belém, lugar privilegiado para ele, junto da gruta da Natividade funda dois mosteiros “gêmeos”, masculino e feminino, com hospedarias para o acolhimento dos peregrinos que vinham aos locais santos”⁷³⁵. É relevante deixarmos registrado a participação fundamental de Paula na construção destes dois mosteiros.

Embora seja desproporcional a quantidade de registros históricos sobre a participação masculina e a feminina para o desenvolvimento do monaquismo, constatamos que não seria possível, para tal movimento, um expressivo êxito se não fosse por um trabalho em conjunto. Tanto os homens quanto as mulheres estiveram à frente desta missão, desempenhando da mesma forma as diversas funções, seja de fundadores e fundadoras de mosteiros a simples operários da vinha. O monaquismo é mais um campo de atuação onde seria injusto traçarmos uma escala de valores, comparando o desempenho dos homens com o das mulheres, pois ambos foram relevantes na mesma medida de esforço e de capacidade.

⁷³³ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario I, p. 267.

⁷³⁴ PALADIO de Galacia. História Lausiaca, p. 154.

⁷³⁵ SSA 13.

3.5

As mulheres no exercício do múnus sagrado

3.5.1

O governo na casa e na Igreja

Na constituição do povo de Deus, conforme as palavras de Paulo aos Coríntios, cada um têm a sua parte como membros que são do corpo de Cristo, dentre esses, “os apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, doutores...” (1 Cor 12, 27). Independentemente da posição ocupada, ou da função exercida na Igreja, é o batismo que incorpora todos a Cristo, enquanto, segundo a vocação particular de cada membro da Igreja, são “feitos participantes do múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo, chamados a exercer, segundo a condição própria de cada um, a missão que Deus confiou para a Igreja cumprir no mundo”⁷³⁶. Neste aspecto podemos colocar em evidência a categoria do tríplice múnus inerente a todos os batizados, ou seja, a função de governar, de santificar e de ensinar. As mulheres, ao longo de toda a história do cristianismo, também marcaram presença ativa nesta obrigação e desempenharam, apesar de todas as dificuldades, muito bem a missão que lhes fora confiada.

Não restam dúvidas de que a figura da mulher sempre evocou, por um grande lastro temporal, a condição de esposa e de mãe. Deste modo podemos situar as mulheres em outro campo de atuação, por vezes até menosprezado ou pouco reconhecido, ou seja, a essencial colaboração que elas deram para o cristianismo no governo de suas próprias casas. É interessante uma colocação de Lactâncio quanto ao papel que as mulheres deveriam exercer em suas casas:

Lactâncio chega a dizer que a jovem não pode se dedicar ao estudo aprofundado da ciência e da literatura porque deve atender às necessidades domésticas, e porque seria uma mudança absurda de papéis, algo que nunca aconteceu na história, que a mulher fizesse parte do exército ou participava da vida política, e fossem os homens que fiassem a lã, tricotassem e cuidassem dos filhos⁷³⁷.

Há quem diga que podemos interpretar essa colocação a partir de dois aspectos, a saber: em um primeiro momento, pode soar como um menosprezo do papel desempenhado pelas mulheres em âmbito caseiro. Mas se o autor comenta que as mulheres não deveriam estudar, não seria por que existiam aquelas que se dedicavam a tal ofício e, ao mesmo tempo, cuidavam dos afazeres da casa? De

⁷³⁶ CIC, Cân. 204, §1.

⁷³⁷ BAUTISTA, E., *La mujer en la Iglesia primitiva*, p. 146.

acordo com Bautista, “a partir de uma hermenêutica da desconfiança, cabe perguntar se tanta insistência no papel tradicional de esposa e mãe não se devia ao fato de as mulheres normalmente exercerem outras atividades menos tradicionais”⁷³⁸.

Outro aspecto está relacionado com o fato de que não eram uma tarefa fácil as atribuições que uma mulher tinha na própria casa, assim como acontece atualmente, de modo que, podemos afirmar que se tratava realmente de uma obrigação muito séria o cuidado da casa. Neste ponto não é correto pensarmos apenas no que tange ao material, mas também no aspecto da autoridade exercida pela mulher no governo da família, sobretudo na responsabilidade pela educação religiosa dos filhos.

Dentro das suas próprias casas, as mulheres exerceram uma autoridade que, infelizmente, nem sempre é recordada e, muito menos, valorizada, ou seja, a sua atuação na comunicação da fé. Por questões metodológicas, deixemos para que outros aprofundem a questão da vida privada familiar nos primórdios do cristianismo. O fato é que as relações caseiras, como pode ser constatado, por exemplo, na carta aos Colossenses (Col 3, 18-25) seja entre “esposas, maridos e filhos, e entre patrões e servos, devem ser baseadas no amor que Deus tem por cada um e na ordem social estabelecida”⁷³⁹. Na carta aos Efésios (Ef 5,21-33) encontramos também sobre a moral doméstica. Nas palavras de Jerônimo, “a união de Cristo com a Igreja é sagrada, assim também é a união de marido e mulher... A união entre marido e mulher não pode ser chamada de santa se não se atentar para os ensinamentos de Cristo”⁷⁴⁰. De acordo com João Crisóstomo, o marido deve ter amor e afeição pela esposa, mãe dos seus filhos e causa de toda alegria⁷⁴¹. O que nos interessa, neste contexto, é como a mulher exercia uma posição de governo da casa, sobretudo por conta da sua conduta enquanto cristã. De acordo com Alexandre, as mulheres, por muitas vezes, estavam “um passo de avanço sobre os homens da sua família. A sua influência doméstica contribuiu para a conversão dos seus parentes e desempenham um papel essencial na transmissão da fé”⁷⁴².

⁷³⁸ BAUTISTA, E., *La mujer en la Iglesia primitiva*, p. 146.

⁷³⁹ GORDAY, P., *La Bibbia commentata dai Padri*. NT 9, p. 92.

⁷⁴⁰ DELL'OSSO C., *La Bibbia commentata dai Padri*. NT 8, p. 215.

⁷⁴¹ JOÃO Crisóstomo, *Comentário às Cartas de São Paulo*/1, p. 860.

⁷⁴² ALEXANDRE, M., *Do anúncio do Reino à Igreja*, p. 553.

A respeito da atuação das mulheres em âmbito caseiro, no governo da casa, Jerônimo, na exegese da carta aos Efésios, dissertou que “existem mulheres melhores do que os maridos, que administram a casa, educam os filhos e conduzem os servos”⁷⁴³. De acordo com Grossi e Di Berardino, o Novo Testamento é uma boa fonte para extrair informações a respeito da atuação das mulheres, seja acolhendo reuniões de cristãos em suas casas, ou prestando vários tipos de serviços para o Senhor e, um tempo depois, participando de grupos específicos, como, por exemplo, o das viúvas, que será reconhecido oficialmente pela Igreja, ocupando um lugar específico durante a celebração litúrgica⁷⁴⁴.

Porém, mesmo tendo as suas funções limitadas, as mulheres não estiveram totalmente ausentes, ou excluídas, da vida eclesial. De acordo com Lina Boff, “enquanto o homem faz o serviço do altar, a mulher faz o serviço da mesa. Este não é menos importante e nem mais valorizado que o primeiro. Trata-se de servir e servir na fé, na esperança e no amor”⁷⁴⁵. Nas palavras de Tertuliano, homens e mulheres “são iguais na Igreja de Deus, iguais no banquete de Deus, iguais nas provações, nas perseguições, nas consolações. É com toda a liberdade que visitam os doentes, que assistem aos indigentes”⁷⁴⁶. Hipólito de Roma, ao descrever os momentos em que se deve orar, descreveu que “todo fiel e toda mulher fiel, ao levantaram-se do sono pela manhã, antes de tocarem o que quer que seja, lavem-se as mãos e rezem a Deus”⁷⁴⁷. O trecho é um indício de que, através de um ministério da oração, o leigo, homem ou mulher, nutriam um sentimento de que estavam integrados, através de confrarias ou de irmandades, com os outros ministérios eclesiásticos. No caso específico das mulheres, tal fato estava relacionado a sua casa e ao seu trabalho, não apontando para um ministério específico, mas para uma função exercida no âmbito caseiro, ou seja, todos da família faziam parte deste processo, muito provavelmente liderado pelas mulheres.

3.5.2

O testemunho de vida como forma de santificação

⁷⁴³ MORETTI, F.P., *La Bibbia e il discorso dei Padri Latini sulle Donne*, p. 164.

⁷⁴⁴ GROSSI, V.; DI BERARDINO, A., *La chiesa antica*, p. 105.

⁷⁴⁵ BOFF, L., *Como tudo começou com Maria de Nazaré*, p. 99.

⁷⁴⁶ TERTULIANO, *À minha esposa*, II, 8,8, p. 230.

⁷⁴⁷ HIPÓLITO de Roma, *Tradição Apostólica*, p. 77.

Um dos múnus exigidos a todos os cristãos, independentemente da função exercida, é o da santificação. Neste ponto, podemos colocar a mulher exercendo uma autoridade na Igreja a partir do seu próprio testemunho de vida. No campo específico do apostolado das mulheres e sua importância também para a santificação de todo o povo, o papa João Paulo II, na exortação sobre a vocação dos leigos na Igreja e no mundo, declarou que os dons colocados a serviço da Igreja, por parte das mulheres, além de serem uma estrada necessária para a realização pessoal, é também um “contributo original da mulher para o enriquecimento da comunhão eclesial e para o dinamismo apostólico do povo de Deus”⁷⁴⁸. O múnus de santificar passa, certamente, pelo poder do testemunho de vida. Por exemplo, temos o caso de Pompônia Grecina que, de acordo com Stark, foi a primeira aristocrata a converter-se ao cristianismo e, muito provavelmente, por conta da sua conduta de vida, fez com que todos os seus familiares seguissem o mesmo caminho⁷⁴⁹.

Ao longo de toda a história do cristianismo, as mulheres vêm realizando o que a exortação de João Paulo II destacou, ou seja, colocando os seus dons e talentos a serviço da santificação do povo de Deus. O papa polonês também escreveu uma carta apostólica sobre a dignidade e a vocação da mulher, destacando, dentre muitos outros aspectos, a relevância do testemunho de vida das mulheres para a missão evangelizadora da Igreja: “A Igreja, com efeito, defendendo a dignidade da mulher e a sua vocação, expressou honra e gratidão àquelas que, em todo o tempo, participaram da missão apostólica de todo o Povo de Deus”⁷⁵⁰. De acordo com Fabris, na Igreja primitiva, “as mulheres ocupam um espaço muito mais amplo do que julga um errado vitimismo feminino: elas podiam evangelizar, e isso é o que realmente conta”⁷⁵¹.

No trabalho apostólico de evangelização exercido pelas mulheres, estavam atrelados o próprio testemunho de vida e a consequente santificação, seja delas próprias e dos demais membros da família e da comunidade. Por volta do século IV, por exemplo, muitas mulheres casadas, inclusive as que pertenciam às classes mais altas, ao se tornarem cristãs, normalmente, por conta de sua conduta de vida, acabavam conseguindo converter seus esposos⁷⁵². Conforme Bingemer, produz

⁷⁴⁸ CL 51.

⁷⁴⁹ STARK, R., O crescimento do cristianismo, p. 128.

⁷⁵⁰ MD 27.

⁷⁵¹ FABRIS, R., A mulher na Igreja primitiva, p. 204.

⁷⁵² STARK, R., O crescimento do cristianismo, p. 130.

muito mais frutos, e demonstra de forma mais clara a relevância da mulher para a vida da Igreja, uma teologia de testemunho do que uma teologia de textos⁷⁵³.

Muitas mulheres, graças ao cristianismo, conseguiram uma visibilidade fora do âmbito doméstico, sobretudo com o testemunho público de uma vida devota e ascética⁷⁵⁴. De acordo com Coelho, comentando especificamente sobre a comunidade romana, era grande o número das mulheres “que formaram grupos religiosos importantes e serviram de exemplo para os retóricos e polemistas cristãos escreverem sobre o testemunho de sua vida piedosa para todo Império Romano, como modelos de matronas cristãs e de vida perfeita”⁷⁵⁵.

É relevante registrar que não apenas de ministérios, hierarquicamente constituídos, era composta a Igreja, ou seja, nas primeiras comunidades cristãs, o Espírito Santo suscitava e inspirava formas diversificadas de apostolado, dentre elas, por exemplo, o testemunho de homens e de mulheres que, simplesmente, colocavam em prática no dia a dia os valores evangélicos. É certo que as mulheres exerciam papéis muito mais articulados e animados do que normalmente são apresentados⁷⁵⁶, ou seja, através de um estilo de vida próprio, as mulheres exerceram um poder que não dependia da instituição eclesiástica, sobretudo que estivesse relacionada com algum tipo de rito. Em uma família, convertida ao cristianismo, era possível constatar a influência e o poder exercido através do testemunho das mulheres⁷⁵⁷. Com isso, afirmamos que as mulheres, através desta “rede de relações felizes e justas na família, dão um testemunho do evangelho a seu modo específico”⁷⁵⁸.

Nos escritos dos Padres, assim como na literatura apócrifa, também encontraremos registros a respeito do testemunho de vida das mulheres como uma forma de santificação e de evangelização. Eusébio de Cesareia, descrevendo sobre o período da perseguição sob Domiciano, narrou a atitude de uma mulher chamada Flávia Domitila, de uma nobre família romana, que, por conta do seu testemunho dado a Cristo, foi banida para uma ilha⁷⁵⁹. O mesmo Eusébio apresenta Giulia Maméia, a mãe do Imperador Alexandre Severo, como uma mulher das mais

⁷⁵³ BINGEMER, M.C.L., A mulher na igreja e na sociedade, p. 36.

⁷⁵⁴ FURLANI, J.C., Reflexões sobre a história social das mulheres na antiguidade tardia, p. 295-313.

⁷⁵⁵ COELHO, F.S., As matronas da antiguidade cristã, p. 123.

⁷⁵⁶ VALERIO, A., Il potere delle donne nella Chiesa, p. 69.

⁷⁵⁷ ALEXANDRE, M., Do anúncio do Reino à Igreja, p. 554.

⁷⁵⁸ FABRIS, R., A mulher na Igreja primitiva, p. 200.

⁷⁵⁹ EUSEBIO de Cesareia. História Eclesiástica, III, 18, 4.

religiosas⁷⁶⁰, inclusive recebendo Orígenes em sua casa para comprovar a sua inteligência.

No modo de viver o dia a dia, o testemunho cristão depende de algumas atitudes que não contrapõem os valores evangélicos, dentre eles, por exemplo, a prática das virtudes e da justiça. Neste contexto, Justino de Roma declarou que “Deus quis que as mulheres tivessem a mesma capacidade que os homens para adquiri-las”⁷⁶¹. Deste modo, é possível afirmar que as mulheres tinham a mesma força e autoridade do que os homens em relação ao testemunho prestado. A humildade é um sinal distintivo dos cristãos e as mulheres também testemunharam neste sentido. Jerônimo deixou registrado as atitudes de sua amiga Paula: “Nada de mais clemente que sua alma, nada de mais carinhoso para com os humildes. Não procurava aproximar-se dos poderosos, nem tampouco desprezava a pequena glória do que a procura pela soberba e pelo desdém”⁷⁶².

A respeito da força do testemunho irradiado pelas mulheres dentro de suas próprias casas, Agostinho destaca a vida de três mulheres, respectivamente, filha, mãe e avó, a saber: Demetriadés, Juliana e Proba. Sobre tudo em relação à última, comentou: “Tendes assim, junto de vós, em vossa casa e na de Cristo, uma avó santa, a quem podeis consultar sobre a perseverança. Ela vos dirá como lutar contra esta ou aquela tentação”⁷⁶³. Da pena de Jerônimo também ficou registrado um elogio para as virtudes e testemunho desta mulher: “Proba que trazia o nome mais ilustre de todas as dignidades e de toda a nobreza do mundo romano, cujas virtudes e bondade eram conhecidas até nos confins do orbe, sendo objeto de veneração mesmo entre os bárbaros”⁷⁶⁴.

Olímpia, uma diaconisa da Igreja de Constantinopla, amiga de João Crisóstomo, também mereceu elogios por conta do seu testemunho de vida. Na obra *Vida de Olímpia*, temos informações de que ela era uma mulher “séria, zelosa, companheira e serva da Igreja; piedosa; inteligente; corajosa; paciente; humilde; mais simples que as crianças; nobre serva de Deus”⁷⁶⁵. Ela, por seu exemplo de vida, seguiu os passos de Tecla “em todas as virtudes do modo de vida divinamente inspirado. Olímpia, mui séria e zelosa do caminho que conduz ao céu, seguiu em

⁷⁶⁰ EUSEBIO de Cesareia. História Eclesiástica, VI, 21, 3.

⁷⁶¹ JUSTINO de Roma. Diálogo com Trifão 23, 5, p. 145.

⁷⁶² MARTINS, M.C.S., A peregrinação de Jerônimo e Paula, p. 198-230.

⁷⁶³ AGOSTINHO de Hipona. Dos bens da viuvez 19, 24, p. 259.

⁷⁶⁴ JERÔNIMO. Carta a Demetria, p. 18.

⁷⁶⁵ FURLANI, J.C., Gênero, conflito e liderança feminina na cidade pós-clássica, p. 190.

tudo o desígnio das divinas Escrituras e por estas coisas se aperfeiçoou”⁷⁶⁶. O próprio João Crisóstomo teceu um elogioso comentário a respeito de Olímpia, demonstrando saber muito bem sobre a conduta de vida da amiga: “Conheço bem em vós a nobreza dos pensamentos, o vigor da piedade de vossa alma. Estou ciente da acuidade de vossa inteligência, da intensidade de vossa sabedoria e como vos basta somente ordenar ao mar encapelado da tristeza e tudo se acalma”⁷⁶⁷.

Em Gregório de Nazianzeno e na sua relação com Nona e Gorgônia, respectivamente sua mãe e irmã, também constatamos a importância do testemunho de vida para a santificação de toda a família. Em sua oração fúnebre, o capadócio exaltou a vida de Gorgônia como um exemplo a ser seguido, pois aquela mulher havia dedicado a Deus “não a sua alma, mas toda a família e a casa, e apresentando-se, enquanto viveu, como um exemplo para sua descendência de tudo o que era bom”⁷⁶⁸.

É relevante também a obra de Paládio, pois nela estão contidas várias narrativas exaltando as mulheres e seu testemunho de vida. Logo no começo da *História Lausiaca*, o autor destaca que o livro também foi escrito para fazer memória das mulheres “velhas e mães ilustres possuídas pelo Espírito de Deus, que travaram as lutas de ascetismo com espírito masculino para exemplo e encorajamento daqueles que eles anseiam por colocar a coroa da castidade e inocência”⁷⁶⁹. Sobre a importância do testemunho de vida, como uma forma de demonstrar autoridade, Paládio apresenta um rol de mulheres e assim as descreve de maneira geral:

Devemos também mencionar neste livro algumas mulheres viris a quem Deus concedeu as mesmas graças para a luta como aos homens. Dessa forma, ninguém poderá alegar que é fraco demais para a prática perfeita da virtude. Vi muitas e tive oportunidade de visitar não poucas donzelas e viúvas ilustres, de mérito excepcional⁷⁷⁰.

Dentre as mulheres citadas por Paládio, em virtude dos seus testemunhos de vida, estão, por exemplo, Paula, Eustóquio, Veneria, Teodora, Hosia, Adolia, Basianilla, Asella Avita e Sabiniana. Sobre esta última podemos encontrar também uma menção feita por João Crisóstomo, destacando que o seu testemunho de vida

⁷⁶⁶ CLARK, E.A. Jerome, Chrysostom, and Friends, p. 128.

⁷⁶⁷ JOÃO Crisóstomo. Cartas a Olímpia, Carta 8, p. 217.

⁷⁶⁸ GREGÓRIO de Nazianzeno, Oration VIII, p. 493-504.

⁷⁶⁹ PALADIO de Galacia, História Lausiaca, p. 21.

⁷⁷⁰ PALADIO de Galacia, História Lausiaca, p. 153.

devia servir de exemplo para todos: “A diaconisa Sabiniana, minha senhora, chegou aqui no mesmo dia que nós, alquebrada e esgotada de fadiga, porque está numa idade em que é penoso deslocar-se. É, contudo, de ânimo jovem e não se ressentido de coisa alguma”⁷⁷¹.

3.5.3

A educação para a vida temporal e a vida eterna

A partir do montante que já foi escrito a respeito dos Padres da Igreja, nós não deveríamos nos questionar se estes homens construíram sozinhos o seu arcabouço teológico? Basílio de Cesareia e Gregório de Nissa, por exemplo, são muito conhecidos por seu elevado nível intelectual, porém, a sua irmã Macrina foi a responsável pela educação dos irmãos, sobretudo por ser a filha mais velha. Na obra *Vida de Macrina*, Gregório de Nissa exaltou a virtude da irmã e o protagonismo que exerceu como a condutora da família: “Assim, foi todas estas coisas para o jovem – pai, professora, tutora, mãe, doadora de todos os bons conselhos”⁷⁷².

Não restam dúvidas de que o múnus de ensinar também se faz presente na vida de muitas mulheres nos primeiros séculos do cristianismo. De acordo com Cândido, a Capadócia “famosa por seus Padres e pelo esmero deles na reflexão teológica no IV século, será, de certo modo, contemplada enquanto espaço de reflexão e ação da vida feminina dos primeiros tempos da Igreja”⁷⁷³. A primeira responsabilidade da mulher no alvorecer do cristianismo era a educação dos filhos⁷⁷⁴, e com isso, sobretudo em Roma, era um encargo a tarefa fundamental de educar seus filhos pelo menos até aos sete anos⁷⁷⁵. De acordo com Marrou, a educação dos filhos é “realmente uma das mais constantes preocupações do cristianismo”⁷⁷⁶.

Ora, aqui não cabe apenas o sentido de educar nas disciplinas seculares, mas também merece destaque o protagonismo das mulheres na instrução, sobretudo dos próprios familiares, relacionada aos bens espirituais, pois, de acordo com Raiola,

⁷⁷¹ JOÃO Crisóstomo. Cartas a Olímpia, Carta 6, p. 205.

⁷⁷² COSTA, R.; ZIERER, A., *Vida de Macrina*.

⁷⁷³ CÂNDIDO, E.R., *A mulher no pensamento de Gregório*, p. 78.

⁷⁷⁴ FABRIS, R., *A mulher na Igreja primitiva*, p. 67.

⁷⁷⁵ NOVEMBRI, V., *L'educazione delle donne nel cristianesimo antico*, p. 187-200.

⁷⁷⁶ MARROU, H.I., *História da educação na antiguidade*, p. 479.

era essencial o papel da mulher na educação espiritual de seus filhos⁷⁷⁷. Clemente Romano destacou que os filhos deviam participar da educação em Cristo⁷⁷⁸. Basílio de Cesareia, por exemplo, registrou a importância da mãe e da avó na educação religiosa que recebera: “O ensinamento sobre Deus que eu havia recebido como um menino de minha mãe abençoada e minha avó Macrina, sempre segurei com maior convicção”⁷⁷⁹.

A educação religiosa, nos primeiros séculos do cristianismo, estava relacionada estritamente com “as verdades em que precisamos acreditar para sermos salvos; e, por outra parte, da formação moral: qual é a conduta que convém ao cristão?”⁷⁸⁰. Conforme Salisbury “a espiritualidade que as mulheres buscavam estava intimamente vinculada à sua habilidade de ler, escrever e entender os textos sagrados e outros textos cristãos”⁷⁸¹. E esta educação era ministrada em dois lugares, a saber: na Igreja e na família. Certamente, em relação ao segundo local, as mulheres eram as protagonistas.

Em relação ao múnus de ensinar, Teodósia, uma mulher presente nos escritos de Gregório de Nazianzeno é digna de menção. Embora não seja muito conhecida, nela temos um modelo de mulher educadora e, de acordo com Cândido, tal papel pode ser tomado “no sentido pleno da palavra, dado não somente o seu pressuposto perfil espiritual e moral, mas também o encargo pedagógico exercido junto à jovem Olímpia... trata-se de mulher educadora de mulher”⁷⁸². É um dado extraordinário a constatação de que as mulheres foram responsáveis pela instrução de outras mulheres, sejam elas do próprio círculo familiar ou não, da mesma forma que elas também contribuíram na instrução de alguns Padres da Igreja como, por exemplo, Macrina com os seus irmãos e Mônica com Agostinho⁷⁸³.

Os Padres da Igreja, por causa de sua capacidade intelectual, são dignos de reconhecimento. As mulheres que conviveram com estes homens também demonstraram uma grande envergadura intelectual, mas quase não são conhecidas e muitas acabaram caindo no esquecimento. Engana-se quem pensa que, nos primórdios do cristianismo, fazer teologia era uma tarefa primariamente delegada

⁷⁷⁷ RAIOLA, D., *La donna nel cristianesimo primitivo*, p. 34.

⁷⁷⁸ CLEMENTE Romano. Primeira Carta de Clemente aos Coríntios, 21.

⁷⁷⁹ BASÍLIO de Cesareia, *Letter CCXXIII*, 3, p. 739.

⁷⁸⁰ MARROU, H.I., *História da educação na antiguidade*, p. 479.

⁷⁸¹ SALISBURY, J.E., *Pais da Igreja, virgens independentes*, p. 192.

⁷⁸² CÂNDIDO, E.R., *A mulher no pensamento de Gregório*, p. 205.

⁷⁸³ ALMEIDA, R.S., *Vozes femininas no início do cristianismo*, p. 240.

aos homens e as mulheres não tinham participação. De acordo com Clemente de Alexandria, todos estamos a bordo deste navio da fé, e “estejamos certos de que as virtudes que esta fé nos ordena a seguir são de igual privilégio para o homem e para a mulher. Afinal, se ambos têm o mesmo Deus, têm também o mesmo Pedagogo e uma só e mesma Igreja”⁷⁸⁴.

De acordo com Monique Alexandre “as mulheres empenharam-se também nas querelas teológicas, com o ardor da sua fé, da sua cultura profana e religiosa, das suas influências nestes mesmos círculos”⁷⁸⁵. Por exemplo, conforme a autora, Jerônimo, no tempo do Papa Anastácio (399-402), escreveu que Marcela esteve na origem da condenação de Orígenes⁷⁸⁶. Gregório de Nissa deixou escrito um brilhante diálogo que teve com a sua irmã Macrina sobre a alma e a ressurreição. Na ocasião, Gregório foi procurar a irmã buscando um alento pela morte do irmão Basílio: “Quando fomos um ao encontro do outro, minha tristeza foi avivada em ver nossa mestra aparecer diante de meus olhos, uma vez que ela também fora atingida por uma doença mortal”⁷⁸⁷. É relevante destacar que neste diálogo Gregório chamou, por diversas vezes, a irmã de mestra.

De acordo com Cândido, a mulher, consagrada ou casada, tinha um perfil que pode ser definido como altamente intelectual, seja como educadora, leitora ou cultora da Sagrada Escritura, de modo que estavam envolvidas também nas questões teológicas junto com os bispos e os sacerdotes⁷⁸⁸. Este perfil de educadora, coloca certamente as mulheres frente a um importante ministério vivido, sobretudo, em âmbito caseiro. Não é por acaso que constatamos nas *Atas do Martírio* algumas citações que demonstram, claramente, o papel da mulher, e não apenas do homem, na evangelização da própria casa: “Mas Peão, pondo-se de pé, disse: Também sou cristão. O prefeito perguntou: Quem te ensinou? Peão respondeu: Nós recebemos de nossos pais esta bela confissão”⁷⁸⁹.

João Crisóstomo destacou, por exemplo, em relação à maneira de contar para as crianças a história de Caim e Abel, que ao lado delas “também deverá estar a mãe, enquanto se forma assim a alma da criança com essas histórias, para que ela

⁷⁸⁴ CLEMENTE de Alexandria, O Pedagogo, p. 30.

⁷⁸⁵ ALEXANDRE, M., Do anúncio do Reino à Igreja, p. 549.

⁷⁸⁶ ALEXANDRE, M., Do anúncio do Reino à Igreja, p. 549.

⁷⁸⁷ GREGÓRIO de Nissa, A alma e a ressurreição, p. 170.

⁷⁸⁸ CÂNDIDO, E.R., A Mulher no pensamento de Gregório Nazianzeno, p. 198.

⁷⁸⁹ ATAS DOS MÁRTIRES. Martírio de Justino e dos seus companheiros, 4,5, p. 172.

também colabore e elogie as coisas que vão sendo ditas”⁷⁹⁰. Agostinho, na obra *Confissões*, relatou de que maneira a sua mãe, Mônica, foi essencial para que ele aprendesse a verdade⁷⁹¹.

As mulheres desempenharam relevantes papéis no ensino e no estabelecimento da ortodoxia da fé nos primeiros séculos do cristianismo. Melânia, a Velha, de acordo com Paladius, era uma mulher muito instruída e dedicada aos estudos, pois “ela transformou a noite em dia, analisando todos os escritos dos antigos comentadores. Leu três milhões de linhas de Orígenes e duzentas e cinquenta mil linhas de Gregório...”⁷⁹². De acordo com Swan, Melânia influenciou um círculo de homens, cujos escritos se tornariam altamente influentes na formação da teologia cristã⁷⁹³.

Em relação à desenvoltura intelectual das mulheres, nos primeiros séculos do cristianismo, também merece destaque a nobre romana chamada Marcela. Jerônimo era um grande amigo e, por vezes, queixava-se do seu comportamento, pois, em determinados momentos, ele precisou recorrer aos seus livros para responder aos questionamentos que a amiga lhe fazia. De acordo com Bailey e Aquilina “às vezes Jerônimo chamava-a de feitor de escravos e uma vez queixou-se que ela o fez ficar acordado a noite toda até ter dor de estômago de tanto pesquisar para satisfazer as exigências dela”⁷⁹⁴. Várias das correspondências que Jerônimo trocou com Marcela tinham o objetivo de tratar de questões teológicas ou bíblicas. A partir dos exemplos de Macrina e de Marcela, e existem outros, é possível constatar que as mulheres também participavam ativamente dos estudos e contribuíram, da mesma forma do que os homens, no desenvolvimento da doutrina nos primeiros séculos, assim como foram protagonistas no múnus de ensinar. Conforme Fabris, “seria triste o dia em que teólogos-varões dissessem de uma teóloga-mulher: “É aceitável, parece quase um de nós!” Nesse dia estaria destruída a alteridade; e a reflexão teológica estaria mais pobre, porque órfã de mãe!”⁷⁹⁵

Neste capítulo, apresentamos as preciosas contribuições que as mulheres ofereceram para a vida na Igreja, sobretudo nos primeiros séculos. No começo,

⁷⁹⁰ JOÃO Crisóstomo, Da vanglória e da educação dos filhos, p. 48.

⁷⁹¹ AGOSTINHO de Hipona, *Confissões*, p. 84.

⁷⁹² SWAN, L., *The Forgotten Desert Mothers*, p. 118.

⁷⁹³ SWAN, L., *The Forgotten Desert Mothers*, p. 117.

⁷⁹⁴ BAILEY, C.; AQUILINA, M., *Madres da Igreja*, p. 80.

⁷⁹⁵ FABRIS, R., *A mulher na Igreja Primitiva*, p. 240.

demonstramos a grandeza das virgens a partir da literatura patrística e o que elas representavam para a Igreja, a ponto de merecerem o elogio por pertencerem à parte mais ilustre do rebanho de Cristo. Não restam dúvidas de que, tal literatura contribuiu de uma forma magnífica para a própria valorização da mulher, não apenas no ambiente eclesiástico, mas também na esfera pública. Podemos afirmar, conforme os escritos de vários Padres, que as virgens estão intrinsecamente relacionadas com a Igreja e com o próprio Jesus Cristo. A força e o poder encontrados nas virgens são equiparados com o martírio, pois, da mesma forma que o mártir estava unido com Cristo, assim também estavam aquelas mulheres. No contexto das virgens também estão relacionadas as monjas, ou as Madres da Igreja, aquelas que viveram no deserto e fundaram mosteiros.

Em seguida, as viúvas foram o objeto de nossa análise. Elas não apenas recebiam assistência, mas, ao mesmo tempo, também foram grandes colaboradoras com a Igreja na assistência aos mais necessitados. A partir de um determinado período, as viúvas passaram a integrar um distinto grupo na Igreja, sendo consideradas até mesmo o altar de Deus. É relevante o relacionamento próximo que alguns Padres tiveram com as viúvas, como, por exemplo, Agostinho em seu relacionamento com Proba.

As mártires foram aquelas que demonstraram a sua autoridade através do testemunho de vida. Na entrega de vida por amor a Jesus Cristo, a espada não fazia distinção entre o homem e a mulher e, a partir da literatura patrística, estão os mais preciosos registros da vida de grandes mulheres. Na vida das mulheres que, mesmo diante da ameaça de morte, perseveraram com o seu testemunho cristão até o final, está uma das melhores constatações de que elas não eram o sexo frágil. A celebração litúrgica é uma prova da relevância das mártires para a vida da Igreja de todos os tempos.

Na última parte deste capítulo, foram lembradas aquelas mulheres que demonstraram aptidão no governo da própria casa. O múnus sagrado de santificar, governar e ensinar esteve também presente na vida de muitas mulheres, com registros, neste sentido, nos escritos de vários Padres, como, por exemplo, quando Jerônimo afirmou que muitas mulheres cuidavam melhor da casa, na educação dos filhos e condução dos servos, do que os próprios maridos. A autoridade feminina também pode ser vista a partir do seu próprio testemunho de vida,

independentemente se estão investidas em algum cargo eclesial, dentro ou fora da hierarquia constituída.

4

A mulher da Igreja na sociedade

4.1

A fé operando pela caridade

As mulheres, com os homens, estavam envolvidas tanto na evangelização e no ensino da doutrina, quanto, na prática, nas obras de misericórdia, ocupando, assim, um lugar de destaque na ação caritativa realizada nas comunidades cristãs. Este é um ponto em que as mulheres obtêm um reconhecimento histórico sem controvérsias. Tal constatação pode soar como um desmerecimento da práxis em relação ao ensino, porém, é preciso observar a questão por outro ponto de vista. Paulo, na carta aos Gálatas, deixou claro a relação existente entre a ortodoxia, representada pela fé, e a práxis, representada pela prática da caridade, sem, no entanto, fazer uma oposição entre uma coisa e outra: “Estar circuncidado ou incircunciso de nada vale em Cristo Jesus, mas sim a fé que opera pela caridade” (Gl 5, 6).

As mulheres, no início do cristianismo, representaram estas duas faces, ou seja, por um lado, atuaram no ensino e na defesa da doutrina, e por outro, vivenciaram a fé, na prática, operando na caridade. Boff comentou sobre a relação entre a fé e a práxis, mostrando que a segunda é um componente integrante da primeira: “É a fé informada, concreta, completa e encarnada, inclusive no âmbito social, em termos de justiça, solidariedade e libertação. É, de certa forma, a fé acabada, cumprida, consumada, terminada”⁷⁹⁶. Tomás de Aquino dissertou que a práxis animada pela caridade corresponde à *fides formata*⁷⁹⁷. De fato, se as mulheres exerceram o serviço ao próximo de maneira intensa, foram certamente movidas por algo maior, não o simples fazer, ou seja, estavam animadas pelo amor e o conhecimento que tinham de Jesus Cristo. De acordo com Schmaus, a ortopráxis supõe a ortodoxia⁷⁹⁸. Não restam dúvidas de que as mulheres foram as protagonistas na ação social da Igreja, sobretudo nos primeiros séculos do cristianismo. Assim, neste contexto, é relevante a ideia de que não importa a posição hierárquica que possa ser ocupada pelas mulheres dentro da Igreja, mas o que merece reconhecimento é a sua indispensável participação na propagação da fé, incluindo

⁷⁹⁶ BOFF, C., Teoria do Método Teológico, p. 120.

⁷⁹⁷ ST II-II, q. 4.

⁷⁹⁸ SCHMAUS, M., A fé da Igreja, vol. 1, p. 171.

a efetiva prática da caridade. Por isso, tencionamos resgatar como a atuação das mulheres foi essencial para o desenvolvimento da caridade cristã, cujo modelo perdura até hoje.

As mulheres demonstraram o seu poder e autoridade através das doações que fizeram para as comunidades mais necessitadas, assim como atuando na fundação de importantes instituições⁷⁹⁹. Fabris destacou que “a presença e o papel das mulheres na Igreja, concentra-se essencialmente na atividade de assistência aos necessitados, entre os quais se colocam, em primeiro lugar, órfãos e viúvas”⁸⁰⁰. E ainda, conforme o autor, “o requisito básico, que define o ideal da mulher cristã que se empenha, é o exercício da caridade, na forma de assistência aos irmãos”⁸⁰¹.

É relevante destacar que, sobretudo no período do Império Romano, não é possível falar em um programa de assistência social, pelo contrário, pois, de acordo com Medeiros, “os romanos nutriam uma certa antipatia em relação à pobreza, uma vez que aos dirigentes do império interessava somente expandir seus domínios. Nada mais”⁸⁰². Mas, é importante a observação de Brown em relação às mulheres da aristocracia romana, pois, as mesmas eram reconhecidas por suas obras em favor dos pobres, tanto como protetoras, como doadoras de esmolas ou cuidadoras dos doentes e dos estrangeiros, fazendo com que desfrutassem, por isso, de uma “verdadeira posição pública nas cidades da região mediterrânea, posição excessivamente rara nos outros aspectos da vida pública dos poderosos sob o Império tardio, vida hierarquizada e dominada pelos homens”⁸⁰³.

De acordo com Fiorenza, as matronas, em uma demonstração de caridade, “usaram sua influência em favor de outros missionários e cristãos”⁸⁰⁴. As mulheres, nas comunidades religiosas de Roma, eram influentes pelo fato de muitas delas serem as responsáveis pela manutenção material destas comunidades⁸⁰⁵. Para muitas mulheres era possível, por conta de sua condição social elevada, “impor-se à igreja local como benfeitoras, de maneira que era normal nos círculos pagãos e judaicos”⁸⁰⁶.

⁷⁹⁹ ALEXANDRE, M., Do anúncio do Reino à Igreja, p. 550.

⁸⁰⁰ FABRIS, R., A Mulher na Igreja Primitiva, p. 67.

⁸⁰¹ FABRIS, R., A Mulher na Igreja Primitiva, p. 67.

⁸⁰² MEDEIROS, M., A estratificação social no cristianismo primitivo no século II, p. 41.

⁸⁰³ BROWN, P., Antiguidade tardia, p. 254

⁸⁰⁴ FIORENZA, E.S., As origens cristãs a partir da mulher, p. 219.

⁸⁰⁵ COELHO, F.S., As matronas da antiguidade cristã, p. 116.

⁸⁰⁶ BROWN, P., Corpo e sociedade, p. 72.

Em sua maioria encontramos referências à imagem do Deus que é pai, evocando assim, mesmo que não intencionalmente, a figura masculina. Na análise de Johnson, é preciso não esquecer de que Deus também é mãe, pois a partir desta afirmativa a perspectiva materna de Deus não fica em segundo plano⁸⁰⁷. A partir da Sagrada Escritura é possível uma identificação de Deus não apenas com o masculino, mas também com o feminino, como, por exemplo, uma mãe que consola (Isaías 66,13) ou uma mãe que é incapaz de esquecer do seu filho (Is 49,15). Jesus fez uma alusão a si próprio, comparando-o como uma mãe que desejava reunir os filhos debaixo da sua proteção (Lc 13,34). Conforme Boff, ao final dos tempos, com um gesto de grandiosa bondade, típico das mães, Deus irá “enxugar as lágrimas de nossos olhos, cansados de tanto chorar (Ap 21,4). Todo o elemento de ternura, aconchego, derradeiro refúgio da salvação de Deus é apresentado na tradição na linguagem feminina”⁸⁰⁸.

A maternidade é uma condição inerente ao ser mulher e que, de acordo com Kristeva, é uma das características da identidade feminina⁸⁰⁹. Neste aspecto é relevante destacar o dom da maternidade, pois esse é um presente de Deus concedido, exclusivamente, para as mulheres, pois “a maternidade é a ternura de Deus”⁸¹⁰. Todos somos devedores das mulheres nesta indispensável tarefa, de modo que está em jogo a própria continuidade da espécie humana. Conforme Hildebrand, “a maternidade é o grande carisma feminino, que corresponde ao carisma do sacerdócio confiado a alguns homens”⁸¹¹.

Em nosso contexto, tal realidade é relevante sobretudo a partir do aspecto caritativo, cuidadoso e afetivo, muito característico das mulheres, pois a mãe é aquela que se preocupa com todos os membros da família, de modo que “se há pouca comida, a mãe cuida que se distribua igualmente. Se um filho tem uma necessidade especial, trata de proporcioná-lo o necessário”⁸¹². A mulher, e somente ela, por conta de sua própria natureza tem

a possibilidade concreta de alimentar outro ser humano com sua própria carne e sangue, no ato da amamentação, com a qual ela nutre e sustenta os filhos que são seus, mas são também filhos do povo, filhos de Deus. E sempre, em todos os tempos, pelas ruas, praças, campos e cidades o gesto de amor de Deus pode ser “visto”

⁸⁰⁷ JOHNSON, E.A., *La búsqueda del Dios vivo*, p. 136.

⁸⁰⁸ BOFF, L., *O rosto materno de Deus*, p. 89.

⁸⁰⁹ BINGEMER, M.C.L., *A mulher na igreja e na sociedade*, p. 41.

⁸¹⁰ EVDOKIMOV, P., *La Femme et le Salut du Monde*, p. 162.

⁸¹¹ HILDEBRAND, A., *O privilégio de ser Mulher*, p. 111.

⁸¹² JOHNSON, E.A., *La búsqueda del Dios vivo*, p. 139.

sacramentalmente em todas estas mulheres que repartem seu corpo para que a vida cresça e se fortaleça⁸¹³.

Atenágoras de Atenas, em sua petição a favor dos cristãos, registrou a prática da caridade na vida das mulheres mais idosas, remetendo a imagem das nossas avós: “Entre nós, porém, é fácil falar a pessoas simples, artesãos e velinhas que, se não capazes de manifestar a utilidade da sua religião, a demonstram pela prática. Com efeito, não aprendem discursos de cor, e sim manifestam boas ações”⁸¹⁴. Mais uma vez, na vida das mulheres, constatamos a fé agindo pela caridade.

Desta forma, podemos falar de uma maternidade divina refletida, essencialmente, nas ações desenvolvidas pelas mulheres, sobretudo em favor dos mais necessitados. Ainda de acordo com Johnson, “Deus-mãe, como criador, está implicado também na economia, na gestão da família que é o universo para garantir a justa distribuição dos bens a todos”. Conforme Boff, além do paterno, “Deus também tem um rosto materno. Sua revelação e seu feito libertador também possuem traços femininos, virginal, nupcial e maternal”⁸¹⁵. A imagem do amor de uma mãe para com os seus filhos é uma das principais características relacionadas com a paternidade do Deus de Israel⁸¹⁶, evocando, assim, a sensibilidade das mulheres em relação aos mais necessitados. Quando afirmamos que Deus é Pai, na verdade, estamos ao mesmo tempo “pensando e falando num Deus que também é Mãe. A geração eterna do Filho pelo Pai é tão plena e perfeita que num único Filho resplandece toda ternura materna e todo vigor paterno de seu amor”⁸¹⁷. De acordo com Pereira, as duas imagens de Deus, ou seja, como um pai e uma mãe, “são bonitas e as duas poderiam servir. Mas acabamos usando mais a primeira: a tradição cultivou mais o imaginário do pai do que o imaginário da mãe”⁸¹⁸.

Quem melhor do que a mãe de Jesus para provar que as mulheres sempre estão atentas às necessidades do outro? Basta recordar o episódio das Bodas de Caná (Jo 2,1-11) para constatar que a ação caritativa e a atenção com as necessidades alheias são características femininas muito peculiares e que, conforme Johnson, a sobrevivência dos outros depende da iniciativa e da dedicação das

⁸¹³ BINGEMER, M.C.L., O lugar da mulher, p. 44.

⁸¹⁴ ATENÁGORAS de Atenas, Petição em favor dos cristãos, p. 132.

⁸¹⁵ BOFF, L., El Ave María, p. 9.

⁸¹⁶ FERRAZ, C.G., Um Deus Pai maternal, p. 126.

⁸¹⁷ BINGEMER, M. C. L., O rosto feminino de Deus.

⁸¹⁸ PEREIRA, N.C., Teologia da mulher, p. 124.

mulheres⁸¹⁹. De acordo com Galilea, o toque feminino e maternal de Maria é o que torna a nossa espiritualidade cada vez mais voltada para o cuidado com o próximo, pois se assim não fosse, estaríamos correndo o risco de nos desumanizarmos e de perdermos o aspecto afetivo⁸²⁰. Nesta mesma concepção, Bingemer afirma que em Maria temos uma condição de “mulher filha de altíssimo valor. A semelhança com o Pai se estabelece na máxima prerrogativa divina, sendo doador da vida”⁸²¹.

A prática da caridade, por parte das mulheres, é testemunhada em passagens da Sagrada Escritura, sobretudo no Novo Testamento. No livro dos Atos dos Apóstolos é narrada a história da ressurreição de Tabita por intermédio da oração de Pedro. De acordo com Reimer, Tabita era uma das mulheres que ajudava outras mulheres e homens na organização da comunidade, sobretudo praticando a caridade, assim como o fato da preservação da sua memória revelava duas coisas, a saber: em primeiro lugar é que se tratava de uma pessoa importante na comunidade; em segundo lugar que tal registro, visa incentivar outras mulheres e homens à “prática do discipulado de Jesus Cristo, discipulado que abrange desde o anúncio e o testemunho da Palavra até o fato de colocar o fruto do trabalho à disposição de pessoas necessitadas”⁸²².

Os Padres também exaltaram o protagonismo das mulheres nas obras de caridade. Basílio Magno, por exemplo, chama algumas mulheres de “sustento dos pobres e hospitalidade para os estrangeiros”⁸²³. De acordo com João Crisóstomo, Tabita teve a sua memória preservada por ser muito generosa para com todos⁸²⁴. Cipriano de Cartago destacou que o mérito de Tabita ter sido ressuscitada está relacionado com a misericórdia que ela tinha para com todas as outras viúvas⁸²⁵. Conforme Soares, Cipriano, em várias obras, tinha a intenção de destacar a atividade das virgens no cuidado para com os pobres e os doentes⁸²⁶.

A participação das mulheres na vida dos Padres da Igreja é um fato que pode ser constatado a partir das próprias obras destes homens. Alguns deles foram beneficiados diretamente, em seus ministérios, por iniciativas de caridade desenvolvidas pelas mulheres, tais como João Crisóstomo recebendo a ajuda

⁸¹⁹ JOHNSON, E.A., *La búsqueda del Dios vivo*, p. 136.

⁸²⁰ GALILEA, S., *El camino del la espiritualidad*, p. 127.

⁸²¹ BINGEMER, M. C. L., *Abbá: un Padre maternal*, p. 74.

⁸²² REIMER, I.R., *Vida de Mulheres na Sociedade e na Igreja*, p. 59.

⁸²³ FIGUEIREDO, F.A., *O alvorecer da Igreja na África*, p. 191.

⁸²⁴ PILARA, G., MAGGIULLI, I., *La Bibbia commentata dai Padri NT 5*, p. 181.

⁸²⁵ CIPRIANO de Cartago. *Obras completas I*, p. 253.

⁸²⁶ SOARES, C.S., *As representações do feminino na obra de Cipriano de Cartago*, p. 53.

material de Olímpia, Jerônimo e as mulheres do círculo do Aventino, dentre outros. Gregório de Nissa, certamente, também foi beneficiado com o apoio material ofertado por uma mulher, pois em seu elogio fúnebre em honra da imperatriz Flacilla, reconheceu o apoio que ela oferecia à igreja, “tanto com a fé quanto com a quantidade de dinheiro que somente os recursos da coroa poderiam trazer”⁸²⁷.

Conforme Salisbury, tanto os bispos, como os monges, foram beneficiados com o patrocínio financeiro por parte das nobres mulheres⁸²⁸. É relevante a colaboração material, por exemplo, de Olímpia para a igreja de Constantinopla, conforme descrição da obra anônima conhecida como *Vida de Olímpia*: “ela doou a João e à igreja de Constantinopla inúmeras quantias de ouro e prata, e todos os seus bens situados nas províncias da Trácia, Galácia, Capadócia Primeira e Bitínia, entre outras casas, assim como todas as suas propriedades suburbanas”⁸²⁹. O desapego aos bens materiais, com longos períodos de jejuns e a abstinência sexual era, para os Padres da Igreja, o começo de uma vida asceta⁸³⁰.

4.2

O papel carismático das mulheres

4.2.1

O primeiro hospital de Roma

O ato de cuidar, por si só, é considerado uma qualidade intrínseca das mulheres. Os próprios varões, desde os seus primeiros momentos de vida, são envolvidos em cuidados através das mãos generosas das mulheres, sejam elas mães, avós, tias, etc. Conforme o papa João Paulo II, em sua carta apostólica *Mulieris dignatem*, a mulher tem uma missão específica em relação à vida do próximo, de modo que o ser humano é, desde sempre, entregue aos seus cuidados:

A força moral da mulher, a sua força espiritual une-se à consciência de que Deus lhe confia de uma maneira especial o homem, o ser humano. Naturalmente, Deus confia todo homem a todos e a cada um. Todavia, este ato de confiar refere-se de modo especial à mulher – precisamente pelo fato de sua feminilidade – e isso decide particularmente a sua vocação⁸³¹.

É relevante um trecho do discurso fúnebre de Gregório de Nissa, em honra a imperatriz Flacilla, apontando inequivocamente o quanto aquela mulher havia

⁸²⁷ HOLUM, K.G., *Theodosian Empresses*, p. 23.

⁸²⁸ SALISBURY, J., *Encyclopedia of women in the Ancient World*, p. 223.

⁸²⁹ FURLANI, J. C., *Igreja, ascetismo e poder na Antiguidade tardia*, p. 161.

⁸³⁰ MARTINS, M.C.S., *O Círculo do Aventino na Roma do século IV*, p. 181.

⁸³¹ MD 30.

entregue a própria vida em benefício dos outros, a ponto de considerá-la como um arquétipo da filantropia, um pilar da Igreja, além de “lembrar-se de suas obras de caridade, pois as pessoas assistiam em choque enquanto a própria imperatriz ajudava os doentes nos hospitais”⁸³².

Saiu de nós esse ornamento do Império, esse leme da justiça, a imagem da filantropia ou, melhor, seu arquétipo. Este modelo de amor conjugal foi eliminado, este monumento imaculado de castidade, digno, mas acessível, humilde, mas exaltado, modesto, mas pronto a falar com ousadia – uma mistura harmoniosa de todas as virtudes. Separou-se de nós este zelo pela fé, este pilar da igreja, adorno dos altares, riqueza dos necessitados, mão direita que saciou a muitos, porto comum dos oprimidos. Que as virgens chorem, as viúvas sofram e os órfãos lamentem: deixe-os saber o que tinham agora que não a têm mais⁸³³.

A partir do século IV começaram a surgir no Ocidente, por iniciativa da Igreja, os primeiros *nosokómion*, ou seja, instituições para o atendimento de enfermos com uma estrutura próxima dos nossos hospitais. Desta forma temos a participação fundamental de uma cristã chamada Fabíola, que “em um ato de penitência cristã fundou o primeiro grande hospital público em Roma; percorria as ruas em busca de homens e mulheres pobres e enfermos necessitados de cuidados”⁸³⁴. É relevante notar que Fabíola saía em busca de quem oferecesse ajuda e não esperava que os enfermos, e demais necessitados, fossem até ela. Jerônimo escreveu um comentário exaltando a atuação de Fabíola em prol dos mais necessitados e dos enfermos, sobretudo na comunidade romana: “Havia uma pessoa nua ou acamada que não estava vestida com roupas fornecidas por ela? Alguma vez houve alguém em necessidade a quem ela falhou em fornecer um suprimento rápido e sem hesitação? Mesmo Roma não era larga o suficiente para sua pena”⁸³⁵. O fato de uma mulher ter fundado o primeiro hospital em Roma é um acontecimento de relevância extraordinária e ilustra muito bem a força das mulheres cristãs também no campo da caridade.

Muito da atuação de Fabíola, em prol da caridade, tinha relação direta com a amizade que ela mantinha com Marcela, outra matrona romana. Essa, após ter transformado a sua casa em uma espécie de mosteiro para mulheres, ensinava a Escritura para as outras mulheres ao mesmo tempo que cuidava dos doentes, “fato

⁸³² SALISBURY, J., Encyclopedia of women in the Ancient World, p. 223.

⁸³³ HOLM, K.G., Theodosian Emperresses, p. 23.

⁸³⁴ WOODS JR. T.E., Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental, p. 166.

⁸³⁵ SWAN, L., The forgotten desert mothers, p. 136.

que a coloca como a primeira enfermeira educadora”⁸³⁶. Nesta mesma época, a imperatriz Eudóxia, também fundava hospitais em Jerusalém⁸³⁷. É fato que muitas matronas colocavam as suas posses à disposição das obras de caridade, e, conforme Silva, “as devotas da aristocracia se tornam célebres por consumir toda a sua riqueza na conservação de igrejas, mosteiros e hospedarias e no socorro prestado a monges, enfermos e prisioneiros”⁸³⁸.

Fabíola, por conta de sua conduta de vida, mereceu, após a sua morte, receber de Jerônimo um elogio fúnebre, sendo chamada de “glória dos cristãos, prodígio para os gentios, luto dos pobres consolo dos monges”⁸³⁹. E não foram por razões simples que ela mereceu estes elogios, como pode ser constatado em um trecho da mesma obra:

Ela foi a primeira que fundou um hospital para acolher os doentes das praças públicas e restabelecer os corpos miseráveis consumidos pelas doenças e pela fome. Preciso agora recontar as várias doenças dos seres humanos? Preciso falar de narizes cortados, olhos arrancados, pés queimados, mãos cobertas de feridas? Ou de membros hidrópicos e atrofiados? Ou de carne doente viva com vermes? Muitas vezes ela carregava em seus próprios ombros pessoas infectadas com icterícia ou com sujeira. Muitas vezes também ela lavava a matéria descarregada de feridas que outros, mesmo sendo homens, não podiam suportar. Ela dava comida a seus pacientes com as próprias mãos e umedecia os escassos respirando os lábios dos moribundos com goles de líquido⁸⁴⁰.

O relato de Jerônimo indica, de modo a não deixar dúvidas, que Fabíola tinha autoridade e coragem, exercidas, sobretudo, através do serviço ao próximo, muito maior do que a dos homens que viviam ao seu redor. É exatamente a fé operando pela caridade, uma constante na vida de muitas mulheres dos primeiros tempos do cristianismo. Na mesma carta, Jerônimo fez outra declaração extraordinária a respeito dos cuidados que Fabíola tinha para com os doentes: “Fabíola soube transformar aqueles males em tantos alívios para os miseráveis, que muitos são entre os pobres invejavam os doentes”⁸⁴¹. Diante do exposto, é possível imaginar a dedicação desta mulher no atendimento aos enfermos. Eis a autoridade em forma de serviço.

⁸³⁶ ROCHA, R.O., Os prestadores de serviços de enfermagem, p. 19.

⁸³⁷ CAMPOS, E.S., História e evolução dos hospitais, p. 30.

⁸³⁸ SILVA, G.V., Ascetismo, Gênero e Poder no Baixo Império Romano, p. 86.

⁸³⁹ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario I, p. 778.

⁸⁴⁰ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario I, p. 784.

⁸⁴¹ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario I, p. 786.

Jerônimo orientou a virgem Demétria sobre como utilizar os bens materiais: “Quanto a ti, é outra tua vocação; consiste em vestir Cristo nos pobres, visitá-los nos doentes, nutri-los nos famintos, acolhê-los nos que não têm morada”⁸⁴². Ainda sobre a prática das cristãs de visitar os doentes, Salisbury destacou a atuação de Melânia, a Jovem, com o seu esposo Plínio: “Eles deram início a suas vidas cristãs praticando boas ações, como visitar doentes, distribuir esmolas aos pobres e libertar aqueles que haviam caído na servidão por razões financeiras”⁸⁴³.

Em suas cartas a Olímpia, João Crisóstomo registrou o empenho daquela mulher no cuidado aos mais necessitados, incluindo a assistência aos doentes:

Cogitai que, desde juvenzinha até hoje, não cessastes de nutrir o Cristo faminto, de dar-lhe de beber se sedento, de vesti-lo se estava nu, de acolhê-lo se estrangeiro, de prestar-lhe cuidados se doente, de visitá-lo se prisioneiro. Considerai o oceano de vossa caridade, cujas margens alargastes de sorte que até os confins da terra espraizou-se com grande impetuosidade⁸⁴⁴.

Jerônimo foi o Padre da Igreja que mais compartilhou a sua vida ao lado de grandes e virtuosas mulheres. Nos cuidados que as cristãs dedicavam aos enfermos, é relevante a atuação de Paula, descrita por Jerônimo em uma de suas principais cartas e que, de acordo com Valero, constitui a biografia mais bela escrita por este Padre⁸⁴⁵. Os registros não deixam dúvidas a respeito da força e da autoridade exercidas por Paula, sobretudo no atendimento aos enfermos e aos mais necessitados, conforme as palavras de Jerônimo: “Que doente não se beneficiou de sua ajuda? Ela estava procurando por eles com extrema diligência em toda a cidade”⁸⁴⁶. Paula colocava em prática a regra de ouro evangélica exposta por Jesus, ou seja, “tudo, pois, quanto quereis que os outros vos façam, fazei-os, vós também a eles” (Mt 7, 12). Ela agia ativamente, procurando os enfermos para prestar-lhes ajuda e conforto.

Uma obra composta na Síria, nos finais do século IV, também descreveu o serviço das mulheres, especificamente das diaconisas, no atendimento aos doentes: “De igual modo, os diáconos devem ser irrepreensíveis em tudo [...], para que possam cuidar dos doentes, como trabalhadores dignos; a diaconisa ocupar-se-á das mulheres”⁸⁴⁷. Não restam dúvidas de que as mulheres, sobretudo as diaconisas,

⁸⁴² JERÔNIMO. Carta a Demétria, p. 38.

⁸⁴³ SALISBURY, J.E., Pais da Igreja, virgens independentes, p. 143.

⁸⁴⁴ JOÃO CRISÓSTOMO. Cartas a Olímpia, p. 233.

⁸⁴⁵ VALERO, J.B. (Trad.), São Jerônimo Epistolário II, p. 224.

⁸⁴⁶ JERÔNIMO, Epistolario II, p. 229.

⁸⁴⁷ CONSTITUIÇÕES APOSTÓLICAS. III, 19, p. 477.

atuaram na linha de frente no cuidado aos enfermos. Mc Arthur ressaltou a atuação das mulheres em uma espécie de ministério que quase não aparece na história, ou seja, o ministério de cuidar dos enfermos:

Emancipadas da depravação pública dos templos e dos teatros, onde eram desonradas e desvalorizadas de forma sistemática, as mulheres ascenderam à proeminência no lar e na igreja, onde eram honradas e admiradas pelas virtudes femininas, como a hospitalidade, o ministério aos enfermos, o cuidado e a criação de suas próprias famílias, bem como o trabalho amável de suas mãos⁸⁴⁸.

As mulheres exerciam uma missão que traduz a essência do cristianismo, ou seja, o serviço ao próximo. Diante da atuação das mulheres, o Papa Leão Magno questionava se “pode haver atos mais adequados à fé, mais convenientes à piedade do que ajudar aos indigentes em sua penúria, cuidar dos doentes, socorrer os irmãos necessitados e lembrar-se da própria condição ao presenciar o sofrimento alheio?”⁸⁴⁹

De acordo com Siqueira, a partir do século IV, com uma organização eclesial em transformação, “muda o lugar reservado às mulheres no interior da Igreja; elas serão lembradas como virgens consagradas, mães exemplares ou viúvas continentas, encarregadas dos cuidados com os pobres e doentes”⁸⁵⁰. Objetivamente, o serviço caritativo prestado pelas cristãs se conservou como um elemento que marca a participação da mulher na Igreja ao longo da história.

Na abordagem da atuação das mulheres nos primórdios do cristianismo, não é possível deixar de mencionar como elas prestavam assistência aos doentes⁸⁵¹. O cristianismo abriu as portas para que as mulheres pudessem exercer “um trabalho social honrado e ativo, particularmente para as mulheres solteiras e/ou viúvas, no cuidado aos pobres e aos doentes”⁸⁵².

Paulo, ao final da carta aos Romanos, envia recomendações para que a comunidade recebesse da melhor maneira possível a diaconisa Febe, da Igreja de Cencreia (Rm 16,1). De acordo com Baldock “é possível deduzir que Febe era membro ativo, talvez proeminente, da igreja primitiva”⁸⁵³. No mesmo trecho da carta, Paulo deixa explícito que, além dele próprio, ela ajudou a muitos (Rm 16, 2), ou seja, muito provavelmente esta ajuda incluía a assistência que ela prestava aos

⁸⁴⁸ MACARTHUR, J., Doze mulheres extraordinariamente comuns, p. 17

⁸⁴⁹ LEÃO MAGNO. Sermões sobre as coletas, p. 21.

⁸⁵⁰ SIQUEIRA, S.M.A., A mulher na visão de Tertuliano, Jerônimo e Agostinho séc. II - V d.c., p. 156.

⁸⁵¹ SCHOTTROFF, L., Mulheres no Novo Testamento, p. 88.

⁸⁵² PADILHA, M.I.C.S.; MANCIA, J. R., Florence Nightingale e as irmãs de caridade, p. 724

⁸⁵³ BALDOCK, J., Mulheres na Bíblia, p. 236.

doentes. Nas palavras de João Crisóstomo, Febe era realmente digna das recomendações de Paulo: “Viste a prudência? Primeiro, louvores; depois no meio, a exortação; e, por fim, louvores, encerrando com o elogio da feliz mulher por ambos os serviços”⁸⁵⁴.

Os rastros históricos nos levam a compreender e constatar o papel insubstituível da mulher na vida eclesial, ao ser ela que, desde sempre, se empenhou na prática da caridade⁸⁵⁵, sobretudo na assistência aos enfermos das primeiras comunidades. Elas também estão no atendimento daqueles últimos aos quais ninguém se importa, os debilitados de saúde, cujas feridas afastam mais do que atraem. Assim, são relevantes as palavras do papa Bento XVI em relação ao serviço prestado pelas mulheres na Igreja ao longo de todos os tempos: “Em boa medida, a história do cristianismo teria um desenvolvimento bem diferente se não houvesse a generosa contribuição de muitas mulheres”⁸⁵⁶.

4.2.2

As diaconisas e a adoção dos filhos dos mártires

Por questões complexas e que se arrastam desde muito tempo, ainda persiste uma discussão a respeito do papel da mulher na Igreja, sobretudo diante da participação feminina nos ministérios hierarquicamente instituídos. Dentre essas questões, uma das controvérsias diz respeito às diaconisas, embora várias fontes atestem a presença, e a participação, das mulheres exercendo esse ministério nas primeiras comunidades cristãs. Conforme a *Didascália dos Apóstolos*⁸⁵⁷, enquanto os diáconos representam o Cristo, as diaconisas devem ser honradas como um tipo do Espírito Santo⁸⁵⁸. De acordo com Prinzivalli, “é de notar que o diaconato feminino não só está previsto, mas também se justifica teologicamente”⁸⁵⁹. Mesmo que as diaconisas possam ser equiparadas com as viúvas, é no campo da ação que a diferença se faz notar, pois, conforme Grossi e Di Berardino, a viuvez era uma condição de vida e a diaconia uma vida de serviço⁸⁶⁰.

⁸⁵⁴ JOÃO Crisóstomo. Comentário às Cartas de São Paulo/1, p. 503.

⁸⁵⁵ FABRIS, R., A mulher na igreja primitiva, p. 67.

⁸⁵⁶ BENTO XVI, PP., Paulo, p. 40.

⁸⁵⁷ Este trecho representa uma espécie de acréscimo ao que já havia sido escrito por Inácio de Antioquia na carta aos Magnésios 6,1: “Por isso vos peço que estejais dispostos a fazer todas as coisas na concórdia de Deus, sob a presidência do bispo, que ocupa o lugar de Deus, dos presbíteros, que representam o colégio dos apóstolos, e dos diáconos, que são muito caros para mim, aos quais foi confiado o serviço de Jesus Cristo”.

⁸⁵⁸ SYKES, S.A. (Ed.). Didascalia Apostolorum, p. 151.

⁸⁵⁹ PRINZIVALLI, E., Donne e ministeri nella chiesa antica, p. 5-17.

⁸⁶⁰ GROSSI, V.; DI BERARDINO, A., La chiesa antica, p. 106.

No oriente, especificamente na região da Síria, entre as virgens e as viúvas, eram escolhidas, pelas mãos do bispo, as diaconisas que tinham autoridade e desempenhavam “algumas funções litúrgicas muito específicas: recepção na igreja e unção de mulheres, visitas aos doentes, um pouco de catequese e assistência às mulheres”⁸⁶¹.

Na carta de Plínio, datada do século II, identificamos o registro deste grupo de mulheres, independentemente da função que elas exerciam na Igreja: “Acreditei, por isso, que seria muito necessário arrancar a verdade a duas escravas a quem chamavam diaconisas”⁸⁶². A *Didascália dos Apóstolos* deixou explícito que as diaconisas estavam no rol daqueles cristãos que colaboravam com os bispos: “Os que te agradarem de entre todo o povo, escolhe-os e constitui-os diáconos, um homem para cuidar de muitas coisas necessárias, e uma mulher para o ministério das mulheres”⁸⁶³. As *Constituições Apostólicas* confirmam também o ofício que as mulheres exerciam como cooperadoras dos bispos: “Escolhe também uma diaconisa fiel e santa para o serviço junto das mulheres”⁸⁶⁴. De acordo com Teodoreto de Ciro, a Igreja de Cencre, citada por Paulo na Carta aos Romanos (Rm 16,1-6), era muito importante enquanto tinha a necessidade da presença de uma diaconisa⁸⁶⁵.

Em relação ao comentário do trecho da carta aos Romanos, sobre a presença de uma diaconisa na comunidade de Cencre, Bianco afirma que é “difícil especificar o papel que desempenhou e saber se o seu diaconato era um ministério em sentido adequado”⁸⁶⁶. Que as diaconisas participavam ativamente no rito do batismo de outras mulheres é incontestável, conforme atestado nas *Constituições Apostólicas*. As funções da diaconisa são descritas claramente na administração do batismo: “Efetivamente, para bem dos serviços, recorreremos em muitas ocasiões à mulher como diácono. Em primeiro lugar, durante a iluminação das mulheres; o diácono só lhes unge a fronte com o óleo santo, e a diaconisa unge-as depois dele”⁸⁶⁷.

Além de auxiliar no rito do batismo, as diaconisas estavam presentes em outros momentos da vida comunitária como, por exemplo, na ocasião da preparação

⁸⁶¹ GROSSI, V.; DI BERARDINO, A., *La chiesa antica*, p. 106.

⁸⁶² PLÍNIO. *Cartas*, X, 8, p. 124.

⁸⁶³ SYKES, S.A. (Ed.). *Didascalia Apostolorum*, p. 193.

⁸⁶⁴ CONSTITUIÇÕES APOSTÓLICAS. III, 16, p. 476.

⁸⁶⁵ RIZZI, M.; PÍZZI, M.B.; *La Bibbia commentata dai Padri*, NT 6, p. 540.

⁸⁶⁶ BIANCO, M.G., *Diaconesse*, p. 1384-1385.

⁸⁶⁷ CONSTITUIÇÕES APOSTÓLICAS. III, 16, p. 476.

para a Eucaristia: “os subdiáconos estarão de pé junto das portas dos homens, e as diaconisas junto das portas das mulheres”⁸⁶⁸. Conforme a *Didascália dos Apóstolos*, além do rito do batismo, as diaconisas também exerciam tarefas essenciais para a vida da Igreja, demonstrando, assim, o quanto era necessário este ministério das mulheres⁸⁶⁹:

Quando aquela que foi batizada sair das águas, uma diaconisa a receba e a instrua e eduque para que a marca do batismo possa ser mantida intacta na castidade e na santidade. Por este motivo declaramos que o ministério de uma mulher, uma diaconisa, é particularmente útil e importante. Nosso Senhor e Salvador também recebeu ministério pelas mãos de mulheres, Maria Madalena e Maria, a filha de Tiago e mãe de José, e mãe dos filhos de Zebedeu. Você também precisa do ministério de diaconisa em muitas coisas, para que entrem nas casas dos pagãos, aonde vocês não vão, onde há mulheres crentes, para que possam ministrar como necessário para quem está doente e dar banho em quem começa a se recuperar da doença⁸⁷⁰.

Diante de complexas discussões a respeito das diaconisas na Igreja, ao longo dos tempos, é um fato incontestável que as mulheres sempre estiveram presentes nas comunidades cristãs exercendo vários ministérios⁸⁷¹ e prestando serviços essenciais para a vida eclesial. Orígenes, ao comentar a carta de Paulo aos Romanos (Rm 16,1-2), deixou explicitada a relevância das diaconisas para as primeiras comunidades, inclusive sendo contadas entre os membros que faziam parte do ministério da Igreja, além de ensinar “ao mesmo tempo que aquelas que ajudaram a muitos e que pelos seus bons serviços mereceram ser até o louvor de um apóstolo”⁸⁷².

De qualquer maneira, as mulheres contribuíram de forma magnífica e eram consagradas ao ministério da caridade⁸⁷³. A partir da reflexão de Grossi e Di Bernardino, podemos falar de um *ministerium pauperum*, considerado na antiguidade um compromisso do clero em geral, incluindo as diaconisas⁸⁷⁴. É ainda relevante destacar que, a partir dos dados bíblicos e da Tradição cristã, “a mulher, bem como o varão são chamados a se realizar para além deles mesmos, são feitos para ser totalmente de Deus”⁸⁷⁵.

⁸⁶⁸ CONSTITUIÇÕES APOSTÓLICAS. VIII, 11, p. 494.

⁸⁶⁹ MILITELLO, C., Donne e ministeri nella Chiesa antica, p. 19-34.

⁸⁷⁰ SYKES, S.A. (Ed.), Didascalia Apostolorum, p. 193.

⁸⁷¹ MILITELLO, C., Donne e ministeri nella Chiesa antica, p. 19-34.

⁸⁷² RIZZI, M., PIZZI, B. M., La Bibbia commentata dai Padri, NT 6, p. 539.

⁸⁷³ ARFUCH, D.E., Una nota sulle donne “diacono” nell’agiografia cipriota dal secolo V al VII, p.431-437.

⁸⁷⁴ GROSSI, V., DI BERARDINO, A., La chiesa antica, p. 224.

⁸⁷⁵ BOFF, L.; O rosto materno de Deus, p. 91.

Desde as fontes bíblicas, até a praxe dos primeiros cristãos, os órfãos estão entre aqueles necessitados que mais mereceram a atenção e cuidados no interior das comunidades. Conforme Furlani, “as diaconisas também detinham importantes responsabilidades na instrução das novas cristãs na chamada “vida pura”, além do auxílio às mães, virgens, crianças e, principalmente, aos órfãos”⁸⁷⁶. De acordo com a *Didascália dos Apóstolos*, se houvesse entre os cristãos um órfão, homem ou mulher, ele deveria ser adotado, de preferência por alguém que não tivesse filhos⁸⁷⁷. Na análise de Gibbon, “é de crer, igualmente, que grande número de infantes abandonados por seus pais, de acordo com o costume desumano da época, foi frequentemente salvo da morte, batizado, criado e mantido pela piedade dos cristãos”⁸⁷⁸. Era costume a prática do infanticídio e do abandono de crianças, e conforme Hinson, “as igrejas se engajaram na tarefa de cuidar das crianças indesejadas e órfãs. As famílias cristãs, viúvas ou casadas caridosas resgatavam milhares do exército de abandonados”⁸⁷⁹. Não restam dúvidas de que neste processo de adoção dos órfãos, as mulheres também atuavam na linha de frente, pois, afinal de contas, quem, além das mulheres, poderia cuidar melhor daqueles pequenos?

A comunidade cristã tinha a obrigação evangélica de se ocupar dos órfãos e, ainda mais, também buscava encontrar quem estivesse disposto a adotar os que se encontravam nesta situação⁸⁸⁰, seja devido à morte natural dos seus pais ou pela perseguição imposta aos cristãos. É relevante que Orígenes, após o martírio sofrido pelo pai, aos dezessete anos, “encontrou acolhimento, bem como tranquilidade junto de uma senhora riquíssima de recursos materiais e muito ilustre [...]. Ela o tinha na conta de filho adotivo, cercando-o inteiramente de cuidados”⁸⁸¹. Na cidade de Ancira, na Galácia, vivia uma mulher diaconisa e viúva, chamada Magna, conhecida por seu amor voluntário aos mais necessitados, chegando ao ponto de ter doado “toda a sua riqueza para igrejas, mosteiros e casas para receberem estrangeiros pobres, órfãos e viúvas”⁸⁸². Não é tarefa difícil presumir que Magna adotava muitos órfãos que chegavam até a sua presença.

⁸⁷⁶ FURLANI, J.C., A hierarquia eclesiástica na Antiguidade Tardia, p. 77.

⁸⁷⁷ DIDASCÁLIA DOS APÓSTOLOS. IV, 1, p. 267.

⁸⁷⁸ GIBBON, E., Os cristãos e a queda de Roma, p. 63.

⁸⁷⁹ HINSON, E.G.; SIEPIERSKI, P., Vozes do cristianismo primitivo, p. 94.

⁸⁸⁰ RIEFF, S. G., Diaconia e culto cristão, p. 57.

⁸⁸¹ EUSÉBIO de Cesareia. História Eclesiástica VI, 2, 13.

⁸⁸² SWAN, L., The forgotten desert mothers, p. 113.

Na obra *Pastor de Hermas* é destacada a importância da prática das boas obras, incluindo a assistência às viúvas e a visitação aos órfãos e necessitados⁸⁸³. Apesar do texto não falar explicitamente sobre a adoção, podemos supor que a ação não ficava limitada apenas à visita, mas tinha o seu acabamento com as cristãs levando para as suas casas aquelas crianças abandonadas. Em outra passagem de Hermas, fica mais explícita a ação de adoção dos órfãos, quando o autor admoesta os cristãos para quem, em lugar de campos, resgatassem e visitassem as viúvas e os órfãos, gastando as riquezas na aquisição destes verdadeiros bens⁸⁸⁴. Ainda em Hermas temos o registro de uma mulher chamada Grapta que exercia a responsabilidade de exortar as viúvas e os órfãos⁸⁸⁵. É relevante notar que Hermas critica os diáconos de Roma⁸⁸⁶, que despojam o sustento das viúvas e dos órfãos, em contraste com Grapta, que toma conta deles⁸⁸⁷. Estamos diante de um poder e de uma autoridade das mulheres demonstrados, sobretudo, no exercício da caridade.

Certamente o episódio mais relevante, e comovente, a respeito da adoção de crianças pelos cristãos está relacionado com o martírio de Perpétua e Felicidade, pois as duas foram para o cárcere com os seus próprios filhos, sendo que a segunda concebera a sua filha dentro da prisão. É possível comprovar que, realmente, as cristãs tomavam a iniciativa de adotar aquelas crianças, ou seja, os filhos e as filhas dos mártires, conforme o registrado na ata do martírio de Perpétua e Felicidade. No caso dessa: “E deu à luz uma menina, que foi criada por uma irmã [em Cristo], como se fosse sua própria filha”⁸⁸⁸. É de extrema relevância este acontecimento, pois somos levados a imaginar o desenrolar desta história de coragem, autoridade, martírio e caridade cristã. Uma mulher vai para o martírio e deixa uma filha órfã adotada por uma cristã. Neste roteiro, as mulheres são protagonistas do início ao fim. Vale destacar que, no caso de Perpétua, seu pai deveria assumir a guarda civil pela criança. No entanto, provavelmente por ser o único não cristão da sua casa, as irmãs e a mãe de Perpétua levaram a criança para os cuidados tutelares⁸⁸⁹, presumindo que a adoção exercida pelas diaconisas extrapolou o contexto cristão,

⁸⁸³ HERMAS, O Pastor, Mandamentos, VIII, 10, p. 205.

⁸⁸⁴ HERMAS. O Pastor, Parábola I, 8, p. 218.

⁸⁸⁵ HERMAS. O Pastor, Visão 2, 3, p. 177.

⁸⁸⁶ “Os fiéis que vieram da nona montanha, repleta de répteis e feras que causam a morte do homem, são os seguintes: aqueles que têm mancha são diáconos que administraram mal a sua função, roubando a subsistência de viúvas e órfãos. Enriqueceram-se com os recursos que receberam para socorrer” (HERMAS. O Pastor, Parábola IX, 103, p. 265).

⁸⁸⁷ SCHENK, C., Crispina and Her Sisters, p. 138.

⁸⁸⁸ MUSURILLO, H.(trad.), The Acts of the Christian Martyrs, p. 125.

⁸⁸⁹ MUSURILLO, H.(trad.), The Acts of the Christian Martyrs, p. 111.

estendendo-se às questões sociais que implicam uma revisão no Direito Romano sobre a tutela de crianças por mulheres.

Não é apenas no martírio de Perpétua e Felicidade que encontraremos o registro de como eram tratados os filhos dos mártires. Na história da mártir Agatônica também constatamos que a menor das preocupações, das mulheres condenadas à morte, dizia respeito ao cuidado dos filhos após a sua morte, pois tinham a certeza de que eles ficariam em boas mãos, conforme pode ser comprovado nas palavras da própria mártir: “Ele tem Deus que pode ter pena dele; pois ele tem providência sobre tudo”⁸⁹⁰. Certamente, pela fé, ela tinha a convicção de que Deus providenciaria alguma cristã para cuidar do seu filho, após a sua morte. Aristides de Atenas, em sua apologia, argumentou que os cristãos não entristeciam os órfãos⁸⁹¹, ou seja, a adoção era uma atitude comum da parte dos cristãos e, certamente, quem ficava encarregado, especificamente, desta tarefa eram as mulheres.

Lactâncio seguirá esta mesma linha de pensamento, ao encorajar os fiéis cristãos, destinados ao martírio, para que não se preocupassem com os seus filhos, pois seriam muito bem cuidados: “Enfrente a morte com justiça e fé, e enfrente-a sem demora e com força, sabendo que você está deixando seus entes queridos nas mãos de Deus e que nunca lhes faltará ajuda”⁸⁹². Certamente, a ajuda mencionada por Lactâncio chegaria, sobretudo, através das cristãs encarregadas de tal ofício. Desta forma, é possível que nas comunidades existisse um agrupamento específico de mulheres dedicadas a tomar conta dos filhos dos mártires. De acordo com Schenk, referindo-se às virgens e viúvas cristãs, essas mulheres eram as responsáveis em educar os órfãos que, caso contrário, pereceriam ao relento ou, em relação às meninas, seriam destinadas à vida de prostituição⁸⁹³.

4.2.3 As matronas de Roma

A difusão da mensagem cristã, nos primeiros séculos, não pode ser atribuída apenas como responsabilidade de um determinado grupo, pois, de acordo com um trecho da *Carta a Diogneto*, “assim como a alma está espalhada por todas as partes

⁸⁹⁰ MUSURILLO, H.(trad.), *The Acts of the Christian Martyrs*, p. 29.

⁸⁹¹ ARISTIDES de Atenas. *Apologia*, 15, 7.

⁸⁹² LACTÂNCIO. *Institutiones Divinas*, VI, 12.

⁸⁹³ SCHENK, C., *Crispina and Her Sisters*, p. 93.

do corpo, os cristãos estão em todas as cidades do mundo”⁸⁹⁴. Que a propagação da mensagem cristã tenha começado a partir das classes sociais menos privilegiadas não exclui, por completo, as classes mais elevadas, como, por exemplo, a aristocracia romana. Porém, desde os tempos apostólicos é possível constatar a participação de mulheres oriundas da classe social mais elevada, conforme o relato de Atos dos Apóstolos: “Alguns dentre eles se converteram e se uniram a Paulo e Silas, assim como grande multidão de adoradores de Deus e gregos, bem como não poucas das mulheres da sociedade” (At 17,4). A mensagem foi muito bem recebida pelas mulheres que faziam parte desta parcela da população e, de acordo com Ibáñez, “o cristianismo obteve maior êxito entre as mulheres da aristocracia, e que, além do mais, estas foram agentes especiais em sua expansão”⁸⁹⁵.

Foram várias as matronas romanas no século IV que, após a conversão ao cristianismo, dedicaram as suas vidas ao trabalho de evangelização e à ajuda aos mais necessitados. É relevante, por exemplo, o caso da conversão de Pompônia Grecina, esposa do cônsul Aulo Plauzio que, no ano de 57, foi acusada, de acordo com Tácito, de fazer parte de uma superstição estrangeira⁸⁹⁶. Questiona-se a respeito do real significado do termo, no sentido de que o mesmo poderia ser empregado também para se referir ao judaísmo, porém, o próprio Tácito utiliza-o fazendo referência ao cristianismo: “a execrável superstição, momentaneamente reprimida, irrompeu novamente não só através da Judeia, origem do mal, mas também através da Cidade, lugar onde convergem todos os tipos de atrocidades”⁸⁹⁷.

Um fato relevante foi a autorização concedida pelo imperador Nero para que o “julgamento de Pompônia fosse feito em casa, à antiga maneira romana, de modo a abafar um eventual escândalo público que atingisse indivíduos de estatuto social superior, ou mesmo a pedido dos próprios interessados”⁸⁹⁸. Ao final, com o testemunho dos parentes, Pompônia foi declarada inocente⁸⁹⁹. É provável que a história desta matrona represente “um dos primeiros exemplos conhecidos da introdução e perseguição do Cristianismo em Roma”⁹⁰⁰.

⁸⁹⁴ CARTA a Diogneto. 6, 2.

⁸⁹⁵ IBÁÑEZ, S.E., La figura femenina en la obra de Ambrosio de Milán, p. 53.

⁸⁹⁶ MORALES, J.L. (trad.) Anales, p. 129.

⁸⁹⁷ MORALES, J.L. (trad.) Anales, p. 245.

⁸⁹⁸ RODRIGUES, N.S., O processo de Pompônia Grecina, p. 109.

⁸⁹⁹ MORALES, J.L. (trad.), Anales, p. 129.

⁹⁰⁰ MORALES, J.L. (trad.), Anales, p. 129.

No livro apócrifo conhecido por *Atos de Pedro*, escrito provavelmente em torno do ano de 190, constatamos a presença das matronas no desenvolvimento do cristianismo e a relevância que exerceram, sobretudo, na evangelização dos próprios familiares. Assim é narrado a respeito de uma mulher chamada Cândida, a esposa de Quartus, o responsável pelas prisões. Ao ouvir as palavras de Paulo em Roma, ela “deu atenção às suas palavras e creu. E quando ela instruiu seu marido e ele também creu, Quartus permitiu que Paulo fugisse para longe da cidade”⁹⁰¹. Porém, quando a matrona não obtinha o êxito esperado na conversão do marido, vários problemas eram suscitados.

O episódio conhecido como *Quo Vadis* tem, no seu pano de fundo, a influência das matronas romanas que, após a conversão, decidiram que não teriam mais relações com os seus maridos, ainda pagãos. Assim é narrado no apócrifo *Atos de Pedro*: “E uma mulher que era muito bela, a esposa de Albino, amigo de César, de nome Xantipe, também veio ter com Pedro, juntamente com outras damas e decidiu de igual modo afastar-se de seu marido”⁹⁰². Por conta desta controvérsia, de acordo com o relato, outras matronas passaram a adotar o mesmo comportamento, acendendo a ira dos maridos que, por sua parte, abriram uma reclamação formal ao imperador Agripa, solicitando providências contra Pedro. Ao saber da denúncia, a própria Xantipe “informou a Pedro que ele deveria partir de Roma”⁹⁰³. Na rota de fuga é que acontece, conforme o texto apócrifo, o encontro do apóstolo com Jesus: “E enquanto deixava a cidade, ele viu o Senhor entrando em Roma. E quando o viu, ele disse: Senhor, por que está aqui? E o Senhor lhe disse: vou para Roma para ser crucificado”⁹⁰⁴. Embora estejamos diante de um texto apócrifo, não restam dúvidas de que as matronas cristãs passaram a ter uma relevância na comunidade, influenciando as decisões dos próprios imperadores.

Eusébio de Cesareia, na *História Eclesiástica*, também deixou informações a respeito de uma matrona romana, descendente da dinastia flaviana, a saber: “No décimo quinto ano de Domiciano, Flávia Domitila, filha de uma irmã de Flávio Clemente, foi também ela, com muitos outros, banida para a ilha Ponza em punição de seu testemunho prestado a Cristo”⁹⁰⁵. Ou seja, Domitila era neta de Vespasiano,

⁹⁰¹ PROENÇA, E. (org.), Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia, p. 416.

⁹⁰² PROENÇA, E. (org.), Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia, p. 454.

⁹⁰³ PROENÇA, E. (org.), Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia, p. 454.

⁹⁰⁴ PROENÇA, E. (org.), Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia, p. 454.

⁹⁰⁵ EUSÉBIO de Cesareia. História Eclesiástica III, 18, 4.

sobrinha de Domiciano e, apesar de ter parentes poderosos, mesmo assim, não escapou da condenação. Cipriano de Cartago também registrou o destino de muitas matronas cristãs: “que as matronas, depois de confiscados os seus bens, fossem mandadas para o exílio”⁹⁰⁶. É relevante notar que a perseguição aos cristãos, no tempo de Domiciano, fez com que a mensagem do evangelho chegasse até as classes sociais mais elevadas, pois “Flávio Clemente, primo de Domiciano, bem como sua esposa Flávia Domitila, pertencem já com certeza à “seita”, juntamente com seus dois filhos, que eram prováveis herdeiros do imperador”⁹⁰⁷.

É preciso destacar que, pelo menos, uma parte dos relatos envolvendo Domitila está envolto por situações que beiram mais a uma lenda do que a uma história verídica, como, por exemplo, a participação de dois eunucos, chamados Nereu e Aquiles, na conversão desta matrona: “A verdade é que ela gosta de ouvir tudo o que tem a ver com a nossa religião; por isso penso que é mais apropriado fazer-lhe um relato do nosso último encontro, e veja se Deus a toca com sua graça”⁹⁰⁸. Porém, é ainda mais relevante que o exílio de Domitila, para a ilha Ponza, tenha sido registrado por Jerônimo em sua epístola endereçada a Eustóquia (*Epístola 108*): “Primeiro foi levada para a ilha de Ponza que foi enobrecida sob o imperador Domiciano pelo exílio de Flávia Domitila, mulher de ilustre memória, que confessou o nome cristão”⁹⁰⁹. De acordo com Lorenzi, após o exílio daquela matrona, a ilha de Ponza tornou-se um lugar de memória do martírio⁹¹⁰.

Na *História Eclesiástica*, Eusébio relatou sobre uma matrona chamada Maméia, a mãe do imperador Alexandre, e destacou que era uma mulher muito religiosa⁹¹¹. Na história, ganhou relevo o encontro desta matrona com Orígenes, pois ela tinha o desejo de conversar com o alexandrino a respeito das coisas divinas: “Ele ficou algum tempo junto dela, expondo-lhe grande número de questões para a glória do Senhor e louvor da virtude da doutrina divina”⁹¹². Com tal fato, podemos admitir que, realmente, as matronas, ou pelo menos grande parte delas, estavam empenhadas na prática e na difusão do cristianismo, pois, se assim não fosse, certamente a mãe do imperador não estaria interessada em conversar com Orígenes.

⁹⁰⁶ CIPRIANO de Cartago. Obras Completas II, p. 476.

⁹⁰⁷ ROPS, D., A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires, p. 163.

⁹⁰⁸ RISCO, R., Flavia Domitila, p. 7.

⁹⁰⁹ VALERO, J.B. (Trad.), São Jerônimo. Epistolário II, p. 221.

⁹¹⁰ LORENZI, C.B., La peregrinatio di Paola, p. 95.

⁹¹¹ EUSÉBIO de Cesareia. História Eclesiástica VI, 21, 3.

⁹¹² EUSÉBIO de Cesareia. História Eclesiástica VI, 21, 4.

Os registros da epigrafia também são relevantes para o reconhecimento do papel exercido pelas matronas no desenvolvimento do cristianismo. Um deles, por exemplo, encontrado na atual Croácia, descreve, de forma muito instigante, uma matrona chamada Flavia Vitalia, apresentando-a com um título muito representativo. Independentemente do significado de tal encargo, a inscrição é relevante para demonstrar a importância daquela matrona cristã: “Sob nosso Senhor Teodósio, consultado pela décima primeira vez, e Valentiniano, homem mais nobre de César, eu, Teodósio, comprei uma tumba da matrona Flávia Vitalia o santo presbítero [a] por três sólidos dourados”⁹¹³. É provável que a referência ao título presbítero esteja relacionado com a liderança religiosa que Flavia exercia na comunidade, e “o fato de ela também ser chamada de “santa” nos diz algo sobre a alta estima que ela tinha por seus companheiros cristãos”⁹¹⁴.

Justino de Roma, em sua *Apologia*, relatou uma divergência caseira que, posteriormente, se transformou em um sério problema, ganhando notoriedade, entre uma mulher recém-convertida ao cristianismo e o seu marido. O fato é que, antes da conversão, a mulher levava uma vida dissoluta⁹¹⁵ e, a partir do momento em que acolheu a mensagem evangélica, passou a levar uma vida casta e tentou convencer o marido a seguir o mesmo caminho. O homem, porém, não levou a sério tal mudança de comportamento e, deste modo, a mulher “considerava uma coisa ímpia continuar partilhando o leito com um homem que só procurava meios de prazer a todo custo, contra a lei da natureza e contra o que é justo, e decidiu divorciar-se”⁹¹⁶.

No desenrolar deste drama doméstico, a mulher foi denunciada ao tribunal pelo próprio marido, sob a acusação de ser cristã. De acordo com o relato de Justino, a mulher apresentou para o imperador “um memorial, solicitando autorização para dispor antes de sua propriedade, e responder diante dos tribunais à acusação que lhe era feita, depois que estivesse resolvida a questão dos seus bens”⁹¹⁷. Aqui podemos levantar duas questões relevantes a respeito desta mulher, a saber: ela era uma mulher com autoridade, demonstrada, sobretudo, através do conhecimento que tinha dos seus próprios direitos. Depois, é exatamente neste ponto que podemos

⁹¹³ SCHENK, C., *Crispina and Her Sisters*, p. 141.

⁹¹⁴ SCHENK, C., *Crispina and Her Sisters*, p. 142.

⁹¹⁵ JUSTINO de Roma. II *Apologia*, 2, 1.

⁹¹⁶ JUSTINO de Roma. II *Apologia*, 2, 4.

⁹¹⁷ JUSTINO de Roma. II *Apologia*, 2, 8.

afirmar que estamos diante de uma matrona, pois “o fato de ela ter finanças para colocar em ordem indica que ela era uma mulher rica”⁹¹⁸.

Não sabemos o nome desta mulher, pois Justino não nos deixou tal informação, mas existe uma possibilidade de que se chamasse Flora, conforme explicação de Lampe: “Quem é a mulher que está afastada do seu marido pagão e cujo nome Justino discretamente não menciona? Ela é Flora, para quem um professor romano valentiniano escreveu uma carta: a carta de Ptolomeu”⁹¹⁹. Porém, o relevante não é saber o nome exato desta matrona, mas o principal é que a sua história demonstra de que maneira os cristãos eram ameaçados, sobretudo as “mulheres que se converteram e procuraram viver sua nova fé com integridade numa cultura que via a família patriarcal e o casamento patriarcal como centrais para a sua identidade”⁹²⁰.

Não restam dúvidas de que as matronas exerceram um relevante papel na propagação do cristianismo dos primeiros séculos, sobretudo na cidade de Roma. Não apenas no aspecto moral, mas também em relação ao desprendimento aos bens materiais e consequente colaboração, por doações, para o anúncio do evangelho. De acordo com Coelho, em “Roma a elite familiar proporcionou à Igreja Católica uma gama de recursos, no âmbito material, político e social”⁹²¹. Muitas matronas cristãs colocavam as suas posses em benefício comum de toda a Igreja, sem, no entanto, deixar de lado a busca por uma vida ascética, com jejuns e orações, buscando manter a castidade⁹²².

É preciso considerar que, para os romanos, o casamento não era uma instituição sem importância, muito pelo contrário, pois era elevado o respeito pela união matrimonial. Com isso, quando uma matrona, ao ficar viúva, mantinha-se casta, era motivo para ser celebrada como uma mulher virtuosa. De acordo com Pavani, “de fato, no século II, a memória das boas mulheres (companheiras, nobres, puras, afetivas, castas, honestas, distintas e dedicadas) seria objeto de culto”⁹²³.

4.2.4

Egéria, Paula e Helena: peregrinas da fé.

⁹¹⁸ SCHENK, C., *Crispina and Her Sisters*, p. 61.

⁹¹⁹ LAMPE, P., *From Paul to Valentinus*, p. 239.

⁹²⁰ SCHENK, C., *Crispina and Her Sisters*, p. 62.

⁹²¹ COELHO, F.S., *As Matronas da Antiguidade Cristã*, p. 123.

⁹²² PALÁDIO de Galácia, *História Lausíaca*, p. 48.

⁹²³ PAVANI, R.M., *Que queres de mim, mulher?* (Jo 2,4), p. 327.

A história do cristianismo é entrelaçada com as peregrinações aos locais considerados sagrados. Ao longo dos séculos, os devotos realizaram viagens movidos, principalmente, por um propósito espiritual. O objetivo primordial dessas jornadas era proporcionar uma experiência de cunho religioso, passando por lugares como o Santo Sepulcro em Jerusalém, que representava o epicentro dos eventos que moldaram a história da salvação, “atraindo todos que tinham condições de se deslocar e principalmente uma grande vontade de tocar e ver com os próprios olhos o cenário onde se desenrolou o processo da construção da fé cristã”⁹²⁴.

Sem considerar a motivação individual de cada peregrino, é inegável o aumento gradativo destas jornadas a partir de certo ponto da história, sobretudo com o crescimento da própria Igreja⁹²⁵. No desenrolar dos acontecimentos, as mulheres cristãs também despontam como as pioneiras e protagonistas neste marco histórico. Dentre essas mulheres, não apenas inspiradoras, mas, principalmente, independentes, temos, pelo menos, três ilustres cristãs, a saber: Helena, a mãe do imperador Constantino; Egéria, em alguns casos identificada também como Etéria ou Silvia; e Paula, a amiga de Jerônimo. O conceito de mulheres inspiradoras e independentes é demonstrado por Bailey e Aquilina da seguinte maneira:

Essas mulheres não esperavam até um homem ter a mesma ideia e não sugeriam apenas polidamente a alguém que uma coisa tinha de ser feita. Faziam o que tinha de ser feito, e se isso significava assumir o controle da situação estavam prontas a assumi-lo. Eram ativas, responsáveis e, ao que tudo indica, um pouco assustadoras se alguém ficasse em seu caminho. Mas construíram a Igreja, e os homens e mulheres que vieram depois delas recordavam-nas como algumas das grandes personalidades da história eclesiástica⁹²⁶.

A história destas mulheres cristãs decorre no século IV, quando o cristianismo mal havia conseguido escapar das perseguições, e estas atitudes, como as peregrinações aos lugares sagrados, demonstram, da parte das mulheres, uma respeitável coragem, corroborando a nossa tese de que as mulheres exerciam funções de liderança e de autoridade nas várias comunidades daquele período. Conforme Dietz, embora não seja possível apontar com exatidão o número de mulheres peregrinas, é fato que elas “constituíam uma parcela considerável dos viajantes religiosos durante o final da Antiguidade”⁹²⁷.

⁹²⁴ ALMEIDA, R. S., Vozes femininas no início do cristianismo, p. 309.

⁹²⁵ SALISBURY, J.E., Pais da Igreja, virgens independentes, p. 131.

⁹²⁶ AQUILINA, M.; BAILEY, C., Madres da Igreja, p. 120.

⁹²⁷ DIETZ, M., Wandering monks, virgins, and pilgrims, p. 108.

Eusébio de Cesareia foi, conforme Maraval, o primeiro escritor⁹²⁸ que utilizou a expressão lugares sagrados ao designar, de forma específica, aquela região do Oriente Médio, conforme deixou registrado na obra *Vida de Constantino*: “Pois é claramente um sacrilégio monstruoso pessoas impuras profanarem lugares sagrados”⁹²⁹. De acordo com Martins, Jerônimo chamou de sagrados os diversos locais citados, tanto no Novo quanto no Antigo Testamento, onde foram

edificados santuários para receber relíquias de mártires, os quais, em seguida, passaram também a servir de habitação para monges e, posteriormente, também abrigaram seus túmulos. Pouco a pouco, os cristãos começaram a fazer um inventário dos lugares santos e construíram igrejas e oratórios, para que pudessem venerar assiduamente os mártires⁹³⁰.

A primeira peregrinação aos lugares sagrados, pelo menos com registros arqueológicos, não foi o empreendimento de um homem, mas nasceu a partir de uma iniciativa feminina, ou seja, de Helena, a mãe do imperador Constantino. Com 80 anos ela “teve um sonho que interpretou como visão de Deus, que exigia sua ida a Jerusalém para procurar a cruz onde Cristo fora crucificado”⁹³¹. Na verdade, a decisão de Helena em empreender uma viagem aos lugares sagrados passou também por uma interpretação que teve como origem uma tragédia familiar. De acordo com esta versão, uma das esposas do imperador Constantino teria cometido adultério com Crispo, filho mais velho do marido. Com isso, ao descobrir a traição, o imperador teria mandado executar a mulher e o próprio filho, deixando Helena bastante abalada com o ocorrido. A partir desta tragédia, ela teria tomado a decisão de ir até Jerusalém, por volta do ano 326, com duas intenções, a saber: ficar mais próxima de Cristo e, principalmente, pedir a misericórdia para o filho. Uma possibilidade é que ela, de acordo com Rops, tenha assumido, interiormente, a culpa do filho, pois, “todas as aparências são as de uma expiação...Sendo já certamente cristã, Helena era ainda aquela mulher enérgica que nem os azares da fortuna nem as duras provações tinha conseguido abater e que dera a seu filho o melhor da força que trazia no seio”⁹³².

Alguns autores, como, por exemplo Raiola, consideram que a viagem de Helena não aconteceu apenas por questões religiosas, mas estavam em jogo a

⁹²⁸ MARTINS, M. C., Peregrinação de Egéria, p. 18.

⁹²⁹ EUSÉBIO de Cesareia. Vida de Constantino III, 52.

⁹³⁰ MARTINS, M. C., Peregrinação de Egéria, p. 18.

⁹³¹ AQUILINA, M.; BAILEY, C., Madres da Igreja, p. 120.

⁹³² ROPS, D., A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires, p. 417.

política imperial de Constantino. Por um lado, Helena vai para o oriente visando obter uma boa resposta da hierarquia eclesiástica, sobretudo no que diz respeito à construção de basílicas e “por outro lado as diversas doações feitas pela sua mãe a favor dos soldados e as diversas populações serviram para mitigar as consequências da guerra civil que o imperador envolvera pessoalmente alguns anos antes”⁹³³. Da nossa parte, consideramos que, independentemente, dos reais motivos que fizeram Helena empreender tal viagem, é fato que, a partir dela, despontou uma força e liberdade que serviu como fonte de inspiração para outras mulheres fazerem o mesmo percurso.

A autoridade desta mulher ultrapassava os limites do título de mãe do imperador Constantino. De acordo com Salisbury, “o maior impacto de Helena no futuro do cristianismo ocorreu no final de sua vida”⁹³⁴, exatamente quando decidiu viajar até aos lugares sagrados. Os feitos de Helena, em Jerusalém, chegaram até nós, sobretudo, a partir dos registros de Eusébio de Cesareia e de Sócrates Escolástico, respectivamente nos séculos IV e V.

É relevante destacar que Helena não pode ser comparada com uma simples viajante, movida por um espírito de curiosidade ou apenas por lazer. Eusébio destacou que apesar da idade avançada, a “religiosa mãe de um imperador religioso”⁹³⁵ partiu para Jerusalém com um “espírito juvenil”⁹³⁶ e, lá chegando, começou a erigir templos em locais que, provavelmente, fizeram parte da vida de Jesus. De acordo com o relato de Eusébio, Helena embelezou “com admiráveis monumentos o local onde a mãe de Deus deu à luz”⁹³⁷ e “exaltou com edifícios sublimes a memória da ascensão ao céu do Salvador do universo, no Monte das Oliveiras, erguendo no cume, junto ao topo da montanha, o sagrado recinto de uma igreja”⁹³⁸.

A história da viagem de Helena aos lugares sagrados também é marcada por polêmicas como, por exemplo, a possível descoberta da verdadeira cruz de Cristo. Aqui não temos a intenção de analisarmos os pormenores deste fato, mas apenas descrever como Sócrates Escolástico, que viveu não muito distante dos acontecimentos, ou seja, aproximadamente um século depois, destacou a relevância

⁹³³ RAIOLA, D., *La donna nel cristianesimo primitivo*, p. 65.

⁹³⁴ SALISBURY, J., *Encyclopedia of women in the Ancient World*, p. 155.

⁹³⁵ EUSÉBIO de Cesareia. *Vida de Constantino III*, 43.

⁹³⁶ EUSÉBIO de Cesareia. *Vida de Constantino III*, 42.

⁹³⁷ EUSÉBIO de Cesareia. *Vida de Constantino III*, 43.

⁹³⁸ EUSÉBIO de Cesareia. *Vida de Constantino III*, 43.

de Helena para aqueles lugares, pois, de acordo com Visalli, “as grandes aventuras de Helena estabeleceram a Terra Santa como o principal centro de peregrinação cristã daquela época em diante”⁹³⁹. Ambrósio de Milão também escreveu a respeito das ações de Helena naqueles locais sagrados: “Então Helena veio, começou a visitar os lugares sagrados, e o espírito derramou-se nela, de modo que ela procurou o madeiro da cruz. Ele veio ao Gólgota e disse: “Aqui é o lugar da batalha, onde está a vitória?”⁹⁴⁰.

No registro de Sócrates, Helena, após ter descoberto a cruz do Senhor, “construiu uma igreja magnífica sobre o lugar do sepulcro e a chamou de Nova Jerusalém, de frente para a cidade velha e deserta”⁹⁴¹. A passagem de Helena por aqueles locais sagrados também não foi marcada apenas pelas construções, mas demonstrando que era realmente uma cristã, de acordo com Sócrates, se reunia para rezar com outras mulheres e chamou “para um banquete as virgens inscritas no registro das igrejas e trouxe os pratos à mesa, servindo-os ela mesma. Era também muito generosa com as igrejas e com os pobres”⁹⁴².

Helena não se tornou apenas uma personagem por ser a mãe do imperador Constantino. Quando nos referimos aos seus feitos, conforme Aquilina e Bailey, estamos diante da “história que contava o que uma mulher podia fazer. Helena não só se saiu bem em sua expedição: serviu de exemplo, ou podemos dizer que começou uma tendência”⁹⁴³. Embora a viagem de Helena possa ser interpretada mais pelos aspectos políticos do que pelos apelos religiosos⁹⁴⁴, o fato é que, tal empreendimento abriu o caminho para outras mulheres independentes, como, por exemplo, a peregrina Egéria⁹⁴⁵ que, ao chegar aos lugares sagrados mencionou a mãe do imperador: “E que posso eu dizer da ornamentação dessas construções de Constantino que, assistido pela mãe até onde lhe permitiram os recursos do seu reino, decorou com ouro, mosaico e mármore precioso tanto a Igreja Maior quando a Anástasis”⁹⁴⁶.

⁹³⁹ VISALLI, G. (Ed.), *After Jesus*, p. 235.

⁹⁴⁰ PANAGL, V. Z. (Ed.), *De obitu Theodosii*, 41.

⁹⁴¹ AQUILINA, M.; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 123.

⁹⁴² AQUILINA, M.; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 123.

⁹⁴³ AQUILINA, M.; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 121.

⁹⁴⁴ DRIJVERS, J.W., *Helena Augusta*, p. 65.

⁹⁴⁵ Embora encontremos em algumas literaturas, sobretudo em língua portuguesa, o nome de Etéria, preferimos chamá-la de Egéria, ou seja, mulher que inspira.

⁹⁴⁶ NOVAK, M.G. (Trad.), *Peregrinação de Etéria*, p. 129.

O relato conhecido como *Peregrinação de Egéria* também é relevante para demonstrar o poder exercido pelas mulheres e, conforme a observação de Finkelstein e Silberman, essa obra representa a “mais detalhada descrição feita por uma peregrina do final do século IV, em que relata como ela e seus companheiros escalaram o Monte de Deus”⁹⁴⁷. Estamos diante de um texto que descreve, literalmente, o roteiro de uma verdadeira peregrinação aos lugares sagrados, um diário de viagem, composto por uma mulher, escrito entre os anos 381 e 384 d.C., tendo como principal motivação o aspecto religioso⁹⁴⁸.

No relato de Egéria encontramos preciosas informações sobre as celebrações litúrgicas em Jerusalém, sobretudo no século IV. Se podemos indicar a obra *Tradição Apostólica*, de Hipólito de Roma, como uma referência a respeito das celebrações litúrgicas em Roma, no século III, “também podemos indicar o diário de viagem de Egéria como uma das melhores descrições realizadas a respeito da liturgia em Jerusalém, no século IV”⁹⁴⁹. Acreditamos que, só por esse fato, a peregrina Egéria mereça uma posição de destaque na história do cristianismo nos primeiros séculos.

Egéria era uma mulher, de acordo com Raiola, com “uma personalidade extremamente curiosa, o que lhe permite suportar as adversidades que a viagem acarreta”⁹⁵⁰. Tal informação é comprovada por ela própria em seu diário: “Eu, então, que sou bastante curiosa perguntei que vale seria esse onde um monge santo erguera para si um eremitério”⁹⁵¹. E é com este espírito desbravador, livre e independente, que Egéria partiu para os lugares sagrados.

Alguns indícios sobre a sua origem, baseados no próprio diário, sugerem que ela deve ter sido uma aristocrata, sobretudo considerando a maneira como as autoridades civis e eclesiásticas, acompanharam os seus passos enquanto esteve em Jerusalém, como pode ser constatado em um trecho da obra: “A partir daí, dispensamos os soldados que nos haviam auxiliado em nome dos príncipes romanos, enquanto andáramos por regiões perigosas”⁹⁵². A autoridade religiosa também marcou presença na passagem de Egéria:

⁹⁴⁷ FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N.A., *A Bíblia desenterrada*, p. 329.

⁹⁴⁸ MARTINS, M. C., *Peregrinação de Egéria*, p. 22.

⁹⁴⁹ OSAVA, M.M., *As mulheres em peregrinação aos lugares santos no século IV*, p. 250-266.

⁹⁵⁰ RAIOLA, D., *La donna nel cristianesimo primitivo*, p. 66.

⁹⁵¹ NOVAK, M.G. (Trad.), *Peregrinação de Etéria*, p. 97.

⁹⁵² NOVAK, M.G. (Trad.), *Peregrinação de Etéria*, p. 83.

O santo bispo da cidade, homem verdadeiramente religioso, monge e confessor, disse-me, acolhendo-me de boa vontade: vejo, filha, que pela religião te impusestes tão grande labor que, dos confins da terra, chegaste a estas paragens; se, pois, te der prazer, nós te mostraremos todos os lugares que são, aqui, agradáveis de ver para os cristãos'. Então, pois, dando graças a Deus em primeiro lugar, e também a ele, pedi-lhe muitíssimo se dignasse fazer o que dizia⁹⁵³.

Esses gestos garantem que Egéria era mulher muito considerada e, certamente, com autoridade para transitar livremente por aqueles locais sagrados, sem impedimento de qualquer natureza. O monge Valerius de Bierzo vai citá-la em uma carta como a mulher mais forte do que todos os homens do século⁹⁵⁴. De acordo com Dietz, “a viagem de Egéria é inteiramente dela; durante todo o caminho ela toma suas próprias decisões. Só ela escolhe onde visitar e quando ir”⁹⁵⁵. A própria peregrina imprimiu esta marca em seu relato: “Depois de algum tempo, quis eu também chegar à terra de Ausítis”⁹⁵⁶. Ela era livre, sem a menor sombra de dúvidas, “independente e audaz, ia de um lugar sagrado para outro como se fosse uma turista, decidindo sozinha aonde ir e quanto tempo ficar”⁹⁵⁷.

Outro fato relevante é que o roteiro traçado estava conforme os textos da Escritura, demonstrando, assim, outra qualidade de Egéria, ou seja, um profundo conhecimento bíblico. O principal mapa utilizado pela peregrina era a Bíblia, pois assim ela conseguia se deslocar de um local santo para o outro⁹⁵⁸. De acordo com Starowieyski, ela “viajava com a Bíblia, ao chegar a um determinado lugar, ela fazia ler o texto da Sagrada Escritura e recitar os salmos correspondentes ao lugar. As descrições nos dão também um interessante material arqueológico”⁹⁵⁹. Além disto, o estilo da escrita comprova que ela era uma mulher culta e que fazia pleno uso de seus conhecimentos⁹⁶⁰. Conforme Salibury, Egéria, através de suas viagens, “estava reivindicando o passado bíblico e transformando-o em parte tangível da sua própria experiência”⁹⁶¹.

A partir do relato de Egéria, temos o primeiro registro a respeito da encenação do Messias entrando em Jerusalém, nas celebrações da Semana Santa, com o bispo

⁹⁵³ NOVAK, M.G. (Trad.), Peregrinação de Etéria, p. 103.

⁹⁵⁴ COSTA, N.R.M; COSTA, R.F., Mulheres intelectuais na Idade Média, p. 22.

⁹⁵⁵ DIETZ, M., Wandering monks, virgins, and pilgrims, p. 50.

⁹⁵⁶ NOVAK, M.G. (Trad.), Peregrinação de Etéria, p. 93.

⁹⁵⁷ ALMEIDA, R. S., Vozes femininas no início do cristianismo, p. 296.

⁹⁵⁸ OSAVA, M.M., As mulheres em peregrinação aos lugares santos no século IV, p. 250-266.

⁹⁵⁹ STAROWIEYSKI, M., Egéria, p. 625-627.

⁹⁶⁰ RAIOLA, D., La donna nel cristianesimo primitivo, p. 67.

⁹⁶¹ SALISBURY, J. E., Pais da Igreja, virgens independentes, p. 134

representando Jesus Cristo acompanhado pelas crianças: “até mesmo as que, pela pouca idade, não podem andar pelos seus próprios pés e que os pais carregam ao colo, todas levam ramos – umas de palmas, outras de oliveiras; e acompanham o bispo tal como foi acompanhado o Senhor”⁹⁶². De acordo com Norelli e Moreschini, Egéria “descreve os costumes litúrgicos dessa cidade com riqueza de pormenores, fornecendo-lhes preciosos testemunhos sobre as festas e as cerimônias que se desenrolavam na época naqueles lugares”⁹⁶³. Certamente estamos diante de uma verdadeira pérola da literatura cristã⁹⁶⁴. Podemos traçar o perfil de Egéria da seguinte maneira: uma mulher corajosa, livre, com autoridade, culta e conhecedora das Escrituras.

Um Padre da Igreja deixou registrado uma peregrinação realizada na companhia de, pelo menos, três mulheres. No final do ano 385, Jerônimo viajou para Jerusalém partindo de Antioquia, ao lado de Paula e da filha Eustóquia, e de outra mulher que, provavelmente, era a dama de companhia das duas. O principal registro desta viagem faz parte da epístola 108 de Jerônimo⁹⁶⁵, endereçada à Eustóquia visando consolá-la pela perda de sua mãe, embora possam ser apontadas outras motivações, “pois somente assim poderemos compreender realmente a verdadeira complexidade desta fascinante obra literária”⁹⁶⁶. Paula era de origem nobre, mas, de acordo com Jerônimo, era “ainda mais nobre por sua santidade”⁹⁶⁷. Tinha quatro filhas (Blesilla, Paulina, Rufina e Eustóquia) e um filho (Toxócio), e após a morte do marido, quando ela tinha trinta e dois anos, decidiu levar a viuvez até o fim de sua vida. Vale ressaltar que na epístola 39, à Paula, Jerônimo havia citado a peregrinação de outra mulher, Melânia, à Jerusalém e recomendou que ela fizesse a mesma viagem: “Segue o exemplo da santa matrona Melânia, verdadeira nobre entre os cristãos do nosso tempo”⁹⁶⁸.

De acordo com Martins, Jerônimo com as mulheres partiram para Jerusalém e após visitarem todos aqueles lugares sagrados, “estabeleceram-se em Belém, onde passariam o resto de suas vidas, no comando de mosteiros (um masculino, liderado por Jerônimo; outro feminino, por Paula) que fundaram com os recursos

⁹⁶² NOVAK, M.G. (Trad.), Peregrinação de Etéria, p. 141.

⁹⁶³ NORELLI, E.; MORESCHINI, C., Manual de Literatura Cristã Antiga Grega e Latina, p. 490.

⁹⁶⁴ OSAVA, M.M., As mulheres em peregrinação aos lugares santos no século IV, p. 250-266.

⁹⁶⁵ OSAVA, M.M., As mulheres em peregrinação aos lugares santos no século IV, p. 250-266.

⁹⁶⁶ CAIN, A., Jerome's Epitaphium Paulae, p. 137.

⁹⁶⁷ VALERO, J.B., (Trad.), San Jerónimo, Epistolário II, p. 215.

⁹⁶⁸ VALERO, J.B., (Trad.), San Jerónimo, Epistolário I, p. 350.

patrimoniais de Paula⁹⁶⁹. É importante perceber que ela, assim como Helena e Egéria, pertencia a alta sociedade, até mesmo porque uma peregrinação aos lugares sagrados não era coisa de pouco valor monetário, ou seja, tal atividade não estava ao alcance de todas.

A principal diferença em relação à maneira na qual os relatos foram escritos é que, somente no caso de Egéria o mesmo foi produzido por ela própria, enquanto os de Helena e Paula, foram feitos a partir da visão de biógrafos, ou seja, Eusébio de Cesareia, Sócrates Escolástico, Ambrósio de Milão e Jerônimo. Tal situação, conforme Siqueira, “não invalida a narrativa, mas é necessário analisar o seu contexto discursivo, considerando os interesses dos responsáveis pela memória dessas mulheres”⁹⁷⁰. Este é um dos nossos principais objetivos, ou seja, revisitar a memória destas mulheres que marcaram o cristianismo, sobretudo nos primeiros séculos, mesmo quando o que foi consignado por escrito não esteja completamente sintonizado com os fatos ocorridos.

Dentre as epístolas de Jerônimo, a de número 108 é uma das mais extensas, e visa apresentar um elogio fúnebre à matrona Paula. De acordo com Lamprecht, essa epístola tem sido estudada a partir de vários aspectos, tais como

um longo epitáfio com características hagiográficas, um tributo elogioso, um elogio biográfico de Paula, uma *laudatio funebris*, um diário de viagem, um livro de memórias, um relato metafórico da peregrinação de Paula pela vida, uma peça de propaganda ascética e um base textual para um culto centrado em Belém no culto a Paula, a asceta mártir-santa⁹⁷¹.

Independentemente da interpretação, aquilo que Jerônimo registrou sobre a sua viagem à Jerusalém na companhia de Paula é um material precioso para comprovarmos o protagonismo das mulheres nas peregrinações aos lugares santos, sobretudo nos primeiros séculos do cristianismo. Em nosso entendimento, este relato é bastante relevante para demonstrar o protagonismo de Paula, assim como o de Helena e Egéria, para o crescimento daquela região, pois de acordo com Kelly, “quando Jerônimo e Paula se estabeleceram lá, era uma vila minúscula, mais propriamente uma aldeia”⁹⁷². Afirmamos isto considerando a importância de Paula na construção de mosteiros masculinos e femininos, que serviam de hospedagem para os peregrinos.

⁹⁶⁹ MARTINS, M. C. S., A peregrinação de Jerônimo e Paula, p. 207.

⁹⁷⁰ SIQUEIRA, S.M.A., Mulheres viajantes no mundo romano, p. 103-123.

⁹⁷¹ LAMPRECHT, J.C., Jerome's letter 108 to Eustochium, p. 1.

⁹⁷² KELLY, J.N.D., Jerome, p. 129.

Apesar dos seus cinco filhos, a partir de um determinado momento, Paula externou um forte desejo de ir embora de Roma, influenciada, sobretudo, pelo contato com Paulino, bispo de Antioquia e Epifânio de Salamina, bispo de Chipre⁹⁷³, demonstrando também a sua liberdade e autonomia para seguir o seu próprio caminho, como pode ser comprovado nas palavras de Jerônimo: “Inflamada por suas virtudes, a ideia de deixar sua terra natal começou a instigá-la. Sem se lembrar de sua casa, de seus filhos, de sua família, de seus bens ou de qualquer coisa relacionada ao século, ele ardia de vontade de se retirar”⁹⁷⁴. Mas é relevante destacar que Jerônimo teve o cuidado de registrar que “ninguém amava mais os seus filhos tanto quanto ela e que, antes de partir, distribuiu todos os seus bens entre eles, deserdando-se na terra, para depositar sua herança no céu”⁹⁷⁵.

No relato constatamos que Paula era uma mulher com autoridade também em relação a sua posição social, pois, de acordo com Jerônimo, o procônsul da Palestina conhecia muito bem a família de Paula e, por isso, enviou a sua própria escolta para ir ao seu encontro⁹⁷⁶. Neste contexto, observamos que Paula não foi apenas uma peregrina visitando os lugares sagrados, mas utilizou os seus recursos financeiros em prol de importantes obras, de modo que, conforme Cain, “os primeiros três anos de Paula e Jerônimo em Belém foram ocupados com vários projetos de construção substanciais financiados provavelmente exclusivamente por Paula”⁹⁷⁷. Por construções estão compreendidos os mosteiros masculinos e femininos, sendo 386 o provável ano destas construções⁹⁷⁸. Na carta apostólica *Scripturae sacrae affectus*⁹⁷⁹, o Papa Francisco comentou sobre os mosteiros, masculinos e femininos, fundados por Jerônimo naqueles lugares santos e a sua importância para os peregrinos que por lá passavam.

O capítulo 15 da epístola 108 merece destaque, sobretudo considerando o principal o nosso interesse principal, ou seja, exaltar as mulheres naquilo que elas tinham de mais valoroso. Neste ponto, Jerônimo ressaltou que iria descrever com cuidado as virtudes de Paula, a fim de não acrescentar ou exagerar em nada o seu testemunho, como era comum que acontecesse com os panegíricos⁹⁸⁰. A respeito

⁹⁷³ VALERO, J.B. (Trad.), San Jerónimo, Epistolário II, p. 220.

⁹⁷⁴ VALERO, J.B., (Trad.), San Jerónimo, Epistolário II, p. 220.

⁹⁷⁵ VALERO, J.B., (Trad.), San Jerónimo, Epistolário II, p. 221.

⁹⁷⁶ VALERO, J.B., (Trad.), San Jerónimo, Epistolário II, p. 224.

⁹⁷⁷ CAIN, A., Jerome’s Epitaphium Paulae, p. 111.

⁹⁷⁸ LÖSSL, J., Who attacked the monasteries of Jerome and Paula in 416 A.D?, p. 91-112.

⁹⁷⁹ Carta apostólica, lançada no ano de 2020, em comemoração ao XVI centenário da morte de São Jerônimo.

⁹⁸⁰ VALERO, J.B. (Trad.), San Jerónimo, Epistolário II, p. 235.

de sua personalidade autônoma e decidida, após a morte do marido e até o dia da sua própria partida deste mundo, ela não comia “com homem algum, mesmo sabendo que ele era santo ou constituído no cume do pontificado”⁹⁸¹. Jerônimo elogiou a humildade de Paula, destacando que as pessoas que iam vê-la, “não acreditavam que fosse ela, mas sim a última das empregadas”⁹⁸². Quando ela ficava doente, até mesmo em estado de febre elevada, “não aceitava colchões macios em sua cama, mas descansava na terra duríssima, espalhando sobre ela mantas de cabelo”⁹⁸³.

Jerônimo não era apenas um admirador das virtudes de Paula, mas, de acordo com Martins, foi o convívio com ela por aproximadamente dezenove anos, que tornou “possível o sonho de ascetismo que os dois alimentavam, assim como a vida de ambos em Belém, na condução de mosteiros”⁹⁸⁴. Ou seja, a relação entre Jerônimo e Paula era muito forte e ele próprio deixava transparecer o respeito e a consideração que mantinha pela amiga, mesmo quando, em algumas de suas próprias palavras, os termos utilizados pudessem indicar algo contrário como, por exemplo, no trecho em que diz: “Fervor maravilhoso e força dificilmente credível numa mulher! Esquecendo o seu sexo e a fragilidade do seu corpo, a única coisa que queria era viver com as suas virgens entre tantos milhares de monges”⁹⁸⁵. Se considerarmos a cultura da época, optamos em dar mais destaque para a primeira parte da sentença, ou seja, aquela em que Jerônimo enaltece a força de Paula.

4.3

O poder das mulheres enquanto doadoras de bens

As mulheres também marcaram presença nos primórdios do cristianismo enquanto doadoras de seus próprios bens. No ministério de Jesus é possível constatar a participação destas mulheres, conforme o relato de Lucas: “Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Susana e várias outras, que o serviam como seus bens” (Lc 8, 3). Esta perícopa demonstra o sentido da mensagem contida neste evangelho, pois “uma das provas do universalismo de Lucas reside na importância que dá às mulheres: em Lucas aparecem mais mulheres do que nos

⁹⁸¹ VALERO, J.B. (Trad.), San Jerónimo, Epistolário II, p. 235.

⁹⁸² VALERO, J.B. (Trad.), San Jerónimo, Epistolário II, p. 235.

⁹⁸³ VALERO, J.B. (Trad.), San Jerónimo, Epistolário II, p. 235.

⁹⁸⁴ MARTINS, M. C. S., A peregrinação de Jerônimo e Paula, p. 226.

⁹⁸⁵ VALERO, J.B. (Trad.), San Jerónimo, Epistolário II, p. 235.

outros três evangelhos”⁹⁸⁶. Nos escritos de Lucas é possível constatar a intenção do autor em integrar o homem e a mulher na vida missionária. De acordo com Agostinho, Cristo quis que as mulheres o seguissem para adquirir e administrar as coisas que ele precisava⁹⁸⁷. Nas palavras de Jerônimo, “elas serviam ao Senhor à sua custa para que aquele de cujos bens espirituais elas ceifavam, ceifasse dos bens materiais que elas lhe ofereciam”⁹⁸⁸.

O texto de Lucas destaca também que as mulheres seguidoras de Jesus foram curadas de maus espíritos e doenças (Lc 8, 2). É relevante constatar que elas não foram curadas simplesmente para não mais sofrerem, e sim para servir⁹⁸⁹, pois de acordo com Perondi, o serviço que as mulheres prestavam era fruto “da cura que receberam e a palavra que melhor expressa esta ação é a diaconia, que é uma variante do verbo *diakonéo*”⁹⁹⁰. A diaconia das mulheres, no texto de Lucas, é demonstrada, sobretudo, a partir do “serviço que elas prestavam a todos os que estavam no grupo de Jesus”⁹⁹¹.

Neste ponto é relevante a expressão verbal *yparchónton* (Lc 8,3b), pois conforme Perondi, tal termo pode apresentar outro significado “além de “bens” e é possível presumir que em Lc 8,3 as mulheres seguiam a Jesus e o serviam com o que possuíam, não significando necessariamente que se tratasse exclusivamente de bens econômicos”⁹⁹². Assim, mesmo as mulheres que não eram detentoras de bens materiais, podiam tornar-se benfeitoras em prol da missão de Jesus. De acordo com Theissen, tal possibilidade consistia na renúncia, e o “grande exemplo disso é a pobre viúva, que oferece seu último quadrante — e com essa quantitativamente insignificante oferta, ela dá qualitativamente mais do que muitos ricos (Mc 12,41-44)”⁹⁹³.

Na continuidade da história, sobretudo nos primeiros séculos da expansão do cristianismo, foram várias as mulheres que doaram os seus bens materiais à Igreja. Dentre elas podemos citar uma dama da sociedade romana chamada Olímpia, que posteriormente será uma das companheiras de missão ao lado de João Crisóstomo.

⁹⁸⁶ MCKENZIE, J.L., Lucas, p. 508-511.

⁹⁸⁷ PETRI, S.; TAPONECCO, G., La Bibbia commentata dai Padri, NT 3, p. 197.

⁹⁸⁸ JERÔNIMO. Comentário ao Evangelho de Mateus, p. 376.

⁹⁸⁹ FLORES, J.H.P.; CHINEZE, A.M., Mulheres da Bíblia, p. 57.

⁹⁹⁰ PERONDI, I.; ROSA, C.Z.P.; RODRIGUES, C.B.; As mulheres seguiam e serviam Jesus em Lc 8,1-3, p. 1974-1987.

⁹⁹¹ PERRONI, M., As mulheres da Galileia, p. 27.

⁹⁹² PERONDI, I.; ROSA, C.Z.P.; RODRIGUES, C.B.; As mulheres seguiam e serviam Jesus em Lc 8,1-3, p. 1974-1987.

⁹⁹³ THEISSEN, G., A religião dos primeiros cristãos, p. 134.

No caso desta romana, temos uma consideração interessante, pois assumiu o encargo com trinta anos, quando, conforme as normas vigentes, ela deveria ter sessenta anos. De acordo com Brown, o “cargo formal de diaconisa obrigava Olímpia a usar a sua fortuna para sustentar a Igreja de Constantinopla”⁹⁹⁴. O que ela doava, ou seja, dinheiro, casas, terras e rendas, muito interessava aos bispos daquela Igreja, primeiro sob o episcopado de Nectário e depois com João Crisóstomo⁹⁹⁵. Este escreveu sobre as virtudes de Olímpia: “Essa mulher garantiu, sozinha, que os bispos da “Cidade Regente” desfrutassem de recursos, tanto para o alívio dos pobres, quanto para o entretenimento adequado dos ambiciosos”⁹⁹⁶. No episcopado de João Crisóstomo, Olímpia ainda contribuiu com diversas outras doações:

A favor da santa Igreja ela dá a João 10000 libras de ouro, 100000 de prata e as suas propriedades... nas províncias da Trácia, da Galácia, da Capadócia, da Bitínia; os imóveis que ela possuía na capital: o que, próximo da igreja grande, se chamava “Casa de Olímpia” com os edifícios do tribunal, das termas... e todos os edifícios situados ao lado, assim como o Silignárion (padaria?), depois, perto das termas públicas de Constança, a casa que lhe pertencia e na qual morava, e finalmente essa outra sua casa a que chamavam “casa de Evandro”, bem como todas as suas propriedades dos subúrbios⁹⁹⁷.

É importante destacar que Olímpia era detentora de muitos bens materiais, porém não se deixou levar pela avareza e muito menos ficou apegada a eles, conforme relatado na obra *Vida de Olímpia*: “Ela era dona de todas as casas próximas à santa igreja e de todas as lojas que ficavam no ângulo sul mencionado”⁹⁹⁸. Olímpia era uma mulher virtuosa e doou muitas das suas propriedades e dinheiro para as Igrejas de Constantinopla, de Antioquia, do Chipre, assim como auxiliou materialmente aos irmãos de Basílio, Pedro e Gregório⁹⁹⁹.

Melânia, a Anciã, é outra cristã, nascida no ano de 340 na Espanha, descendente de uma rica família romana, que merece ser louvada em relação ao desprendimento dos bens materiais. Após viajar para Alexandria, acompanhada de outras mulheres e crianças, vendeu seus bens, trocando-os por ouro, e quando ocorreu uma perseguição iniciada pelo prefeito do Egito contra os bispos e

⁹⁹⁴ BROWN, P., *Corpo e Sociedade*, p. 236.

⁹⁹⁵ ALEXANDRE, M., *Do anúncio do Reino à Igreja*, p. 552.

⁹⁹⁶ BROWN, P., *Corpo e Sociedade*, p. 236.

⁹⁹⁷ ALEXANDRE, M., *Do anúncio do Reino à Igreja*, p. 552.

⁹⁹⁸ CLARK, E.A., *Jerome, Chrysostom, and Friends*, p. 131.

⁹⁹⁹ CLARK, E.A., *Jerome, Chrysostom, and Friends*, p. 138.

presbíteros, foi Melânia quem os socorreu utilizando o seu dinheiro¹⁰⁰⁰. Do Egito ela trouxe para um anacoreta chamado Pambo, “uma caixinha de dinheiro contendo 300 libras de prata. Depois de ter sustentado, com os seus bens, os deportados ortodoxos, fundando em Jerusalém um mosteiro”¹⁰⁰¹. Por aproximadamente vinte e sete anos, ela também acolheu “pessoas que visitavam Jerusalém por causa dos seus votos - bispos, monges e diáconos - proporcionando hospitalidade a todos os seus convidados às suas próprias custas”¹⁰⁰². Quarenta dias após distribuir todos os seus bens, ela faleceu numa bela velhice e na mais profunda paz, deixando para trás um mosteiro em Jerusalém com dinheiro para sua manutenção¹⁰⁰³.

Da família de Melânia, a Anciã, também são relevantes os feitos da sua neta Melânia, a Jovem, no que diz respeito a contribuição com os bens materiais na obra evangelizadora da Igreja. Tanto a avó, quanto a neta, demonstraram que as mulheres, nos primeiros séculos do cristianismo, eram detentoras de uma autoridade sobre os próprios bens materiais e que tinham a autonomia para deles disporem em prol da Igreja.

Melânia, a Jovem, era casada com Piniano e possuíam uma riqueza tão grande que, por vezes, ela mesma ficava constrangida, sobretudo considerando a pobreza dos que viviam ao seu redor¹⁰⁰⁴. Eles tinham muitas propriedades, milhares de escravos e tiveram que apelar à irmã do imperador Honório para obterem a permissão de vender os seus próprios bens, pois a fortuna era tanta que influenciava até na economia romana. O desprendimento das propriedades não era uma decisão tão fácil para Melânia, pois de acordo com a própria, “o mais difícil da vida ascética não era lutar contra a carne, mas abrir mão da fortuna como um todo”¹⁰⁰⁵. De acordo com Gerônimo, Melânia e o marido enviaram uma grande quantia de dinheiro (na verdade, quarenta e cinco mil peças de ouro) por meio de um intermediário para levar alívio às pessoas santas e aos pobres¹⁰⁰⁶. Não restam dúvidas de que a família de Melânia, liderada pela avó e depois pela neta, deixou um legado extraordinário em relação aos bens materiais doados para a manutenção das obras de evangelização daquele período.

¹⁰⁰⁰ WHITE, C., *Lives of Roman Christian Women*, p. 52.

¹⁰⁰¹ ALEXANDRE, M., *Do anúncio do Reino à Igreja*, p. 551.

¹⁰⁰² WHITE, C., *Lives of Roman Christian Women*, p. 53.

¹⁰⁰³ WHITE, C., *Lives of Roman Christian Women*, p. 55.

¹⁰⁰⁴ ALMEIDA, R.S., *Vozes femininas no início do cristianismo*, p. 318.

¹⁰⁰⁵ SALISBURY, J.E., *País da Igreja*, p. 143.

¹⁰⁰⁶ WHITE, C., *Lives of Roman Christian Women*, p. 193

4.4

As mulheres e os Padres da Igreja: companheiras de missão

É importante destacar que vários Padres da Igreja tiveram a companhia de mulheres que os ajudaram em vários aspectos, seja do ponto de vista material quanto em relação ao ensino da doutrina. Porém, nos deparamos com uma lacuna sobre esta relação, pois conforme Fiorenza, a “real contribuição das mulheres ao primitivo movimento missionário cristão continua perdido em larga escala por causa da escassez e do caráter androcêntrico de nossas fontes”¹⁰⁰⁷. Os próprios Padres da Igreja foram envolvidos em discussões sobre as mulheres na vida eclesial¹⁰⁰⁸. Ainda de acordo com Fiorenza, não é uma tarefa simples encontrarmos documentação extensa a respeito da participação das mulheres nos primeiros séculos do cristianismo, “mas não obstante estamos em condições de desenterrar traços de uma genuína her-story cristã na literatura primitiva”¹⁰⁰⁹. Conforme Silva, o limite das fontes antigas não deve ser encarado como “obstáculos para a pesquisa atual, mas como desafios que, superados, nos façam respeitar os valores mais autênticos, que sobreviveram a estruturas sociais tão rígidas e definidas”¹⁰¹⁰.

Jerônimo, por exemplo, ao escrever sobre Marcela, declarou que algumas pessoas chegavam ao ponto de ridicularizá-lo, mas esses deveriam lembrar das santas mulheres, companheiras de nosso Salvador, que cuidaram dele com as suas próprias posses e das três Maria que permaneceram diante da cruz, pois, assim, eles iriam perceber que eram culpados de arrogância ou de tolice¹⁰¹¹. Dirigindo-se à Príncípia, Jerônimo afirmou que sofria reprovações da parte dos homens por se corresponder demais com as mulheres, mas respondia que tal atitude era motivada pelo grande interesse que elas demonstravam em relação à Sagrada Escritura, bem diferente da parte dos homens: “Se os homens perguntassem sobre as Escrituras, eu não escreveria para as mulheres”¹⁰¹². De acordo com Aquilina e Bailey, grande parte dos textos a respeito das cristãs, sobretudo nos primeiros séculos, desapareceu, e alguns deles são “histórias de grandes mulheres cristãs anotadas por homens que as admiravam – talvez seja o grupo mais notável dos escritos”¹⁰¹³.

¹⁰⁰⁷ FIORENZA, E.S., *As Origens Cristãs a partir da Mulher*, p. 200.

¹⁰⁰⁸ FIORENZA, E.S., *As Origens Cristãs a partir da Mulher*, p. 82.

¹⁰⁰⁹ FIORENZA, E.S., *O papel da mulher no movimento cristão primitivo*, p. 9.

¹⁰¹⁰ SILVA, A.L.R., *A visão de Justino sobre a mulher*, p. 532.

¹⁰¹¹ ALMEIDA, R.S., *Vozes Femininas no início do Cristianismo*, p. 149.

¹⁰¹² VALERO, J.B. (Trad.). *São Jerônimo. Epistolário I*, p. 646.

¹⁰¹³ AQUILINA, M.; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 23.

É louvável que as mulheres tenham caminhado ao lado dos Padres da Igreja, não como coadjuvantes, mas exercendo um autêntico protagonismo, ou seja, eram verdadeiras companheiras de missão, atuando como “secretárias, debatedoras, incentivadoras, auxiliares em traduções, enfim, companheiras fiéis e desprendidas”¹⁰¹⁴. João Crisóstomo, por exemplo, escreveu cartas para a sua amiga Olímpia e Agostinho escreveu para Proba e Juliana. Jerônimo manteve proximidade com relevantes mulheres da sociedade romana e, de acordo com Raiola, “as mulheres sempre estiveram presentes na vida do santo, primeiro como companheiras em sua jornada espiritual e depois como objeto de sua própria reflexão”¹⁰¹⁵.

Essas histórias são relevantes, pois grande parte do que é relatado sobre a vida das mulheres, nos primórdios do cristianismo, foi escrito pelos homens¹⁰¹⁶. De acordo com Swan, as mulheres foram muito importantes no reconhecimento da grandeza de muitos Padres da Igreja, pois “muitos deles foram educados e apoiados por movimentos fortes que foram realmente iniciados pelas mulheres em suas vidas”¹⁰¹⁷.

4.4.1 Olímpia e João Crisóstomo

João Crisóstomo foi um dos mais respeitados teólogos do século V. Em 381 foi ordenado diácono e presbítero no ano 386. Sucedeu a Nectário no episcopado em 397, sobretudo pela “eficácia da sua oratória, pela vida ascética e pela sólida preparação teológica”¹⁰¹⁸. As breves palavras já são suficientes para demonstrar a capacidade intelectual de João, merecidamente chamado pelo cognome de Crisóstomo, ou seja, o Boca de Ouro.

A vida deste eloquente Padre da Igreja é marcada pela companhia de uma mulher, provavelmente a sua única amiga¹⁰¹⁹, uma viúva rica, chamada Olímpia. É relevante que João, por conta dos seus discursos inflamados contra a extravagância, acabou expulso da cidade e levado ao exílio. Neste cenário despontou a figura de Olímpia como a grande companheira e mantenedora do Boca de Ouro, de modo que

¹⁰¹⁴ ALMEIDA, R.S., Vozes femininas no início do cristianismo, p. 211.

¹⁰¹⁵ RAIOLA, D., La donna nel cristianesimo primitivo, p. 57.

¹⁰¹⁶ HUGHES, A.B., COHICK, L.H., Christian Women in the patristic world, p. 26.

¹⁰¹⁷ SWAN, L., The forgotten desert mothers, p. 3.

¹⁰¹⁸ ZINCONE, S., João Crisóstomo, p. 1120-1130.

¹⁰¹⁹ AQUILINA, M.; BAILEY, C., Madres da Igreja, p. 125.

“muito do que sabemos sobre o exílio de João vem das cartas que ele lhe enviou”¹⁰²⁰, além disso, contribuíram para a posterior canonização, tanto de João quanto de Olímpia¹⁰²¹. Na carta nove, por exemplo, João Crisóstomo relatou o que havia acontecido com ele em Cesareia e fez um pedido para Olímpia: “Guarde este segredo só para vós, e a ninguém o transmita, embora os soldados talvez encham a cidade inteira com a notícia”¹⁰²².

A história de Olímpia é encontrada a partir de quatro principais fontes, a saber: *A História Lausíaca*, de Paládio; *A História Eclesiástica* de Sozomeno; *Vida de Olímpia*, de um autor anônimo, e as dezessete cartas de João Crisóstomo. Essas consideramos ser a melhor fonte para compreendermos a importância de Olímpia na vida deste célebre Padre da Igreja, pois de acordo com Zincone, as cartas são de grande interesse para demonstrar a proximidade entre João e Olímpia, com “a qual ele havia estabelecido uma intensa amizade espiritual, baseada em comuns ideias de vida cristã”¹⁰²³. Conforme Brown, as cartas de João Crisóstomo para Olímpia “nos mostram um homem e uma mulher unidos pela mesma tristeza do naufrágio de suas mais diletas esperanças em relação à Igreja”¹⁰²⁴.

Ao longo das dezessete cartas, João se dirige à Olímpia utilizando a expressão “minha senhora” em seis oportunidades, como pode ser constatado, por exemplo, na carta dez: “Ciente dessas coisas, minha senhora, por Deus tão amada”¹⁰²⁵ e na carta onze: “Cantai assim, minha senhora, de Deus muito amada”¹⁰²⁶. A explicação para João utilizar tal expressão, pode ter como base as três realidades vividas por Olímpia em momentos distintos da sua vida. Em primeiro lugar, o fato de ela ter nascido em uma família nobre. Depois, por ela exercer o diaconato em Constantinopla e, por último, o respeito que João demonstrava por Olímpia em relação a sua capacidade intelectual. Independentemente do motivo, o que importa são o respeito e a admiração com que João tratava Olímpia.

A partir do conteúdo das cartas também constatamos que Olímpia era uma mulher virtuosa e digna de muitos elogios da parte de João como, por exemplo, em um trecho da carta oito: “Porque conheço bem em vós a nobreza dos pensamentos,

¹⁰²⁰ AQUILINA, M.; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 125

¹⁰²¹ FURLANI, J.C., *Gênero, conflito e liderança feminina na cidade pós-clássica*, p. 172.

¹⁰²² JOÃO Crisóstomo. *Cartas a Olímpia* 9, 3, p. 246.

¹⁰²³ ZINCONI, S., *João Crisóstomo*, p. 1120-1130.

¹⁰²⁴ BROWN, P. *Corpo e sociedade*, p. 264.

¹⁰²⁵ JOÃO Crisóstomo. *Cartas a Olímpia* 10, p. 252.

¹⁰²⁶ JOÃO Crisóstomo. *Cartas a Olímpia* 11, p. 280.

o vigor da piedade de vossa alma. Estou ciente da acuidade de vossa inteligência, da intensidade de vossa sabedoria”¹⁰²⁷. Olímpia era uma mulher de fibra na alma¹⁰²⁸ e “mais vigorosa que a de mil exércitos, mais forte que as armas, mais segura que torres e baluartes”¹⁰²⁹. Ainda de acordo com Crisóstomo, seria impossível descrever todas as virtudes dessa mulher:

A paciência, a humildade, sob suas múltiplas formas a esmola, espalhada até os limites da terra, a caridade que superou em ardor mil fornalhas, a inteligência infinda e cheia de dons, além dos limites da natureza. Enumerar as boas ações que daí resultaram seria tentativa de contar as ondas do mar¹⁰³⁰.

Ela é chamada de bem-aventurada¹⁰³¹ e Crisóstomo também destaca a caridade exercida por Olímpia desde a mais tenra idade: “Não cessastes de nutrir o Cristo faminto, de dar-lhe de beber se sedento, de vesti-lo se estava nu, de acolhê-lo se estrangeiro, de prestar-lhe cuidados se doente, de visitá-lo se prisioneiro”¹⁰³².

Em vários trechos das cartas, Crisóstomo demonstra preocupação com um sério problema que afligia a sua amiga, podendo ser algo relacionado com a saúde ou alguma situação que deixava Olímpia prostrada em um profundo estado de tristeza. Na carta oito, por exemplo, o que sobressai é a precária condição física de Olímpia:

Pois, dotada de um corpo terno e delicado, nutrido em toda espécie de bem-estar, de tal forma o cercastes de diversos sofrimentos, que não é mais do que um cadáver, e contraístes tal enxame de doenças que desafia a perícia dos médicos, a eficácia dos remédios, os tratamentos de toda sorte, e viveis com dores contínuas¹⁰³³.

Ao mesmo tempo em que são destacados os problemas físicos, Crisóstomo enaltece a fortaleza de Olímpia, demonstrando que realmente era uma mulher detentora de grandes qualidades: “Vós que viveis com moléstias físicas muito dolorosas, mas vos sentis muito melhor do que os homens corpulentos e vigorosos, sem ficar abatida com os insultos, nem orgulhosa por honrarias e louvores?”¹⁰³⁴. E complementa, destacando que apesar de ser “dotada de corpo frágil como uma teia de aranha, alvo de tão fortes assaltos, e não somente em nada fostes atingida, mas até impedistes a muitos outros de sofrer”¹⁰³⁵.

¹⁰²⁷ JOÃO Crisóstomo. Cartas a Olímpia 08, p. 217.

¹⁰²⁸ JOÃO Crisóstomo. Cartas a Olímpia 08, p. 220.

¹⁰²⁹ JOÃO Crisóstomo. Cartas a Olímpia 12, p. 285.

¹⁰³⁰ JOÃO Crisóstomo. Cartas a Olímpia 08, p. 225.

¹⁰³¹ JOÃO Crisóstomo. Cartas a Olímpia 08, p. 233.

¹⁰³² JOÃO Crisóstomo. Cartas a Olímpia 08, p. 233.

¹⁰³³ JOÃO Crisóstomo. Cartas a Olímpia 08, p. 223.

¹⁰³⁴ JOÃO Crisóstomo. Cartas a Olímpia 12, p. 285.

¹⁰³⁵ JOÃO Crisóstomo. Cartas a Olímpia 12, p. 285.

Em outros trechos, Crisóstomo deixa subentendido que a tristeza de Olímpia não estava relacionada diretamente com problemas de saúde, mas devido às situações ocorridas e que levaram ao distanciamento entre os dois: “Se, de outro lado, a causa de vossa tristeza é o fato de estarmos separados, aguardai o alívio”¹⁰³⁶. Tal fato ilustra de maneira inequívoca o quanto era estreito o relacionamento de amizade, de respeito e admiração entre Crisóstomo e Olímpia como, por exemplo, o que ele escreveu na carta treze: “Se nosso afastamento vos entristece, grande é, contudo, o conforto proveniente de vossas virtudes”¹⁰³⁷. Na carta dezessete também reconhecemos o estado de desânimo em que se encontrava Olímpia: “Se dizeis que as doenças são provocadas pela tristeza, porque ainda reclamais de nossas cartas, uma vez que delas não colhestes como fruto animação alguma e mergulhastes na tirania da tristeza a ponto de desejar agora deixar esta vida”¹⁰³⁸.

Um dos possíveis motivos da tristeza de Olímpia era a distância física do amigo enquanto ele passava pelo exílio, pois de acordo com Crisóstomo, ficar longe do ser amado representa um duro combate¹⁰³⁹ e tal fato corrobora a grande cumplicidade que existia entre os dois. Conforme Almeida, Crisóstomo “afirmava que tinha consciência de que ela sofria não somente pela situação da igreja de Constantinopla, mas também pela separação dos dois”¹⁰⁴⁰. Em outro trecho da carta, o amigo declarou, exortando Olímpia, que “com efeito, não basta aos que amam estarem unidos espiritualmente, não o consideram suficiente conforto, mas têm necessidade da presença física. E se esta lhes é negada, não pequena parte de felicidade é-lhes roubada”¹⁰⁴¹.

O nível de amizade entre Olímpia e João Crisóstomo é relevante para comprovarmos a grandeza de alma desta mulher, pois, apesar de tudo, de acordo com o seu biógrafo, Olímpia foi a “parceira do Verbo divino, esposa de toda verdadeira humildade, companheira e serva da santa, católica e apostólica Igreja de Deus”¹⁰⁴². Conforme Salisbury, “o exemplo desta forte mulher cristã, mostra quão significativas foram a riqueza e a influência de tais mulheres para o crescimento da igreja”¹⁰⁴³.

¹⁰³⁶ JOÃO Crisóstomo. Cartas a Olímpia 17, p. 307.

¹⁰³⁷ JOÃO Crisóstomo. Cartas a Olímpia 13, p. 286.

¹⁰³⁸ JOÃO Crisóstomo. Cartas a Olímpia 17, p. 301.

¹⁰³⁹ JOÃO Crisóstomo. Cartas a Olímpia 08, p. 237.

¹⁰⁴⁰ ALMEIDA, R.S., Vozes femininas no início do cristianismo, p. 229.

¹⁰⁴¹ JOÃO Crisóstomo. Cartas a Olímpia 08, p. 237.

¹⁰⁴² SWAN, L., The forgotten desert mothers, p. 123

¹⁰⁴³ SALISBURY, J.E., Encyclopedia of women in the ancient world, p. 255.

4.4.2

Proba, Juliana e Agostinho

Agostinho de Hipona endereçou várias correspondências para as mulheres, dentre elas merecem destaque aquelas endereçadas para uma nobre chamada Faltônia Proba, ou seja, as cartas 130 e 131, que, de acordo com Brown, era a viúva mais rica de todo o Império Romano¹⁰⁴⁴. O marido de Proba, Probus, era o prefeito da cidade de Roma e, com isso, é possível constatar a influência desta matrona. Com o saque de Roma, em 410, Proba, acompanhada de Juliana e Demetria, respectivamente nora e neta, fugiram para a cidade de Cartago, na África, e tiveram a oportunidade de conhecer Agostinho. A partir deste encontro, a família de Proba passou a ter uma relação de amizade muito próxima com Agostinho, que, em um dos trechos da carta 130, declarou: “Qualquer que seja a situação, o homem não pode considerar a vida amiga, se não tiver outro como amigo”¹⁰⁴⁵. Em outra passagem, Agostinho reitera a importância da amizade: “Na verdade, a amizade que mais nos deleita é a retribuída com afeição pura e santa. Se possuímos tais amigos, é preciso rezar para os conservar. Se, porém, não os possuímos, é preciso orar para os conseguir”¹⁰⁴⁶. É relevante o fato de Agostinho ter dedicado, pelo menos, cinco cartas para a nobre Proba e família. De acordo com Veras, “a correspondência trocada entre Agostinho e a família de Proba não era uma documentação privada; o próprio autor solicitou que suas destinatárias transmitissem o conteúdo para outras mulheres”¹⁰⁴⁷.

O principal objetivo da carta 130 foi atender um pedido feito por Proba, pois desejava que Agostinho escrevesse algo sobre a oração¹⁰⁴⁸. Nas palavras de Agostinho, poderia causar admiração o pedido de Proba, pois era “neste mundo, nobre, rica, mãe de numerosa família e viúva não desamparada”¹⁰⁴⁹. Na mesma carta, Proba e Juliana são admoestadas a darem o exemplo para as outras viúvas e virgens, das quais elas eram as responsáveis¹⁰⁵⁰. Com isso, supomos a existência de um agrupamento especial de mulheres que eram sustentadas, sobretudo, pelas matronas cristãs. A família de Proba, uma das mais ricas, certamente, exercia uma

¹⁰⁴⁴ BROWN, P., Santo Agostinho, p. 425.

¹⁰⁴⁵ AGOSTINHO de Hipona. Carta 130: a Proba, 2, 4, p. 188.

¹⁰⁴⁶ AGOSTINHO de Hipona. Carta 130: a Proba, 6, 13, p. 196.

¹⁰⁴⁷ VERAS, P.C.A., *Domina insigni et merito illustri*, p.89.

¹⁰⁴⁸ AGOSTINHO de Hipona. Carta 130: a Proba, 1, 1, p. 185.

¹⁰⁴⁹ AGOSTINHO de Hipona. Carta 130: a Proba, 1, 1, p. 185.

¹⁰⁵⁰ AGOSTINHO de Hipona. Carta 130: a Proba, 16, 30, p. 212.

função de liderança na comunidade romana, pois conforme Aquilina e Bailey, no tempo em que Roma vivia sob ataques, era comum as mulheres ricas fundarem em suas próprias casas comunidades para abrigarem viúvas e virgens cristãs¹⁰⁵¹. As próprias palavras de Agostinho comprovam tal realidade: “Que cada uma de vós faça o que estiver em suas forças. O que uma não consegue fazer, ela o faça por meio de outras que o consegue – se ela aprecia o que essa outra faz e o que as suas próprias forças não lhe permitem realizar”¹⁰⁵².

Na carta 131, logo na saudação, constatamos a posição social ocupada por Proba, pois, nas palavras de Agostinho, ela era uma “senhora insigne, justamente ilustre”¹⁰⁵³. Muito além de qualquer privilégio obtido por Proba, por conta da sua condição social, o que honrou a sua condição foi o fato de demonstrar tão grande interesse por assuntos que demandavam a atenção de Agostinho. Tal situação pode ser constatada a partir do começo da carta 131, quando Agostinho afirma que ela tinha “razão ao dizer que a alma, habitando um corpo corruptível, vê-se impregnada por certo contágio terreno”¹⁰⁵⁴. Provavelmente Proba já havia suscitado o assunto em uma correspondência anterior. Isto é relevante para elevar a condição de Proba, não por pertencer a uma nobre família romana, mas pelo seu alto nível intelectual. Nesta mesma carta, Agostinho realçou a estreita amizade que mantinha com Proba, ao agradecê-la pelo fato de ela ter apresentado uma preocupação com o seu estado físico: “Retribuo, pois, a saudação obsequiosa devida à tua excelência e dou-te graças por teres demonstrado tão solícita preocupação por minha saúde”¹⁰⁵⁵.

Outra mulher da família de Proba foi motivo para Agostinho escrever uma carta, neste caso, a de número 150. Estamos diante da cerimônia da tomada de véu, *velatio*, por parte de Demétria, a filha de Juliana e neta de Proba. Uma jovem que mereceu relevantes elogios de Agostinho, pois era “nobre por linhagem e mais nobre por sua santidade”¹⁰⁵⁶. A neta de Proba, ao optar pela consagração virginal, passou a ser, de acordo com Agostinho, um modelo a ser seguido pelas outras mulheres, pois era preferível que elas almejassem a santidade de Demétria, antes do que as suas riquezas¹⁰⁵⁷. Nesta carta, também é destacado o apreço que

¹⁰⁵¹ AQUILINA, M.; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 129.

¹⁰⁵² AGOSTINHO de Hipona. Carta 130: a Proba, 16, 31, p. 212.

¹⁰⁵³ AGOSTINHO de Hipona. Carta 131: a Proba, p. 216.

¹⁰⁵⁴ AGOSTINHO de Hipona. Carta 131: a Proba, p. 216.

¹⁰⁵⁵ AGOSTINHO de Hipona. *Dos bens do matrimônio*, p. 217.

¹⁰⁵⁶ AGOSTINHO de Hipona. *Dos bens do matrimônio*, p. 220.

¹⁰⁵⁷ AGOSTINHO de Hipona. *Dos bens do matrimônio*, p. 221.

Agostinho mantinha por aquela família de nobres mulheres, como pode ser constatado em uma das saudações: “Que vos proteja e conserve felizes a destra do Altíssimo, senhoras e filhas digníssimas de honra”¹⁰⁵⁸.

A neta de Proba foi alvo não apenas das palavras de Agostinho, mas também de outro grande Padre da Igreja, a saber, Jerônimo. Ainda por ocasião da *velatio* de Demétria, ele dedicou uma correspondência para a jovem, sobretudo com orientações a respeito da conservação da virgindade. O que nos interessa para o momento são os elogios traçados por Jerônimo em relação à vida e à decisão de Demétria, pois isto foi considerado um grande acontecimento para aquele tempo, conforme descrito na carta:

Todas as Igrejas na África regozijaram-se com alvoroço. Não somente nas cidades, vilas e aldeias, mas também nas choupanas misérrimas penetrou a notícia deste célebre acontecimento. Todas as ilhas que medeiam entre a África e a Itália encheram-se de gozo com esta notícia; transpondo obstáculos insuperáveis propagou-se ao longe a alegria¹⁰⁵⁹.

Nas palavras de Jerônimo, Demétria era uma jovem com incrível fortaleza de alma, pois optou por uma vida de mortificação ao invés de usufruir da condição de uma nobre, cercada por pedras preciosas e sedas¹⁰⁶⁰. Um relato relevante que demonstra a grandeza desta jovem também está presente na carta, pois, de acordo com Jerônimo, outras nobres matronas, ao encontrarem Demétria na África, “tiveram ocasião de ver e conhecer a piedosa jovem”¹⁰⁶¹. A avó de Demétria também mereceu elogios, pois, de acordo com Jerônimo, ela “trazia o nome mais ilustre de todas as dignidades e de toda a nobreza do mundo romano, cujas virtudes e bondade eram conhecidas até nos confins do orbe, sendo objeto de veneração mesmo entre os bárbaros”¹⁰⁶².

Juliana, a mãe de Demétria, também fez um pedido para Agostinho, solicitando que escrevesse a respeito do estado de viuvez, pois ficara viúva do cônsul Anício Olíbrio, filho de Proba. No começo do texto, já fica evidente a preocupação de Juliana em viver dignamente no estado civil em que se encontrava, conforme as palavras de Agostinho: “Encarregaste-me disso, de viva voz, e não pude negá-lo. Frequente vezes, depois, insististe por carta para que eu cumprisse o

¹⁰⁵⁸ AGOSTINHO de Hipona. Dos bens do matrimônio, p. 221.

¹⁰⁵⁹ JERÔNIMO. Carta a Demetria, p. 16.

¹⁰⁶⁰ JERÔNIMO. Carta a Demetria, p. 11.

¹⁰⁶¹ JERÔNIMO. Carta a Demetria, p. 12.

¹⁰⁶² JERÔNIMO. Carta a Demetria, p. 18.

prometido”¹⁰⁶³. O trecho serve também para demonstrar o quão próximo Agostinho era da família de Proba.

Agostinho deixou registrada a sua admiração pela forma como Juliana havia educado os membros da família: “Possuis filhos, ao passo que Ana, talvez não os tenha tido. Teu mérito, aliás, não é de os ter tido, mas de teres posto todo teu zelo a educá-los, e educá-los na piedade”¹⁰⁶⁴. Ele ainda exaltou a autoridade de Juliana na forma de educar: “Que eles tenham nascido é consequência da fecundidade. Que vivam é uma felicidade. Que tenham sido educados, como o foram, é questão de teu querer e de tua autoridade”¹⁰⁶⁵. Juliana passou a ser, de acordo com Agostinho, um modelo de educadora a ser seguido: “Que os homens te felicitem de os terem tido, mas que imitem tua maneira de os educar”¹⁰⁶⁶.

Não restam dúvidas de que a família de Proba era composta por mulheres de honra, não por conta da condição social, mas em virtude de suas atitudes em prol do cristianismo, pois ali estavam presentes duas grandes e relevantes vocações para a vida da Igreja, ou seja, o estado de viuvez com Proba e Juliana, e a virgindade consagrada com Demétria. Na concepção de Agostinho, a família de Proba exerceu grande liderança naquela comunidade, a ponto de ser considerada uma igreja doméstica¹⁰⁶⁷.

4.4.3

O círculo do Aventino e Jerônimo

Jerônimo é considerado um dos quatro grandes Padres Doutores da Igreja do Ocidente e, por isso mesmo, é relevante qualquer ação que ele tenha feito benefício das mulheres, principalmente a partir dos seus escritos, pois, de acordo com Cassiodoro, são “felizes aqueles a quem São Jerônimo escreveu!”¹⁰⁶⁸. As cartas de Jerônimo constituem uma fonte abundante de informações relacionadas com a sua proximidade e companheirismo com várias mulheres. Francisco de Sales, por exemplo, na obra *Introdução à vida devota*, indicou a leitura do epitáfio de Paula, escrito por Jerônimo¹⁰⁶⁹. Podemos afirmar que Jerônimo foi agraciado ao conviver

¹⁰⁶³ AGOSTINHO de Hipona. Dos bens do matrimônio, p. 227.

¹⁰⁶⁴ AGOSTINHO de Hipona. Dos bens do matrimônio, p. 249.

¹⁰⁶⁵ AGOSTINHO de Hipona. Dos bens do matrimônio, p. 249.

¹⁰⁶⁶ AGOSTINHO de Hipona. Dos bens do matrimônio, p. 249.

¹⁰⁶⁷ AGOSTINHO de Hipona. Dos bens do matrimônio, p. 268.

¹⁰⁶⁸ JERÔNIMO. Cartas espirituais, p. 12.

¹⁰⁶⁹ FRANCISCO de Sales. Introdução à vida devota, p. 119.

com as amigas cristãs, em um determinado período da sua vida, o que ficou conhecido como o Círculo do Aventino.

Jerônimo, por conta de sua capacidade, tornou-se o secretário do papa Dâmaso, por volta dos anos 382 e 385, quando começou o seu magistral trabalho de tradução da Bíblia do hebraico para o latim. Além dessa tarefa, o papa Dâmaso também

indicou-o a participar de reuniões com um grupo de mulheres de família senatorial, que se encontravam para estudar as Escrituras, entre outras práticas cristãs. Jerônimo assumiu a posição de instrutor, mestre, conselheiro espiritual e propagandista da vida ascética para essas nobres damas, também no período de 382 a 385. Esse local de encontro de mulheres aristocráticas ficou conhecido como “Círculo do Aventino”, pois tinha lugar na casa de Marcela, situada no Monte Aventino¹⁰⁷⁰.

Acreditamos ser uma tarefa muito difícil mensurar o quanto se produziu nestes encontros entre Jerônimo e as nobres amigas cristãs. Porém, é certo que estamos diante de um ambiente elevado, tanto do ponto de vista intelectual quanto do espiritual, e de acordo com Leite, “o Aventino destacava-se por dois fatores: era constituído por nobres mulheres romanas e a experiência cristã ali vivida era de natureza ascética-erudita”¹⁰⁷¹. Jerônimo passou, aproximadamente, um período de três anos em Roma e, de acordo com Kelly, foram um dos mais felizes de sua vida¹⁰⁷².

Dentre as nobres romanas que participaram ativamente do Círculo do Aventino, podemos citar: Paula, Eustóquia, Asela, Blesila, Felicidade, Marcelina, Leia e Marcela. Essa última pode ser considerada a líder deste distinto agrupamento feminino e, conforme Coelho, “essa viúva consagrada foi uma das precursoras do monacato feminino na cidade de Roma”¹⁰⁷³. Com o passar do tempo, outras mulheres uniram-se ao Círculo do Aventino, como, por exemplo, Príncípia e Fabíola.

Não restam dúvidas de que, naquele período, tais mulheres detinham uma autoridade considerável frente à comunidade cristã na cidade de Roma, tendo Jerônimo como o grande incentivador e condutor, sobretudo nos estudos das Escrituras. Na carta a Eustóquia, por exemplo, ele faz a seguinte recomendação: “Dedicaí o maior tempo que pudesdes à leitura e aprendei o mais possível. Deixai

¹⁰⁷⁰ MARTINS, M.C.S., O Círculo do Aventino na Roma do século IV, p. 181.

¹⁰⁷¹ LEITE, E.S., O cristianismo jeronimiano e as nobres mulheres de Roma, p. 85.

¹⁰⁷² KELLY, J.N.D., Jerome, p. 91.

¹⁰⁷³ COELHO, F.S., As matronas da Igreja de Roma na antiguidade tardia, p. 137-160.

que o sono vos surpreenda com a pena na mão e que página santa seja a suave almofada da vossa cabeça, vencida pela fadiga”¹⁰⁷⁴.

Uma das amigas mais próximas de Jerônimo foi a nobre Marcela. Das cartas, pelo menos dezoito foram endereçadas para ela¹⁰⁷⁵, ou seja, estamos diante de uma mulher que mereceu uma grande atenção da parte de um dos homens mais inteligentes daquela época. A capacidade intelectual desta mulher, pode ser constada a partir das próprias palavras de Jerônimo, ao afirmar, na carta 41, que Marcela dominava perfeitamente as Escrituras¹⁰⁷⁶. Em outra carta ela é chamada, de forma carinhosa e até mesmo irônica, por Jerônimo de ἐργοδιώκτης¹⁰⁷⁷, ou seja, uma espécie de supervisora dos trabalhos realizados por ele. Nada mais claro para demonstrar o quanto Marcela era altamente capacitada para liderar outras mulheres no estudo das Escrituras, e também para caminhar com Jerônimo no fascinante e complexo mundo da exegese bíblica. Na carta 29, por exemplo, Jerônimo emite um desabafo ao afirmar sobre as correspondências trocadas com Marcela: “Você, porém, absorta em seus tratados, não me escreve sobre nada, exceto para me submeter à tortura e me forçar a mexer nas Escrituras”¹⁰⁷⁸. Jerônimo, um dos maiores estudiosos bíblicos de todos os tempos, é forçado a estudar ainda mais devido às inquietações exegéticas da sua amiga Marcela.

A principal fonte de informação a respeito da vida de Marcela pode ser obtida a partir da carta que Jerônimo endereçou para Príncípia, por volta do ano 412. De acordo com ele, Marcela foi uma santa mulher que todos deviam imitar, pois “tendo desprezado a riqueza e a nobreza, tornou-se mais nobre pela pobreza e pela humildade”¹⁰⁷⁹. De acordo com Jerônimo, a sua amiga recebia visitas de padres e bispos, que a procuravam em busca de explicações sobre alguma passagem obscura das Escrituras¹⁰⁸⁰. Certamente estamos diante de uma mulher que viveu à frente de seu tempo, não apenas pela sua forte personalidade, mas, principalmente, pelo seu conhecimento a respeito das Escrituras.

Em virtude do que Jerônimo escreveu sobre a amiga, podemos constatar que Marcela tinha as condições necessárias para entrar em debates que envolviam

¹⁰⁷⁴ JERÔNIMO. Cartas espirituais. Carta 22, 17, p. 36.

¹⁰⁷⁵ AQUILINA, M., BAILEY, C., Madres da Igreja, p. 91.

¹⁰⁷⁶ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario I, p. 360.

¹⁰⁷⁷ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario I, p. 276.

¹⁰⁷⁸ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario I, p. 280.

¹⁰⁷⁹ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario II, p. 613.

¹⁰⁸⁰ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario II, p. 620.

complexas questões exegéticas. É muito relevante, por exemplo, o fato dela aparecer no centro da condenação de alguns hereges do seu tempo, como pode ser comprovado a partir das palavras de Jerônimo: “Ela está na origem da condenação dos hereges. Foi ela quem apresentou testemunhas, que primeiro foi instruída por eles e que mais tarde corrigiu seu erro herético”¹⁰⁸¹. Ainda de acordo com Jerônimo, os hereges nem sequer se atreviam a comparecer diante de Marcela e, com isso, preferiam ser condenados¹⁰⁸². Diante de tantas evidências a respeito da autoridade desta nobre romana, podemos refletir: ela era feliz por fazer parte do círculo de amizades de Jerônimo ou era ele quem teve o privilégio de caminhar ao lado de uma mulher do porte de Marcela?

Além de Marcela, uma outra extraordinária mulher foi integrante ativa do Círculo do Aventino, a saber: Paula. Da mesma forma do que a amiga, Paula também mantinha o desejo de conhecer a fundo as Escrituras e isso implicava, necessariamente, o conhecimento da língua grega e hebraica, além da exegese bíblica¹⁰⁸³. A epístola 30, por exemplo, é uma resposta de Jerônimo para um questionamento feito por Paula em relação ao sentido místico do alfabeto hebraico, sobretudo na exegese do salmo 118. Com isso, ela recebeu, na parte final da epístola, merecidos elogios, pois, conforme Jerônimo, o que poderia haver de mais maravilhoso do que conhecer a sabedoria de Deus e ser instruídos pela sua palavra¹⁰⁸⁴?

Dentre as mulheres que acompanharam Jerônimo, sobretudo as que fizeram parte do Círculo do Aventino, conforme Maraval, Paula será “a discípula mais fiel, a ovelha modelo”¹⁰⁸⁵. Não apenas a casa de Marcela foi relevante para o cristianismo em Roma, mas também a residência de Paula teve importância, pois, de acordo com Jerônimo, o bispo Epifânio ficou hospedado na casa dela¹⁰⁸⁶ por volta dos anos 382. Na epístola 54, Jerônimo escreve para a viúva Fúria citando a nobre Paula e a filha Eustóquia: “Abstenho-me de falar aqui de Paula e Eustóquia, flores da vossa raça, para não vos dar a impressão de que aproveito esta ocasião em que vos aconselho, para as elogiar”¹⁰⁸⁷.

¹⁰⁸¹ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario II, p. 623.

¹⁰⁸² VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario II, p. 623.

¹⁰⁸³ MARTINS, M.C.S., O Círculo do Aventino na Roma do século IV, p. 182.

¹⁰⁸⁴ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario I, p. 294.

¹⁰⁸⁵ MARAVAL, P., Jerônimo, p. 47.

¹⁰⁸⁶ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario II, p. 220.

¹⁰⁸⁷ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario I, p. 506.

O respeito que Jerônimo demonstrava com Paula era imenso, pois na carta endereçada à Eustóquia, filha de Paula, ele comparou a nobre amiga com o patriarca Abraão:

Eustoquia, pode ter certeza; você tem a riqueza de um grande patrimônio. A tua sorte é o Senhor e, para te fazer ainda mais feliz, a tua mãe recebeu a coroa de um longo martírio. Não apenas o derramamento de sangue é considerado uma confissão de fé: o serviço imaculado de uma alma fiel também é martírio. Sua mãe, eu digo, ouviu o que Abraão disse: Deixe sua terra e seus parentes e vá para a terra que Eu mostrarei, e ao Senhor, que ordena por Jeremias: Fugi da Babilônia e salvai vossas almas¹⁰⁸⁸.

Uma das biografias mais belas escritas por Jerônimo foi realizada em forma de um elogio fúnebre dedicado à nobre Paula. Ao longo da epístola 108, Jerônimo demonstrou o quanto ele prezava pela amizade e companhia da amiga, ao afirmar que não estavam tristes por perdê-la para a morte, mas “agradeciam a Deus por ainda tê-la por amiga”¹⁰⁸⁹. Ainda nas palavras de Jerônimo, quem havia “encontrado nos lugares santos um ser humano mais admirável que Paula¹⁰⁹⁰?” De acordo com Almeida, a atuação de Paula, “não somente na ação social, mas também na divulgação das Escrituras, bem como sua ajuda à obra literária de Jerônimo produziram frutos para a vida eterna”¹⁰⁹¹. Neste contexto, podemos comprovar o nível de cumplicidade existente entre Jerônimo e as mulheres que faziam parte de seu convívio. Mas também é possível constatar que entre elas também havia o mesmo sentimento, ou seja, o amor mútuo na vivência dos preceitos cristãos.

Na epístola 46, Paula e Eustóquia, residindo na Terra Santa, escrevem para a amiga Marcela com o intuito de que ela também fosse morar com elas. Tal pedido retrata bem a maneira de como elas estabeleceram um vínculo não apenas de amizade, mas, sobretudo, de compromisso com os valores cristãos. Certamente o que unia aquelas nobres mulheres era mais do que um simples afeto, mas uma aspiração por compartilharem um mesmo estilo de vida, como pode ser constatado em um dos trechos mais belos da epístola:

Você, que foi a primeira a acender a faísca da nossa fogueira; você, que com sua palavra e seu exemplo nos exortou a abraçar esse tipo de vida, e como uma galinha abrigou seus pintinhos sob suas asas, você vai agora nos permitir voar livremente sem mãe, ser aterrorizado pelo falcão e se assustar com cada sombra de passarinho que passa voando¹⁰⁹²?

¹⁰⁸⁸ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario II, p. 263.

¹⁰⁸⁹ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario II, p. 215.

¹⁰⁹⁰ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario II, p. 217.

¹⁰⁹¹ ALMEIDA, R.S., Vozes femininas no início do cristianismo, p. 285.

¹⁰⁹² VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario I, p. 375.

Quase ao final da epístola, Paula e Eustóquia deixam transbordar a ansiedade e o desejo de que elas pudessem estar com a amiga Marcela na Terra Santa: “Quando chegará o dia em que um mensageiro exausto e sem fôlego nos traga a notícia de que Marcela desembarcou na costa da Palestina? Todos os coros de monges e esquadrões inteiros de virgens explodirão em gritos de alegria”¹⁰⁹³. Constatamos que não é possível tratar o Círculo do Aventino apenas como um local de encontro para as nobres mulheres, mas estamos diante de um espaço muito mais amplo, a partir do qual as mulheres demonstravam as disposições necessárias, tanto para levar a sério as exigências de uma vida ascética, assim como o estudo das Escrituras, criando assim profundos vínculos de amizade e respeito, que nem a distância poderia romper. As palavras de Ratzinger podem ser utilizadas em relação ao grau de proximidade que existia entre aquelas mulheres: “Pessoas que se unem porque foram tocadas pelo Espírito Santo são mais próximas entre si quando poderiam ser por parentesco”¹⁰⁹⁴.

É relevante demonstrar o quanto a vida de Jerônimo foi impactada ao conviver com as mulheres do Aventino, sobretudo quando ele tomava conhecimento da morte de algumas de suas amigas. No caso da família de Paula, por exemplo, ele ficou consternado e manifestou este sentimento por escrito, tanto por ocasião da morte de Eustóquia, quanto na passagem de Blesila. Em relação à primeira, ele declarou: “Quanto a mim, a súbita dormência da santa e venerável Virgem de Cristo Eustóquia entristeceu-me muito e quase mudou o ritmo da minha vida, a tal ponto que não consigo fazer muitas das coisas que gostaria de fazer”¹⁰⁹⁵. Sobre Blesila, Jerônimo deixou um dos registros mais emocionados dentre todas as suas cartas:

Onde quer que os ecos da minha palavra queiram chegar, Blesila peregrinará com os meus escritos. Virgens, viúvas, monges, padres que me lerem saberão que tenho isso gravado em minha alma. O breve espaço da sua vida será compensado por uma lembrança eterna¹⁰⁹⁶.

Dentre as demais mulheres que participavam do Círculo do Aventino, podemos citar a virgem Príncípia que, após a partida de Jerônimo para a Terra Santa, viveu na companhia de Marcela e Asela. Através da epístola 65, Jerônimo

¹⁰⁹³ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario I, p. 389.

¹⁰⁹⁴ ASSUNÇÃO, R.A. (Org.), Ser cristão na era neopagã, p.39.

¹⁰⁹⁵ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario II, p. 835.

¹⁰⁹⁶ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario I, p. 353.

expõe a exegese do Salmo 44 para a jovem romana, a fim de demonstrar o sentido místico da virgindade. A epístola comprova a relação de proximidade entre Jerônimo e as amigas do Aventino, pois logo no começo ele precisou apresentar uma autodefesa contra as acusações que recebia: “Minha filha em Cristo, Príncípia, sei que muitos me censuram por escrever frequentemente às mulheres e por preferir o sexo mais fraco aos homens”¹⁰⁹⁷. Apesar do aspecto machista, precisamos compreender o texto de um outro ponto de vista. Nos primeiros parágrafos da epístola, ele faz uma verdadeira apologia em favor da grandeza e da relevância das mulheres ao longo de toda a história da Salvação. Após a explanação inicial, Jerônimo apresenta uma belíssima explicação: “Tudo isto, venerável filha, resumi brevemente para que não te envergonhes do teu sexo, pois as Sagradas Escrituras elogiam a vida das mulheres”¹⁰⁹⁸. Na epístola 54, endereçada à viúva Fúria, Jerônimo também apresenta uma espécie de defesa contra as acusações: “À parte esta nossa correspondência, pode dizer-se que nos ignoramos mutuamente. O único traço de união que existe entre nós é a piedade, posto que nem de vista nos conhecemos”¹⁰⁹⁹. Constatamos serem abundantes as formas através das quais Jerônimo mantinha contato com aquelas nobres mulheres.

Neste contexto, verificamos o quão importante foi o Círculo do Aventino para o cristianismo daquele período em Roma, com destaque para a liderança de Marcela, acompanhada por Jerônimo. De acordo com Aso, “estas mulheres foram referência de um grupo nobre em ascensão. Estas mulheres conseguiram junto a um asceta reconhecido alcançarem uma legitimidade incontestável”¹¹⁰⁰. Um fato relevante é que elas não precisaram sair de Roma para praticar o ascetismo, como geralmente acontecia com os homens e as mulheres que partiam para o deserto em busca deste estilo de vida. Conforme Aso, em relação ao Círculo do Aventino, as aspirações monásticas daquelas mulheres aconteciam na própria residência, e, “ainda dentro de seus palácios desenvolviam um modelo de ascetismo feminino que, mesmo carente de organização e regras fixas, foi o âmbito no qual consolidaram seu novo universo ascético”¹¹⁰¹.

¹⁰⁹⁷ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario I, p. 646.

¹⁰⁹⁸ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario I, p. 649.

¹⁰⁹⁹ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario I, p. 507.

¹¹⁰⁰ ASO, G.G., Busca a sabedoria e (...) ela te cercará com seus braços, p. 149.

¹¹⁰¹ ASO, G.G., Busca a sabedoria e (...) ela te cercará com seus braços, p. 150.

As mulheres que faziam parte do Círculo do Aventino não buscavam apenas a vivência da castidade e o ascetismo, mas também se debruçavam sobre os estudos bíblicos, pois conforme Leite, “o Círculo do Aventino constituía-se, antes de tudo, de uma escola de nobres mulheres eruditas e castas”¹¹⁰². Certamente estamos diante de um círculo formado por nobres mulheres e que foram responsáveis, juntamente com Jerônimo, pela produção de grandes frutos para o cristianismo não apenas romano, mas universal.

4.5

Referências aos Padres da Igreja no magistério recente sobre a mulher

Desde que assumiu a Sé de Pedro, o Papa Francisco demonstra o quão relevante é o tema a respeito da participação das mulheres na vida da Igreja. No decorrer do seu pontificado, são diversos os pronunciamentos e atitudes em prol de uma maior consideração e valorização das mulheres. Porém, os atos de Francisco não são isolados, pois o magistério católico já tratou sobre a relevância das mulheres, não apenas para a vida eclesial, mas também para a vida social. Desde o pontificado do papa Paulo VI até ao de Francisco, as mulheres recebem uma atenção mais do que merecida por tudo o que elas já fizeram em benefício do cristianismo ao longo de toda a história.

O papa Paulo VI, durante a realização do Concílio Vaticano II, redigiu uma mensagem especial para todas as mulheres, sejam elas “de todas as condições, que constituís a metade da humanidade: filhas, esposas, mães e viúvas, como também virgens consagradas e celibatárias”¹¹⁰³. Nas palavras de Paulo VI, era chegada a “hora de se realizar plenamente a vocação da mulher na sociedade, de influência e poder jamais alcançados no passado”¹¹⁰⁴. Com isso, o papa deixou explícito que as mulheres devem viver plenamente a sua vocação e, assim, “podem-se tornar o sustentáculo da humanidade”¹¹⁰⁵.

Ainda de acordo com Paulo VI, ao lado de Maria estão as mulheres que sofrem e auxiliam aqueles que precisam, pois “tantas vezes na história destes aos homens a força de lutar até o fim, de testemunhar até o martírio, ajudai-os ainda

¹¹⁰² LEITE, E.S., O deserto nas cartas de São Jerônimo, p. 105.

¹¹⁰³ PAULO VI, Mensagens do Concílio à Humanidade, p. 132.

¹¹⁰⁴ PAULO VI, Mensagens do Concílio à Humanidade, p. 132

¹¹⁰⁵ PAULO VI, Mensagens do Concílio à Humanidade, p. 132

hoje a empreender com audácia o que vale a pena e a ter paciência nas dificuldades”¹¹⁰⁶. Paulo VI deixou uma missão para as mulheres: levar adiante o espírito do Concílio, de modo que este pudesse “penetrar nas instituições, nas escolas, nos lares e na vida de todo o dia”¹¹⁰⁷. Embora o papa Paulo VI tenha deixado esta missão para as mulheres, ao longo da realização do Concílio Vaticano II não foi um movimento fácil o acolhimento das mulheres nas comissões, haja vista que “durante a primeira sessão do Concílio não estiveram lá mulheres, exceto umas poucas jornalistas que, além do mais, não foram admitidas a todos os encontros preparatórios”¹¹⁰⁸.

A abertura para as mulheres estarem presentes, ativamente, na realização do Concílio Vaticano II surgiu apenas a partir da segunda sessão, quando, no ano de 1963, o cardeal Suenes, “ao falar da Igreja e dos dons que o Espírito Santo derrama sobre todos os seus membros, propôs que se convidassem também mulheres auditoras”¹¹⁰⁹. Embora a proposta não tenha sido bem recebida por todos, significava, pelo menos, o primeiro passo de uma caminhada bastante proveitosa, como uma espécie de porta deixada entreaberta.

Um dos auditores leigos do Concílio, Vittorino Veronese, fez um apelo a fim de que o número dos auditores aumentasse, mas não apenas isto, ao apresentar também a proposta de uma abertura para a “insubstituível cooperação feminina”¹¹¹⁰. Entre as vinte e três mulheres que tiveram a oportunidade de participar como auditoras do Concílio, estiveram dez protagonistas religiosas e treze protagonistas leigas, oriundas de vários continentes, inclusive três representantes da América Latina, a saber: Luz María L. Gama (México), Margarita Moyano Llerena (Argentina) e Gladys Parentelli (Uruguai), todas leigas. Segundo as palavras de Llerena, “as mulheres vão sempre no fim; mas, afinal, o importante é que vão”¹¹¹¹.

Além da participação como auditoras, as mulheres também são citadas nos documentos produzidos ao longo do Concílio. No Decreto *Apostolicam actuositatem* sobre o apostolado dos leigos, por exemplo, em relação aos diversos campos de apostolado, foi exposto que “hoje, quando as mulheres participam cada vez mais ativamente da vida social, é conveniente que intensifiquem também sua

¹¹⁰⁶ PAULO VI, Mensagens do Concílio à Humanidade, p. 132.

¹¹⁰⁷ PAULO VI, Mensagens do Concílio à Humanidade, p. 133.

¹¹⁰⁸ VALERIO, A., A presença feminina no Vaticano II, p. 41.

¹¹⁰⁹ VALERIO, A., A presença feminina no Vaticano II, p. 42.

¹¹¹⁰ KOMONCHAK, J. A., Storia del Concilio Vaticano II, p. 40.

¹¹¹¹ VALERIO, A., A presença feminina no Vaticano II, p. 183.

participação nos diversos campos de apostolado na Igreja”¹¹¹². Mesmo que ainda essa participação feminina não tenha chegado ao estado ideal, é inegável que muitos avanços aconteceram desde a realização do Vaticano II. No Decreto *Ad gentes*, sobre a atividade missionária da Igreja, as mulheres, ao lado dos homens, estão incluídas em um exército dos catequistas, animadas por um “espírito apostólico, que prestam indispensável auxílio ao crescimento da fé e da Igreja nos países de missão”¹¹¹³. O protagonismo das mulheres na atividade catequética e na vida missionária é de fácil constatação, bastando conhecer um pouco as comunidades paroquiais para comprovar que elas são a maioria. De acordo com o papa João Paulo II, na exortação apostólica *Christifideles laici*,

Várias situações eclesiais devem lamentar a ausência ou a presença demasiado fraca dos homens, uma parte dos quais abdica das próprias responsabilidades eclesiais, deixando-as ao cuidado exclusivo das mulheres, como, por exemplo, a participação na oração litúrgica na Igreja, a educação e, em especial, a catequese dos próprios filhos e das outras crianças, a presença em encontros religiosos e culturais, a colaboração em iniciativas caritativas e missionárias¹¹¹⁴.

Em um discurso pós-Concílio, o papa Paulo VI dirigindo-se às participantes do Encontro Nacional do Centro Feminino Italiano, frisou que “aparece com evidência que a mulher é destinada a fazer parte da estrutura viva e operante do cristianismo de modo tão relevante que, talvez, ainda não tenham sido enucleadas todas as suas virtualidades”¹¹¹⁵. O pontífice deixou subentendido que são tantas as formas de contribuição feminina, que ainda não fomos suficientemente capazes de compreender o papel e a importância das mulheres na dinâmica da vida eclesial.

Seguindo os passos de Paulo VI, porém indo um pouco além, o papa João Paulo II dedicou uma carta apostólica para tratar sobre a dignidade e a vocação da mulher na Igreja, a saber: *Mulieris dignitatem*. Sobre a presença das mulheres no evangelho, o papa declarou que “em todo o ensinamento de Jesus, como também no seu comportamento, não se encontra nada que denote a discriminação, própria do seu tempo, da mulher”¹¹¹⁶. Tal afirmação é um apontamento claro e direto de que as mulheres sempre tiveram a possibilidade de caminhar ao lado de Jesus, mesmo que da parte dos outros sofressem discriminação, inclusive aquelas que

¹¹¹² CONCÍLIO VATICANO II, Decreto *Apostolicam actuositatem* 9.

¹¹¹³ CONCÍLIO VATICANO II, Decreto *Ad gentes* 17.

¹¹¹⁴ CL 52.

¹¹¹⁵ MD 1.

¹¹¹⁶ MD 13.

eram consideradas pecadoras públicas. É relevante destacar que essas mesmas mulheres, após o encontro com Jesus, tornaram-se discípulas e missionárias. Ainda de acordo João Paulo II, “o modo de agir de Cristo, o Evangelho de suas obras e palavras é um protesto coerente contra tudo quanto ofende a dignidade da mulher”¹¹¹⁷, pois é preciso reconhecer a igualdade “essencial do homem e da mulher do ponto de vista da humanidade”¹¹¹⁸. De acordo com Clemente de Alexandria, “tendo o homem e a mulher o mesmo tipo de vida, igualmente tomam parte das mesmas graças e da mesma salvação. São amados de Deus pelo mesmo amor; instruídos com os mesmos cuidados”¹¹¹⁹.

Os dados bíblicos são fundamentais para constataremos que no cerne do evento salvífico as mulheres estão presentes. A partir do relato da Anunciação (Lc 1,26-38), conforme Orígenes, “o princípio da salvação teve seu começo com as mulheres”¹¹²⁰. E no momento que fundamenta toda a essência do cristianismo, ou seja, a ressurreição de Jesus, quem primeiro passou pela experiência do encontro com o ressuscitado foi Maria Madalena. De acordo com Cirilo de Alexandria ela tinha uma fé tão forte que “não pensava menos em Cristo por causa da sua morte na cruz, mas mesmo quando ele estava morto chamou-o de Senhor, como ela sempre fez, mostrando assim um espírito verdadeiramente amante de Deus”¹¹²¹. O próprio Jesus sempre manteve uma atitude de acolhimento para com as mulheres, independentemente da situação em que viviam, e rechaçava qualquer tipo de impedimento que levasse ao afastamento da companhia feminina.

De acordo com o papa, “mesmo diante de graves discriminações sociais, as mulheres santas agiram de modo livre, fortalecidas pela sua união com Cristo”¹¹²². As mulheres, ao longo da história, sabiamente conseguiram viver na liberdade das filhas de Deus e sempre puderam recorrer, como mestra e modelo, àquela que declarou que grandes coisas Deus havia realizado em seu favor (Lc 1,49), pois de acordo com João Paulo II, “esta é a descoberta de toda a riqueza, de todos os recursos pessoais da feminilidade, de toda a eterna originalidade da mulher, assim

¹¹¹⁷ MD 15.

¹¹¹⁸ MD 6.

¹¹¹⁹ CLEMENTE de Alexandria. O Pedagogo I, IV.

¹¹²⁰ ORÍGENES. Homilias sobre o Evangelho de Lucas, p. 71.

¹¹²¹ ELOWSKY, J.C.; ODEN, T. (Eds.), *Ancient Christian Commentary on Scripture*, p. 339.

¹¹²² MD 27.

como Deus a quis, pessoa por si mesma, e que se encontra contemporaneamente por um dom sincero de si mesma”¹¹²³.

A vocação e a dignidade da mulher na Igreja têm o seu fundamento nas palavras e obras de Jesus, onde é possível constatar uma igualdade evangélica, ou seja, uma paridade da mulher e do homem perante Deus. Os Padres da Igreja buscavam uma fundamentação na lei divina para demonstrar que, diante de Deus, todos recebem o mesmo tratamento, tanto os homens quanto as mulheres, como podemos atestar nas palavras de Jerônimo¹¹²⁴: “Mas entre nós, cristãos, o que é ilegal para as mulheres é igualmente ilegal para os homens, e como ambos servem ao mesmo Deus, ambos estão sujeitos às mesmas obrigações”¹¹²⁵. Ele também afirma que “no serviço de Deus não é a diferença dos sexos que tem valor, mas a do espírito”¹¹²⁶. De acordo com Agostinho, a lei divina deve ser cumprida por ambos os sexos, ou seja, se o homem deseja que a mulher seja pura, ele também deve ser puro, de modo que não se engane, dizendo que “não é possível para ela e impossível para você. Se fosse impossível, também não seria possível para ela”¹¹²⁷. O papa João Paulo II afirma que a vocação, seja ela qual for, é sempre pessoal e profética, e “na vocação assim entendida, a personalidade da mulher atinge uma nova medida: a medida das grandes obras de Deus, das quais a mulher se torna sujeito vivo e testemunha insubstituível”¹¹²⁸. Este testemunho enriquece a Igreja, sobretudo quando brota a partir daquelas mulheres, que ao longo de toda a história, sempre almejavam uma vida santa, mesmo diante das grandes dificuldades e discriminações, tornando-se “um modelo para todos os cristãos, um modelo de *sequela Christi*, um exemplo de como a Esposa deve responder com amor ao amor do Esposo”¹¹²⁹. As mulheres estão no rol dos melhores exemplos em relação ao seguimento de Jesus Cristo, como, por exemplo, a matrona Paula que, nas palavras de Jerônimo, “foi nobre em seu nascimento, porém muito mais nobre em santidade, pois é mais conhecida pela pobreza que adotou por causa da imitação de Cristo”¹¹³⁰.

¹¹²³ MD 11.

¹¹²⁴ Um dos vários elogios fúnebres compostos por Jerônimo. Neste caso, a epístola 77 é em homenagem a nobre Fabíola.

¹¹²⁵ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario I, p. 780.

¹¹²⁶ FRANCHI, R., Gerolamo e le donne, p. 85.

¹¹²⁷ AGOSTINHO de Hipona. Discurso 132,2.

¹¹²⁸ MD 16.

¹¹²⁹ MD 27.

¹¹³⁰ WHITE, C., Lives of Roman Christian Women, p. 74.

Na continuidade dos ensinamentos do magistério, o papa Bento XVI teceu relevantes reflexões a respeito do papel e da missão das mulheres na vida da Igreja. Em Angola, no encontro com os movimentos católicos para a promoção da mulher, ele declarou: “Uma saudação minha carregada de estima e de esperança vai para as mulheres, a quem Deus confiou as fontes da vida: Vivei e apostai na vida, porque Deus vivo apostou em vós!”¹¹³¹. Deus confia às mulheres uma missão única, tanto na Igreja quanto na vida cotidiana, de caráter irrevogável e insubstituível, e não levar isto em consideração é ignorar os próprios desígnios divinos.

Na exortação apostólica *Verbum Domini*, sobre a palavra de Deus na vida e na missão da Igreja, Bento XVI destacou que a presença das mulheres é fundamental e indispensável, seja na “família, na educação, na catequese e na transmissão dos valores. Com efeito, elas sabem suscitar a escuta da Palavra, a relação pessoal com Deus e comunicar o sentido do perdão e da partilha evangélica”¹¹³². As mulheres carregam a peculiar capacidade de escutarem, com docilidade e com o coração aberto, aquilo que a Palavra incita e impulsiona à ação. Quando cardeal, Ratzinger declarou que “é indiscutível que as mulheres têm dons particulares, que em muitos aspectos são mais fortes e têm maior capacidade de sofrimento”¹¹³³. Esses dons constituem uma diferença fundamental entre o homem e a mulher, que pode ser esquecida a partir de um “racionalismo tecnológico que desterra o lado emocional da natureza humana para uma periferia irracional e atribui ao corpo uma função meramente instrumental”¹¹³⁴.

É um dado fundamental, de acordo com Bento XVI, a falta de legalidade no testemunho das mulheres, sobretudo na época de Jesus, porém, apesar desta discriminação, elas nunca foram colocadas à margem da vida de Jesus, pois “viveram uma experiência de relação especial com o Senhor, que é fundamental para a vida concreta da comunidade cristã, e assim foi sempre, em todas as épocas, não só no início do caminho da Igreja”¹¹³⁵. Uma autêntica vivência da Boa Nova no cotidiano das comunidades passa, necessariamente, por uma experiência pessoal com o Ressuscitado e, neste ponto, as mulheres são privilegiadas, pois elas foram as primeiras testemunhas do evento fundador do cristianismo. Jerônimo,

¹¹³¹ BENTO XVI, Encontro com os movimentos católicos para a promoção da mulher.

¹¹³² VD 85.

¹¹³³ RATZINGER, J., *God and World*, p. 66.

¹¹³⁴ ROWLAND, T., *A fé de Ratzinger*, p. 117.

¹¹³⁵ BENTO XVI, *Regina Caeli*.

comentando sobre o encontro pascal das mulheres com Jesus, declara que “aquelas que tanto o procuravam, que de tal maneira corriam, mereciam ter diante de si o Senhor ressuscitado e ser as primeiras a ouvir o seu Ave, para que a maldição da mulher Eva fosse nas mulheres abolida”¹¹³⁶.

Na vivacidade de uma Igreja peregrina, impulsionada pelo Espírito Santo, o pontificado de Francisco vem trabalhando na abertura de novos espaços para as mulheres na vida eclesial. Podemos constatar que estamos diante de um caminho longo e árduo, trilhado gradualmente, por vezes como se adentrasse em um deserto, porém sempre em marcha e nunca paralisando diante das adversidades, e Francisco é um importante membro desta caravana, deste caminho sinodal. Conforme Piqué, quando o pontificado de Francisco aborda o tema da mulher é um novo sopro, que atinge, positivamente, as estruturas da Igreja¹¹³⁷. A Igreja precisa da mulher, pois, de acordo com Francisco, “a Igreja é mulher. E se não soubermos entender o que é uma mulher, o que é a teologia de uma mulher, nunca entenderemos o que é a Igreja”¹¹³⁸.

Em sua segunda audiência geral, Francisco demonstrou o quanto está empenhado em evidenciar a relevância das mulheres na Igreja, sobretudo a partir dos textos neotestamentários e com destaque para o evento da ressurreição. Conforme o Papa Francisco

nos Evangelhos as mulheres desempenham um papel primário, fundamental. Os evangelistas narram simplesmente o que aconteceu: as primeiras testemunhas são as mulheres. Isto diz que Deus não escolhe segundo os critérios humanos: as primeiras testemunhas do nascimento de Jesus são os pastores, pessoas simples e humildes; as primeiras testemunhas da Ressurreição são as mulheres. Esta é um pouco a missão das mulheres: mães e mulheres!¹¹³⁹

Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* é possível extrair várias concepções do Papa a respeito de quais maneiras as mulheres podem contribuir no serviço da evangelização. De acordo com Bingemer, “ninguém ignora quão importante é para Jorge Bergoglio a presença feminina na Igreja e na sociedade. Sobre este tema ele tem feito declarações significativas”¹¹⁴⁰. Nas palavras do Papa Francisco, “a Igreja reconhece a indispensável contribuição da mulher na sociedade, com uma sensibilidade, uma intuição e certas capacidades peculiares,

¹¹³⁶ JERÔNIMO. Comentário ao Evangelho de Mateus, p. 382.

¹¹³⁷ PIQUÉ, E., Papa Francisco, p. 179.

¹¹³⁸ FRANCISCO, Aos membros da Comissão Teológica Internacional.

¹¹³⁹ FRANCISCO, Audiência geral.

¹¹⁴⁰ BINGEMER, M.C.L., Fragilidade e gênio, p. 235.

que habitualmente são mais próprias das mulheres que dos homens”¹¹⁴¹. É interessante notar, conforme Bingemer, “que o olhar do Papa sobre a mulher não se resume à questão da maternidade e/ou vida consagrada, como acontecia frequentemente em outros documentos eclesiais”¹¹⁴². As mulheres precisam estar, de acordo com Francisco, “nos vários lugares onde se tomam as decisões importantes, tanto na Igreja como nas estruturas sociais”¹¹⁴³.

Na *Evangelii Gaudium* é destacada a importância das mulheres na partilha das responsabilidades pastorais, seja ao lado dos sacerdotes, no acompanhamento de pessoas, famílias ou grupos, e prestando novas contribuições para a reflexão teológica¹¹⁴⁴. Neste ponto em específico, não devemos esquecer a grandiosa contribuição das mulheres no estudo das Escrituras, como constatado a partir da carta de Jerônimo à Príncipia elogiando a sua nobre colega Marcela. Ele declara que após ter partido para Roma, “quando surgia uma discussão sobre um texto das Escrituras, ela era chamada como árbitro”¹¹⁴⁵. Esta descrição de Jerônimo comprova que as mulheres também precisam estar presentes nas questões teológicas e exegéticas. Por isso, conforme Francisco, “ainda é preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja”¹¹⁴⁶. O apelo do Papa Francisco é um reconhecimento de que a Igreja necessita, e sempre necessitou, da valiosa contribuição feminina.

A questão da ampliação dos espaços, onde as mulheres tenham uma participação mais ativa na vida da Igreja, não será plenamente resolvida neste pontificado, mas não restam dúvidas de que Francisco será lembrado na posteridade por tudo aquilo que realizou em prol da execução deste objetivo. O Papa Francisco mantém acesa a chama da esperança com a possibilidade de um futuro e, de acordo com Bingemer, “onde há futuro com perspectivas, as coisas podem acontecer ou continuar a acontecer. Parece-nos que, desta maneira, o Papa presta um importante serviço ao futuro da evangelização e à presença da mulher na mesma”¹¹⁴⁷. Conforme o papa, os Pastores e os teólogos estão diante de um grande desafio, ou seja, “reconhecer melhor o que isto implica no que se refere ao possível lugar das

¹¹⁴¹ EG 103.

¹¹⁴² BINGEMER, M.C.L., Fragilidade e gênio, p. 237.

¹¹⁴³ EG 103.

¹¹⁴⁴ EG 103.

¹¹⁴⁵ VALERO, J.B. (Trad.), Epistolario II, p. 620.

¹¹⁴⁶ EG 103.

¹¹⁴⁷ BINGEMER, M.C.L., Fragilidade e gênio, p. 239.

mulheres onde se tomam decisões importantes, nos diferentes âmbitos da Igreja”¹¹⁴⁸.

Quando pensamos teologicamente o lugar da mulher na Igreja, é necessário vislumbrarmos o horizonte além da questão ministerial, ao mesmo tempo, em que precisamos ultrapassar as barreiras que colocam as mulheres em uma posição de desigualdade em relação aos homens. Nas palavras de Francisco,

a Igreja é mulher, é mãe, e isso é belo. Eu sofro quando vejo na Igreja ou em algumas organizações religiosas que o papel de serviço da mulher – que todos desempenhamos e devemos desempenhar – resvala para um papel de servidão. Quando vejo mulheres desempenhando tarefas de servidão, é porque não se compreende bem aquilo que uma mulher deve fazer. Que presença tem a mulher na Igreja? Pode ser melhor valorizada?¹¹⁴⁹

Independentemente dos caminhos que já foram trilhados, e dos que ainda serão desbravados, o fato que não pode deixar de ser evidenciado é a convicção do Papa Francisco em relação ao protagonismo das mulheres, pois para ele a Igreja tem a necessidade desta presença cada vez mais ativa, sobretudo no testemunho do Evangelho e no serviço eclesial¹¹⁵⁰.

Na exortação apostólica *Amoris laetitia*, Francisco explicou o trecho da carta de Paulo aos Efésios (Ef 5,22), sobre a questão da submissão feminina em relação aos homens. Nas palavras do pontífice, é preciso não interpretar equivocadamente tal texto, pois “Paulo exprime-se em categorias culturais próprias daquela época; nós não devemos assumir esta roupagem cultural, mas a mensagem revelada que subjaz ao conjunto da perícopa”¹¹⁵¹.

É um desafio imposto ao cristianismo, desde os primeiros séculos, tentar corrigir os extremismos, muitas vezes ocasionados por uma má interpretação dos textos sagrados¹¹⁵², pois, de acordo com Silva “bastava pouco para que alguém se afastasse dos fundamentos teológicos e morais corretos sobre os ministérios da

¹¹⁴⁸ EG 104.

¹¹⁴⁹ FRANCISCO, Quem sou eu para julgar?, p. 161.

¹¹⁵⁰ FRANCISCO, Quem sou eu para julgar?, p. 163.

¹¹⁵¹ AL 156.

¹¹⁵² A Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Revelação Divina, aponta os critérios necessários para uma reta interpretação da Sagrada Escritura: “Para saber o que autor sagrado quis dizer, considerem-se, entre outras coisas, os gêneros literários [...]. É indispensável que o intérprete procure saber, levando em consideração as circunstâncias de tempo e de cultura em que escrevia o autor sagrado, qual dos gêneros literários quis usar ou usou para se exprimir, dentre os que eram correntes em sua época [...]. Finalmente, como a Sagrada Escritura deve ser lida e interpretada no mesmo Espírito com que foi escrita, para entender corretamente o sentido dos textos sagrados não se pode desprezar o conteúdo e a unidade de toda a Escritura, nem deixar de levar em conta a Tradição Viva de toda a Igreja e a analogia da fé” (DV 12).

Igreja, subvertendo, desse modo, a sua compreensão”¹¹⁵³. Também neste contexto, Agostinho alerta para o perigo do anacronismo, ou seja, o problema em transferir para o tempo atual o que foi escrito sob a condição de tempos passados¹¹⁵⁴.

Os homens e as mulheres devem viver a reciprocidade do amor e da doação, e um texto bíblico não deve fundamentar qualquer tipo de discriminação, pois no mesmo texto de Paulo aos Efésios é descrito que os maridos também devem amar as suas mulheres como ao próprio corpo (Ef 5,28). Na exegese de João Crisóstomo sobre esta perícopes, é descrito que

quanto à partícipe de tua vida, contudo, mãe de teus filhos, causa de toda alegria, não debes contê-la por medo e ameaças, mas por amor e afeição. Qual a união se a mulher tem horror do marido? Que prazer terá o marido, se conviver com a mulher à semelhança de uma escrava, não de uma livre? E se tiveres que sofrer algo por causa dela, não a ultrajes. Cristo não procedeu desta maneira¹¹⁵⁵.

Conforme o Papa Francisco, “o texto bíblico convida a superar o cômodo individualismo para viver disponíveis aos outros. Entre os cônjuges, esta recíproca submissão adquire um significado especial, devendo-se entender como uma pertença mútua livremente escolhida”¹¹⁵⁶. É também a disponibilidade ao serviço, ao compromisso com a vida, com a dignidade de todo ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus. De acordo com Cirilo de Jerusalém, “quem formou Adão, formou também Eva; e com mãos foram feitos macho e fêmea”¹¹⁵⁷.

A santidade de Deus neste mundo pode ser refletida a partir do gênio feminino. Francisco, na exortação apostólica *Gaudete et exsultate*, declarou que nos “períodos nos quais as mulheres estiveram mais excluídas, o Espírito Santo suscitou santas, cujo fascínio provocou novos dinamismos espirituais e reformas importantes na Igreja”¹¹⁵⁸. Ao longo da história da Igreja, a atuação das mulheres foi assegurada pelo Espírito, mesmo que em muitas situações a presença feminina tenha ficado em segundo plano, o que não invalida o seu protagonismo, pois conforme o papa, é relevante “lembrar tantas mulheres desconhecidas ou esquecidas que sustentaram e transformaram, cada uma a seu modo, famílias e comunidades com a força do seu testemunho”¹¹⁵⁹. Agostinho, por exemplo,

¹¹⁵³ SILVA, A.L.R., Matrimônio, viuvez e virgindade, p. 97.

¹¹⁵⁴ AGOSTINHO de Hipona. A Doutrina Cristã III, 18, 26.

¹¹⁵⁵ JOÃO Crisóstomo. Comentário às cartas de São Paulo/1, p. 860.

¹¹⁵⁶ AL 156.

¹¹⁵⁷ CIRILO de Jerusalém. Catequeses pré-batismais 12,26.

¹¹⁵⁸ GE 12.

¹¹⁵⁹ GE 12.

destacou o comportamento da nobre viúva Proba: “Não somente tu, mas tua piedosíssima nora (Juliana) deveis dar o exemplo, assim como as outras santas viúvas e virgens que se acham sob a vossa proteção”¹¹⁶⁰.

Escrevendo para os jovens, na exortação apostólica *Christus vivit*, o Papa Francisco fez uma distinção entre o que considera dois tipos da mesma Igreja, sobretudo do ponto de vista do tratamento dado às mulheres, a saber: uma Igreja temerosa e uma Igreja viva. Sobre a primeira, Francisco declarou que pode “ser constantemente crítica de todos os discursos sobre a defesa dos direitos das mulheres, e apontar constantemente os riscos e os possíveis erros dessas reclamações”¹¹⁶¹. Neste ponto, podemos imaginar o risco de uma Igreja estagnada, engessada e com receio de avançar para as águas mais profundas, privando-a de receber novas inspirações que contribuam para uma renovada evangelização, abrindo mão do protagonismo das mulheres. Sobre o segundo tipo, o papa descreveu a imagem de uma Igreja viva que “pode reagir prestando atenção às reivindicações legítimas das mulheres que pedem mais justiça e igualdade”¹¹⁶². Consideramos a escuta uma atitude fundamental para a questão da participação da mulher na Igreja e, neste ponto, o Papa Francisco desempenha um relevante papel, pois não apenas ouve aos apelos, mas apresenta soluções práticas que contribuam para uma participação mais ampla das mulheres na vida da Igreja.

Na exortação apostólica *Querida Amazônia*, Francisco colocou em evidência o papel essencial das mulheres para a vida eclesial, sobretudo nas regiões mais remotas, onde a presença institucional da Igreja ainda não é satisfatória. No documento, o pontífice citou, por exemplo, que muitas comunidades, mesmo sem a presença constante de um sacerdote, continuaram a receber e a transmitir a fé, graças ao trabalho e à presença de mulheres fortes e generosas, que “batizaram, catequizaram, ensinaram a rezar, foram missionárias, certamente chamadas e impelidas pelo Espírito Santo. Durante séculos, as mulheres mantiveram a Igreja de pé nesses lugares com admirável dedicação e fé ardente”¹¹⁶³. É uma fala que deve ressoar em cada espaço onde o papel das mulheres na Igreja é mencionado, pois, conforme o papa, em determinadas comunidades, são séculos de caminhada eclesial sustentada pela presença das mulheres. É mister fazermos memória de Olímpia,

¹¹⁶⁰ AGOSTINHO de Hipona. Dos bens da viuvez, p. 212.

¹¹⁶¹ CV 42.

¹¹⁶² CV 42.

¹¹⁶³ QA 99.

amiga de João Crisóstomo, e a forma com que ela contribuiu com a Igreja de Constantinopla, seja com ofertas litúrgicas, auxiliando os mosteiros e conventos, os mendigos, os prisioneiros e exilados; e distribuindo esmolas por todo o mundo habitado¹¹⁶⁴.

Francisco também destaca a vocação específica daquelas mulheres que, literalmente, se consagram ao serviço na Igreja, como, por exemplo, as religiosas. Nas palavras do pontífice, não podemos imaginar uma Igreja sem a participação das religiosas, pois o que aconteceria se elas não estivessem presentes nos hospitais, nas missões, nas escolas, pois “elas são este dom, este fermento que leva em frente o Povo de Deus. São grandes estas mulheres que consagram a sua vida a Deus, que levam em frente a mensagem de Jesus!”¹¹⁶⁵. Na constituição apostólica *Vultum dei quarere*, sobre a vida contemplativa feminina, Francisco destaca que, particularmente, as mulheres consagradas, desde muitos séculos passados, “orientaram e continuam a orientar toda a sua vida e atividade para a contemplação de Deus como sinal e profecia da Igreja virgem, esposa e mãe; sinal vivo e memória da fidelidade com que Deus, através dos acontecimentos da história, continua a sustentar o seu povo”¹¹⁶⁶. O pensamento de Francisco está em consonância com as ideias do papa João Paulo II, a saber: “Também o futuro da nova evangelização, como, aliás de todas as outras formas de ação missionária, é impensável sem uma renovada contribuição das mulheres, especialmente das mulheres consagradas”¹¹⁶⁷.

Uma das características femininas está no ato de cuidar, de ocupar-se das situações primordiais da vida desde sempre e, conforme Medeiros, “o amor, o afeto e o cuidado, características notadamente femininas, são comumente atribuídas ao Deus encontrado”¹¹⁶⁸. E tal peculiaridade segue em concordância com o pontificado de Francisco, sobretudo no que diz respeito à imagem de uma Igreja que é, antes de tudo, cuidadora. É a imagem bíblica¹¹⁶⁹ e patrística da Igreja enquanto mãe e esposa, pois tanto uma quanto a outra, estão sempre no exercício de cuidar, proteger, educar e nutrir. Cipriano de Cartago declarou que “não pode ter Deus por Pai quem não tem a Igreja por mãe”¹¹⁷⁰. Nas palavras de Irineu de Lião a Igreja é um lugar de

¹¹⁶⁴ CLARK, E., *Women in the early church*, p. 229.

¹¹⁶⁵ FRANCISCO. Angelus. 02 de fev. 2014.

¹¹⁶⁶ VQ 3.

¹¹⁶⁷ VC 57.

¹¹⁶⁸ MEDEIROS, A.M.Y., *Entrega, mansidão e amorosidade*, p. 355.

¹¹⁶⁹ Ef 5,27

¹¹⁷⁰ CIPRIANO de Cartago. *Obras Completas I*, p. 134.

refúgio e de proteção para os crentes, pois é nela que eles podem ser “educados e nutridos pelas Escrituras do Senhor. A Igreja é como um paraíso plantando neste mundo”¹¹⁷¹.

Segundo o papa, uma Igreja em saída conta com o protagonismo das mulheres, sobretudo a partir da capacidade feminina em escutar e cuidar das necessidades alheias, “e com uma marcada capacidade de sustentar dinâmicas de justiça num clima de “calor doméstico”, nos diferentes ambientes sociais em que se encontram”¹¹⁷². Francisco enfatiza que “sem as mães não haveria novos fiéis, mas a fé perderia boa parte do seu calor simples e profundo. E a Igreja é mãe, com tudo isso, é nossa mãe!”¹¹⁷³. O serviço prestado pelas mulheres na vida eclesial representa também este aspecto da Igreja enquanto uma casa acolhedora, sempre com as portas abertas e marcada pela misericórdia. Conforme o Papa Francisco,

A Igreja é feminina, porque é igreja, esposa: é feminina. É mãe, dá à luz. Esposa e mãe. E os Padres vão além e dizem: ‘A sua alma também é esposa de Cristo e mãe’. Nessa atitude de Maria, que é Mãe da Igreja, neste comportamento podemos entender essa dimensão feminina da Igreja que, quando não existe, a Igreja perde a verdadeira identidade e se torna uma associação beneficente ou um time de futebol ou qualquer outra coisa, mas não a Igreja¹¹⁷⁴.

Que as mulheres não percam, conforme as palavras do papa, a essência da sua própria existência, pois devem seguir contribuindo na Igreja “segundo o modo que lhes é próprio e prolongando a força e a ternura de Maria, a Mãe”¹¹⁷⁵. O valor da mulher na vida da Igreja muitas vezes é colocado em segundo plano a partir de um ponto de vista meramente funcional. Tal concepção limita as perspectivas, correndo o risco de uma reivindicação equivocada, pois uma clericalização das mulheres, conforme Francisco, “diminuiria o grande valor do que elas já deram e subtilmente causaria um empobrecimento da sua contribuição indispensável”¹¹⁷⁶. Não é o melhor caminho aquele que exige uma igualdade a qualquer preço entre os homens e as mulheres, seja na Igreja ou na sociedade, pois a diferença é vivida “quando a mulher expõe diante da sociedade seu direito à diferença e quer ver essa diferença reconhecida e respeitada”¹¹⁷⁷. Mas é preciso um discernimento, por existir o risco

¹¹⁷¹ IRINEU de Lião. *Contra as Heresias*, p. 571.

¹¹⁷² FRANCISCO. Mensagem ao Conselho Feminino do Pontifício Conselho para a Cultura.

¹¹⁷³ MENDONÇA, M.; SCWEITZER, A. (Orgs.), *As mulheres segundo Papa Francisco*, p. 23.

¹¹⁷⁴ FRANCISCO. Homilia na Casa Santa Marta.

¹¹⁷⁵ QA 101.

¹¹⁷⁶ QA 100.

¹¹⁷⁷ BINGEMER, M.C.L., *A argila e o Espírito*, p. 198.

de tentativas errôneas para uma emancipação feminina com o simples objetivo de ocupar os espaços subtraídos do masculino, de modo que até aqueles traços característicos da mulher sejam abandonados. De acordo com o Papa Francisco,

a mulher tem uma sensibilidade particular pelas “coisas de Deus”, sobretudo para nos ajudar a compreender a misericórdia, a ternura e o amor que Deus tem por nós. Gosto de pensar também que a Igreja não é “o” Igreja, mas “a” Igreja. A Igreja é mulher, é mãe, e isto é bonito. Deveis pensar e aprofundar isto¹¹⁷⁸.

Apesar dos avanços, Francisco reconhece necessário ir além, ampliando os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja¹¹⁷⁹, pois as “mulheres têm muito a dizer-nos na sociedade atual. Às vezes somos demasiado machistas, e não deixamos espaço à mulher. Mas a mulher sabe ver as coisas com olhos diferentes dos homens”¹¹⁸⁰. O papa reconhece que a mulher “ama e une, colocando amor onde não há amor, humanidade onde o ser humano sente dificuldade em compreender-se a si mesmo”¹¹⁸¹. De acordo com Cardoso e Bordigon, “a maternidade envolvente da Igreja traz a vitalidade e a fecundidade necessárias para a compreensão da participação das mulheres na pastoral e nas decisões eclesiais”¹¹⁸².

É importante destacar que, durante o seu pontificado, impulsionado pela Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium*, várias mulheres foram nomeadas para funções relevantes na Cúria Romana¹¹⁸³. De acordo com Francisco, é preciso não apenas valorizar as peculiaridades femininas e masculinas, mas também desenvolver modelos de liderança para a mulher na Igreja¹¹⁸⁴, assim como “promover a integração das mulheres onde são tomadas decisões importantes”¹¹⁸⁵. O que é proposto pelo Papa Francisco está em sintonia com o que já havia sido solicitado pelo papa João Paulo II na exortação apostólica *Vita Consecrata*: “é urgente realizar alguns passos concretos, começando pela abertura às mulheres de

¹¹⁷⁸ FRANCISCO. Aos participantes do seminário sobre a carta apostólica *Mulieris dignitatem*.

¹¹⁷⁹ EG 103.

¹¹⁸⁰ FRANCISCO. Encontro com os jovens em Manila.

¹¹⁸¹ FRANCISCO. Aos participantes no Congresso Internacional Interuniversitário.

¹¹⁸² CARDOSO, M.T.F.; BORDIGON, A.L., Pastoral kenótica, p. 301.

¹¹⁸³ Linda Ghisoni, subsecretária do Dicastério para os Leigos, Família e Vida, especialista em Direito Canônico; Michelina Tenace, professora de Teologia na Universidade Pontifícia Gregoriana, de Roma; e Laetitia Calmeyn, professora de Teologia no Colégio dos Bernardinos, em Paris. Irmã Simona Brambilla, secretária do Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. Uma nomeação merece destaque: a jornalista e ex-aluna de Administração de Empresas e Marketing da PUC-Rio, Cristiane Murray, foi nomeada como vice-diretora da sala de imprensa da Santa Sé. A italiana Francesca Di Giovanni foi nomeada para exercer a função de subsecretária da Seção para as Relações com os Estados.

¹¹⁸⁴ PE 131.

¹¹⁸⁵ FRANCISCO, Vídeo do Papa: Outubro 2020.

espaços de participação nos vários setores e a todos os níveis, mesmo nos processos de elaboração das decisões, sobretudo naquilo que lhes diz respeito”¹¹⁸⁶.

Realizar mudanças “no centro da Igreja Católica, em favor de toda a Igreja Universal, será uma tarefa árdua, que conta certamente com o empenho dos bispos do mundo inteiro”¹¹⁸⁷, e oxalá possam ressurgir lideranças femininas aos moldes de Judite, Ester, Maria Madalena, Febe, Priscila, dentre tantas outras mulheres que marcaram a história da Salvação. As mulheres entenderam que não é o poder que deve mantê-las no seguimento a Jesus Cristo, mas sim o serviço prestado a partir de um amor pascal, experimentado, forjado, muitas vezes, no cadinho da humilhação e do desprezo, porém um amor que é sempre gerador de novos crentes.

O Papa Francisco aponta a necessidade de algumas mudanças estruturais que, em um primeiro momento, causam impacto e encontram uma resistência natural para a sua efetiva execução, porém “a novidade está na recuperação de compreensões da verdade revelada, esquecidas posteriormente pela Igreja e então repristinadas, como aconteceu no Concílio Vaticano II com a rica contribuição da época patrística”¹¹⁸⁸. É o que acontece no caso das mulheres, pois não pensamos em um renascimento, mas em um redescobrimento, uma recuperação do verdadeiro sentido da contribuição que cada uma delas tem a oferecer para a Igreja. Não é correto deixar no esquecimento a história de tantas mulheres que colaboraram com as comunidades cristãs ao longo dos séculos. Neste contexto de fazer memória, é importante recordar o episódio envolvendo Jesus e uma mulher que realizara uma boa ação para com ele em Betânia, pois, nas palavras do próprio Mestre, ela não deveria ser esquecida nunca, onde quer que fosse anunciado o Evangelho (Mt 26,13). De acordo com Ambrósio, a mulher que ungiu Jesus é “claramente bem-aventurada, porque derramou o perfume sobre a cabeça de Cristo com a fragrância de seus bons costumes e de suas obras justas”¹¹⁸⁹. Bem-aventuradas sejam todas as mulheres que passaram pelo mundo fazendo o bem.

Francisco também destaca que as mulheres são protagonistas no ato de transmissão da fé, pelo simples fato de que Jesus veio ao mundo por meio de uma mulher¹¹⁹⁰. De acordo com Bingemer, o pontificado de Francisco abre espaço na

¹¹⁸⁶ VC 58.

¹¹⁸⁷ ALTEMEYER JR., F., Os muitos partos do bispo de Roma, p. 119.

¹¹⁸⁸ MIRANDA, M.F., A reforma de Francisco, p. 24.

¹¹⁸⁹ AMBRÓSIO de Milão. Comentário ao Evangelho de São Lucas, 6, 15, p. 317.

¹¹⁹⁰ MENDONÇA, M.; SCWEITZER, A. (Orgs.), As mulheres segundo Papa Francisco, p. 24.

Igreja “aos que ardem de desejo de colaborar e participar plenamente e não como cidadãos de segunda categoria: os leigos, as mulheres, os jovens, os pobres”¹¹⁹¹. Uma alteração litúrgica, realizada por Francisco, demonstra que ele deseja, de fato, abrir mais espaços para a participação feminina na Igreja, pois a partir da carta apostólica *Spiritus Domini*¹¹⁹² passou a ser permitido o acesso das mulheres ao ministério instituído do leitorado e do acolitado. Em nosso parecer, entendemos ser uma forma de institucionalizar o que já é uma prática na vida das comunidades, pois é notória a participação das mulheres nas celebrações litúrgicas proferindo as leituras, assim como atuando próximas ao altar quando estão na função de MESCO¹¹⁹³.

O Papa Francisco convocou um novo sínodo para tratar sobre a Sinodalidade na vida da Igreja, com o tema “Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”¹¹⁹⁴. No *Documento Preparatório* já apareceram questões sobre uma “maior valorização das mulheres e de espaços de participação na missão da Igreja”¹¹⁹⁵ e de que “maneira são ouvidos os leigos, de modo particular os jovens e as mulheres?”¹¹⁹⁶. A partir dos escritos de Cipriano de Cartago, constatamos que a participação de todo o povo de Deus, em processos sinodais, é uma antiga prática na vida da Igreja, conforme é observado em um trecho da epístola 19: “Isto é, pois, o que convém à moderação, à disciplina e à própria vida de todos nós, a saber, que, uma vez reunidos os prelados e o clero, na presença também do povo dos que permanecem firmes”¹¹⁹⁷. Certamente, no meio do povo reunido, as mulheres também marcavam presença. É relevante notar que os jovens e as mulheres são vistos em tom de preocupação por aqueles que participaram da fase inicial do Sínodo, sobretudo no sentido de que representam duas forças, impulsionadoras para a vida da Igreja, mas que não são tratados e ouvidos da maneira que deveriam ser. Há algo muito peculiar na missão, tanto dos jovens quanto das mulheres, que precisa ser redescoberto o mais breve possível para o bem das próprias comunidades.

¹¹⁹¹ BINGEMER, M.C.L., *Esperança de futuro para a Igreja*, p. 250.

¹¹⁹² Francisco modifica o Cân. 230 § 1 do Código de Direito Canônico que passou a ser redigido da seguinte forma: “Os leigos que tiverem a idade e as aptidões determinadas com decreto pela Conferência Episcopal, podem ser assumidos estavelmente, mediante o rito litúrgico estabelecido, nos ministérios de leitores e de acólitos; no entanto, tal concessão não lhes atribui o direito ao sustento ou à remuneração por parte da Igreja”.

¹¹⁹³ Ministras Extraordinárias da Sagrada Comunhão.

¹¹⁹⁴ A partir de outubro do ano de dois mil e vinte um.

¹¹⁹⁵ SGS, *Documento Preparatório*, 7.

¹¹⁹⁶ SGS, *Documento Preparatório*, 30.

¹¹⁹⁷ CIPRIANO de Cartago. *Obras Completas II*, p. 94.

No *Documento de Trabalho para a Etapa Continental*, também é destacada a necessidade de um repensar sobre o papel das mulheres, pois é preciso considerar que elas devem ter uma participação plena na vida da Igreja, tendo em vista a sua dignidade batismal¹¹⁹⁸. Inácio de Antioquia, escrevendo à comunidade de Éfeso, confirmou que todos têm a mesma dignidade e devem caminhar juntos, pois “são companheiros de viagem, portadores de Deus e do templo, portadores de Cristo e do Espírito Santo, portadores dos objetos sagrados, ornados em tudo com os mandamentos de Jesus Cristo”¹¹⁹⁹. Agostinho ressaltou que o batismo nos faz participantes da vida divina e quem “poderá privar as mulheres desta participação, sendo elas conosco co-herdeiras da graça?”¹²⁰⁰.

Um apelo que surgiu de todos os continentes é a necessidade da valorização das mulheres católicas, exatamente pelo fato de serem membros do Povo de Deus como quaisquer outros batizados, e é quase “unânime a afirmação que as mulheres amam profundamente a Igreja, mas muitas sentem tristeza porque a sua vida não é bem compreendida, enquanto o seu contributo e os seus carismas não são sempre valorizados”¹²⁰¹.

Amar profundamente a Igreja é uma característica muito forte nas mulheres, de modo que tal afirmação pode ser constatada no dia a dia das milhares de paróquias espalhadas em todo o mundo. Uma prova disso é a consideração realizada pela Igreja da Terra Santa, afirmando que as mulheres foram as que mais se comprometeram no processo sinodal, pois “parecem ter compreendido não só que tinham mais a ganhar, mas também mais a oferecer pelo fato de serem relegadas para uma margem profética, da qual observam o que acontece na vida da Igreja”¹²⁰². De acordo com o *Documento Final da África e Madagascar*, “as mulheres formam uma maior percentagem de membros ativos da Igreja. Elas dão uma contribuição significativa para a vida da Igreja”¹²⁰³. Cipriano de Cartago registrou, por exemplo, que a questão dos lapsos devia ser tratada a partir do “cotejo de pareceres com bispos, presbíteros, diáconos e confessores, contando-se, igualmente, com a

¹¹⁹⁸ SGS, Documento de Trabalho para a Etapa Continental, 60.

¹¹⁹⁹ INÁCIO de Antioquia. Aos Efésios IX, 2.

¹²⁰⁰ AGOSTINHO de Hipona. A Trindade, XII, 12.

¹²⁰¹ SGS, Documento de Trabalho para a Etapa Continental, 61.

¹²⁰² SGS, Documento de Trabalho para a Etapa Continental, 61.

¹²⁰³ SGS, Documento Final da África e Madagascar, 4.

presença dos leigos”¹²⁰⁴. Seria uma ousadia pensar que as mulheres também participavam deste processo sinodal descrito por Cipriano?

A Igreja do Brasil apontou que “o crescente reconhecimento da importância das mulheres na vida da Igreja abre possibilidades de maior participação, ainda que limitada, nas estruturas eclesiais e nas esferas de tomada de decisões”¹²⁰⁵. Abrir-se às possibilidades já é um bom sinal, um novo horizonte que desponta e enche de esperança, sobretudo àqueles e àquelas que desejam “que a Igreja e a sociedade sejam para as mulheres um lugar de crescimento, participação ativa e sã pertença”¹²⁰⁶. Um desafio imposto é exatamente a criação destes novos espaços para as mulheres e, neste ponto, o pontificado de Francisco desempenha um papel de primeira grandeza e que, certamente, ficará marcado na história da Igreja.

Da Oceania surgiu uma importante declaração que, talvez, represente o reflexo das ações de Francisco em prol de uma maior participação das mulheres, pois um grupo de “jovens leigas, por exemplo, viam-se como iguais com um papel único na Igreja, enquanto um grupo de padres descreveu as suas experiências com mulheres presentes e influentes nos organismos e ministérios paroquiais”¹²⁰⁷.

É preciosa a contribuição da Igreja na Europa, vinda especificamente da República Checa, quando, no *Documento Final*, descreve que “o envolvimento das mulheres não é uma substituição da escassez masculina, mas uma implementação responsável da teologia do sacerdócio comum dos fiéis”¹²⁰⁸. De modo geral, quase unânime, podemos constatar que, independentemente das peculiaridades de cada continente, existe um forte apelo por uma maior consideração e atenção à condição das mulheres na vida da Igreja.

O *Relatório de Síntese*, fruto da primeira sessão da assembleia sinodal, na parte II – sobre a participação de todos os fiéis como discípulos e missionários, apresentou um tópico específico sobre as mulheres na vida e na missão da Igreja, a partir das seguintes perspectivas: convergências, questões a serem aprofundadas e propostas de ação. Conforme o relatório, “a Igreja tem consciência de que o Espírito pode falar através das vozes de homens e mulheres de todas as religiões, convicções e culturas”¹²⁰⁹.

¹²⁰⁴ CIPRIANO de Cartago. Obras Completas II, p. 126.

¹²⁰⁵ SGS, Documento de Trabalho para a Etapa Continental, 64.

¹²⁰⁶ SGS, Documento de Trabalho para a Etapa Continental, 62.

¹²⁰⁷ SGS, Documento Final da Oceania, 100.

¹²⁰⁸ SGC, Documento Final da Europa, 26.

¹²⁰⁹ SGS, Relatório de Síntese, 5 f.

Um dos pontos de convergência é a ênfase na igual dignidade batismal entre os homens e as mulheres, pois os dons do Espírito são distribuídos na mesma medida, proporcionando, assim, uma “corresponsabilidade não competitiva, que deve ser encarnada em todos os níveis da vida da Igreja”¹²¹⁰. É preciso que não seja considerada a ideia de que as mulheres estejam em uma competição contra os homens em busca de um lugar na Igreja. Melhor seria relembrar as várias mulheres que caminharam lado a lado com alguns Padres da Igreja, como, por exemplo, Marcela, Paula e Jerônimo, Macrina e Basílio, Mônica e Agostinho, Olímpia e João Crisóstomo, dentre outras. O que as mulheres desejam, de acordo com a síntese, é “partilhar a experiência espiritual de caminhar juntos rumo à santidade nas diferentes fases da vida: como jovens, como mães, nas relações de amizade, na vida familiar em todas as idades, no mundo do trabalho e na vida consagrada”¹²¹¹.

Caso existisse a menor possibilidade de retirar as mulheres da Igreja, estaríamos, certamente, diante um cenário desolador, pois “as mulheres constituem a maioria das pessoas que frequentam as igrejas e são, muitas vezes, as primeiras missionárias da fé na família”¹²¹². Conforme o Papa Francisco, “é um presente que passa através do belo trabalho das mães e das avós, o belo trabalho dessas mulheres numa família; pode ser também uma doméstica, pode ser uma tia, que transmitem a fé”¹²¹³. Mônica, mãe de Agostinho, é um modelo de mulher cristã, uma verdadeira missionária que educou aquele um dos maiores Padres da Igreja de todos os tempos. Nas palavras de seu próprio filho, ela “tinha sido esposa de um só marido, tinha cumprido seu dever para com os pais, tinha governado a casa com dedicação e dado o testemunho das boas obras”¹²¹⁴.

Uma das questões a aprofundar, a partir do *Relatório*, é sobre um “maior reconhecimento e valorização do contributo das mulheres e de um crescimento das responsabilidades pastorais que lhes são confiadas em todas as áreas da vida e da missão da Igreja”¹²¹⁵. A pergunta a ser respondida ao longo dos próximos anos é a necessidade, ou não, da criação de novos ministérios nos quais as mulheres estarão inseridas. Em nosso parecer, não consideramos tal necessidade, pois a questão não está nos ministérios, mas no reconhecimento de que as mulheres têm carismas que

¹²¹⁰ SGS, Relatório de Síntese, 9 b.

¹²¹¹ SGS, Relatório de Síntese, 9 c.

¹²¹² SGS, Relatório de Síntese, 9 d.

¹²¹³ MENDONÇA, M.; SCWEITZER, A. (Orgs.), *As mulheres segundo Papa Francisco*, p. 24.

¹²¹⁴ AGOSTINHO de Hipona. *Confissões IX*, 22.

¹²¹⁵ SGS, Relatório de Síntese, 9 i.

não podem ser desconsiderados. Conforme a Sagrada Escritura, a partir de testemunhos das primeiras comunidades cristãs, as mulheres e os homens compartilham os mesmos dons do Espírito Santo, pois eles estavam presentes no evento de Pentecostes. De acordo com Fernández, sobre o cenáculo, “a menção de Maria e às mulheres, que poderia parecer sem importância, é de suma transcendência. O que aqui se refere é válido para toda a história da Igreja”¹²¹⁶. A constatação de que as mulheres também serviam através dos carismas recebidos, pode ser lida em trechos de Atos dos Apóstolos, a saber: “Nos últimos dias, diz o Senhor, derramarei o meu Espírito sobre todos, e vossos filhos e filhas profetizarão” (At 2,17); “Aí fomos à casa de Filipe, o evangelista, que era um dos Sete, e nos hospedamos com ele. Filipe tinha quatro filhas solteiras, que profetizavam” (At 21,8-9).

É relevante também conferir as recomendações realizadas por Paulo aos Romanos, quando fez menção de mulheres que eram muito ativas na vida da comunidade, como, por exemplo, uma mulher chamada Maria: “Saudai Maria, que muito trabalhou para vós” (Rm 16, 6). Nas palavras de João Crisóstomo, “mais uma vez é coroada e exaltada uma mulher, que a nós, homens envergonha; ou antes, não só nos causa pudor, mas somos honrados com ela. Honrados conjuntamente por existir entre nós tais mulheres”¹²¹⁷. O trabalho desempenhado, desde sempre, pelas mulheres no cotidiano das comunidades cristãs, é equiparado a uma tarefa materna, pois, conforme o Papa Francisco, “sem as mães não somente não haveria novos fiéis, mas a fé perderia boa parte do seu calor simples e profundo”¹²¹⁸. Essas duas características resumem bem o jeito de as mulheres servirem na Igreja, ou seja, nos simples trabalhos, sem pompas, sem holofotes, porém envoltos por uma indispensável fecundidade.

A urgente necessidade de oferecer garantias para que as mulheres “possam participar nos processos de decisão e assumir papéis de responsabilidade na pastoral e no ministério”¹²¹⁹, foi apontada como uma das propostas no *Relatório de Síntese*. Tal indicação está em sintonia com o pontificado de Francisco que já “aumentou de modo significativo o número de mulheres em posições de responsabilidade na Cúria

¹²¹⁶ FERNÁNDEZ, D., *Ministérios da mulher na Igreja*, p. 61.

¹²¹⁷ JOÃO Crisóstomo. *Comentário às cartas de São Paulo/1*, p. 511.

¹²¹⁸ MENDONÇA, M.; SCWEITZER, A. (Orgs.), *As mulheres segundo Papa Francisco*, p. 23.

¹²¹⁹ SGS, *Relatório de Síntese*, 9 m.

Romana”¹²²⁰. Retornando aos textos evangélicos canônicos, sobretudo o de João, constataremos que as “mulheres devem ser reconhecidas como figuras de destaque da vida comunitária no que diz respeito tanto à elaboração da fé quanto à prática da evangelização, remetendo assim a um modelo eclesiológico fundamentalmente inclusivo”¹²²¹.

Trabalhar na elaboração da fé e na evangelização são funções de responsabilidade que demandam tomadas de decisões. É relevante constatar que as mulheres sempre participaram ativamente destas atividades. Alguns Padres da Igreja tiveram uma mulher como mestra e mistagogia, conforme pode ser comprovado com Basílio e a sua irmã Macrina. Quando o capadócio necessitou, por exemplo, elaborar um pensamento a respeito da alma e a ressurreição, foi até Macrina, que ele chamava de mestra, para receber algumas orientações. Nas palavras do próprio Basílio, “quando fomos um ao encontro do outro, minha tristeza foi avivada em ver nossa mestra aparecer diante de meus olhos, uma vez que ela também fora atingida por uma doença mortal”¹²²².

As mulheres sempre estiveram envolvidas no serviço da evangelização, e podemos tomar como exemplo a vida de Melânia, a Anciã, que conviveu por muitos anos com o bispo Rufino de Aquileia, colaborando na manutenção de um mosteiro em Jerusalém, conforme o relato de Paládio, na História Lausíaca. É relevante o fato de o bispo Rufino ser comparado com Melânia, fazendo dela uma mulher extraordinariamente importante para a vida da Igreja em seu tempo.

Ao seu lado vivia também o nobre Rufino, italiano, natural de Aquileia, homem dotado de uma firmeza de caráter e de uma tenacidade muito semelhante à dela. Mais tarde, ele foi elevado ao sacerdócio. Seria difícil encontrar neste século outro homem mais culto e ao mesmo tempo mais modesto que este. Ambos acolheram, durante estes vinte e sete anos, aqueles que finalmente eram piedosos de passagem por Jerusalém: bispos, monges e virgens¹²²³.

O *Relatório* destacou a necessidade da ampliação da quantidade de mulheres que tenham acesso aos programas de formação e aos estudos teológicos, assim como é preciso que elas estejam inseridas “nos programas de ensino e formação dos seminários para favorecer uma melhor formação para o ministério ordenado”¹²²⁴.

¹²²⁰ SGS, Relatório de Síntese, 9 m.

¹²²¹ PERRONI, M., As mulheres da Galileia, p. 55.

¹²²² GREGÓRIO de Nissa. A Alma e a Ressurreição, p. 170.

¹²²³ PALÁDIO. História Lausíaca, 46, 5-6.

¹²²⁴ SGS, Relatório de Síntese, 9 p.65.

Através da história é possível constatar que alguns dos mais importantes Padres da Igreja foram auxiliados por grandes mulheres, como, por exemplo, Jerônimo, Paula e Marcela, João Crisóstomo e Olímpia, Basílio e Macrina, Agostinho e Mônica, dentre outros. Fazer acontecer, ou retornar a esta prática antiga, é um desafio que, certamente, não será concluído no tempo do Papa Francisco, porém é uma semente plantada para as próximas gerações realizarem a colheita.

A exortação apostólica *Evangelii gaudium* é uma apresentação, uma carta de apresentação do pontificado de Francisco, e ele reconhece, de fato, “como muitas mulheres partilham responsabilidades pastorais juntamente com os sacerdotes, contribuem para o acompanhamento de pessoas, famílias ou grupos e prestam novas contribuições para a reflexão teológica”¹²²⁵. É a Igreja “de saída” proposta por Francisco, aquela que não teme diante dos desafios “sempre novos da missão evangelizadora da Igreja”¹²²⁶, e, ao mesmo tempo, sabemos que não é fácil “romper com a inércia do *status quo* bem conhecido e familiar”¹²²⁷.

É preciso seguir adiante com as propostas de Francisco, e as mulheres não podem ficar à margem deste caminho como assistentes secundárias, mas na linha de frente, pois em todos os momentos cruciais da vida de Jesus elas estiveram, exatamente, nesta posição. É inegável a força demonstrada pelas mulheres, sobretudo a partir do momento da crucificação de Jesus até a sua ressurreição, conforme descrito por Cirilo de Jerusalém: “Abraçaram-no a fim de que cumprisse: Hei de segurá-lo e não o largarei (Ct 3,4). Fraco era o corpo da mulher, mas forte a sua alma”¹²²⁸.

O *Documento de Aparecida*, ao refletir sobre a situação das mulheres na vida da Igreja, sobretudo no contexto latino-americano e do Caribe, apresentou propostas para algumas ações pastorais, dentre elas: “Impulsionar a organização da pastoral de maneira que ajude a descobrir e desenvolver em cada mulher e nos âmbitos eclesiais e sociais o gênio feminino e promova o mais amplo protagonismo das mulheres”¹²²⁹. É notória a contribuição do cardeal Jorge Mario Bergoglio na elaboração deste documento magisterial, como uma antecipação da forma com que o seu pontificado cuidaria das mulheres.

¹²²⁵ EG 103.

¹²²⁶ EG 20.

¹²²⁷ MIRANDA, M.F., A reforma de Francisco, p. 61.

¹²²⁸ CIRILO de Jerusalém. Catequeses pré-batismais 14,13.

¹²²⁹ DAP 458.

O *Relatório de Síntese*, no tópico sobre as mulheres na vida e na missão da Igreja, destaca que a “longa história de mulheres missionárias, santas, teólogas e místicas é uma poderosa fonte de inspiração e alimento para as mulheres e para os homens do nosso tempo”¹²³⁰. Neste contexto, consideramos que os documentos sinodais têm a oportunidade de revisitar o testemunho de mulheres que souberam amar a Igreja incondicionalmente e que, literalmente, pereceram por não abdicarem da fé, ou seja, as mártires.

No rol das mártires temos, por exemplo, a história de Crispina, condenada, no período de Diocleciano, por não oferecer sacrifícios aos deuses pagãos de Roma. Durante o interrogatório, ela manteve a convicção em sua fé no único Deus verdadeiro, respondendo: “Estou pronta a suportar alegremente tudo pela minha fé”¹²³¹. Estamos diante de uma mulher que tinha consciência da fé que recebera da Igreja através do batismo e, por isso, não temia as ameaças de morte, conforme relatos do seu martírio: “O meu Deus que é e que vive eternamente, criou-me, deu-me a salvação com a salutar água do batismo. Ele está comigo e ajuda-me e conforta-me de todos os modos, para que eu não cometa sacrilégio”¹²³². De acordo com Cipriano, “não pode estar em condições de enfrentar o martírio quem não é preparado pela Igreja”¹²³³. Uma vez unida à Igreja, ela não considerou os tormentos que estavam por vir, pois a sua fé oferecia a garantia para alcançar os bens esperados: “Deus digna-se libertar-me assim das tuas mãos. Seja bendito e graças Lhes sejam dadas!”¹²³⁴.

Neste mesmo contexto, temos o testemunho de Perpétua e Felicidade, martirizadas em Cartago por volta do ano 202 d.C. De acordo com Eastman, “em Perpétua, temos a história pessoal sobre o que essa jovem estava colocando em risco e desistindo por causa de sua fé”¹²³⁵. O fato de Perpétua ser oriunda de uma família nobre corrobora que ela tinha muito a perder por não renunciar a sua fé, e tal constatação serve para enaltecer ainda mais o seu martírio. Ela, mãe de um recém-nascido, foi presa enquanto ainda estava amamentando e não teve de lutar para manter a sua posição social ou permanecer ao lado do filho, mas para garantir a integridade de sua fé.

¹²³⁰ SGS, Relatório de Síntese, 9, p.62.

¹²³¹ ACTOS DOS MÁRTIRES. Actos de Crispina, p. 115.

¹²³² ACTOS DOS MÁRTIRES. Actos de Crispina, p. 117.

¹²³³ CIPRIANO de Cartago. Carta 57, 47, p. 325.

¹²³⁴ ACTOS DOS MÁRTIRES. Actos de Crispina, p. 118.

¹²³⁵ EASTMAN, D.L., Cristianismo primitivo no Norte da África, p. 40.

Temos também o testemunho de Felicidade, companheira de Perpétua na vida e na morte, que deu à luz uma menina na prisão. Ambas demonstraram terem muito a perder, porém “foram voluntariamente a caminho da morte por sua fé”¹²³⁶. Com isso, não restam dúvidas de que estas duas mártires cristãs são modelos de discípulas, pois, apesar das enormes perdas, colocaram a fé em primeiro lugar.

As mártires demonstraram, além da coragem em perecer por não abdicarem da fé, um grandioso senso de unidade com a Igreja. A história de Inês é um bom exemplo sobre tal qualidade na vida destas cristãs. Martirizada ainda muito jovem, de acordo com Ambrósio, “quanto mais detestável se mostra a crueldade que nem a infantil idade poupou, tanto maior é a força da fé que até naquela idade encontrou testemunho”¹²³⁷.

A história de Inês ainda ressoa, de maneira muito viva, na Igreja, sobretudo em relação ao episcopado e à unidade. A data litúrgica do seu martírio é comemorada no dia 21 de janeiro e, nessa mesma data, até o ano de 2019, existia a tradição da bênção papal dos cordeiros na Basílica de Santa Inês, em Roma. Posteriormente, a lã destes animais será utilizada na confecção dos Pálios entregues pelo papa aos arcebispos metropolitanos na festa dos Apóstolos Pedro e Paulo, no dia 29 de junho. O Pálio representa “um sinal da autoridade metropolitana e símbolo de unidade e estímulo de fortaleza”¹²³⁸. Esta insígnia, colocada ao redor do pescoço dos arcebispos, tem outros significados relevantes, tais como o pastor que carrega as ovelhas nos ombros, representando a missão pastoral de cada bispo, assim como a jurisdição dos arcebispos em comunhão com Roma. Conforme Bento XVI, o “Pálio diz antes de tudo que todos nós somos guiados por Cristo. Mas ao mesmo tempo convida-nos a levar-nos uns aos outros. Assim o Pálio se torna o símbolo da missão do pastor”¹²³⁹.

No rosto de uma Igreja sinodal, onde todos são discípulos e missionários para tecer laços e construir comunidade, deve resplandecer a imagem destas mulheres que deixaram uma marca indelével na história do cristianismo com o testemunho de uma fé viva e corajosa, mas, sobretudo, uma fé madura e unida à Igreja. O Sínodo da Sinodalidade tem a oportunidade de fazer memória destas grandes mulheres,

¹²³⁶ EASTMAN, D.L., Cristianismo primitivo no Norte da África, p. 40.

¹²³⁷ AMBRÓSIO de Milão. As virgens I, 7, p. 628.

¹²³⁸ ALDAZÁBAL, J., Vocabulário básico de Liturgia, p. 276.

¹²³⁹ PAPA BENTO XVI. Um caminho de fé antigo e sempre novo, p. 42.

pois não colocar em destaque a vida das mártires é deixar de lado um aspecto essencial da participação das mulheres na Igreja.

4.6

Discernimento a partir do estado de vida

O Sínodo da Sinodalidade tem com uma de suas principais propostas fazer com que a Igreja esteja mais aberta à escuta e ao acompanhamento dos fiéis. Ainda é um desafio lidar com questões envolvendo as “pessoas que se sentem marginalizadas ou excluídas pela Igreja, devido à sua situação matrimonial, identidade e sexualidade”¹²⁴⁰. Dentre estas pessoas, podemos dedicar um espaço final de reflexão para as mães solteiras, para as mulheres divorciadas ou para aquelas que vivem em uma segunda união. São mulheres que, apesar de estarem na Igreja, sentem-se deslocadas e sem espaço para seguirem na vida pastoral.

Estamos diante de uma questão complexa e que não deve ser respondida de qualquer modo, pois são muitas as variantes que afetam uma perfeita compreensão do quadro geral. De que maneira, por exemplo, uma mãe solteira deve buscar a santidade na Igreja? Como uma mulher divorciada pode participar, efetivamente, de uma determinada pastoral? Atualmente, como essas mulheres entram e são acolhidas na Igreja? Será que uma mãe solteira é recebida pela Igreja com a mesma atenção e carinho com os quais se recebe uma mulher casada?

Em nosso parecer, entendemos que haja elementos de autêntica e verdadeira santificação na vida de uma mãe solteira, sem a necessidade de que seja comparada com outras mulheres casadas para poder alcançar uma condição de reconhecimento em sua dignidade, de apoio face ao abandono do qual muitas são vítimas, e do respeito e da fraternidade que lhe são devidos da parte de todos os fiéis que com ela convivam. Conforme os estatutos de santidade na Igreja, cada qual se santifica segundo o seu estado próprio de vida. Precisamos considerar esse conceito com mais profundidade, para avaliarmos em que modo mulheres em tais condições santificam toda a Igreja pelo fato de encontrarem elementos autênticos em sua condição. O que santifica a pessoa não é o fato de, por exemplo, ser ou não casada, mas a disciplina indicada pelos preceitos divinos e as diretrizes discernidas pela Igreja para conseguirem percorrer um caminho sereno de paz, alegria e comunhão.

¹²⁴⁰ SGS, Relatório de Síntese, 16 h.

Em função do chamado universal à santidade que Cristo faz a todos e a todas sem distinção e devido ao fato da Igreja agir como custódio e zelador da santificação que é obra do Espírito Santo, é de grave responsabilidade da Igreja — e, consequentemente, da teologia — a necessidade de realizar um discernimento da disciplina para as diversas realidades que orbitam ao redor das nossas comunidades, englobando maior atenção à questão das mulheres que vivem uma “situação irregular”, segundo os paradigmas sociológicos e eclesiológicos que conhecemos. Neste aspecto, é uma tarefa essencial da Igreja, sobretudo a partir do Sínodo da Sinodalidade, desenvolver dispositivos para disciplinar o caminho dessas pessoas na vida cristã e pastoral. Conforme o *Relatório de Síntese*, foi possível

perceber um profundo sentido de amor, misericórdia e compaixão pelas pessoas que estão ou se sentem feridas ou negligenciadas pela Igreja, que desejam um lugar onde regressar “a casa” e onde se sintam seguras, escutadas e respeitadas, sem receio de se sentirem julgadas¹²⁴¹.

É necessário, então, a partir do que foi constatado nas consultas ao povo de Deus, discernir uma disciplina específica para cada uma das situações. O que a Igreja tem a oferecer para estas mulheres? Ou, seguindo a questão fundamental a ser respondida pelo Sínodo da Sinodalidade, como se realiza hoje o caminhar em conjunto na Igreja, englobando os diferentes estados de vida? Quando usamos a expressão “nossa Igreja” a quem estamos nos referindo, ou seja, quem consideramos, efetivamente, como integrantes da Igreja? Quais pessoas ou grupos são deixados à margem?

Na época dos Padres da Igreja, cada agrupamento, também chamados de ordens, tinha a sua disciplina própria, como, por exemplo, a ordem das viúvas e das virgens. Existiam regras estabelecidas segundo a condição de vida das mulheres inseridas naqueles grupos. Como pode ser visto na *Tradição Apostólica* de Hipólito a respeito da instituição das viúvas: “Institua-se, pois, a viúva apenas pela palavra, e que se junte às demais. Não se imponha a mão sobre ela, porque não oferece a Oblação nem exerce a liturgia”¹²⁴². Deste modo, as viúvas tinham um espaço bem definido na vida eclesial e atuavam com tal consciência sobre sua missão e vocação, que isso não permitia discriminação ou constrangimento por parte dos outros membros da comunidade.

¹²⁴¹ SGS, Relatório de Síntese, 16 h.

¹²⁴² HIPÓLITO de Roma. *Tradição Apostólica* 30, p. 55.

Não seria também o momento de a Igreja oferecer uma disciplina que seja compatível, por exemplo, com a vida das mulheres divorciadas, a fim de que elas tomem parte, efetivamente, da vida pastoral? Será que não é o caso de pensar em um agrupamento próprio para cada situação de vida e, a partir disto, elaborar uma disciplina própria? Feito isto, o que realmente importa, para cada mulher que pertence a um desses grupos, é o crescimento espiritual.

Agora, o discernimento é uma peça fundamental no esforço para que todos caminhem juntos na Igreja. Não é frutuoso ouvir apenas aqueles que têm o nosso mesmo entendimento, pois é preciso que a Igreja esteja atenta à diversidade de opiniões. Conforme o *Vade Mecum* para o Sínodo da Sinodalidade, “devemos fazer um esforço especial para ouvir aqueles a quem podemos ser tentados a considerar pessoas menos importantes e aqueles que nos obrigam a considerar novos pontos de vista que podem mudar a nossa forma de pensar”¹²⁴³.

Neste capítulo, apresentamos as mulheres da Igreja atuando na sociedade, ou seja, a fé operando através da caridade. Não restam dúvidas de que as mulheres estiveram na linha de frente destas duas realidades, pois de um lado elas demonstraram uma fé inabalável frente aos desafios impostos e, por outro, foram protagonistas, na prática, da caridade fraterna. Desta forma, somos levados a compreender a relação entre a ortodoxia e a práxis. É preciso não sobrecarregar a ideia em relação à posição hierárquica das mulheres na Igreja, pois demonstraram que, independentemente do que ocorreu na história, nunca deixaram de cumprir a sua missão. Nenhuma circunstância, seja em qual época for, poderá apagar o que as mulheres fizeram a favor dos mais necessitados. Em um período em que a prática da caridade era vista apenas como uma função social, exercida pela aristocracia, as mulheres cristãs, independentemente da classe social, atuavam com base no mandamento de Jesus Cristo.

Vários Padres da Igreja enalteceram a atuação caritativa das mulheres e, a partir de seus escritos, é possível constatar o quanto elas estiveram à disposição, seja com o auxílio intelectual e teológico, ou oferecendo ajuda material. Alguns Padres foram ajudados diretamente por amigas e benfeitoras. João Crisóstomo, por exemplo, teve ao longo do seu ministério uma ajuda inestimável da viúva Olímpia.

¹²⁴³ SGS, *Vade mecum*, 2,2, p. 13.

Jerônimo contou com a colaboração das amigas matronas Marcela e Paula, assim como Gregório de Nissa e outros.

Também foram descritas as mulheres que empreenderam verdadeiras jornadas de fé peregrinando aos locais sagrados, sobretudo viajando rumo à Terra Santa. No rol destas mulheres está Egéria, Paula, a amiga de Jerônimo e Helena, a mãe do imperador Constantino Magno. O que essas mulheres realizaram, pode-se afirmar sem dúvidas, estava além do seu tempo, pois peregrinar naquela época era uma coisa que demandava uma excelente condição financeira, mas, acima de tudo, uma heroica coragem. É relevante lembrar que tais peregrinações ocorreram em um período muito próximo da liberdade concedida ao cristianismo, demonstrando o espírito desbravador destas valentes mulheres. Jerônimo também teve a oportunidade de acompanhar a amiga Paula em uma viagem para Jerusalém, deixando os registros em uma de suas epístolas.

As mulheres também demonstraram um poder enquanto doadoras de bens e tal fato pode ser observado desde aquelas discípulas que acompanharam Jesus (Lc 8,3). Desta forma, constatamos que as mulheres estavam integradas com os homens, desde os primórdios do cristianismo. Agostinho observa que as mulheres exerciam a função de cuidar pessoalmente das coisas que Jesus precisava no exercício do seu ministério. As mulheres que eram curadas por Jesus imediatamente passavam ao serviço e, deste modo, não importava se eram ou não detentoras de bens materiais, pois o que importava era colocar-se em posição de serviço em prol do ministério de Jesus.

É relevante notar que muitos Padres da Igreja foram acompanhados por mulheres que os auxiliaram em diferentes aspectos, tanto materialmente quanto no ensino da doutrina. Porém, tal relação não aconteceu sem maiores controvérsias. Jerônimo, por exemplo, foi um dos que sofreu reprovações pelo fato de ocupar-se em escrever para algumas mulheres. É digno de elogio o papel das mulheres ao lado dos Padres da Igreja, não como coadjuvantes, mas desempenhando papéis de protagonistas, sendo verdadeiras companheiras de missão, tais como Olímpia e João Crisóstomo, Proba, Juliana e Agostinho, e ainda o círculo do Aventino com Jerônimo. As histórias destas mulheres são significativas porque a maioria do que é conhecido sobre a vida das mulheres nos primórdios do cristianismo foi registrado por homens.

Ao final do capítulo, apresentamos a relação das mulheres e o pontificado do Papa Francisco, mas partindo desde outras épocas, ou seja, iniciando com o Papa Paulo VI, passando pelo Concílio Vaticano II, o Papa João Paulo II e Bento XVI. Constatamos que existe uma continuidade de ideias a favor de uma melhor compreensão do papel das mulheres na vida da Igreja, sendo muito significativa a Carta Apostólica de João Paulo II sobre a dignidade e a vocação da mulher.

Dentre as afirmações do magistério, uma delas corresponde a um princípio fundamental, com base na lei divina e presente também nos comentários dos Padres da Igreja, a saber: a igual dignidade, perante Deus, entre a mulher e o homem. Ambos estão no mesmo nível, pois, de acordo com Jerônimo, não é a diferença dos sexos que tem valor no serviço de Deus, mas é o espírito que vale. É preciso compreender que a vocação, o chamado, é sempre de caráter individual e profético, e não depende de ser homem ou mulher, pois todos são chamados à santidade.

Desde o início de seu pontificado, o Papa Francisco trabalha para criar novas oportunidades para as mulheres na vida da Igreja. Este caminho tem sido difícil, porém progressivo, e Francisco está na linha de frente conduzindo o povo de Deus, procurando meios de uma maior abertura para a atuação das mulheres na vida da Igreja, sobretudo nas instâncias de decisão.

O Sínodo da Sinodalidade levantou várias questões sobre a maior valorização das mulheres e de espaços de participação na missão da Igreja, com destaque para a necessidade de repensar sobre o papel das mulheres, considerando que elas devem ter uma participação plena na vida da Igreja, tendo em vista a sua dignidade batismal. De todos os continentes surgiu o apelo para uma maior valorização das mulheres, pelo fato de todas serem membros do Povo de Deus, prezando, acima de tudo, a sua dignidade batismal. As mulheres têm um amor profundo pela Igreja que não pode ser desconsiderado. É crucial avançar com as propostas de Francisco, garantindo que as mulheres, sobretudo as mães solteiras, as divorciadas ou vivendo em segunda união, não sejam deixadas à margem, mas ocupem o centro do caminho, liderando quando for necessário, ao invés de serem assistentes secundárias, uma vez que estiveram em posição central em todos os momentos cruciais da vida de Jesus.

5

Considerações finais

A literatura patrística, a Sagrada Escritura e os textos apócrifos comprovam a relevância das mulheres na história do cristianismo, pois, a partir destas fontes, é constatado o quanto elas foram protagonistas em várias perspectivas. A começar, elas foram as mulheres fortes de Israel e, assim, justamente consideradas as mães do povo de Deus, pois se podemos falar dos patriarcas, da mesma forma não seria fora de propósito falarmos das matriarcas de Israel. A partir do montante de textos visitados ao longo desta tese, encontramos preciosos relatos a respeito de como estas mulheres foram relevantes na história da salvação sob vários aspectos, tais como: aquelas que levaram uma vida piedosa; as que demonstraram força e coragem, mesmo diante dos cenários mais desfavoráveis; aquelas que foram fiéis até o fim, apesar de terem as suas próprias vidas colocadas em risco. Desta maneira, tivemos a oportunidade de demonstrar o nível da autoridade espiritual que as mulheres sempre exerceram ao longo de todos os tempos.

Na exegese dos Padres, as mulheres são apresentadas como tipos de modelos de virtude e de confiança em Deus, assim como modelos da vida contemplativa, como figuras da Igreja e também estão inseridas na prefiguração do mistério da encarnação do Senhor. Neste rol, estão incluídas, dentre outras mulheres: Sara, Raquel, Lia, Rute, Judite, Ester, Maria Madalena, Maria, a mãe de Jesus, Lídia, Priscila, Febe, Tecla, Paula, Marcela, Eustóquia, Macrina, Mônica, Egéria, Helena e demais.

Nas páginas da Escritura, encontramos centenas de mulheres que demonstraram honra, força e coragem, cujos feitos foram reconhecidos através dos comentários patrísticos, desde Filon de Alexandria até Agostinho de Hipona, por exemplo. É relevante que estes textos sejam relidos sempre considerando a época em que foram escritos, pois assim compreenderemos a forma de expressão dos Padres. Deixar de seguir este pressuposto é cair no erro de um perigoso anacronismo.

É notório que o estrangeiro, a viúva e os órfãos, sempre tiveram uma especial atenção divina, sobretudo a partir do que está consignado nas Escrituras. No contexto veterotestamentário, percorremos a vida de mulheres que são legítimas representantes deste grupo preferencial, a saber: Rute, a estrangeira e modelo de

fidelidade à Aliança é considerada pelos Padres como uma prefiguração da entrada dos gentios na Igreja do Senhor; Judite, a viúva considerada a glória de Jerusalém e, na exegese patrística, é bem-aventurada por realizar feitos viris; e Ester, a órfã que virou uma rainha, salvou o povo da morte e, conforme os Padres, é uma representação do poder de intercessão característico da Igreja.

No livro de Provérbios, encontramos a descrição da mulher forte, virtuosa, cheia de sabedoria e muito hábil para lidar com os negócios familiares. Para os Padres, a mulher valorosa é aquela que está sempre disposta ao trabalho, se preocupa com a realidade terrena, mas, ao mesmo tempo, tem o cuidado com as ordens espirituais. A literatura patrística compara a mulher de Provérbios com a Igreja que nasce do lado aberto do Cristo na cruz. Esta mulher virtuosa é a companheira ideal para o homem, pois, na demonstração de sua força, encontra-se a garantia de sucesso nos empreendimentos da família.

No âmbito neotestamentário, as mulheres carregam a marca indelével de serem as primeiras testemunhas do evento que fundamenta o cristianismo, ou seja, foi para elas que Jesus ressuscitado apareceu em primeiro lugar. Neste contexto, aquelas que seguiram o Messias esperado foram as suas fiéis companheiras, caminhando ao seu lado do começo aos pés da cruz, quando demonstraram força e coragem, até mesmo mais do que os discípulos homens.

A relação de Paulo com as mulheres é sempre um ponto controverso e precisa ser analisado cuidadosamente. Apresentamos evidências, sobretudo a partir da exegese patrística, de que não podemos entender tal relação a partir de uma única visão, identificada como uma misoginia da parte do apóstolo, pois se assim o fosse, ele não teria mencionado tantas mulheres ao longo de seus escritos. Tal constatação demonstra que as mulheres ocuparam um lugar relevante, não apenas nos textos, mas também na vida e no ministério de Paulo. Ao realizarmos uma leitura mais cuidadosa, entendemos que Paulo escreveu a partir de um determinado contexto, muito mais influenciado pela cultura dominante, do que visando diminuir o valor das mulheres.

Na literatura apócrifa, encontramos informações relevantes para comprovar de que modo as mulheres contribuíram para o crescimento do cristianismo, sobretudo nos primeiros séculos. Os textos apócrifos, por exemplo, apresentam Maria Madalena não como uma prostituta, mas como uma mulher de força e com autoridade, considerada como a Apóstola dos Apóstolos, pois recebera do próprio

Jesus ressuscitado a missão de evangelizar. A história de Tecla, uma mulher que rompeu as barreiras próprias de seu tempo para caminhar com o apóstolo Paulo, também pode ser conhecida graças aos apócrifos.

O chamado à santidade é dirigido a todos os que professam a fé. Porém, não é raro o pensamento de que é preciso ocupar um cargo eclesiástico para estar mais próximo deste ideal de vida. Demonstramos que a busca pela santidade pode ser experimentada por qualquer pessoa, pois o estado de vida, ou seja, estar casada, solteira, viúva, não é o que importa. Neste contexto, as mulheres buscavam a santificação na forma em que optavam por viver, ou seja, ou mantendo a virgindade, através do matrimônio ou pela viuvez. Algumas famílias dos Padres da Igreja passaram por tal experiência como, por exemplo, Macrina com os irmãos Basílio de Cesareia e Gregório de Nissa; Nona e Gorgônia com Gregório de Nazianzeno; Mônica com Agostinho. Estas mulheres demonstraram que o principal é fazer a vontade de Deus independentemente do estado de vida.

Buscar referências, seja na Escritura, na literatura Patrística ou nos Apócrifos, de mulheres fortes é, certamente, encontrar a pessoa ímpar de Maria, a mãe de Jesus. Ela é a discípula mais forte, fiel e perfeita, um exemplo de mulher plena, cheia da graça de Deus e com uma autoridade exercida, assim como fez o Filho, na obediência e no serviço ao próximo. De acordo com Irineu de Lião, por causa disto, Maria foi causa de salvação para si e para todo o gênero humano. Maria é uma mulher forte pelo seu desprendimento em favor do próximo, por exemplo, quando foi visitar Isabel, pois, mais do que qualquer outra pessoa, com o seu coração de discípula, soube colocar a sua vida a serviço do Reino. E, conforme Agostinho, o discipulado exercido através do serviço fez de Maria uma mulher mais perfeita do que pelo fato de ela ser a mãe de Cristo.

Não restam dúvidas de que a contribuição das mulheres no serviço à Igreja, sobretudo nos primeiros séculos, é um fato histórico que precisa ser lembrado de geração em geração. No rol das grandes mulheres, a partir da literatura patrística, encontramos registros sobre as virgens e o que elas representavam para a vida da Igreja, consideradas como a porção mais ilustre de todo o rebanho de Cristo. Os escritos dos Padres a respeito das virgens contribuíram para a devida valorização da mulher, tanto do ponto de vista eclesiológico quanto social, pois as virgens ganhavam uma posição de autoridade a partir da escolha de vida que faziam. As

virgens eram relacionadas, de forma quase inseparável, com a Igreja e com o próprio Jesus Cristo.

É relevante destacar, que por conta da grandeza de seus feitos, as virgens passaram a ser equiparadas com os mártires de outrora, pois, no entendimento dos Padres, assim como os que pereciam pela fé estavam unidos com Cristo, o mesmo acontecia com as virgens, seja na fortaleza, na coragem, na autoridade e no testemunho de vida.

Se por um lado são bastantes lembrados os monges, ou os Padres do Deserto, por outro nem sempre se tem o mesmo reconhecimento para com as monjas, ou as Madres do Deserto. Neste ponto, também estamos diante de uma tal nuvem de testemunhas, ou seja, de mulheres, muitas delas detentoras de grandes posses, que abdicaram de uma vida tranquila para viverem a experiência do desprendimento no deserto. Naqueles lugares, elas também fundaram mosteiros, acolheram peregrinos e compartilharam com os homens a vivência em comunidade.

Outro grupo de mulheres que merece louvor é o das viúvas. É importante registrar que elas não apenas foram assistidas pela Igreja, mas também exerceram um protagonismo, sobretudo trabalhando em prol dos mais necessitados. Este era o modo de viver das viúvas, ou seja, uma vida na Igreja dedicada ao cuidado dos que mais precisavam, mesmo que, em alguns casos, elas próprias necessitassem de auxílio. Na visão dos Padres, as viúvas eram tão preciosas que eram consideradas o altar de Deus. Alguns deles tiveram um relacionamento próximo com as viúvas como, por exemplo, nos casos de Agostinho com Proba e João Crisóstomo com Olímpia. Por conta disto, a partir de um determinado período de amadurecimento, as viúvas foram instituídas em um distinto grupo na Igreja e passaram a deter uma autoridade considerável no meio da comunidade.

Assim como as virgens e as viúvas, as mártires também estão no rol das mulheres que fizeram a diferença na história do cristianismo. Foi através do testemunho de vida que elas demonstraram a sua fortaleza e autoridade. É relevante que o martírio não faz distinção entre os sexos, pois o que importa é o testemunho levado até o final da vida devido a Jesus Cristo. A partir da literatura patrística, encontramos preciosos registros sobre a vida das mártires cristãs e constatamos que elas foram, sem a menor dúvida, mulheres de honra, coragem e força. A celebração litúrgica também corrobora a magnitude destas mulheres que deram as vidas como

prova de amor ao Cristo, pois em uma das Orações Eucarísticas do Missal Romano, encontramos a menção de sete mulheres mártires.

Demonstramos que a autoridade das mulheres também consiste na sua aptidão de governar as suas próprias casas, considerando também o múnus de santificar e de ensinar. Os Padres da Igreja deixaram registros que comprovam o exercício desse múnus pelas mulheres, ou seja, temos relatos afirmando que muitas tinham mais condições de conduzir a família do que os homens, conforme, por exemplo, alguns trechos dos escritos de Jerônimo. É uma autoridade revestida do serviço prestado na própria casa, seja cuidando dos negócios familiares, educando os filhos, tomando conta dos empregados e todas as demandas do núcleo familiar.

Além do ambiente caseiro, as mulheres também atuaram na sociedade, demonstrando que a fé opera através da caridade. São duas realidades que não existem isoladamente, mas que são complementares e sustentadas uma pela outra. As mulheres estavam envolvidas nestas duas frentes de atuação, ao demonstrarem a fé através do exercício da caridade fraterna. Neste ponto, pontamos a relação existente entre a ortodoxia, representada pela fé, e a práxis, representada pelo exercício de uma fé madura, formada, ou seja, a prática da caridade. Assim foi a atuação das mulheres na sociedade. A literatura Patrística também é importante para demonstrar como muitas mulheres atuaram na prática da caridade, pois até mesmo alguns dos Padres foram auxiliados por elas. É relevante não mirar apenas na questão da hierarquia eclesial, pois podemos arriscar deixar à margem o protagonismo das mulheres na Igreja a partir da perspectiva da fé, operando pela caridade.

Não foi apenas através da prática da caridade que as mulheres tiveram um protagonismo na vida social, mas também algumas se destacaram realizando peregrinações aos lugares santos de Jerusalém. Apresentamos algumas mulheres que demonstraram autoridade através destas viagens como, por exemplo, Egéria, Paula, a amiga de Jerônimo e Helena, a mãe do imperador Constantino. Não restam dúvidas de que os feitos destas mulheres demonstraram autoridade, pois a realização da tarefa não dependia apenas de coragem e determinação, mas, sobretudo, elas precisaram vencer as barreiras culturais próprias do tempo. Os Padres da Igreja, além de serem testemunhas do desbravamento realizado por essas mulheres, também estiveram ao lado delas, como, por exemplo, Jerônimo viajando com Paula para Jerusalém.

A autoridade das cristãs também pôde ser constatada enquanto elas exerceram o protagonismo na doação dos seus próprios bens. Demonstramos que, desde os escritos do Novo Testamento, a começar pelos evangelhos, as mulheres estavam dispostas a contribuir materialmente com a propagação do Reino de Deus. Neste ponto, Agostinho observou que as mulheres cuidaram pessoalmente daquilo que era necessário para o desenvolvimento do ministério público de Jesus Cristo. Elas colaboravam não apenas com bens materiais, pois muitas das mulheres não eram nobres, porém passaram a segui-Lo, colocando-se a serviço do seu ministério.

Os próprios Padres da Igreja foram auxiliados pelas mulheres ao longo de suas vidas, tanto no aspecto material quanto na ajuda com o ensino e estabelecimento da doutrina. Constatamos que tal relacionamento entre os Padres e as mulheres não aconteceu de maneira simples ou sem deixar um rastro de polêmica. Tal fato é devido ao contexto cultural da época em questão. Alguns Padres souberam expressar melhor do que outros a relevância das mulheres para o cristianismo, a ponto de Jerônimo, por exemplo, ter sofrido críticas pela sua dedicação em escrever bastante para as mulheres.

É relevante o protagonismo exercido pelas mulheres ao lado dos Padres e comprovamos que elas foram verdadeiras companheiras de missão na vida de muitos deles, como, por exemplo, Olímpia com João Crisóstomo, Proba e Juliana com Agostinho e as mulheres do círculo do Aventino com Jerônimo. A vida dessas mulheres é uma fonte segura para comprovarmos a importância que elas tiveram na vida de alguns dos mais importantes Padres, pois muito do que sabemos sobre elas é graças aos escritos deles próprios.

Com o intuito de atualizar o pensamento do magistério católico com referência aos Padres da Igreja, demonstramos, a partir do pontificado de Paulo VI, a continuidade das declarações a respeito do papel exercido pelas mulheres na vida da Igreja, sobretudo no sentido de que é necessária uma maior abertura na compreensão da missão que têm a desempenhar. Um documento essencial, e norteador, é a carta apostólica, *Mulieris dignitatem*, do papa João Paulo II sobre a dignidade e a vocação da mulher

A partir das declarações do magistério recente, constatamos que estão em sintonia com os escritos patrísticos, principalmente na concepção de uma mesma dignidade, com fundamento no sacramento do batismo, entre os homens e as mulheres. Jerônimo, por exemplo, declara que no serviço de Deus não importa o

sexo, mas o que vale realmente é o espírito. Para Agostinho, o fato de o homem e a mulher terem sido criados à imagem de Deus é uma comprovação de que ambos possuem a mesma dignidade. Ainda neste contexto, fazemos uma conexão entre o pensamento contemporâneo e a era dos Padres, pois ambos apontam para uma mesma direção, ou seja, o que importa não é a posição ou o cargo assumido, seja para os homens ou para as mulheres, mas o que precisa ser evidenciado é que a busca pela santidade independe do estado de cada fiel.

De maneira louvável, desde o início do seu pontificado, o Papa Francisco busca formas para ampliar o espaço das mulheres na vida eclesial. Não é uma tarefa fácil, porém, aos poucos e, na medida do seu possível, Francisco consegue avançar a cada nova declaração e ações implementadas. Demonstramos tese que é preciso alargar os espaços de decisão, a fim de que as mulheres possam marcar presença e atuarem com a disposição e a sensibilidade que lhes são peculiares.

No desenrolar dos trabalhos realizados no Sínodo da Sinodalidade, convocado pelo Papa Francisco no ano de 2021, as mulheres foram lembradas em todas as conferências episcopais, sobretudo com propostas de maior valorização nos ambientes eclesiais. O fundamento desta reivindicação sinodal está na dignidade batismal de todo o Povo de Deus. Demonstramos que as propostas do Papa Francisco irão amadurecer ao longo do tempo e a semente lançada em seu pontificado não deixará de produzir abundantes frutos.

O Sínodo da Sinodalidade, aberto à escuta do Espírito Santo, deve apresentar soluções práticas em relação ao acolhimento e acompanhamento, na Igreja, de determinados grupos de mulheres, ou seja, as mães solteiras, as divorciadas e as que vivem em uma segunda união. Apresentamos a ideia que é preciso a criação de mecanismos específicos a fim de que essas mulheres não sejam deixadas à margem e possam, realmente, encontrar um ambiente acolhedor e fraterno, independentemente da sua condição de vida.

Mesmo que a nossa tese tenha avançado e contribuído com a temática do papel das mulheres nos primeiros séculos do cristianismo, sobretudo a partir da hagiografia patrística, constatamos ainda existirem peculiaridades a serem exploradas, pois o protagonismo teológico-pastoral vivenciado pelas mulheres, ao longo da história, têm um valor inestimável.

As mulheres são a maioria em nossas comunidades e tal constatação deve ser considerada não apenas como um recorte temporal ou casual, pois

comprovamos que, desde o seu começo, o cristianismo foi beneficiado pela atuação de grandes mulheres, com autoridade de autênticas seguidoras do Ressuscitado e, quando era preciso, também ofereceram as vidas em sacrifício pela causa do Reino de Deus.

Os Padres da Igreja perpetuaram, através de seus escritos, a memória de mulheres que participaram com eles na missão de evangelizar, seja em casa, na Igreja ou na sociedade, tanto na defesa da fé, quanto no estabelecimento de comunidades monásticas, assim como na tarefa de manter a caridade na vida da Igreja. Com isso, demonstramos que as Madres da Igreja exerceram um protagonismo teológico-pastoral essenciais para o desenvolvimento do cristianismo nos primeiros séculos.

Referências bibliográficas

ACTOS DOS MÁRTIRES. Actos de Crisprina. **Coleção Patística 5**. Lisboa: Edições Paulistas, 1960.

AGOSTINHO de Hipona. Letters. In: SCHAFF, P., WACE, H. (Eds.). **A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, Series I, v1**. Nova York: The Christian Literature Company, 1890. p. 893-900.

AGOSTINHO de Hipona. **A virgindade consagrada**. São Paulo: Paulus, 1990.

AGOSTINHO de Hipona. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1995.

AGOSTINHO de Hipona. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997.

AGOSTINHO de Hipona. **Comentário aos Salmos** (Salmos 101-150). São Paulo: Paulus, 1998.

AGOSTINHO de Hipona. **A verdadeira religião**. O cuidado devido aos mortos. São Paulo: Paulinas, 2002.

AGOSTINHO de Hipona. **A doutrina cristã**. São Paulo: Paulus, 2002.

AGOSTINHO de Hipona. **A Cidade de Deus**. Contra os pagãos. Parte II (Livros XI a XXII). Petrópolis: Vozes, 2012.

AGOSTINHO de Hipona. **Dons bens do matrimônio**. A santa virgindade. Dos bens da viuvez: cartas a Pobra e a Juliana. São Paulo: Paulus, 2015.

AGOSTINHO de Hipona. Sermões. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 993-1126.

AGOSTINHO de Hipona. Os costumes da Igreja Católica. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 812-813.

AGOSTINHO de Hipona. **A Virgem Maria**. Cem textos marianos com comentários. São Paulo: Paulus, 2017.

AGOSTINHO de Hipona. **Comentários a São João I**. Evangelho – Homilias 1-49. São Paulo: Paulus, 2022.

AGOSTINHO de Hipona. **Discurso 132**. Disponível em <<https://www.augustinus.it/italiano/discorsi/index2.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

AGOSTINHO de Hipona. **Discurso 273**. Disponível em <<https://www.augustinus.it/italiano/discorsi/index2.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2023.

AGOSTINHO de Hipona. **Discurso 286**. Disponível em <<https://www.augustinus.it/italiano/discorsi/index2.htm>> . Acesso em: 15 mar. 2023.

ALDAZÁBAL, J. **Vocabulário básico de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2013.

ALEXANDRE, M. Do anúncio do Reino à Igreja. Papéis, ministérios e poder feminino. In: DUBY, G.; PERROT, M. (Orgs.). **História das Mulheres no Ocidente**. Volume I: A Antiguidade. Porto: Edições Afrontamento, 1990. p. 512-563.

ALMEIDA, R.S. **Vozes femininas no início do cristianismo**. Império Romano. Perseguição, Igreja Primitiva. Papel feminino. São Paulo: Hagnos, 2017.

ALTEMEYER JR., F. Os muitos partos do bispo de Roma. In: PASSOS, J.D.; SOARES, A.M.L. (Orgs.). **Francisco. Renasce a esperança**. São Paulo: Paulinas, 2013.

AMBRÓSIO de Milão. Concerning Virgins. In: SCHAFF, P., WACE, H. (Eds.). **A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, Second Series, v10**. Nova York: The Christian Literature Company, 1890. p. 790-846.

AMBRÓSIO de Milão. Exposição sobre o Evangelho de Lucas. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 602-604.

AMBRÓSIO de Milão. A Virgindade. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 632-634.

AMBRÓSIO de Milão. As Virgens. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 628-631.

AMBRÓSIO de Milão. As Viúvas. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 631-632.

AMBRÓSIO de Milão. **Comentário ao Evangelho de São Lucas**. São Paulo: Paulus, 2022.

AQUILINA, M.; BAILEY, C., **Madres da Igreja**. O testemunho das cristãs primitivas. São Paulo: Loyola, 2018.

ARFUCH, D.E. Una nota sulle donne “diacono” nell’agiografia cipriota dal secolo V al VII. **Augustinianum**, v.56, n.2, p.431-437, dez.2016.

ARISTIDES de Atenas. Coleção Patrística vol. 2. **Padres Apologistas**. São Paulo: Paulus, 1995

ARNS, P.E.; GORGULHO, G.; ANDERSON, A.F., *Mulheres da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2004.

ARRUDA, L. F. **Mulheres na vida de Jesus**. A história das primeiras discípulas. São Paulo: Paulus, 2011.

ARRUDA, L. F. **Mulheres na vida de Paulo**. A história de Lídia, Priscila e Febe. São Paulo: Paulus, 2019.

ASO, G.G. Busca a sabedoria e (...) ela te cercará com seus braços. A mulher cristã tardo antiga a partir de textos escolhidos de Jerônimo de Estridão. Os tópicos da virgindade e o ascetismo desdobrados em um ambiente viril. **Heródoto**, v.6, n.2, p. 143-154, 2021.

ASSUNÇÃO, R.A. (Org.). **Ser cristão na era neopagã, vol I**. Discursos e Homilias (1986-1999). São Paulo: Ecclesiae, 2014.

ASSUNÇÃO, R.A. **O Sacrifício da Palavra**. A Liturgia da Missa segundo Bento XVI. Campinas: Ecclesiae, 2016.

ATANÁSIO de Alexandria. **A encarnação do Verbo**. São Paulo: Paulus, 2002.

ATANÁSIO de Alexandria. **Vida de Antão**. São Paulo: Paulus, 2002.

ATANÁSIO de Alexandria. A Virgindade. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 437.

ATANÁSIO de Alexandria. Hino à Virgindade. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 438.

ATAS DOS MÁRTIRES. Mártires de Cartago. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 346-347.

ATAS DOS MÁRTIRES. Martírio de Justino e dos seus companheiros. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 171-172.

ATENÁGORAS de Atenas. **Coleção Patrística**. Vol. 2. São Paulo: Paulus, 1995.

AUGÉ, M. **Ano Litúrgico**. É o próprio Cristo presente na sua Igreja. São Paulo: Paulinas, 2019.

BALDOCK, J. **Mulheres na Bíblia**. Atos heroicos, nascimentos miraculosos, confrontos, rivalidades e amor verdadeiro. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2009.

BARBIERI, R.; CALABUIG, I.M. Virgindade consagrada na Igreja. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A.M. (Eds.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. p. 1235-1249.

BARMBY, J. (Trad.). **Gregório para Teoctista**. Livro I Epístola 5. Disponível em <<https://www.newadvent.org/fathers/360201005.htm>> . Acesso em: 21 dez. 2022.

BASÍLIO de Cesareia. Letter CCXXIII. In: SCHAFF, P., WACE, H. (Eds.). **A Select Library of the Nicene Fathers of the Christian Church, Second Series, v8**. Nova York: The Christian Literature Company, 1890, p.737-743.

BAUMERT, N. **Mulher e homem em Paulo**: superação de um mal-entendido. São Paulo: Loyola, 1999.

BAUTISTA, E. **La mujer en la Iglesia primitiva**. Estella: Editorial Verbo Divino, 1993.

BENTO XVI, PP. Os cônjuges Priscila e Áquila. **Audiência geral**, 07 de fevereiro de 2007. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070207.html>. Acesso em: 31 dez. 2022.

BENTO XVI, PP. As mulheres ao serviço do Evangelho. **Audiência geral**, 14 de fevereiro de 2007. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070214.html>. Acesso em: 31 dez. 2022.

BENTO XVI, PP. **As Santas Mulheres**: de Hildegarda a Santa Teresa de Lisieux. Campinas: Ecclesiae, 2012.

BENTO XVI, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini**, sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.

BENTO XVI, PP. **Paulo**. Os seus colaboradores e as suas comunidades. São Paulo: Paulus, 2009.

BENTO XVI, PP. **Um caminho de fé antigo e sempre novo**. Pregações para o Ano Litúrgico. Ano A. São Paulo: Molokai, 2017.

BENTO XVI, PP. **Encontro com os movimentos católicos para a promoção da mulher**. Luanda, 22 mar. 2009. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20090322_promozione-donna.html>. Acesso em: 27 fev. 2024.

BENTO XVI, PP. **Regina Caeli**. Castel Gandolfo, 09 abr. 2012. Disponível em <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2012/documents/hf_ben-xvi_reg_20120409_easter-monday.html> Acesso em: 29 fev. 2024.

BETTENCOURT, E.; LIMA, M.L.C., **Curso Bíblico: Mater Ecclesiae**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

BIANCO, M.G. Diaconesse. In: BERARDINO, A.(org). **Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane (A-E)**. Roma: Marietti, 2006. p. 1384-1385.

BIANCO, M.G. Marcella. In: DI BERARDINO, A. **Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane (F-O)**. Roma: Marietti, 2008. p. 3007-3008.

BIBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

BINGEMER, M.C.L. **Abbá: un Padre maternal**. Estudios Trinitarios 36, p. 69-102, 2002.

BINGEMER, M.C.L. A esperança de futuro para a Igreja. In: PASSOS, J.D.; SOARES, A.M.L. (Orgs.). **Francisco. Renasce a esperança**. São Paulo: Paulinas, 2013.

BINGEMER, M.C.L. **O rosto feminino de Deus**. Disponível em: < <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1579-maria-clara-bingemer-4>>. Acesso em: 28 set. 2023.

BINGEMER, M.C.L. **A experiência de Deus num corpo de mulher**. São Paulo: Loyola, 2002.

BINGEMER, M.C.L. Fragilidade e gênio: o lugar da mulher na Evangelii Gaudium. In: AMADO, J.P.; FERNANDES, L.A. (Orgs.). **Evangelii Gaudium em questão. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2014. p. 235-244.

BINGEMER, M.C.L. **Mulheres de palavra**. São Paulo: Loyola, 2003.

BINGEMER, M.C.L. **O lugar da mulher: interpretação feminina da “Mulieris dignitatem”**. São Paulo: Loyola, 1990.

BINGEMER, M.C.L. **O segredo feminino do Mistério: ensaios da teologia na ótica da mulher**. Petrópolis: Vozes, 1991.

BINGEMER, M.C.L. **A argila e o Espírito: ensaios sobre ética, mística e poética**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

BINGEMER, M.C.L. A mulher na igreja e na sociedade. **Annales**, v.2 n.4, p.29-48. 2017.

BIRAGHI, L. **Vita Santa Marcellina**. Milão: Tipografia Luigi Reali, 1935.

BOFF, C. **Teoria do Método Teológico**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOFF, L. **El Ave María**. Lo Femenino y el Espíritu Santo. Santander: Sal Terrae, 1982.

BOFF, L. **O rosto materno de Deus**. Ensaio interdisciplinar sobre o feminismo e suas formas religiosas. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOFF, L. A imagem da mulher na Bíblia é a filha predileta do Pai. In: GUIMARÃES, V. (Org.). **Iconografia de Aparecida. Teologia da Imagem**. São Paulo: Paulus, 2017. p. 23-28.

BOFF, L. **Como tudo começou com Maria de Nazaré**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

BOFF, L. **Mariologia**. Interpelações para a vida e para a fé. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOGAZ, A.S.; COUTO, M. A.; HANSEN, J. H. **Patrística**: Caminhos da tradição cristã. São Paulo: Paulus, 2008.

BONDAN, F.J. **Lecionário Patrístico Dominical**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2019.

BRAGA, E.S. **Santas e sedutoras, as heroínas na bíblia hebraica**. A mulher entre a narrativa bíblica e a literatura patrística. São Paulo, 2007, 171p. Dissertação. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BRAY, G. **La Bibbia commentata dai Padri**. Nuovo Testamento 7.1-2 Corinzi. Roma: Città Nuova, 2014.

BROWN, P. Antiguidade tardia. In: ARIÈS, P.; DUBY, G. (Dir.). **História da vida privada I**. Do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 213-285.

BROWN, P. **Corpo e Sociedade**. O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do casamento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

BROWN, P. **Santo Agostinho**: uma biografia. Rio de Janeiro: Record, 2020.

BROWN, R.E. **O nascimento do Messias**. Comentário das narrativas da infância nos evangelhos de Mateus e Lucas. São Paulo: Paulinas, 2005.

BUENO, D.R (Ed.) **Acta de los mártires**. Madrid: BAC, 2003.

CAIN, A. Jerome's Epitaphium Paulae: Hagiography, Pilgrimage, and the Cult of Saint Paula. **Journal of Early Christian Studies**, v.18, n.1, Set. 2010, pp. 105-139.

CAMPOS, E.S. **História e evolução dos hospitais**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Departamento Nacional de Saúde, 1965.

CÂNDIDO, E.R. **A Mulher no Pensamento de Gregório Nazianzeno**: entre teologia, literatura e pastoral. Roma, 2005. 252p. Tese. Instituto Patrístico Augustiniano, Pontificia Universidade Lateranense.

CÂNDIDO, E.R. (Org.). A mulher na antiguidade cristã. **Cadernos Patrísticos**, v. 7, n. 13 p. 7-14, nov. 2013.

CANDIOTTO, J.F.S., **Teologia da perspectiva de gênero: a contribuição da hermenêutica bíblica**. Rio de Janeiro, 2008. 135p. Dissertação. Faculdade de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

CANTALAMESSA, R. **I più antichi testi pasquali della Chiesa**. Le omelie di Mellitone di Sardie dell'anonimo quartodecimano e altri testi del II secolo. Roma: Edizioni Liturgiche, 1972.

CANTALAMESSA, R. **Maria: um espelho para a Igreja**. Aparecida: Santuário, 1992.

CARDOSO, M.T.F.; BORDIGON, A.L. Pastoral kenótica: atuação da Igreja “em saída”. **Fronteiras**. v. 6, n. 2, p. 297-313, jul./dez., 2023.

CARTA A DIOGNETO. **Coleção Patrística** vol. 1. Padres Apostólicos. São Paulo: Paulus, 1995.

CASTELLI, A.E. The Life and Activity of the Holy and Blessed Teacher Syncletica. In: WIMBUSH, V.L. (Org). **Ascetic behavior in Greco-Roman Antiquity a sourcebook**. Minneapolis: Fortress Press, 1990. p. 265-311.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas: Loyola, 2011.

CAVALCANTI, J.B. **Mulheres nos cristianismos paulinos**. Rio de Janeiro: Kliné, 2021.

CELAM. **Documento de Aparecida**: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB, 2009.

CHRYSSAVGIS, J. **In the Heart of the Desert**: The Spirituality of the Desert Fathers and Mothers. Indiana: World Wisdom, 2003.

CIPRIANO de Cartago. O Estado de Virgindade. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica**: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio. Fátima:Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 293-294.

CIPRIANO de Cartago. Carta 6. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica**: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio. Fátima:Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 311.

CIPRIANO de Cartago. Carta 7. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica**: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio. Fátima:Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 311.

CIPRIANO de Cartago. A Conduta das Virgens. In: **Obras Completas I** vol. 35/1. São Paulo: Paulus, 2016.

- CIPRIANO de Cartago. **Obras Completas II** vol. 35/2. São Paulo: Paulus, 2020.
- CIRILO de Jerusalém. **Catequeses pré-batismais**. Petrópolis: Vozes, 2022.
- CLARK, E.A. **Jerome, Chrysostom, and Friends**. Essays and Translations. Studies in Women and Religion Volume Two. New York: The Edwin Mellen Press, 1979.
- CLARK, E.A. **Women in the early church**. Message of the fathers of the church 13. Minnesota: The Liturgical Press, 1990.
- CLARK, E.A. (Trad.). **The life of Melania the Younger**. Studies in Women and Religion Volume 14. New York: The Edwin Mellen Press, 1984.
- CLEMENTE Romano. **Coleção Patrística** vol. 1. Padres Apostólicos. São Paulo: Paulus, 1995.
- CLEMENTE de Alexandria. **O Pedagogo**. São Paulo: Ecclesiae, 2013.
- CLEMENTE de Alexandria. Stromata II. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 192-193.
- CNBB. **Missal Romano**. Tradução portuguesa da 2ª edição típica para o Brasil realizado e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Paulus, 2015.
- CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 2017.
- COELHO, F.S. **As Matronas da Antiguidade Cristã: um estudo comparado das representações de gênero nas obras de Jerônimo e Agostinho (380 – 420 E. C.)**. Rio de Janeiro, 2018. 318p. Tese. Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- COELHO, F.S. As matronas da Igreja de Roma na antiguidade tardia. **Revista História em Reflexão**, v. 12, n. 23, p. 137-160, jan./jun. 2018.
- CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto Apostolicam actuositatem**: sobre o apostolado dos leigos. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html. Acesso em: 22 fev. 2024.
- CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto Ad gentes**: sobre a atividade missionária da Igreja. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html. Acesso em: 22 fev. 2024.
- CONSOLINO, F.L. Modelli di santita femminile nelle piu antiche Passioni romane. **Augustinianum**, v. 24, p. 83-113, ago.1984.

CONSTITUIÇÕES DOS SANTOS APÓSTOLOS. IV – Of Virgins. In: SCHAFF, P. (Ed.). **A Select Library of the Nicene Fathers of the Christian Church**, v7. Nova York: The Christian Literature Company, 1890. p. 957-964.

CONSTITUIÇÕES APÓSTOLICAS. Igreja, assembleia e celebrações. Livro II. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p.473-475.

CONSTITUIÇÕES APÓSTOLICAS. Livro III. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p.475-477.

CONSTITUIÇÕES APÓSTOLICAS. As outras ordenações. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 501-504.

CONTI, M. **La Bibbia commentata dai Padri**. Antico Testamento 4. 1-2 Re, 1-2 Cronache, Esdra, Neemia, Ester. Roma: Città Nuova, 2013, pp.456-482.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. **Mensagens, discursos, documentos**. Paulinas: São Paulo, 2007.

CORBIN, A. (Org.). **História do Cristianismo**: Para compreender melhor nosso tempo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CORTESI, A. Ministérios na Igreja Primitiva. **Clerus.va** Vaticano. Disponível em <<http://www.clerus.org/clerus/dati/1999-06/10-2/ministerChiesa.rtf.html>>. Acesso em: 08 fev. 2022.

COSTA, R.; ZIERER, A. Vida de Macrina: santidade, virgindade e ascetismo feminino cristão na Ásia Menor do século IV. **Phônix**, v.8, n.7, p. 345-359, Abr. 2001.

COSTA, S.R. A ordem das viúvas ontem e hoje. Análise histórica, evolução, conceitos (I). **Grande Sinal: Revista de Espiritualidade e Pastoral**, v. 74, n. 02, p. 215-229, Jul./Dez. 2020.

COSTA, S.R. A ordem das viúvas ontem e hoje. Análise histórica, evolução, conceitos (II). **Grande Sinal: Revista de Espiritualidade e Pastoral**, v. 75, n. 01, p. 131-146, Jan./Jun. 2021.

COSTA, S.R., Uma mãe espiritual do Século IV: A “Vida de Macrina”. **Grande Sinal: Revista de Espiritualidade e Pastoral**, v. 64, p. 505-520, 2010.

COSTA, N.R.M; COSTA, R.F. **Mulheres intelectuais na Idade Média**: entre a medicina, a história, a poesia, a dramaturgia, a filosofia, a teologia e a mística. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

COTHENET, E., Maria. In: LACOSTE, JEAN-YVES (Ed.). **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2014, p. 1087-1099.

CRAVEN, T. Judite. In: BROWN, R.E.; FITZMYER, J.A.; MURPHY, R.E. (Orgs.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo**. Antigo Testamento. São Paulo: Academia Cristã / Paulus, 2015. p. 1124-1131.

DÂMASO. Inscrições cristãs. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 531-533.

DANIÉLOU, J. **Il ministero delle donne nella chiesa antica**. Disponível em <<http://www.laici.va/content/dam/laici/documenti/donna/teologia/italiano/IlministerodelledonnenellaChiesaantica.pdf>> Acesso em: 22 abr. 2022.

DANIEL-ROPS, Henri. **A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires**. São Paulo: Quadrante, 2014.

DEGÓRSKI, B. Le vedove nell antichita cristiana e il loro ministero nella Chiesa. **Vox Patrum**, v. 42, p. 303-318. 2002. Disponível em: <<https://czasopisma.kul.pl/index.php/vp/article/view/7161>>. Acesso em: 08 fev. 2023.

DELL'OSSO. C. **La Bibbia commentata dai Padri**. Novo Testamento 8. Galati, Efesini, Filipenses. Roma: Città Nuova, 2005, pp.23-121.

DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente 1300-1800**. Uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

DEVAI, R.G. **Atos de Paulo e Tecla: estudo e tradução**. São Paulo, 2019. 132p. Dissertação. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

DIDAQUÉ. **Coleção Patrística vol. 1**. Padres Apostólicos. São Paulo: Paulus, 1995.

DIDASCÁLIA DOS APÓSTOLOS. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 262-267.

DIDASCALIA Apostolorum. **The catholic Didascalia that is teaching of the twelve holy Apostles and disciples of our Saviour**. Disponível em: <<http://www.earlychristianwritings.com/text/didascalia.html>>. Acesso em: 29 out. 2021.

DOMEZI, M.C. **Mulheres do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2016.

DIETZ, M. **Wandering monks, virgins, and pilgrims: ascetic travel in the Mediterranean world, a.d. 300–800**. Pennsylvania: Pennsylvania State University, 2005.

DROBNER, H.R. Gregório de Nissa. In: DI BERARDINO, A.; FEDALTO, G.; SIMONETTI, M. (Orgs.). **Dicionário de Literatura Patrística**. São Paulo: Ave-Maria, 2011. p. 885-892.

DROBNER, H.R. **Manual de Patrologia**. Petrópolis: Vozes, 2019.

DRONBER, H.R. Gregório Nazianzeno. In: DI BERARDINO, A.; FEDALTO, G.; SIMONETTI, M. (Orgs.). **Dicionário de Literatura Patrística**. São Paulo: Ave-Maria, 2011. p. 879-885.

DRIJVERS, J.W. **Helena Augusta**. The Mother of Constantine the Great and the Legend of Her Finding of the True Cross. Nova York: Brill, 1992.

DUBY, G.; PERROT, M. Escrever a história das mulheres. In: DUBY, G.; PERROT, M. (Orgs.). **História das Mulheres no Ocidente**. Volume I: A Antiguidade. Porto: Edições Afrontamento, 1990. p. 7-18.

EDDOKIMOV, P. **La Femme et le Salut du Monde**. Paris: Casterman, 1958.

EFRÉM Diácono. Hino da Natividade. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica**: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p.446-447.

EFRÉM Diácono. Sermão sobre Maria. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica**: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p.446.

EISENBERG, J. **A mulher no tempo da Bíblia**. Enfoque histórico-sociológico. São Paulo: Paulinas, 1997.

ELOWSKY, J.C. ODEN, T. (Eds.). **Ancient Christian commentary on Scripture**, New Testament 4b. John 11-21. Illinois: InterVarsity Press, 2007.

EMMERSON, G. I. Mulheres no Israel antigo. in: CLEMENTS, R.E. **O mundo do antigo Israel**. São Paulo: Paulus, 1995.

EASTMAN, D.L. **Cristianismo primitivo no Norte da África**. Como teólogos africanos moldaram a teologia cristã. Rio de Janeiro: Pro Nobis Editora, 2022.

EUSÉBIO de Cesareia. **História Eclesiástica**. São Paulo: Paulus, 2000.

EUSÉBIO de Cesareia. **Vida de Constantino**. Introducción, traducción y notas de Martín Gurruchaga. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

FABRIS, R. **A Mulher na Igreja Primitiva**. São Paulo: Paulinas, 1986.

FABRIS, R. **Paulo**. Apóstolo dos gentios. São Paulo: Paulinas, 2008.

FARIA, J.F. **As origens apócrifas do cristianismo**. Comentário aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé. Petrópolis: Vozes, 2003.

FARIA, J.F. **A vida secreta dos Apóstolos e Apóstolas à luz dos Atos apócrifos**. Petrópolis: Vozes, 2006.

FARIA, J.F. **Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos** – Poder e heresias! Introdução crítica e histórica à Bíblia Apócrifa do Segundo Testamento. Petrópolis: Vozes, 2009.

FARIA, J.F. **O outro Pedro e a outra Madalena segundo dos Apócrifos**. Uma leitura de gênero. Petrópolis: Vozes, 2010.

FERGUSON, J. (Trad.) **The Fathers of the Church**. Volume 85. Clement of Alexandria. Stromateis. Books 1-3. Washington: The Catholic University of America Press, 1991.

FERNANDES, L.A. **Rute**. São Paulo: Paulinas, 2012.

FERNÁNDEZ, D. **Ministérios da Mulher na Igreja**. São Paulo: Loyola, 2008.

FERRAZ, C.G. Um Deus Pai maternal: a necessária simbolização de Deus para além da interpretação androcêntrica. **Revista Unitas**, v. 8, n. 2, p. 114-135, jun./dez. 2020.

FERREIRA, C.A.P. Livro de Rute: a narrativa refletindo as questões da mulher e as medidas socioprotetivas. **Teoliterária**, v. 10, n. 22, p. 539-577, set./dez. 2020.

FERREIRA, J.A. A preferência de Yahweh foi pelos detentores do poder (Esd 9-10) ou pelos humilhados (Rute)? uma glosa que quis mudar tudo (Rt 4,17d-22). **Revista Pistis Praxis**, v. 12, n. 2, p. 443-460, mai./ago. 2020.

FERREIRA, M.E.; MESTERS, C.; COMBLIN, J. (Dir.). **Palavras do Antigos**: sentença dos Padres do Deserto. São Paulo: Paulinas, 1985.

FIGUEIREDO, F.A., **O alvorecer da Igreja na África**. Lorena: Cléofas, 2016.

FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N.A. **A Bíblia desenterrada**. A nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens dos seus textos sagrados. Petrópolis: Vozes. 2018.

FÍLON de Alexandria. A vida contemplativa. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica**: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p.85-87.

FIORINZA, E.S. O papel da mulher no movimento cristão primitivo. **Concilium**, v. 111, n. 1, p. 6-17, 1976.

FIORINZA, E.S. **As origens cristãs a partir da mulher**. Uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992.

FIORINZA, E.S. **In memory of her**. A Feminist Theological Reconstruction of Christian Origins. Tenth Anniversary Edition. New York: Crossroad, 1994.

FLORES, J.H.P.; CHINEZE, A.M. **Mulheres da Bíblia**. A vida de 57 mulheres que deixaram uma marca na história. Cachoeira Paulista: Canção Nova, 2022.

FRANCHI, R. Gerolamo e le donne: tipologie e ritratti femminili. **Cadernos Patrísticos**, v.3, n.6, p. 81-100, nov. 2008.

FRANCISCO DE SALES. **Introdução à vida devota**. Petrópolis: Vozes, 2012.

FRANCISCO, PP. **Audiência geral**. Roma, 03 abr. 2013. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20130403_udienza-generale.html> Acesso em: 29 fev. 2024.

FRANCISCO, PP. **Discurso aos participantes do Seminário sobre a Carta Apostólica “Mulieris dignitatem” de João Paulo II**. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papa-francesco_20131012_seminario-xxv-mulieris-dignitatem.html>. Acesso em 10 mar. 2024.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, PP. **Angelus na Praça de São Pedro – Vaticano em 02 de fevereiro de 2014**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco_angelus_20140202.html> Acesso em 05 mar. 2024.

FRANCISCO, PP. **Encontro com os jovens em Manila**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/january/documents/papa-francesco_20150118_srilanka-filippine-incontro-giovani.html> Acesso em 05 mar. 2024.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Amoris laetitia sobre o amor na família**. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO, PP. **Constituição Apostólica Vultum dei quaerere**. Sobre a vida contemplativa feminina. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO, PP. **Quem sou eu para julgar?** O perdão e a tolerância como caminhos para a paz e a harmonia de cada um de nós e de todo mundo. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Leya, 2017.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Gaudete et exsultate – sobre o chamado à santidade no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 2018.

FRANCISCO, PP. **Carta apostólica Scripturae sacra affectus** – no XVI centenário da morte de São Jerônimo. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20200930_scripturae-sacrae-affectus.html>. Acesso em 28 abr. 2024.

FRANCISCO, PP. **Carta apostólica sob forma de motu proprio Spiritus Domini**. Sobre a modificação do cân. 230 § 1 do Código de Direito Canônico acerca do acesso das pessoas do sexo feminino ao ministério instituído do leitorado e do acolitado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210110_spiritus-domini.html>. Acesso em 15 mar. 2024.

FRANCISCO, PP. **Vídeo do Papa**. Outubro 2020: Mulheres nas instâncias de responsabilidade na Igreja. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FjHFjtV9P4Q&t=80s>> Acesso em 12 mar. 2024.

FRANCISCO, PP. **Mensagem do papa Francisco ao Conselho Feminino do Pontifício Conselho para a Cultura**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20201007_messaggio-consultafemminile-cultura.html> Acesso em 12 mar. 2024.

FRANCISCO, PP. A Igreja é mulher e mãe, como Maria. **Homilia na Casa Santa Marta em 21/05/2018**. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa-francisco/missa-santa-marta/2018-05/papa-igreja-mulher-mae-como-maria.html>>. Acesso em 11 mar. 2024.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Christus vivit – aos jovens e a todo o povo de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2019.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Querida Amazônia – ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade**. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, PP. Catequese sobre a Velhice 9. Judite. Uma juventude admirável, uma velhice generosa. **Audiência Geral**, Roma, 11 mai. 2022.

FRANCISCO, PP. **Constituição Apostólica Praedicate Evangelium sobre a Cúria Romana e o seu serviço à Igreja no mundo**. Documentos Pontifícios 52. Brasília: Edições CNBB, 2022.

FRANCISCO, PP. **Aos membros da Comissão Teológica Internacional**. Roma, 30 nov. 2023. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/november/document/s/20231130-cti.html>> Acesso em: 29 fev. 2024.

FRANCISCO. **Aos participantes no congresso internacional interuniversitário**. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2024/march/documents/20240307-congresso-interuniversitario.html>>. Acesso em: 01 abr. 2024.

FURLANI, J.C. Reflexões sobre a história social das mulheres na antiguidade tardia: o caso das devotas cristãs. **Revista Cadernos de Clio**, v. 4, p. 295-313. 2013.

FURLANI, J. C. Igreja, ascetismo e poder na Antiguidade tardia: o diaconato de Olímpia em Constantinopla. **Plêthos**, n. 2, v. 1, 2012, p. 151-164. 2012.

FURLANI, J.C. **Gênero, conflito e liderança feminina na cidade pós-clássica: a atuação de Eudóxia e Olímpia sob o episcopado de João Crisóstomo (397-404)**. Vitória, 2017. 239p. Dissertação. Universidade Federal do Espírito Santo.

FURLANI, J.C. A hierarquia eclesiástica na Antiguidade Tardia: Olímpia e o status das diaconisas no Oriente. **Revista Eletrônica Cadernos de História**, v. 6, n. 2, dez. 2011.

FURLIN, N. Trajetória e pensamento intelectual de professoras da PUC-Rio. Representantes de uma geração de teólogas feministas. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 74, n. 295. p. 624-652, jul./set. 2014.

GALILEA, S. **El camino del la spiritualidad**. Bogotá: Ediciones Paulinas, 1985.

GAMBERO, L. **Mary and the Fathers of the Church**. The Blessed Virgin Mary in Patristic Thought. São Francisco: Ignatius Press, 1999.

GERÔNCIO. A vida de santa Melânia, a Jovem. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p.1162-1163.

GIBBON, E. **Os cristãos e a queda de Roma**. São Paulo: Penguin, 2012.

GIOVANNINI, L., SCARBOSSA, M. **Um santo para cada dia**. São Paulo: Paulus, 1996.

GONZÁLEZ, J.L. **A era dos gigantes: uma história ilustrada do cristianismo**. Vol. II. São Paulo: Vida Nova, 1995.

GONZÁLEZ, J.L. **A era dos mártires: uma história ilustrada do cristianismo**. Vol. I. São Paulo: Vida Nova, 1994.

GORDAY, P. **La Bibbia commentata dai Padri**, NT 9. Roma: Città Nuova, 2004.

GREGÓRIO de Nazianzo. **Autobiografia**. Campinas: Ecclesiae, 2012.

GREGÓRIO de Nazianzo. Oration XVIII. In: SCHAFF, P., WACE, H. (Eds.). **A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, Second Series, v7**. Nova York: The Christian Literature Company, 1890, p.402-832.

GREGÓRIO de Nazianzo. Oration VIII. On his Sister Gorgonia In: SCHAFF, P., WACE, H. (Eds.). **A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, Second Series, v7**. Nova York: The Christian Literature Company, 1890, p. 493-504.

GREGÓRIO de Nazianzo. Sermões. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 567-578.

GREGÓRIO de Nazianzo. **Discurso 19, 7**. Migne P.G. 35.

GREGÓRIO de Nissa. On Virginité. In: SCHAFF, P., WACE, H. (Eds.). **A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, Second Series, v05**. Nova York: The Christian Literature Company, 1890. p. 632-689.

GREGÓRIO de Nissa. **A criação do homem**; A alma e a ressurreição; A grande catequese. São Paulo: Paulus, 2011.

GREGÓRIO de Nissa. **Lettres**. Sources chrétiennes n. 362. Paris: Ed. du Cerf, 1990.

GREGÓRIO de Nissa. **Traite de la virginité**. Sources chrétiennes n. 119. Paris: Ed. du Cerf, 1966.

GREGÓRIO de Nissa. **Vie de Sainte Macrine**. Sources chrétiennes n. 178. Paris: Ed. du Cerf, 1971.

GRIBOMOT, J. Eustóquio. In: BERARDINO, A.(org). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 544.

GRIBOMOT, J. Macrina. In: BERARDINO, A.(org). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 869.

GRIBOMOT, J. Monaquismo. In: BERARDINO, A.(org). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 953-955.

GROSSI, V. **Linee di ecclesiologia patristica**. Il formarsi della coscienza di Chiesa nei primi sette secoli. Roma: Edizioni Borda, 2014.

GROSSI, V. **A proposito della letteratura patristica sulla verginità**. Criteri di lettura – scritti – contenuti – possibili recuperi. In: Ordo Virginitatis, 2014, Roma. Istituto Patristico Augustinianum.

GROSSI, V.; DI BERNARDINO, A. **La chiesa antica: ecclesiologia e istituzioni**. Roma/Itália: Ed. Borla, 1984.

GRÜN, A. **O Céu começa em você**. A sabedoria dos padres do deserto para hoje. Petrópolis: Vozes, 2014.

GRÜN, A. **A orientação espiritual dos Padres do Deserto**. Petrópolis: Vozes, 2013.

HALL, C.A., ODEN, C. **La Bibbia commentata dai Padri**, Nuovo Testamento 2. Roma: Città Nuova, 2003.

HARRINGTON, W.J. **Chave para a Bíblia**. A revelação, a promessa, a realização. São Paulo: Paulus, 2016.

HASKINS, S. **Mary Magdalen**. Myth and Metaphor. New York: Berkley Publishing Group, 1993.

HAYNE, L. Thecla and the Church Fathers. **Vigiliae Christianae**, v. 48, p. 209-218, 1994.

HERMAS. O Pastor. In: **PADRES Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 161-276.

HEID, S. Cecília. In: DI BERARDINO, A. **Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane (A-E)**. Roma: Marietti, 2006. p. 971-972.

HILDEBRAND, A. **O privilégio de ser mulher**. São Paulo: Ecclesiae, 2005.

HINSON, E. G.; SIEPIERSKI, P. **Vozes do Cristianismo primitivo**. São Paulo: Arte, 2018.

HIPÓLITO de Roma. **Commentaire sur Daniel**. Paris: Les Éditions du Cerf, 1946.

HIPÓLITO de Roma. **Tradição Apostólica**. Liturgia e Catequese em Roma no século III. Petrópolis: Vozes, 2004.

HOLUM, K.G. **Theodosian Empresses: Women and Imperial Dominion in Late Antiquity**. Berkeley: University of California Press, 1982.

HUGHES, A.B.; COHICK, L.H. **Christian Women in the Patristic World**. Their influence, authority, and legacy in the second through fifth centuries. Michigan: Baker Academy, 2017.

IBÁÑEZ, S.E. **La figura femenina en la obra de Ambrosio de Milán**. Barcelona, 2017. 357p. Tese. Departamento de História e Arqueologia, Universidade de Barcelona.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. **Coleção Patrística vol. 1**. São Paulo: Paulus, 1995.

IRINEU DE LIÃO. **Contra as heresias**. Coleção Patrística vol. 4. São Paulo: Paulus, 1995.

IRINEU DE LIÃO. **Demonstração da pregação apostólica**. Coleção Patrística vol. 33. São Paulo: Paulus, 2014.

ISIDORO DE SEVILHA. **De ecclesiasticis officiis**. Corpus Christianorum Series Latina CXIII. EUA: Brepols, 1989.

JERÔNIMO. **Carta a Demetria**. Bahia: Tipografia Beneditina, 1951.

JERÔNIMO. **Cartas espirituais**. Lisboa: Edições Paulistas, 1960.

JERÔNIMO. Carta 107. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 782.

JERÔNIMO. **Comentário ao Evangelho de Mateus**. São Paulo: Paulus, 2020.

JOÃO Crisóstomo. **Cartas a Olímpia**. Coleção Patrística – vol. 23. São Paulo: Paulus, 2007.

JOÃO Crisóstomo. **Comentário às cartas de São Paulo/1**. São Paulo: Paulus, 2010.

JOÃO Crisóstomo. **Comentário às cartas de São Paulo/2**. São Paulo: Paulus, 2010.

JOÃO Crisóstomo. **Comentário às cartas de São Paulo/3**. São Paulo: Paulus, 2013.

JOÃO Crisóstomo. **Da vanglória e da educação dos filhos**. São José dos Campos: Edições Katechesis, 2019.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Apostólica Mulieris Dignitatem** sobre a dignidade e a vocação da mulher por ocasião do ano mariano. São Paulo: Paulinas, 1988.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica Redemptoris Mater**. Sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho. São Paulo: Paulinas, 1987.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação apostólica Vita Consecrata**. Sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo. São Paulo: Paulinas, 1998.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação Apostólica Christifideles laici**. Sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. São Paulo: Paulinas, 2011.

JOÃO PAULO II, PP. O papel da mulher à luz de Maria. **Audiência Geral**. 06/12/1995. Disponível em <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/audiences/1995/documents/hf_jp-ii_aud_19951206.html>. Acesso em: 10 jan. 2023.

JOHNSON, E.A. **La búsqueda del Dios vivo**. Trazar las fronteras de la teología de Dios. Cantábria: Editorial Sal Terrae, 2008.

JUNGSMANN, J.A. **Missarum sollemnia**. São Paulo: Paulus, 2008.

JUSTINO DE ROMA. **I e II Apologias**. Coleção Patrística vol. 3. São Paulo: Paulus, 1995.

KELLY, J.N.D. **Jerome: His Life, Writings, and Controversies**. London: Duckworth, 1975.

KOMONCHAK, J. A. L'ecclesiologia di comunione. In: Alberigo, G. (Org.). **Storia del Concilio Vaticano II**. Volume 4. La chiesa come comunione. Bolonha: Mulino, 1999. p.19-118.

KUYPER, A. **Mulheres da Bíblia**. Londrina: Livrarias Família Cristã, 2021.

LACOSTE, J-YVES. Monaquismo. In: LACOSTE, J-YVES (Org). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2014. p.1176-1183

LACTÂNCIO. **Institutiones Divinas**. Libros IV-VII. Madrid: Editorial Gredos, 1990.

LADISLAO, M.G. **As mulheres na Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 1995.

LA POTTERIE, I. Virginitè. In: LÉON-DUFOUR, X (Ed.) **Vocabulaire de théologie biblique**. Paris: CERF, 1970. p. 1366-1370.

LAFHEY, A.L. Rute. In: BROWN, R.E.; FITZMYER, J.A.; MURPHY, R.E. (Orgs.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo**. Antigo Testamento. São Paulo: Academia Cristã / Paulus, 2015. p. 1087-1095.

LAMPE, P. **From Paul to Valentinus**. Christians at Rome in the First Two Centuries. Minneapolis: First Fortress Press Edition, 2003.

LAMPRECHT, J. Jerome's letter 108 to Eustochium: Contemporary biography in service of ascetic ideology? **HTS Teologiese Studies/ Theological Studies**, 73(3), a4503, p.1-10, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.4102/hts.v73i3.4503>>. Acesso em: 18 out. 2023.

LEÃO MAGNO. **Sermões sobre as coletas, a Quaresma e o jejum de Pentecostes**. Petrópolis: Vozes, 1977.

LEGRAND, H. Mulher. In: LACOSTE, J.Y. (Org). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2014. p. 1201-1207.

LEITE, E.S. O cristianismo jeronimiano e as nobres mulheres de Roma: uma reflexão a partir das cartas de São Jerônimo. **Revista Mundo Antigo**. v. 6, n. 12, p. 79-81, 2017.

LEITE, E.S. **O deserto nas cartas de São Jerônimo**. Cuiabá, 2021. 262p. Tese. Instituto de Geografia, História e Documentação, Universidade Federal de Mato Grosso.

LIMA, S. C. F. **Representações da mulher no cristianismo antigo**. Para uma tipologia do feminino na antiguidade numa perspectiva comparada. Coimbra, 2018, 390p. Tese. Universidade de Coimbra.

LITURGIA DAS HORAS. Segundo o rito romano. **Tempo do Advento e tempo do Natal. Vol. I**. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas/Paulus/Ave Maria, 1995.

LITURGIA DAS HORAS. Segundo o rito romano. **Tempo da Quaresma. Tríduo Pascal. Tempo da Páscoa. Vol. II.** Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas/Paulus/Ave Maria, 1995.

LITURGIA DAS HORAS. Segundo o rito romano. **Tempo Comum. 1ª-17ª Semana. Vol. III.** Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas/Paulus/Ave Maria, 1996.

LITURGIA DAS HORAS. Segundo o rito romano. **Tempo Comum. 18ª-34ª Semana. Vol. IV.** Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas/Paulus/Ave Maria, 1996.

LLABRÉS, P. O culto a Santa Maria, Mãe de Deus. In: BOROBIO, D. (Org.). **A celebração na Igreja.** Ritmos e tempos da celebração. São Paulo: Loyola, 2000. p.199-221.

LODI, E. Ministério/Ministérios, In: SARTORE, D.; TRIACCA, A.M. (Eds.). **Dicionário de Liturgia.** São Paulo: Paulinas, 1992. pp. 736-749.

LOPES, G. **Pilares da Igreja.** O papel da mulher na história da salvação. São Paulo: Paulinas, 2015.

LOPES, M. **A mulher sábia e a sabedoria da mulher.** Símbolos de co-inspiração. Um estudo sobre a mulher em textos de Provérbios. São Bernardo do Campo, 2007, 234p. Tese. Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo.

LORENZI, C.B. La peregrinatio di Paola: agiografia ed esegesi (Girolamo, ep. 108). **Augustinianum.** v. 55, p. 87-112, 2015.

LÖSSL, J. Who attacked the monasteries of Jerome and Paula in 416 A.D? **Augustinianum,** v. 44, n. 1, p. 91-112, 2004.

LOUTH, A. Martírio. In: LACOSTE, JEAN-YVES (Ed.). **Dicionário Crítico de Teologia.** São Paulo: Paulinas; Loyola, 2014, p. 1099-1102.

MACCHI, J.D. Ester. In: RÖMER, T.; MACCHI, J.D.; NIHAN, C. (Orgs.). **Antigo Testamento: história, escritura e teologia.** São Paulo: Loyola, 2015, p. 680-687.

MACARTHUR, J. **Doze mulheres extraordinariamente comuns.** Como Deus usou as mulheres da Bíblia e como pode usar você. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

MALINGREY, A.M.; ZINCONE, S. Giovanni Crisostomo In: DI BERARDINO, A. **Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane (F-O).** Roma: Marietti, 2008. p. 2216-2224.

MARA, M.G. Donna. In: DI BERARDINO, A. **Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane (A-E).** Roma: Marietti, 2006. p. 1503-1504.

MARA, M.G. Marcellina In: DI BERARDINO, A. **Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane (F-O).** Roma: Marietti, 2007. p. 3008-3009.

MARAVALL, P. **Vie de Saint Macrine**. Paris: Les Éditions du Cerf, 1971, Sources Chrétiennes 178.

MARAVALL, P. **Jerônimo**. Tradutor da Bíblia. São Paulo: Paulinas, 1998.

MARAVALL, P. Em busca da perfeição. Ascetismo e monaquismo. In: Corbin, A. (Org.). **História do Cristianismo**. Para compreender o nosso tempo. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 97-101.

MARCO, C. **La Bibbia commentata dai padri**. AT 4. Roma: Città Nuova, 2013.

MARITANO, M. Maria nos Padres da Igreja. In: Berardino, A; Fedalto, G; Simonetti, M. (orgs). **Dicionário de Literatura Patrística**. São Paulo: Ave Maria, 2010. p. 1185-1196.

MARITANO, M. Vedove. DI BERARDINO, A. **Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane (P-Z)**. Roma: Marietti, 2008. p. 5553-5554.

MARROU, H.I. **História da educação na antiguidade**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1973.

MARTINS, M. C. **Peregrinação de Egéria**. Uma narrativa de viagem aos lugares santos. Introdução, texto crítico, tradução e notas. Uberlândia: Edufu, 2017.

MARTINS, M.C.S. A Peregrinação de Jerônimo e Paula. **Translatio**, n.20, p. 198-230, jul./dez. 2020.

MARTINS, M.C.S. O Círculo do Aventino na Roma do século IV. **Romanitas Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 18, p. 178-194, 2021.

MARTÍRIO DE SÃO POLICARPO. In: **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 1995.

MATOS, S.M. Da sedução à morte: uma análise da novela judaica Judite sob a perspectiva de gênero. **Revista Caminhando** v. 24, n. 1, p. 117-127, jan./jun. 2019.

MÁXIMO CONFESSOR. **A Vida da Virgem**. Campinas: Ecclesiae, 2020.

McKENZIE, J.L. Judite. In: McKENZIE, J.L. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulus, 1983. p.473-474.

McKENZIE, J.L. Viúva. In: McKENZIE, J.L. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulus, 1983. p. 887.

McKENZIE, J.L. Lucas, Evangelho de. In: McKENZIE, J.L. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulus, 1983. p. 508-511.

MEDEIROS, A.M.Y. Entrega, mansidão e amorosidade: traços femininos na experiência de Deus. Um olhar contemporâneo. **Cadernos Patrísticos**, v.3, n.6, p. 347-360, nov. 2008.

MEDEIROS, M. A estratificação social no cristianismo primitivo no século II sob a ótica do Pastor de Hermas e outros escritos. In: DUTRA, J.; OLIVEIRA, N.M.C. (Orgs.). **História e Igreja**. Novas abordagens, reflexões, perspectivas. Teresina: Cancioneiro, 2023. p. 41-65.

MEEKS, W.A. **As origens da moralidade cristã**. Os dois primeiros séculos. São Paulo: Paulus, 1997.

MENDONÇA, T. Edith Stein e Madre Teresa de Calcutá: duas mulheres, um mesmo amor. In: BINGEMER, M.C.L.; YUNES, E. (Orgs.). **Profetas e Profecias numa visão interdisciplinar e contemporânea**. Rio de Janeiro: Editoria PUC-Rio, 2002. p. 223-235.

MENDONÇA, M.; SCWEITZER, A. (Orgs.). **As mulheres segundo Papa Francisco**. Testemunhas da beleza do mundo. São Paulo: Paulinas, 2019.

METHODIUS. The Banquet of the Ten Virgins. In: SCHAFF, P. (Ed.). **A Select Library of the Nicene Fathers of the Christian Church, v6**. Nova York: The Christian Literature Company, 1890. p. 798-803.

MILITELLO, C., Donne e ministeri nella chiesa antica. **Augustinianum**, v. 57, n. 1, p. 19-34, 2017.

MILITELLO, C. O movimento de Jesus e os carismas das mulheres. **Concilium**, n. 342, p. 41-53., jan./abr. 2011.

MILAZZO, V. Anastasia. In: DI BERARDINO, A. **Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane (A-E)**. Roma: Marietti, 2006. p. 269-270.

MINÚCIO FÉLIX. Octávio. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 163-164.

MIRANDA, M.F. **A reforma de Francisco**. Fundamentos Teológicos. São Paulo: Paulinas, 2017.

MOCELLIN, R. **As mulheres na antiguidade**. São Paulo: Editora do Brasil, 2000.

MONDONI, D. **O cristianismo na antiguidade**. São Paulo: Loyola, 2014.

MOORE, L.M. **Widow as the altar of God**: retrieving ancient sources for contemporary discussions on christian discipleship. Wisconsin, 2019. 294p. Tese. Faculty of the Graduate School, Marquette University.

MORALEJO, J.L. (trad.) **Anales**. Libros XI-XVI. Madrid: Editorial Gredos, 1980.

MORESCHINI, C.; NORELLI, E. **Manual de literatura cristã antiga grega e latina**. São Paulo: Santuário, 2005.

MORESCHINI, C.; NORELLI, E.; **História da literatura cristã antiga**. Grega e latina. I – de Paulo à Era Constantiniana. São Paulo: Loyola, 2014.

MORETTI, P.F. La Bibbia e il discorso dei Padri latini sulle donne. Da Tertulliano a Girolamo. In: BØRRESEN, K. E.; PRINZIVALLI, E. (Eds.). **Le Donne nello sguardo degli antichi autori cristiani**. Trapani: Il Pozzo di Giacobbe, 2013. p.137-175.

MURAD, A. **Maria toda de Deus e tão humana**. Compêndio de Mariologia. Aparecida: Editora Santuário, 2012.

MUSURILLO, H.(Trad.). **The Acts of the Christian Martyrs**. New York: Oxford University Press, 1972.

NEUENFELDT, E.G., Práticas e experiências religiosas de mulheres no Antigo Testamento: consideração metodológicas. **Estudos Teológicos**, v. 46, n. 1, p. 79-93, dez./jan. 2006.

NIHAN, C. Judite. In: RÖMER, T.; MACCHI, J.D.; NIHAN, C. (Orgs.). **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2015, p. 748-765.

NOVAK, M.G. (Trad.). **Peregrinação de Etéria**. Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV. Petrópolis: Vozes, 2023.

NOVEMBRI, V. L'educazione delle donne nel cristianesimo antico: fra modelli tradizionalisti e nuovi paradigmi. **Storia delle Donne**, v. 1, p.187-200, 2005.

O'CONNOR, J.M. **Paulo de Tarso**. História de um Apóstolo. São Paulo: Loyola; Paulus, 2013.

ODROBINA, L.; TIBILETTI, C. Vergine-Verginità-Velatio. In: DI BERARDINO, A. **Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane (P-Z)**. Roma: Marietti, 2008. p. 5561-5568.

OLIVEIRA, N.A. (Org.). **A virgindade consagrada**. São Paulo: Paulinas, 1990.

OSAVA, M.M. As mulheres em peregrinação aos lugares santos no século IV. **Pesquisas em Teologia**, v. 5, n. 10, p. 250-266, jul./dez. 2022.

ORÍGENES. Commentary on Matthew. In: SCHAFF, P. (Ed.). **A Select Library of the Nicene Fathers of the Christian Church, v9**. Nova York: The Christian Literature Company, 1890. p. 785-810.

ORÍGENES. **Homilias sobre o Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulus, 2016.

ORÍGENES. **Contra Celso**. São Paulo: Paulus, 2017.

PADILHA, M.I.C.S. MANCIA, J.R. Florence Nightingale e as irmãs de caridade: revisitando a história. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.58, n.6, p. 723-726, dez. 2005.

- PADOVESE, L. **Introdução à Teologia Patrística**. São Paulo: Loyola, 2004.
- POLICARPO de Esmirna. Segunda carta aos Filipenses. In: **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 1995.
- PAINTNER, C.V. **Desert Fathers and Mothers: Earty Christian Wisdom Sayings**. EUA: SkyLight Publishing, 2012.
- PALÁDIO DE GALÁCIA. **História Lausiaca**. Los Padres del desierto. Sevilla: Apostolado Mariano, 1991.
- PANAGL, V. Z. (Ed.). **Ambrosius Mediolanensis Orationes fúnebres I**. In psalmum 61/De obitu. Gratiani De consolatione Valentiniani/De obitu Valentiniani De obitu Theodosii. Berlin: Walter de Gruyter GmbH, 2021.
- PASSOS, J.D. **As reformas da Igreja Católica**. Posturas e processos de mudança em curso. Petrópolis: Vozes, 2018.
- PAULO VI, PP. **Exortação Apostólica Marialis Cultus**. Para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Bem-Aventurada Virgem Maria. São Paulo: Paulinas, 1974.
- PAULO VI, PP. **Mensagens do Concílio à Humanidade**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- PAVANI, R.M. “Que queres de mim, mulher?” (Jo 2,4) O papel feminino nas comunidades cristãs dos primeiros séculos. **Dimensões**, v.45, p. 316-341, jul./dez. 2020.
- PENNACCHIO, C., **La Bibbia commentata dai Padri**, Nuovo Testamento 7. Roma: Città Nuova, 2014.
- PEREIRA, N.C. Teologia da Mulher. **Encontros Teológicos**, v.70, n. 1, p. 121-157, 2015.
- PERONDI, I.; ROSA, C.Z.P.; RODRIGUES, C.B. As mulheres seguiam e serviam Jesus em Lc 8,1-3. In: Editora Científica Digital (Org.). **Open Science Research I**. Guarujá: Científica Digital, 2022. p. 1974-1987.
- PERRONI, M. **As mulheres da Galileia**. Presenças femininas na primeira comunidade cristã. São Paulo: Loyola, 2017.
- PETRI, S.; TAPONECCO, G. **La Bibbia commentata dai Padri**. Novo Testamento 3. Luca. Roma: Città Nuova, 2006.
- PIACENTE, L.H. **A comparação da eclesiologia de Irineu de Lião com a Lumen Gentium**. Rio de Janeiro, 2021. 222p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

PILARA, G.; CONTI, M. **La Bibbia commentata dai Padri**. Antico Testamento 8. Proverbi, Qoèlet, Cantico dei Cantici. Roma: Città Nuova, 2007, pp. 29-247.

PILARA, G.; MAGGIULLI, I. **La Bibbia commentata dai Padri**. Novo Testamento 5. Atti degli Apostoli. Roma: Città Nuova, 2009.

PIQUÉ, E. **Papa Francisco**. Vida e revolução. São Paulo: Leya, 2014.

PIO XII, PP. **Carta encíclica Sacra Virginitas sobre a Sagrada Virgindade**. Disponível em <https://www.catolicoorante.com.br/docs/enciclicas/pioxii/hf_p-xii_enc_25031954_sacra-virginitas_po.html>. Acesso em 14 out. 2021.

PLÍNIO. Cartas. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 123-124.

POLLASTRI, A. Paula. In: BERARDINO, A.(org). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 1106.

POLETTI, S. **La Bibbia commentata dai Padri, NT 4/1**. Giovanni 1-10. Roma: Città Nuova, 2017.

POTTERIE, I.L. L'identità della dona e il misterio della chiesa. **La Civiltà Cattolica**, v. 3156, n.132, dez. 1981, p. 538-554.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A Interpretação da Bíblia na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2009.

PRIDDY, E.F. **Mulheres na Bíblia**. Um estudo devocional sobre 50 mulheres. Curitiba: Publicações Pão Diário, 2021.

PRINZIVALLI, E. Donne e ministeri nella chiesa antica: alcune osservazioni preliminari. **Augustinianum**, v. 57, n. 1, p. 5-17, jun. 2017.

PROENÇA, E. (Org.) **Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005

PROENÇA, E. (Org.) **Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia, vol. 2**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

PUERTO, M.N. Mulher. In: PIKAZA, X.; SILANES, N. (Eds.) **Dicionário Teológico O Deus Cristão**. São Paulo: Paulus, 1988. p. 606-612.

PUERTO, M.N. O livro de Ester. In: LAMADRID, A.G.; SANTIAGO, J.C.; JULÍAN, V.P.; PUERTO, M.N.; ASURMENDI, J.; CARO, J.M.S. (Eds.). **História, Narrativa, Apocalíptica**. São Paulo: Ave-Maria, 2011, p. 389-410.

PUERTO, M.N. O livro de Rute. In: LAMADRID, A.G.; SANTIAGO, J.C.; JULÍAN, V.P.; PUERTO, M.N.; ASURMENDI, J.; CARO, J.M.S. (Eds.). **História, Narrativa, Apocalíptica**. São Paulo: Ave-Maria, 2011, p. 329-348.

QUASTEN, J. **Patrologia I**. Hasta el concilio de Niceia. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

RAIOLA, D. **La donna nel cristianesimo primitivo**. Bari, 2015. 77p. Tese. Dipartimento di scienze dell'antichità e del tardoantico. Università degli studi di Bari Aldo Moro.

RATZINGER, J. **God and World**. A conversation with Peter Seewald. São Francisco: Ignatius, 2000.

RATZINGER, J. **A Filha de Sião**. A Devoção Mariana na Igreja. São Paulo: Paulus, 2014.

RATZINGER, J. **Obras Completas – Volume VI**. Jesus de Nazaré. Contribuições para a Teologia. Tomo I. Brasília: Edições CNBB, 2021.

REBAQUE, F.R. Exempla bíblicos dirigidos a las mujeres en el epistolário de San Jerónimo. **Estudios Eclesiásticos**, v. 84, n. 330, p. 423-445, jul./set. 2009.

REIMER, I.R. **Grava-me como selo sobre teu coração**. Teologia Bíblica Feminista. São Paulo: Paulinas, 2005.

REIMER, I.R. **Maria, Jesus e Paulo com as mulheres**. Textos, interpretações e história. São Paulo: Paulus, 2013.

REIMER, I.R. Nas catacumbas de Roma: Uma história de morte para reconstruir vidas. **Revista Mosaico**, v.2, n.2, p.102-116, jul./dez., 2009

REIMER, I.R. **Vida de Mulheres na Sociedade e na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1995.

REIS, S.D.C. (Trad.). **A vida de Jesus em ícones**. Da Bíblia de Tbilise. São Paulo: Loyola, 2012.

RIBEIRO, L.M.P. O papel das mulheres na bíblia: protagonistas ou coadjuvantes? **Ad aeternum – Revista de Teologia**, n. 0, p. 68-85, 2020.

RIEFF, S. G. **Diaconia e culto cristão**: resgate de uma unidade essencial e suas consequências para a vida das comunidades cristãs. São Leopoldo, 2003. 371p. Tese. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia,

RISCO, R. **Flavia Domitila**. Durante lá persecution del emperador Domiciano. Novela histórica original. Madrid: Grand Imprenta Catolica, 1915.

RIZZI, M; PIZZI, M.B. **La Bibbia commentata dai Padri**, Nuovo Testamento 2. Roma: Città Nuova, 2006.

RIZZI, M; PIZZI, M.B. **La Bibbia commentata dai Padri**, Nuovo Testamento 6. Roma: Città Nuova, 2006.

RIVAS, L.H. (org.) **Os Evangelhos Apócrifos**. São Paulo: Ave-Maria, 2011.

ROCHA, H.M. **Mônica uma mulher forte**. Vida de Santa Mônica narrada para o homem de hoje. São Paulo: Paulus, 2013.

ROCHA, R.O. **Os prestadores de serviços de enfermagem à luz das normas jurídicas que tutelam o trabalho doméstico no Brasil**. São Paulo: 2010. 117p. Monografia. Faculdade de Direito, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

RODRIGUES, N.S. O processo de Pompônia Grecina, um caso de opressão religiosa no século I d.C. **Humanitas**. 61 Vol. LXI, p.107-126, 2009.

RONSI, F.Q. A mulher na Igreja e na sociedade: a procura pelo direito de ‘ser’. **Encontros Teológicos**, v.35, n.1, p. 57-78, jan./abr. 2020.

ROPS, D. **A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires**. São Paulo: Quadrante, 2014.

ROWLAND, T. **A fé de Ratzinger**. A teologia do Papa Bento XVI. Campinas: Ecclesiae, 2013.

SALISBURY, J.E. **Pais da Igreja, virgens independentes**. São Paulo: Página Aberta, 1995.

SALISBURY, J. **Encyclopedia of women in the Ancient World**. Santa Barbara: ABC CLIO, 2001.

SAXER, V. Blandina. In: BERARDINO, A.(org). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 236.

SAXER, V. Felicidade. In: BERARDINO, A.(org). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 569.

SAXER, V. Tecla. In: BERARDINO, A.(org). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 1327-1328.

SAXER, V.; HEID, S.; Gorgonia. DI BERARDINO, A. **Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane (A-E)**. Roma: Marietti, 2006. p. 2380-2381.

SCHAFF, P., WACE, H. (Eds.). **A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, Series 1, v1**. Nova York: The Christian Literature Company, 1890.

SCHAFF, P., WACE, H. (Eds.). **A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, Second Series, v5**. Nova York: The Christian Literature Company, 1890.

SCHENK, C. **Crispina and Her Sisters**. Women and Authority in Early Christianity. Minneapolis: Fortress Press, 2017.

SHERIDAN, M. **La Bibbia commentata dai Padri**. Antico Testamento 1/2. Genesi 12-50. Roma: Città Nuova, 2002.

SCHMAUS, M. **A fé da Igreja** - vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1978.

SCHOTTROFF, L. **Mulheres no Novo Testamento**: exegese numa perspectiva feminista. São Paulo: Paulinas, 1995.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO. Para uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão. **Vademecum**. Disponível em: <<https://www.synod.va/es/resources/documentos-oficiales.html>> Acesso em 18 mar. 2024.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO. Para uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão. **Documento Preparatório**. Disponível em: <<https://www.synod.va/es/resources/documentos-oficiales.html>> Acesso em 18 mar. 2024.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO. **Documento de Trabalho para a Etapa Continental**. Disponível em: <<https://www.synod.va/es/resources/documentos-oficiales.html>> Acesso em 10 mar. 2024.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO. Documento de Trabalho para a Etapa Continental. **Documento Final da África e Madagascar**. Disponível em: <<https://www.synod.va/es/resources/documentos-oficiales.html>> Acesso em 10 mar. 2024.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO. Documento de Trabalho para a Etapa Continental. **Documento Final da Europa**. Disponível em: <<https://www.synod.va/es/resources/documentos-oficiales.html>> Acesso em 10 mar. 2024.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO. Documento de Trabalho para a Etapa Continental. **Documento Final da Oceania**. Disponível em: <<https://www.synod.va/es/resources/documentos-oficiales.html>> Acesso em 10 mar. 2024.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO. Uma Igreja sinodal em ação. **Relatório de Síntese**. Disponível em <<https://www.synod.va/en/the-synodal-process/phase-2-the-discernment-of-the-pastors/the-first-sessionofthe-XVI-assembly/documents.html>> Acesso em 20 mar. 2024.

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. Didascália dos Apóstolos. **Antologia litúrgica**. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. 2ª edição Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 266.

SILVA, A.L.R. Tis de su essi: indícios da antropologia justinéia. **Cadernos Patrísticos**, v.3, n.6, p. 35-43, nov. 2008.

SILVA, A.L.R., Matrimônio, viuvez e virgindade. In: FERNANDES, L.A. (Org.). **Amoris laetitia em questão. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais**. São Paulo: Paulinas, 2018. p.97-108.

SILVA, A.L.R.; PIACENTE, L.H.; OSAVA, M.M. A unidade entre Cristo e a Igreja: funções teológicas para a prática do cuidado com o próximo. **Encontros Teológicos**, v. 34, n.3, p. 467-484, set./dez. 2019.

SILVA, A.L.R. Il significato della monogamia e della poligamia nel dialogo con Trifone: tra genere e spiritualità. In: **XLVII Incontro di Studiosi dell'Antichità Cristiana**. Institutum Patristicum Augustinianum. Roma: Nerbini, 2019.

SILVA, A.L.R. A visão de São Justino sobre a mulher: Personagens e Notícias. **Atualidade Teológica**, v.19, n.51, p. 529-545, set./dez. 2015. Disponível em <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25865/25865.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2023.

SILVA, A.L.R. Virtude, perfeição e santidade à luz do pensamento de Justino mártir. **Atualidade Teológica**, v. 26, n. 70, p. 737-756, jul./dez.2022. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/61627/61627.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2023.

SILVA, G.V. A redefinição do papel feminino na Igreja primitiva: virgens, viúvas, diaconisas e monjas. In: SILVA, G.V.; NADER, M.B.; FRANCO, S.P. (Orgs.). **As Identidades no tempo. Ensaios de gênero, etnia e religião**. Espírito Santo: Editora da Universidade do Espírito Santo, 2006. p. 305-320.

SILVA, G.V. Ascetismo, gênero e poder no baixo Império Romano: Paládio de Helenópolis e o status das Devotas Cristãs. **História**, v. 26, n. 1, p. 82-97, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/his/a/48jM3FxFRMF54BYWGJRz7dmx/?format=pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

SILVEIRA, R.V.D.; FONSECA, L.M.C.; REIS, D.T., **A atuação das mulheres na bíblia e a interface com o feminismo moderno**. Caratinga, 2019, 48p. TCC. Teologia. Faculdade Doctum de Caratinga.

SIMONETTI, M. **Biblical interpretation in the early church**. An historical introduction to Patristic Exegesis. New York: T&T Clark Ltd, 1994.

SIMONETTI, M. **La Bibbia commentata dai Padri**, NT 1/2. Roma: Città Nuova, 2006.

SIQUEIRA, S.M.A. Memória das mulheres mártires: modelos de resistência e liberdade. **Horizonte**, v.4, n.8, p.60-76, jun. 2006.

SIQUEIRA, S.M.A. Mulheres viajantes no mundo romano (séc. IV-V d.C.). **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 18, p. 103-123, 2021.

SIQUEIRA, S.M.A. **A mulher na visão de Tertuliano, Jerônimo e Agostinho séc. II - V d.c.** São Paulo, 2004. 242p. Tese (doutorado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis Universidade Estadual Paulista.

SOARES, C.C. **Atos de Paulo e Tecla.** A narrativa romanesca e o discurso sobre a imagem do apóstolo. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

SOARES, C.S. As representações do feminino na obra de Cipriano de Cartago: entre controle dos corpos e normas de conduta para as virgens cristãs. In: SOARES, C.S.;

SPUNTARELLI, C. **La Bibbia commentata dai Padri.** Antico Testamento 3. Giosuè, Giudici, Rut, 1-2 Samuele. Roma: Città Nuova, 2007, pp.223-236.

STARK, R. **O crescimento do cristianismo.** Um sociólogo reconsidera a história. São Paulo: Paulinas, 2006.

STAROWIEYSKI, M. Egéria. In: Berardino, A; Fedalto, G; Simonetti, M. (orgs). **Dicionário de Literatura Patrística.** São Paulo: Ave Maria, 2010. p. 625-627.

STATUTA Ecclesiae Antiqua. Cânon 100. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio.** Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 1242-1244.

STATUTA Ecclesiae Antiqua. Cânon 102. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio.** Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015. p. 1242-1244.

STRADA, A.L. **Maria: um exemplo de mulher.** São Paulo: Ave-Maria, 1985.

STRÖHER, M.J. **A Igreja na casa dela.** Papel religioso das mulheres no mundo greco-romano e nas primeiras comunidades cristãs. São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, 1996.

SYKES, S.A. (Ed.). **Didascalia Apostolorum.** An English Version. Bélgica: Brepols Publishers, 2009.

SWAN, L. **The forgotten desert mothers: sayings, lives, and stories of early Christian women.** New Jersey: Paulist Press, 2001.

TAMEZ, E. O ministério para as viúvas e das viúvas em 1 Timóteo 3,3-16. **Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana (RIBLA)**, n. 66, p. 207-216. 2010.

TARTAGLIA, M. L. The Mothers of Egyptian monasticism: Sarah, Theodora and Syncletica. **Vatican News.** Vaticano. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/en/church/news/2022-05/sisters-project-ancient-desert-mothers-egypt-monasticism.html>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

TEPEDINO, A.M.A.L. **As discípulas de Jesus.** Petrópolis: Vozes, 1990.

TEPEDINO, A.M.A.L. De Medellín a Aparecida: marcos, trajetórias, perspectivas da Igreja Latino-americana. **Atualidade Teológica**, v. 14, n. 36, p. 376-394, set./dez. 2010.

TEPEDINO, A.M.A.L. **Discipulado de iguais**. Um estudo sistemático-pastoral sobre o discipulado das mulheres nos Evangelhos. Rio de Janeiro, 1987. 220p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

TEPEDINO, A.M.A.L. Mulher e teologia na América Latina: perspectiva histórica. In: BIDEGAIN, A.M. (Org.). **Mulheres: autonomia e controle religioso na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1996.

TEPEDINO, A.M.A.L. Mulher: aquela que começa a desconhecer seu lugar. **Perspectiva Teológica**, v. 43, n. 17, p. 375-379, 1985.

TERTULIANO. On the Veiling of Virgins. In: SCHAFF, P. (Ed.). **A Select Library of the Nicene Fathers of the Christian Church, v4**. Nova York: The Christian Literature Company, 1890. p. 54-77.

TERTULIANO. O Batismo. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 211-217.

TERTULIANO. A alma. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 237-238.

TERTULIANO. À minha esposa. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 227-230.

TERTULIANO. **Apologético**. O pálio. São Paulo: Paulus, 2021.

TERTULIANO. **Traite de la prescription contre les heretiques**. Sources chrétiennes, n. 46. Paris: Ed. du Cerf, 1957.

TESTAMENTO do Senhor. Liturgia de louvor. In: CORDEIRO, J. L. (Org.) **Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, Patrísticos e Canônicos do primeiro milênio**. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 1273-1278.

THEISSEN, G. **A religião dos primeiros cristãos**. Uma teoria do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulinas, 2009.

TOMÁS DE AQUINO. **Catena Aurea**. Exposição contínua sobre os evangelhos. Vol 1: Evangelho de São Mateus. Campinas: Cedet, 2018.

TOMÁS DE AQUINO. **Catena Aurea**. Exposição contínua sobre os evangelhos. Vol 2: Evangelho de São Marcos. Campinas: Cedet, 2019.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**: a virtude da fé: II seção da II parte, questão 4. São Paulo: Loyola, 2014.

TRAPÈ, A. Mônica. In: BERARDINO, A.(org). **Nuovo Dizionario Patristico e di antichità cristiane** . Milão: Casa Editrice Mariett, 2007. p. 3338-3339.

TRAPÈ, A. **Agostinho**. O homem, o pastor, o místico. São Paulo: Cultor de Livros, 2017.

TROUT, D.E. Vergil and Ovid at the Tomb of Agnes: Constantina, Epigraphy, and the Genesis of Christian Poetry. In: BODEL, J.; DIMITROVA, N. (Eds.) **Ancient Documents and their Contexts First North American Congress of Greek and Latin Epigraphy (2011)**. Boston: Brill, 2015. p. 263-282.

VALERIO, A. **A presença feminina no Vaticano II**. As 23 mulheres do Concílio. São Paulo: Paulinas, 2014.

VALERIO, A. **Il potere delle done nella Chiesa**. Giuditta, Chiara e le altre. Bari: Editori Laterza, 2016.

VALERO, J.B. (Trad.). **Epistolário I**. São Jerônimo. Madrid: BAC, 1993.

VALERO, J.B. (Trad.). **Epistolário II**. São Jerônimo. Madrid: BAC, 1995.

VANZO, S.M. **Santa Cecília**. Virgem e Mártir. São Paulo: Oratório, 2010.

VARAZZE, J. DE. **Legenda Áurea**. Vida de Santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VERAS, P.C.A. Domina insigni et merito illustri: as mulheres e o desenvolvimento espiritual na antiguidade tardia sob a ótica agostiniana. **Humanidades em Revista**. v.2, n. 1, p. 89-98, jan. 2020. Disponível em: <<https://seer.unirio.br/hr/article/download/9914/8914/50974>> Acesso em: 17 jan. 2024.

VIEGAS, A.P. **Uma heroína chamada Rute**: análise narrativa e intertextual de Rt 3. Rio de Janeiro, 2017, 192p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

VISALLI, G. (Ed.). **After Jesus: The Triumph of Christianity**. New York: Reader's Digest, 1992.

ZINCONI, S. João Crisóstomo. In: Berardino, A; Fedalto, G; Simonetti, M. (orgs). **Dicionário de Literatura Patristica**. São Paulo: Ave Maria, 2010. p. 1120-1130.

WHITE, C. **Lives of roman christian women**. London: Penguin Books, 2010.

WOODS JR., T.E. **Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental**. São Paulo: Quadrante, 2010.